M. J. OUTEIRO PINTO

DO MEIO-DIA À MEIA-NOITE

COMPÊNDIOS MAÇÔNICOS DO PRIMEIRO GRAU

DO MEIO-DIA
À
MEIA-NOITE

COMPÊNDIOS MAÇÔNICOS DO PRIMEIRO GRAU

M.J. OUTEIRO PINTO

DO MEIO-DIA À MEIA-NOITE

COMPÊNDIOS MAÇÔNICOS DO PRIMEIRO GRAU

À Minha Esposa Elaine, minhas filhas
Giovanna e Laura, e meu filho Murillo.
Vocês me deram uma grande lição de Temperança em
meus momentos de “Presença Ausente”, durante meus
estudos e a construção desta obra.
Um beijo grande em seus corações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Ir∴ Waldemar Frizzo e ao Ir∴ Calixto Barbosa Filho, pela oportunidade que me deram de explorar este rico manancial dos Augustos Mistérios da Maçonaria. Ali estou encontrando ensinamentos de profunda sabedoria, todos registrados nas páginas a seguir. A compreensão e o entusiasmo por este projeto foram um maná para a alma deste iniciante pesquisador bibliográfico da Arte Real. Não sabia, mas escrever um Livro, mesmo sendo resultado de várias Peças de Arquiteturas produzidas e entregues em Loja ao longo de um ano, implica em um êxodo, em um acúmulo de conhecimento inicial sobre a doutrina, que assemelha-se ao alimento divino recebido pelo povo Hebreu em sua migração do Egito e vagância pelo deserto. Para produzir estas Peças de Arquitetura e por fim o próprio Livro, foi requerido um abandono de nossa relativa segurança da prisão dos (pré)conceitos sociais solidificados, em busca de uma aventura fascinante , cheia de conceitos e idéias exploradas por poucas pessoas neste mundo ao longo de alguns séculos. O preço desta liberdade é a incerteza, a dúvida. Um preço desprezível se considerarmos o valor do bem adquirido e propagado. Além do mais, após cada conclusão de uma peça de arquitetura, voltamos mais enriquecidos no conhecimento.

Agradeço também à todos os IIr∴ que acolheram-me e aceitarem-me como Ir∴ na dedicação às obras da oficina laboriosa que dedicamos todas as semanas.

Minha gratidão aos Escritores Maçônicos, inclusive alguns "in – memoriam " que deixaram e deixam para o mundo maçônico grandes pesquisas e interpretações que fazem aflorar grande espiritualidade em nossos corações , fornecendo conhecimento profundo para nossa meditação, conclusão, e evolução. Todas as obras e autores relacionados na "Relação Bibliográfica da Obra", sem dúvida foram os grandes responsáveis por esta coleção de compêndios.

Agradeço a Meu Pai e Minha Mãe pela oportunidade que me deram em estar neste mundo, conseguindo dar continuidade na criação oferecida pelo G∴A∴D∴U∴ , formando e educando uma Família com os conceitos primordiais do bem e do amor ao próximo.

Moacir José Outeiro Pinto
moacirjop@gmail.com

APRESENTAÇÃO

Caro Leitor,

Qualquer que tenha sido o vosso propósito e o anseio de vosso coração ao adquirir e iniciar a leitura desta Obra que aborda com muita sutileza e simplicidade os assuntos da Augusta Instituição que fraternalmente me acolheu como um de seus membros, é certo que talvez toda a importância espiritual deste passo e as possibilidades de progresso que com a partir deste momento estaremos compartilhando, poderá produzir em nossos estudos, nos auxiliará na razão e na vontade da modéstia de nossas buscas.

Sem querer tornar-se repetitivo, cabe dizer que a Maçonaria é, pois, uma Instituição Hermética no tríplice e profundo sentido da palavra. O segredo maçônico é de tal natureza, que não pode nunca ser violado ou traído, por ser mística e individualmente realizado por aquele Maçom que o busca para usá-lo construtivamente, com sinceridade e fervor, absoluta lealdade, firmeza e perseverança no estudo e na prática da Arte.

A Maçonaria não se revela efetivamente senão a seus adeptos, aqueles que a ela se doam por inteiro, sem reservas mentais, para tornarem-se verdadeiros Homens que manifestam em sua mente a verdadeira Luz que ilumina, de um ponto de vista superior, todos os seus pensamentos, palavras e obras. Isto posto, o Leitor poderá não ser um Maçom e ter em mãos esta Obra por mera curiosidade ou pesquisa sem fundamento espiritual, ela será entendida somente por aqueles que praticam efetivamente a Arte Real como Iniciado, tendo e captando a essência do que se revela. Por isso, se a curiosidade aqui lhe conduz, retira-te.

Curiosidade?

Quem se deixar vencer por ela, assim como aquele que ingressar na Ordem com um espírito superficial, deixará de conhecer aquilo que encerra sob sua forma e seu ministério exterior. Deixará de conhecer seu propósito real e a Força Espiritual oculta que interiormente a anima.

Quem encara a Instituição como se fosse uma sociedade qualquer ou um clube profano, não pode conhecê-la; somente iniciando e permanecendo nela longamente, com fé inalterada, esforçando-se em tornar-se verdadeiro Maçom e reconhecer o privilégio inerente a esta qualidade, ela revelará o seu tesouro oculto.

Deste ponto de vista, e qualquer que seja o grau exterior que possamos conseguir, ou que já nos tenha sido conferido para compensar de alguma forma nossos anseios e desejos de progresso, dificilmente poderemos realmente superar o grau de aprendiz. Na finalidade iniciática da Ordem, somos e continuaremos sendo aprendizes por um tempo muito maior que os simbólicos três anos de idade. Graças, se fossemos todos bons aprendizes e continuássemos sendo-o por toda nossa existência. Esta

singela Obra, realizada durante todo um postulado como Aprendiz Maçom, com base na produção de várias peças de arquiteturas, ora hauridas em pesquisas junto a outras obras de grandes escritores maçônicos brasileiros, pretende ser um guia sintético para os novos aprendizes, cujos poderão ter grandes dificuldades nas buscas de Informações e entendimentos da simbologia do Primeiro Grau , bem como conceitos mais abrangentes, fato este que digo com toda propriedade, pois foram mais de 50 Livros entre os relacionados à Arte Real e diversos outros assuntos inerentes que me fizeram aplicar mais de 16 horas semanais durante um ano compilando e sintetizando os assuntos em compêndios, e pouco mais de 20 horas de leituras todas as semanas. O Meu objetivo é também abranger aprendizes de todas as “idades maçônicas”, apresentando em suas páginas, de forma clara e simples, as explicações que nos parecem necessárias para entender e realizar individualmente o significado deste grau fundamental, no qual se encontra todo o programa iniciático, moral e operativo da Maçonaria.

Ser um aprendiz, um Aprendiz ativo e inteligente que envida todos os esforços para progredir iluminadamente no caminho da Verdade e da Virtude, realizando e pondo em prática a Doutrina Iniciática que se encontra escondida e é revelada no simbolismo deste grau, é sem dúvida muito melhor que ostentar o mais elevado grau maçônico.

Não devemos ter, portanto, demasiada pressa na ascensão a graus superiores. O grau que nos foi outorgado, e pelo qual exteriormente somos reconhecidos, é sempre superior ao grau real que alcançamos e realizamos interiormente, e a permanência neste primeiro grau dificilmente poderá ser taxada de excessiva, por maiores que sejam nossos desejos de progresso e os esforços que façamos nesse sentido. Compreender efetivamente o significado dos

símbolos e cerimônias que constituem a fórmula iniciática deste grau, procurando a sua prática todos os dias da vida, é muito melhor que sair prematuramente dele, ou desprezá-lo sem tê-lo compreendido.

A condição e o estado de aprendiz referem-se, de forma precisa, à nossa capacidade de apreender; somos aprendizes enquanto nos tornamos receptivos, abrindo-nos interiormente e colocando todo o esforço necessário para aproveitarmos construtivamente todas as experiências da vida e os ensinamentos que de algum modo recebemos. Nossa mente aberta, e a intensidade do desejo de progredir, determinam esta capacidade.

Estas qualidades caracterizam o Aprendiz e o distinguem do profano, seja dentro ou fora da Ordem. No profano, prevalecem a inércia e a passividade, e, se existe um desejo de progresso, uma aspiração superior, encontram-se como que sepultados ou sufocados pela materialidade da vida, que converte os homens em escravos completos de seus vícios, de suas necessidades e de suas paixões.

O que torna patente o estado de aprendiz, é exatamente o despertar do potencial latente que se encontra em cada ser e nele produz um veemente desejo de progredir, caminhar para frente, superando todos os obstáculos e limitações, tirando proveito de todas as experiências e ensinamentos que encontra em seus passos. Este estado de consciência é a primeira condição para que seja possível tornar-se maçom no sentido verdadeiro da palavra.

Toda a vida é para o ser ativo, inteligente e zeloso, uma aprendizagem incessante; tudo o que encontramos em nosso caminho pode e deve ser um proveitoso material de construção para o edifício simbólico de nosso progresso, o Templo que assim erigimos cada hora, cada dia e cada instante à Glória do Grande Arquiteto do Universo, isto é, do Princípio Construtivo e Evolutivo

em nós mesmos. Tudo é bom no fundo, tudo pode e deve ser utilizado construtivamente para o Bem, apesar de que possa ter-se apresentado sob a forma de uma experiência desagradável, de uma contrariedade imprevista, de uma dificuldade, de um obstáculo, de uma desgraça ou de uma inimizade.

Eis aqui, nesta obra os temas sugeridos que o Aprendiz deve esforçar-se em estudar e praticar na vida diária. Somente mediante este tipo de trabalho, inteligente, zeloso e perseverante, pode converter-se num verdadeiro obreiro da Inteligência Construtora, e companheiro de todos os que estão animados por este mesmo programa, por esta mesma finalidade interior.

O esforço individual é condição necessária para este progresso. O Aprendiz não deve contentar-se em receber passivamente as idéias, conceitos e teorias vindas do exterior, e simplesmente assimilá-las, mas trabalhar com estes materiais, e assim aprender a pensar por si mesmo, pois o que caracteriza a nossa Instituição é a mais perfeita compreensão e realização harmônica dos princípios de Liberdade , da Igualdade e da Fraternidade, que se encontram amiúde em tão franca oposição no mundo profano. Cada um deve aprender a progredir por meio de sua própria experiência e por seus próprios esforços, ainda que aproveitando segundo seu discernimento e experiência daqueles que procederam nesse mesmo caminho.

A Autoridade dos Mestres, é, simplesmente Guia, Luz e Apoio para o Aprendiz, enquanto não aprender a caminhar por si mesmo, porém seu progresso será sempre proporcional a seus próprios esforços.

O Aprendiz que realizar e promover as sublimes Finalidades da Ordem reconhecerá que em suas possibilidades há muito mais do

que fora previsto quando, inicialmente, foi conduzido por um amigo que logo o chamou de Irmão.

Aprendamos o que é a Ordem em sua essência. Quais foram suas verdadeiras origens? Qual o significado da Iniciação Simbólica pela qual fomos recebidos? Qual a Filosofia Iniciática da qual provêm os elementos, o estudo dos primeiros princípios e dos símbolos que os representam? Qual a tríplice natureza e valor do Templo alegórico de nossos trabalhos e a sua qualidade? Respondendo , estudando, interpretando e entendendo estas perguntas, receberemos assim o salário merecido como resultado de nossos esforços e nos tornaremos obreiros aptos e perfeitamente capacitados para o trabalho que de nós será exigido.

O salário que o Aprendiz recebe, como resultado de seus esforços, à semelhança do salário recebido pelo obreiro como prêmio e compensação de seu trabalho, deve ser objeto de uma especial consideração.

O Aprendiz recebe o salário depois de realizado o seu trabalho. Isto significa que o iniciado somente consegue obter o resultado de seus esforços quando se aproxima do reconhecimento do Princípio da Onipotência. Em outras palavras, o Aprendiz progride, e neste progresso recebe a compensação de seus esforços, conforme se aproxima com o fim de seus estudos e deduções, a este reconhecimento vital que realiza o primeiro dever de seu testamento; Isto é, na medida da Fé que desenvolve no Princípio da Vida e em seu poder, como coluna ou sustentáculo de sua vida individual.

O progresso do Aprendiz está caracterizado pelo desenvolvimento desta Fé e confiança no Princípio Espiritual da Vida, no qual temos nossa origem, que nos criou ou manifestou, que continuamente nos sustentam, guiam e dirigem para o

desenvolvimento e a expressão das mais elevadas possibilidades que ainda se encontram em estado latente em nosso ser.

Esta fé, própria de quem se iniciou no conhecimento do Real que se esconde atrás da aparência exterior ou visível das coisas , e que não é fé cega, uma vez que se baseia na própria consciência da realidade , é algo desconhecido para o profano, escravo da ilusão dos sentidos, que confunde a aparência com a realidade, e não o tendo reconhecido nega a existência de um Princípio Espiritual como Causa Imanente e Transcendente da realidade visível.

Não pode obter-se este conhecimento, esta convicção que é um estado interior, sem o estudo, o trabalho e a perseverança: A Fé iluminada de que falamos, é pois, um verdadeiro salário, fruto ou resultado de longos e persistentes esforços sobre o Caminho da Verdade, depois de temo-nos despojado de todas as superficialidades, crenças positivas e negativas, erros e prejuízos do mundo profano.

Assim, estabelece o iniciado uma relação iluminada com o Princípio da Vida, cuja realidade reconheceu em sua consciência, relação que tem sua base no reconhecimento expresso pela própria Palavra Sagrada, que será daqui para frente, uma verdadeira coluna na qual pode apoiar-se com toda confiança e que o suporta em suas dúvidas e vacilações.

Estaremos iniciando a partir do Segundo Compêndio a resenha interpretativa do símbolo máximo do primeiro grau maçônico, no qual procurei como objeto fundamental, dar a quem avidamente busca a Verdade, a quem deseja penetrar e reconhecer o sentido iniciático destes símbolos, uma chave que lhe sirva para abrir, por seus próprios esforços, a Porta Hermética do Mistério, atrás da qual eles se encerram impenetravelmente ao entendimento profano.

Não quis e não pretendi dar a verdade, pela simples razão de que esta nunca pode ser dada exteriormente, senão que deve ser buscada e reconhecida nas profundezas da alma; Só indiquei, ou melhor dizendo, me esforcei em esclarecer o caminho que a Maçonaria ensina nesta busca individual por intermédio de seus símbolos, cerimônias e alegorias. O segredo maçônico deve ser procurado e encontrado individualmente, pois de outra forma deixaria de ser um segredo.

Os lábios da sabedoria estão fechados a não ser para os ouvidos da compreensão. Só quem se encontra num particular estado de consciência e maturidade espiritual pode reconhecer interiormente determinada Verdade, compreendendo e tirando proveito das palavras que querem indicá-la ou revelá-la.

Todo homem sincero encontra, pois, na Maçonaria um Caminho de Progresso que se torna sempre mais efetivo na medida da sua boa vontade e perseverança, um progresso ao mesmo tempo intelectual e moral, adaptando-se perfeitamente seu ensinamento simbólico à compreensão de todas as inteligências, ainda que não lhes seja dado a todos penetrar no verdadeiro significado íntimo deste ensinamento.

Mas sempre o progresso será o resultado do esforço individual , do ardor e da perseverança através dos quais cada um se esforça em realizar as finalidades da Ordem, encaminhando-se para uma mais profunda compreensão da Verdade, pondo os pés de uma maneira mais firme, equilibrada e segura sobre a senda da Virtude.

Que o Grande Arquiteto do Universo, nos Ilumine e Guarde;

O Autor.

PREFÁCIOS

Conheço o Moacir há anos, quando ingressou na minha família, como meu genro. Rapidamente, ganhou espaço e confiança entre todos da minha casa, graças às suas características pessoais.

Logo, identifiquei nele a inteligência brilhante, a responsabilidade diante das suas atividades profissionais, o caráter, o interesse pela leitura e o estudo, o seu dinamismo, o amor à família e a sua humildade verdadeira, fruto do amadurecimento conquistado ao longo da vida, ainda não tão longa, sabendo tirar das dificuldades as lições para novas escaladas de crescimento pessoal.

Nessa convivência, ouvi dele, muitas vezes o interesse pela Maçonaria. Para ele, ser iniciado seria a abertura da porta estreita que o levaria a uma amplidão de possibilidades de conhecer um novo mundo. Para ele, ingressar na Maçonaria seria ter novas oportunidades de conhecimento, estudo e pesquisa.

A curiosidade irresponsável nunca foi identificada por mim, no Moacir. Por isso, depois de longas conversas, indiquei-o a um companheiro de uma Loja no Oriente de Cuiabá - MT, onde reside, ago-

ra. Uma Loja de história e de muitas tradições e que soube receber, entender, aceitar e incentivar um jovem inquieto pelo saber e constantemente voltado a encontrar a verdade.

Desde à iniciação, Moacir vem apresentando um trabalho a cada reunião. Em todos, encontrei a presença de seu interesse e profundo respeito pela Maçonaria. São esses trabalhos que ele reuniu neste livro que chega a você. Nas páginas que seguem você poderá acompanhar a trajetória de alguém que foi iniciado e que não perdeu um dia sequer na pesquisa e na busca de uma visão, da vida, do homem e do mundo, construída ao longo dos séculos da existência da Maçonaria.

É a visão de um aprendiz oferecida aos estudiosos. Tenho a certeza de que esta primeira obra revela um novo produtor de literatura maçônica. Fértil, criterioso, responsável e amante da nossa filosofia, dele virão, com certeza, novos estudos, novas publicações e a convicção de termos contribuído para dar ao mundo um iniciado que, não só por esta obra, mas pelo que é, como pessoa, como homem com espírito de cidadania.

O Moacir haverá de continuar fazendo a sua parte para que o mundo seja melhor.

Lins, abril de 2006.

Waldemar Frizzo M.·. M.·.

Aprender a conhecer é tornar-se livre da ignorância!

Iniciar à palmilhar a simbologia da Ordem Real maçônica, é seguir uma trilha iluminada aos recônditos do macro e microcosmos, reinantes na vida profana externa, e na transcendência interna do ser.

É nosso dever, investigar a vastidão infinita dessa trilha, a intimidade do ser, malgrado empreendamos árdua persistência, muitas vezes incompreensível, mas que possível sob a dedicação dos que se devotam em desvendar os véus da ignorância, que agrilhoam o Espírito humano à materialidade de um mundo egoísta e cego às percepções transcendentais.

Nessa viagem de uma vida inteira, a vontade férrea e o desprendimento dedicado são os itens componentes da bagagem em nossa consciência, que enfronha-nos na pesquisa renitente, contumaz, que franquea-nos o ingresso ao Portal da Sabedoria Universal, engendradas pelo **G∴A∴D∴U∴.**

Primar pela pesquisa useira, eis a ferramenta fundamental, para exercitar nosso trabalho sob os ditames da metodologia da descoberta, de tudo o que já está inventado!

Nesta ordem de idéias meus caríssimos Iir∴, sob a ótica da minuciosa e bem cuidada pesquisa que o **Ir∴ Moacir José Outeiro Pinto** delineou em sua obra, abordando os mais diversos aspectos da simbologia maçônica, certamente poderão apreciar e conferir suas nuances.

Honrado pelo atencioso convite com que me premiou o dedicado autor, para prefaciar seu brilhante trabalho, semeadura e fruto amealhado ao longo do Grau de Ap∴Maçom, permito-me em poucas linhas, sintetizar a abrangência de seu audacioso desafio materializado que está no Compêndio de sua lavra.

Do Meio Dia a Meia Noite, é fruto do aprendizado em que o nosso Ir∴ Moacir, lidou em pesquisa para reunir as mais diversas interpretações acerca da simbologia maçônica, corporificando-a através das Peças de Arquitetura que traçou. Trata-se de um providencial convite, ao laborioso e dedicado trabalho, a que todo Maçom "eterno Aprendiz" das coisas do **G∴A∴D∴U∴**, deve envidar pelo seu progresso e assim ajudar a humanidade.

A sua consulta, auxilia e atalha para um rol de diversas remições, existentes na biblioteca maçônica do Grau de Aprendiz, a todos que buscam conhecer o aprendizado e manuseio das ferramentas imprescindíveis, para a construção do edifício social do Templo Íntimo.

A pertinaz acuidade e dedicação do Autor ao estudo e a pesquisa , o alcance e a objetividade que norteou sua obra , é mérito que reflete em salutar elucidação a todos os Maçons, é referencial de um valioso legado para a Maçonaria.

Oriente de Cuiabá, Abril de 2006

Júlio César Viegas Fortunato M.·. M.·.

“É um prazer puro da alma espalhar pelo mundo o fruto de seus estudos e meditações, ainda sem outra remuneração que a consciência de fazer o bem.”

Saud.·. Ir.·. José Bonifácio de Andrada e Silva

O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO

É a maçonaria religiosa? É a Maçonaria uma religião?

Sim, é religiosa. Não, não é uma religião. É religiosa porque reconhece a existência de um único principio criador, regulador, absoluto, supremo e infinito ao qual, a Maçonaria dá o nome de GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO - GADU, que é uma entidade espiritualista em contraposição ao materialismo. Não é uma religião porque a Maçonaria é uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si, e nesse esforço, admite em seu seio as pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção.

As considerações aqui não são do ponto de vista do homem profano, posto que como tal, o maçom já teve respostas a esse questionamento filosófico antes de adentrar os portais do Templo Maçônico. Vale agora as considerações sob a ótica do homem maçom, do Iniciado, que afirma solenemente, no dia de sua Iniciação, a crença em Deus e que respondeu “que nas horas difíceis

de nossa vida depositamos a nossa confiança em Deus". A este Ser Supremo, os Maçons denominam de Grande Arquiteto do Universo, e é o símbolo do Construtor do Universo, uma imagem que se harmoniza perfeitamente com o oficio dos construtores e sob cujo nome trabalhavam outrora todos os Maçons.

A nossa concepção de Deus, o Ser Superior, é muito mais ampla do que o do profano, embora a Ordem mui sabiamente, determine que cada um dos seus membros deva permanecer cultuando a sua fé pessoal.

É muito mais ampla porque deverá estar de acordo com o universalismo e o ecletismo maçônico. A fórmula neutra, Grande Arquiteto do Universo, preenche perfeitamente esse papel.

James Anderson, pastor protestante, nos idos de 1723, ao codificar as constituições que levam o seu nome, soube captar a essência da Ordem no campo religioso. A religião adotada pela Maçonaria é aquela aceita por todos os homens conforme reza as Constituições de Anderson. Este conceito do ponto de vista técnico não tem consistência, posto que toda Religião se auto denomina a única salvadora, a única que merece ser seguida. Mais deve ser entendida como uma Religião Moral e não uma religião eclesiástica ou institucional. A obediência á lei Moral revelada pelo L .'. da L .'. é uma obrigação do maçom, e, na vida profana, mais do que na vida maçônica, a conduta do maçom deverá refletir o cumprimento desse dever. A mesma convivência estendida a todos os homens faz do maçom um obreiro da paz. Entende-se que a Moral Religiosa se fundamente no cumprimento da vontade de Deus, ou seja , dirigir os atos humanos de acordo com a ordenação universal, e a Moral da Maçonaria é aquela não acorrentada a nenhuma época , é aquela de cada povo, a de cada tempo, a de cada civilização, de cada cultura,

assim são os Maçons. O conceito de Anderson deverá ser visto dentro do universalismo maçônico, que aceita todas as Religiões, ao mesmo tempo em que incentiva, determina, que cada um cultive sua Religião particular, e, na prática, sob os umbrais do Templo Maçônico, exercite a convivência pacífica e fraterna de maçons de todas as crenças, desde que consentânea com o ideal maçônico.

A Maçonaria instituição tradicional, filantrópica e progressista, com base na aceitação do princípio de que todos os homens são irmãos, tem por objetivo a pesquisa da verdade, e o estudo e a prática da moral e da solidariedade. Trabalha para o melhoramento material e moral, assim como para o aperfeiçoamento intelectual e social da humanidade.

A Maçonaria deseja uma fraternidade redentora e espera que os homens se entendam e sejam solidários, porque a solidariedade existe para servir ao homem, o que significa dizer que cada um de nós depende do próximo e o próximo depende de nós para viver, porque vemos nele a presença de Deus.

A primeira condição para ser admitido na Ordem como membro é a fé no Ser Supremo. Condição considerada essencial e que não admite contemporalização. Um maçom é obrigado, na sua condição, a obedecer a lei moral e se entende corretamente o oficio nunca será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso e nem agiria contra sua consciência. De todos os homens, deve ser o que melhor compreende que Deus enxerga de maneira diferente do homem; pois o homem vê a aparência externa ao passo que Deus vê o coração.

Seja qual for a religião de um homem ou sua forma de adorar, ele não será excluído da Ordem se acreditar no glorioso Arquiteto do Céu e da Terra e praticar os sagrados deveres da moral.

A fórmula "Grande Arquiteto do Universo" é de origem medieval. O G .'. A.'. D .'. U.'. não é um Deus particular dos maçons, é o Deus da religião que cada um adota, mas vemos nele o símbolo mais importante da maçonaria.

∴

A PEDRA BRUTA , O MAÇO E O CINZEL

Começamos com os dizeres de Santo Agostinho, que quando indagado sobre a dificuldade do conhecimento de si mesmo...

...Um grande sábio da antiguidade, dentro de sua infinita sabedoria, referiu-se a esse axioma como o meio mais prático para nortear o homem as virtudes do bem e resistir aos arrastamentos do mal.

...- Fazei o que eu fazia, no fim do dia, interrogava minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava se não havia faltado com o dever, se ninguém tinha do que se queixar de mim. Foi assim que consegui me conhecer e ver o que havia reformado em mim. Aquele que, a cada noite, se lembrasse de todas as suas ações do dia e se perguntasse o

que fez de bom ou mau, orando a Deus para esclarecê-lo, adquiriria uma grande força para se aperfeiçoar, porque Deus o assistiria. Interrogai-vos sobre essas questões e perguntai o que fizestes e com que objetivo agistes em determinada circunstância, se fizeste qualquer coisa que censurareis em outras pessoas, se fizeste uma ação que não ousaríeis confessar...Examinei o que podeis ter feito contra vosso próximo e por fim contra vós mesmos. As respostas serão um repouso para vossa consciência ou a indicação de um mau que é preciso curar...O conhecimento de si mesmo é , portanto, a chave do melhoramento individual em seu âmbito moral e espiritual...

Uma grande fonte de Inspiração para este compêndio; Santo Agostinho; sempre pregou a evolução do Homem através de suas virtudes, se preparando não tão somente para uma vida terrena, mas também para uma vida espiritual, lapidando seu espírito com os adventos da matéria.

Para o simbolismo maçônico, alvo deste compêndio, a Pedra Bruta, nada mais é que o próprio homem diante de sua vida terrena, com toda a imperfeição que esta nos moldou durante os tempos a fio desde nosso nascimento, com abuso das paixões, submissão aos vícios e prática de más tendências. Tudo isso, "temperado" com as frustrações do egoísmo, ora interpretado como a pior das atitudes do Homem, pois dele deriva todo o mal.

Platão, na Obra "República" , cita: "Aquele que deseja se aproximar da perfeição Moral, deve arrancar de seu coração todo o sentimento de egoísmo, por ser incompatível com a Justiça, o Amor e a Caridade, ele, neutraliza todas as outras qualidades"

Para tanto, estando a Pedra Bruta, submetida às ações do seu meio, deve sofrer seu corte por efeitos e causas, pois assim é a regra

da natureza, e assim será cometida no seu dia a dia. A Pedra Bruta é inerte, sem a propulsão da causa e vítima somente dos efeitos, e para que haja com respeito à natureza e não seja submissa às ações ativas de outrem ou de outra coisa, é necessário que seja reparada pelas ações diretas e não mais indiretas do meio, procurando reagir para agir.

As ferramentas para o corte ou desbaste, são simbolizadas pelo Cinzel e o Maço, e estes por suas vezes, são operados em conjunto para dar forma, e agirem sobre a Pedra Bruta, que, acurada, poderá ter sua reação e sair do estado de inerte para reativa a cada lasca que fora desbastada pelo Cinzel que reage com as pancadas do Maço.

O Maço , é a pura simbologia da Vontade do Homem , a Força Medida, a Transpiração e Inspiração , sobrepondo a sua inteligência; Já dizia um ditado **“A Inteligência é somente o Farol que ilumina o caminho, o que te faz andar é a Vontade”.** Não é preciso ser inteligente para ter vontade, mas é preciso ter Vontade para ser Inteligente. Todos nós sabemos que fogo queima, até minha filha de 03 anos sabe disso, mas não vai ser a inteligência que vai lhe obrigar a colocar o dedo na chama da vela, mas sim a vontade , a sua curiosidade.

A Inteligência é incapaz na justiça, somente a força medida é equilibrada o suficiente, a transpiração é regida pela Vontade .A inspiração também não é fruto da inteligência, ela é fruto da subconsciência, que nada mais é que as lembranças e o despertar dos pensamentos adormecidos, que retornam em forma de ações diretas nas mãos dos Pintores, dos Escritores, dos Artesãos e por que não dizer no momento de reflexão que aqui estou vivendo em escrever estas palavras, a qual a inteligência me colabora com a gramática, mas não com o horário que escrevo, pois pela razão da Inteligência,

deveria ter que estar em repouso para mais um dia de trabalho na manhã que está por vir. É a Vontade que me deixa acordado.

O Cinzel, aqui representado, é a Razão Espiritual, o Complemento da Força , a Própria inteligência, o farol que ilumina o caminho. Já dizia outro ditado: **Você somente vai até a porta...indo!!;** Tanto o Maço como o Cinzel, em suas unidades não consegue realizar seu propósito, pois ambos necessitam de ações para obterem reações, e somente iremos até a "porta" com a vontade de andar (Maço) e o saber andar (Cinzel).

Também podemos dizer que o conjunto do Maço e o Cinzel, ou seja, da Vontade e da Inteligência não nos fará atingir os objetivos, pois não o temos, nós temos que ter a "porta" a nossa frente (Pedra Bruta), pois hoje em dia "andar" sem rumo não é algo tão sadio assim, fica pouco para sermos chacoteados como Loucos.

Todos os nós, como homens (Pedra Bruta), estamos em busca da perfeição, sendo desbastado pela Inteligência (Cinzel) submetido as nossas vontades (Maço), que, dia a dia, assim como as mãos de Pintores, Escritores, Artesãos, vamos fazendo nascer uma obra de arte, nos preocupando com todos os detalhes, procurando dosar e controlar nossas paixões, vencer nossos vícios, fazer nossos progressos no espírito e na matéria, enfim , buscar a medida justa e perfeita para construção de nosso Templo, conhecendo a nós mesmo e praticando os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

∴

O AVENTAL DO APRENDIZ E OS PARAMENTOS DA LOJA

Neste compêndio sobre o Simbolismo Maçônico, não seria diferente utilizar fontes de inspirações baseadas em textos, ditados, livros ou até mesmo pesquisas decodificadas para buscar o máximo de minha concentração e não deixar de trilhar meu caminho à perfeição , e não mudar minha particular maneira, encontrada para entendimento dos Augustos Mistérios de nossa Ordem.

Sempre com o coração, a prece e pensamentos elevados em DEUS, busco minha orientação interior e deixo com que meu espírito, guiado pela vontade e pela dedicação, me indique o melhor caminho para desenvolvimento de meus estudos.

Durante minhas pesquisas, de várias fontes disponíveis, encontrei o seguinte texto, que infelizmente não tenho o nome do autor:

Faz muito tempo que nasci. Nasci quando os homens começavam a acreditar em um Deus único. Fui combatida, vilipendiada e até fizeram troça do meu ritualismo e doutrina, mas, através dos tempos foram reconhecendo minha seriedade e princípios, acabei sendo reconhecida como uma entidade íntegra que congrega homens íntegros. **As encruzilhadas do mundo ostentam catedrais e templos que atestam à habilidade de meus antepassados. Eu me empenho pela beleza das coisas, pela simetria, pelo que é justo e pelo que é perfeito.** Espalho coragem, sabedoria e força para aqueles que as solicitam. Para comprovar a seriedade de meus princípios, sobre meus Altares está o **Livro Sagrado, a Bíblia**, e minhas preces são dirigidas a um só **Deus Onipotente**. Meus filhos trabalham juntos, sem distinções hierárquicas, quer seja em público, quer seja em recintos fechados, em perfeita união e harmonia. **Por sinais e por símbolos, eles ensinam as lições da Vida e da Morte, as relações do homem para com Deus e dos homens para com os homens**. Estou sempre pronta a acolher os homens de dotes morais e reputação acima de qualquer reparo, me procuram espontaneamente, pois, não faço campanhas para angariar adeptos. **Eu acolho esses homens e procuro ensiná-los a utilizar meus utensílios de trabalho, todos voltados para construir uma sociedade melhor**. Eu ergo os caídos e conforto os doentes. **Compadeço-me do choro de um órfão, das lágrimas de uma viúva e da dor dos carentes.** Não sou uma Igreja nem um partido político, mas meus filhos têm uma grande soma de responsabilidade para com Deus, para com sua pátria, para com seus vizinhos, para com a comunidade em geral. Não obstante são homens intransigentes na defesa de suas liberdades e de sua

consciência. **Propago a imortalidade da alma porque acredito ser por demais pequena uma só vida no imenso universo em que vivemos**. Enfim, sou uma maneira de viver. **Sou a Maçonaria.**

Procurei destacar neste texto, alguns pontos, que os quais estarei relacionando com o objetivo central desta pesquisa.

Em primeiro Lugar, podemos destacar os Mistérios que envolvem o Avental do Aprendiz, paramento este de utilização obrigatória e de grande significado iniciático, pois representa a mais pura Lição e Dom do Homem, fazendo-o lembrar-se sempre, que, sua vida não está focada no marasmo, na preguiça, na ociosidade, e sim muito pelo contrário, pois todo Homem de bem nunca está encarcerado nestas maselas.

Destacando o seguinte trecho do texto: "**As encruzilhadas do mundo ostentam catedrais e templos que atestam à habilidade de meus antepassados. Eu me empenho pela beleza das coisas, pela simetria, pelo que é justo e pelo que é perfeito. "**

Deste destaque, podemos voltar um pouco ao passado e entendermos que operativamente a forma do Avental do Aprendiz Maçom, com a abeta triangular levantada, era uma proteção natural, uma autodefesa corporal para proteger o tórax, evitando ferimentos dolorosos, uma vez os Aprendizes trabalharem arduamente desbastando e carregando blocos de pedra bruta. Por isso que as abetas dos aventais dos Aprendizes se conservam levantadas, como se ainda a eles coubessem os trabalhos mais primários.

Outros mistérios cabalísticos, universais, religiosos, matemáticos, ostentam a interpretação simbólica do Avental, mas procurarei explanar seu sentido mais amplo e operativo que é o trabalho, tal como destacado no Texto: "**Meus filhos trabalham**

juntos, sem distinções hierárquicas, quer seja em público, quer seja em recintos fechados, em perfeita união e harmonia."

Quando falamos de trabalho, também falamos da necessidade deste para todo ser vivo, seja Homem ou Animal, pois é uma Lei Natural, e a cada trabalho realizado, faz com que o Homem aumente suas necessidades e prazeres, ambas diretamente ligadas à sua postura moral dentro da sociedade ou no mundo espiritual em que se faz relação. Podemos também caracterizar que toda ocupação útil é um trabalho, e não necessariamente somente aquilo que se faz com gotas de suor.

O Trabalho, em meu entendimento, por ser uma Lei Natural de Sobrevivência, torna-se uma expiação e ao mesmo tempo um meio de aperfeiçoar a inteligência. Sem o trabalho o Homem permaneceria na infância da Inteligência, por isso deve seu sustento, sua segurança e seu bem estar apenas ao seu trabalho e à sua atividade. Àquele, que infelizmente não possua dotes possíveis para realização de trabalhos, por deficiências do Corpo, ou ausências de oportunidades, o Grande Arquiteto do Universo lhe concedeu a Inteligência e esta pode e deve ser interpretada também como um trabalho. A Natureza do trabalho é relativamente ligada à natureza da necessidade, pois quanto menos a necessidade material, menos o trabalho será material, mas, isso não lhe dá o direito de ficar inativo ou inútil, pois a ociosidade será um suplício, em vez de ser um benefício. O Homem através das dádivas do trabalho deve se tornar útil conforme seus meios, aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros, e buscar não tão somente com o suor de seu rosto atender aos seus semelhantes, mas também fazer e praticar o bem, com gotas de palavras encorajadoras, incentivos, afeição, carinho e principalmente amor.

Dando continuidade a pesquisa, estarei destacando os Paramentos da Loja, que conforme dita o Ritual de Aprendiz em sua segunda instrução, nos leva a dissertar as definições Simbólicas e Operativas do Livro da Lei, do Esquadro e do Compasso.

Coloco em destaque o seguinte trecho de nosso texto inicial: **“...sobre meus Altares está o Livro Sagrado, a Bíblia, e minhas preces são dirigidas a um só Deus Onipotente**.”

O Livro da Lei, em nossa Ordem, muito embora somente seja aberto no inicio das Sessões... ditado o Salmo 133 (afeto ao Grau de Aprendiz) e fechado no encerramento da sessão ritualística, não pode ser alvo de conhecimento somente de alguns trechos, mas sim teremos a obrigação de conhecê-lo, pois não se trata somente de um livro de adorno ao Ritual, e sim um dos maiores e mais vendidos livros do mundo. A Bíblia é um livro para toda hora; e quem já tem certa intimidade com ele verá que poderá encontrar palavras de fé, de consolo, de esperança e de amor. Temos que ter a Leitura da Bíblia como um hábito saudável, passar aos nossos familiares o quão glorioso é o Homem que conhece e sente a grandiosidade do seu efeito.

O Livro da Lei, sempre estará sob o Altar de nossos Templos, com seu conteúdo filosófico e místico que se ajusta à nossa vida, nos orienta em nossos pensamentos e nossos simbolismos, e faz com que compreendêssemos a Historia, bem como a Religião Cristã e Hebraica, enfim, é a base milenar do compêndio da Historia Sagrada.

Outro dia, me encontrei sob a vontade de conhecer a historia da Construção do Templo de Salomão, e fui orientado por um amigo, que no Livro de REIS, no Velho Testamento, poderia encontrar a História. Pois bem, não é que o Livro de REIS, A Bíblia, me levou a uma viagem milenar no passado e compreendi a grandiosidade do

feito! Dificilmente, alguém não encontrará respostas a algum infortúnio, ou orientações para alguma ação no Livro da Lei, e se caso não encontrar, simplesmente o fato de lê-lo o levará a Glória Iluminada do Grande Arquiteto do Universo, os seus pensamentos e vontades, interpretando com facilidade os sentidos metafóricos, místicos e filosóficos.

Na continuidade da pesquisa, destaco outro trecho de nosso texto inicial: **“** ... **Por sinais e por símbolos, eles ensinam as lições da Vida e da Morte, as relações do homem para com Deus e dos homens para com os homens**.**”**

O Esquadro. Dele com certeza podemos afirmar que somente quem souber esquadrejar poderá transformar a Pedra Bruta em Pedra Angular e devidamente desbastada, visando , em um trabalho oportuno, poli-la e burilá-la para ser transformada em pedra de adorno na Construção.

O Esquadro, na forma de um ângulo reto nos ensina a retidão de nossas ações, pois devemos pautar nossa vida “Dentro do Esquadro”, tanto na dependência da retidão, quanto na Horizontalidade e na Verticalidade.

Seguindo as hastes do esquadro, teremos dois caminhos que vão se afastando, quanto mais distantes seguirem., isso nos ensina, que se nossa vida for pautada de forma correta, encontraremos o caminho da verticalidade espiritual e o da horizontalidade material.

Este instrumento, dentro de sua analogia simbólica ao meio profano, é imprescindível na construção, e caso não for usado, teremos uma obra sem equilíbrio e pronta para ruir. Sua orientação à utilização não é única, e sim uma das ferramentas que fazem parte do todo na construção, e em ação conjunta com outras ferramentas,

resultará na construção de um Templo dentro de medidas justas e perfeitas, tal como destaca mais um trecho do texto: "**Eu acolho esses homens e procuro ensiná-los a utilizar meus utensílios de trabalho, todos voltados para construir uma sociedade melhor**."

Outro paramento em nosso Templo é o Compasso, instrumento que mede os mínimos valores até completar a circunferência ou círculo. Sejamos o centro deste círculo, onde fixamos uma das hastes do compasso e, girando sobre nós próprios, executaremos com facilidade o templo perfeito.

O entrelaçamento do Esquadro com o Compasso será nosso distintivo permanente, e sempre ordenado com as palavras e Estudos do Livro da Lei, pois filosoficamente o homem constrói a si próprio, e para que resulte em um templo apropriado a glorificar o Grande Arquiteto do Universo, torna-se indispensável saber usar cada um dos principais instrumentos da Construção.

Nossa Vida é uma prancheta, onde grafamos os projetos que, estudados, calculados os seus valores, resultará no caminho completo para a construção do Ideal Maçônico, que, em último trecho do texto inicial, destacamos:

"Eu acolho esses homens e procuro ensiná-los a utilizar meus utensílios de trabalho, todos voltados para construir uma sociedade melhor. Eu ergo os caídos e conforto os doentes. Compadeço-me do choro de um órfão, das lágrimas de uma viúva e da dor dos carentes."

Resumindo:

"Somos a Maçonaria."

∴

VIRTUDES E VÍCIOS

Escolhi este tema neste meu tempo particular de estudos para aumentar e desenvolver meus conhecimentos sobre a Ordem e colocando-o como uma Peça de Arquitetura para ser entregue em minha oficina, com o objetivo de tentar colaborar e enriquecer os meus conhecimentos, acumulando trabalhos oficiais a minha postura como Ap.·. M.·., pois, acredito que , enquanto Ap.·., cada passo dentro de nossa Ordem , deve ser pesquisado , compreendido e postulado aos queridos IIr.·., e, contudo, em conjunto, buscar o consenso na interpretação destas duas palavras que conotam uma das mais discutidas dualidades de nossas vidas.

Outro motivo, que me pendi ao estudo desta pesquisa, foi o impacto de duas perguntas, que a mim foram proferidas durante a Iniciação, que, dentro de minha então momentânea ignorância, percebi que minhas respostas não foram claras o suficiente, talvez pela emoção vivida no momento, ou até mesmo, pelo fato do desconhecimento profundo e misterioso que ambas as palavras nos submetem no dia a dia, na vida social e maçônica.

Relembro neste momento as seguintes perguntas:

O que entendeis por Virtude? ; O que Pensais ser o Vício?

Relembro também as seguintes Palavras:

Se desejar tornar-vos um verdadeiro Maçom, deveis primeiro morrer para o vício, para os erros, para os preconceitos vulgares e nascer de novo para a Virtude, para a honra e para a Sabedoria.

Como Homens livres e de bons costumes, entendo que além do sagrado dever de levantarmos templos a **Virtude** e cavarmos masmorras aos **Vícios**, devemos saber interpretar ambas as questões, para que no dia a dia, não sejamos submetidos ao despertar de nossa ignorância quando interpelado sobre seus significados.

Daí, as conclusões que passo a dissertar a seguir:

Comecemos com a Virtude, em suas definições Filosóficas, que nos levam a discernir como um **estado de Comportamento do Homem**:

O primeiro desses significados se refere às qualidades materiais ou físicas de qualquer ser, inclusive do Homem. São as virtudes da água, do ar, ou como as virtudes naturais dos seres vivos de respirar, reproduzir-se, ou do Homem de raciocinar, de ser bípede etc. Esse significado se refere às qualidades não adquiridas, mas próprias da natureza de cada ser, tanto em razão de sua composição química como em razão de sua estrutura orgânica ou de sua evolução natural. São as qualidades e as capacidades naturais que os seres em geral manifestam, desde a complexa estrutura do átomo, até os seres organizados superiores.

O segundo significado diz respeito às habilidades próprias do ser humano, como tocar um instrumento musical, saber usar uma ferramenta, saber escrever, pintar, ler, raciocinar logicamente etc. São, na verdade, destrezas, habilidades ou capacidades de execução de alguma atividade, adquiridas através de exercícios e experiências, tanto em nível corporal como em nível mental. São as qualidades adquiridas pelo aprendizado.

A terceira denotação de virtude diz respeito ao comportamento moral resultante do exercício do livre arbítrio e, portanto, diz respeito **exclusivamente ao homem.**

É exatamente dessa terceira significação, **o comportamento moral**, que nos interessa como **Maçons**, pois somente ele diz respeito exclusivamente **à educação do espírito**, uma tarefa extremamente valorizada dentro da Maçonaria porque conduz ao comportamento moral, ao amor e a generosidade.

Comportamento moral é a **pratica da solidariedade humana** em todos os sentidos, e que pode ser manifestada de infinitas maneiras, pois são infinitas as maneiras que nos podem conduzir na pratica da solidariedade. Podemos, por exemplo, trabalhar com dedicação para tirar o homem de sua ignorância, podemos ajudar o nosso semelhante a superar suas necessidades materiais, podemos nos colocar ao lado do nosso semelhante em suas dores mais profundas, podemos estar ao lado dele quando abatido em seus males corporais, enfim há vários meios de praticar a solidariedade.

Para que um determinado comportamento moral possa ser considerado uma virtude não é suficiente à prática de atos morais esporádicos ou isolados. É necessário antes de tudo haver uma continuidade, um hábito, um estado de espírito sempre ativo e presente na consciência, a cada dia e a cada momento.

Dentro do Comportamento Moral, podemos acrescentar o próprio **comportamento social** que vivemos para fazermos valer na tríade **Liberdade, Igualdade e Fraternidade** , onde cujas são por excelência, os elementos para construir em nosso templo interior o verdadeiro espírito maçônico. E para tanto, ao entender das pesquisas, temos que praticar constantemente as virtudes que relacionamos a seguir:

A Virtude da Justiça:

Por justiça entende-se como virtude moral, pela qual se atribui a cada indivíduo aquilo que lhe compete no seio social: **praticar a justiça**. A justiça em nossa Ordem é a verdade em ação, é a arma para as conquistas da Liberdade.

A Virtude da Prudência:

É a Virtude que auxilia a nossa inteligência para distinguir a qualidade do ser humano que age com comedimento, com cautela e moderação, enriquecendo nossa igualdade, e respeito entre os irmãos, estendendo à sociedade que vivemos em nossa vida profana.

A Virtude da Temperança:

Podemos relacionar diretamente a virtude da Temperança com uma espícula extremamente dura a ocupar uma das infinitas arestas da Pedra Bruta, pois é ela que disciplina os impulsos , desejos e paixões humanas. Ela é a moderação e barragem dos apetites e das paixões, sendo o império sobre si mesmo. Com ela, estaremos deixando cada vez mais forte e profunda as raízes da Fraternidade.

Faço destaque à Fraternidade, ora regida por nossas temperanças, pois da importância do conjunto de nossa tríade, considero-a a mais direcionada às nossas causas e conquistas

enquanto Maçons, pois ela é a diferença de nossa Ordem, ela que serviu de arma forte e reluzente, que fez com que nossos irmãos antepassados, entregando muitas vezes suas próprias vidas a repugnância, resistindo às perseguições e se deixando abater pela inquisição, não deflagraram nossos segredos, nossos augustos mistérios, e salvaram com os princípios fraternos a continuidade de nossa Ordem durante séculos que se passaram.

A Fraternidade Maçônica sempre foi conseguida através de um laço que se poderia chamar de cumplicidade maçônica. Essa cumplicidade nasceu entre os irmãos a partir do compartilhamento de diversos sigilos, como o aspecto secreto das reuniões, os sinais de reconhecimento, o segredo dos graus, os simbolismos etc., que começa a se formar a partir do momento da iniciação.

É essa gama de atos e fatos ligados à estrutura básica da Maçonaria que faz nascer essa ligação de cumplicidade que gera a inconfundível fraternidade Maçônica. Este laço material se reforça com a prática da Filosofia, das Virtudes e dos Princípios Maçônicos, principalmente da Justiça, da Prudência, do Amor, e da Generosidade.

Existem certamente momentos em que afloram os instintos, ou seja, vícios ainda não convenientemente dominados, tal como o egoísmo, provocando desentendimentos pessoais. Isso é natural que aconteça mesmo depois de nos tornarmos maçons, pois é sabido que mesmo após muitos anos o espírito dentro de sua cavalgada na busca da perfeição não consegue absorver o verdadeiro sentido do que é uma fraternidade. Não conseguem deixar-se dominar pela cumplicidade maçônica. Nesses momentos deve agir o sentimento de temperança dos demais irmãos para serenar os ânimos e não deixar os ressentimentos se avolumarem.

O Importante é não deixar de lutar pela fraternidade a cada dia e a cada instante, mas para isso é preciso termos em primeiro lugar domínio sobre nossos vícios, cujo também alvo deste compêndio, discuto a seguir, pois do que vale pregar o bem, sem o entendimento do mal?

Percebi em minhas pesquisas, que pouco se fala sobre os Vícios, até mesmo a própria Bíblia Sagrada, O Livro dos Espíritos, Livros afins e várias peças de arquitetura que o entendimento da palavra e do substantivo declarado Vício é de forma singela e simploriamente declarada como o “**O oposto da Virtude”,** havendo logicamente mais espaços destinados ao assunto “Virtude”, o qual não sou contra, pois dentro dos conceitos atuais de estruturalismo, é mais fácil corrigir o mal com o reforço do ensino e prática do bem, tal como quando é ditado o seguinte discurso:

“... É o oposto da Virtude. É o hábito desgraçado que nos arrasta para o mal; e é para impormos um freio salutar a esta impetuosa propensão, para nos elevarmos acima dos vis interesses que atormentam o vulgo profano e acalmar o ardor das paixões, que nos reunimos neste templo...”.

O Vício pode ser interpretado como tudo quanto se opõe a Natureza Humana e que é contrário a Ordem da Razão, um hábito profundamente arraigado, que determina no individuo um desejo quase que doentio de alguma coisa, que é ou pode ser nocivo. Em síntese, tudo que é defeituoso e que se desvia do caminho do Bem.

Do ponto de vista abstrato, podemos dizer também que tudo que não for perfeito é Vício, mas do ponto de vista prático, é um

termo relativo que depende do grau de evolução do Individuo em questão, pois o que seria um Vício para um Homem cultivado, poderia ser uma virtude para um selvagem. Na verdade, nenhum vicio poderá ser jamais uma desvantagem absoluta, pois toda forma de expressão indica um desenvolvimento de força. O que devemos realmente é estabelecer e proclamar nossa guerra interna, conflitarmos espiritualmente o combate às nossas imperfeições seja nessa vida ou nas próximas que estamos por vir.

De todos os vícios que sofremos e estamos expostos no dia a dia para com a sociedade, nosso templo, nosso ego, enfim, aquele que podemos declarar como o Orientador a todos os outros vícios é o **egoísmo**, e este vem assolando todas as comunidades, todas as religiões, todas as irmandades, enfim, todo o Mundo está submisso ao Egoísmo, e , na prática e exercício deste de forma desequilibrada, teremos os demais vícios aflorando facilmente e deflagrando em cada canto do mundo, a discórdia,a intemperança, as guerras, o fanatismo, a injustiça, a fome, as doenças, a infelicidade, enfim, as mortes prematuras que assolam os ditos paises não desenvolvidos.

Quando citei o exercício desequilibrado do egoísmo, quis demonstrar que jamais um vício pode ser uma desvantagem absoluta **(dito a dois parágrafos anteriores)** , pois como exemplo, podemos citar que o Egoísmo de um PAI na proteção de seu filho **não pode ser tratado como um desequilíbrio egoísta** e sim uma reação que não podemos condenar desde que para isso não tenha praticado o mal ao seu semelhante. Assim como tudo na vida e em nossas ações estaremos submetendo ao equilíbrio, os vícios também o são submetidos, pois com certeza, nós homens nunca seremos perfeitos, a imperfeição faz parte do Homem, e isto é lógico e notório, partindo do principio que somos Espíritos tendo experiências humanas na terra e não humanos tendo experiências espirituais.

Nosso mundo nada mais é que uma grande escola espiritual e que para conseguirmos nossa evolução, temos que ser submetidos às vivências carnais tempo a tempo, até que sejamos perfeitos, e isto ocorrendo não mais estaremos de volta e sim estaremos ajudando em outro plano os demais que assim se fizerem de coração aberto para os ensinamentos.

Outra citação que coloco, é a questão das Paixões, também fruto do egoísmo, que dentro de uma estrutura hierárquica, posso considerá-la como uma segunda posição depois do Egoísmo.

A Paixão está no excesso acrescentado à vontade, já que este princípio foi dado ao homem para o bem, e suas paixões podem levá-lo a realizar grandes coisas. É no seu abuso que está a sua definição como um vício.

A Paixão é semelhante a um cavalo, que é útil quando dominado e extremamente perigoso quando domina. Uma paixão será por demais perigosa no momento em que deixar de governá-la e resultar qualquer prejuízo para você ou aos outros.

Sem dúvida **grandes esforços** são feitos para que a Humanidade, e nós Maçons que fazemos parte dela, avance, encoraje-se, honre-se os bons sentimentos mais do que em qualquer outra época deste nosso mundo, entretanto a desgraça roedora do egoísmo continua sendo sempre a nossa chaga social. É um mal real que cai sobre todo o mundo, do qual cada um é mais ou menos vítima.

É preciso combater os vícios, equilibrá-los, assim como se combate uma doença epidêmica. Para isso, devemos proceder como médicos: ir à origem. Que se procurem, então em todas as partes de nossa organização social, desde as famílias até nossa comunidade,

desde os barracos de tábuas, até as grandes Mansões, todas as causas, todas as influências evidentes ou escondidas que excitam, mantêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo.

Uma vez conhecidas as causas, o remédio se mostrará por si mesmo. Restará somente, combatê-las, senão todas de uma vez, pelo menos parcialmente e, pouco a pouco, o efeito de veneno será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque as causas podem e são numerosas, mas não impossível. Isso só acontecerá se o mal for atacado pela raiz, ou seja, pela reeducação, não aquela que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. A reeducação, bem entendida é a chave para o progresso moral.

Quando conhecermos a arte de manejar o conjunto de qualidades do homem, como se conhece a de manejar as inteligências, será possível endireitá-los, como se endireitam plantas novas, mas esta arte exige muito tato, muita experiência e uma profunda habilidade de observação e vigilância.

É um grave erro, acreditar que basta ter o conhecimento da ciência, dos augustos mistérios de nossa Ordem para que possamos exercê-los com proveito.

Todo aquele que acompanha o filho do rico ou do pobre, desde o nascimento e observa todas as influências más que atuam sobre eles, por conseqüência da fraqueza, do desleixo e da ignorância daqueles que os dirigem, quando, frequentemente, os meios que se utilizam para moralizá-lo falham, não se pode espantar em encontrar no mundo, tantos defeitos. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e se verá que, se existem naturezas refratárias, que se recusam a aceitá-las, há, mais do que se pensam, as que exigem apenas uma boa cultura para produzir bons frutos. O Homem, meu caro Leitor, deseja ser feliz e esse sentimento é natural,

por isto trabalha sem parar, para melhorar sua posição no mundo que habita. Ele procurará a causa real de seus males a fim de remediá-los.

Quando compreender que o egoísmo é uma dessas causas, responsável pelo orgulho, ambição, cobiça, inveja, ódio, ciúme, que o magoam a cada instante, que provoca a perturbação e as desavenças em todas as relações sociais e destrói a confiança que o obriga a manter constantemente na defensiva, e que, enfim, do amigo faz um inimigo, compreenderá também que esse vício é incompatível com sua própria felicidade e até mesmo com sua própria segurança. E quanto mais sofrer com isso, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, assim combate a peste, os animais nocivos e os outros flagelos; ele será levado a agir assim por seu próprio interesse.

O **egoísmo** é a fonte de todos os vícios, assim como a fraternidade é a fonte de todas as virtudes; destruir um e desenvolver outro - Levantar templos a Virtude e Cavar masmorras aos Vícios - este é o dever e o objetivo de todos os esforços do Homem Maçom, se quiser assegurar sua felicidade em nosso mundo e no seu mundo espiritual.

“Quem é bom , é livre, ainda que seja escravo, Quem é mau é escravo, ainda que seja livre.”

Santo Agostinho

O PAINEL DO GRAU DE APRENDIZ

Dando continuidade aos estudos como Ap.·. M.·., me fiz pensar e meditar perante as questões e simbolismos que envolvem o PAINEL DO GRAU, o qual na abertura de nossas Reuniões, sempre é colocado em destaque ao centro ocidental de nosso Templo, entre as Colunas do Norte e do Sul, ora manejado pelo Ir.·. M.·. Cer.·., e servindo de marco de orientação para nossa movimentação em sentido horário no Templo. Tomei o cuidado de verificar se algum de meus IIr.·. “Gêmeos” , não tinham a incumbência de desenvolver algum trabalho sobre o tema, e ante a negativa, me coloquei a estudar todos os 19 Símbolos que ali se compõem. Sei que muitos destes símbolos, assim que ascendermos a Escada de Jacó, oportunamente terão mais claros e precisos esclarecimentos aos nossos estudos e entendimentos, mas humildemente me coloco nestas ultimas semanas a estudá-los, só pela vontade, incentivado e embalado pelo destaque que nosso Ir.·. Dangler, autor do Livro “A Maçonaria à Luz do Evangelho”repete em vários pontos de sua obra:

“...Os tempos se passaram e hoje somente um pequeno número de obreiros se interessa por adquirir novos conhecimentos, não se dedicando à leitura de obras culturais e de espiritualidade, talvez pelo

pouco entendimento que possuam , se achem suficientemente cultos e esclarecidos, porém os que adquirem um pouco mais de conhecimento, agem como Sócrates que disse: “Sou um sábio , por saber que nada sei”, por essa razão procuram beber sabedoria, buscando em fontes a seu alcance”.

“...Os Obreiros dedicados e mais espiritualizados têm o dever de combater esse quadro, estimulando aos demais ao estudo de coisas elevadas, para nossa instituição não cair na vala comum onde já se encontram outras sociedades da antiguidade...”

POR QUE O PAINEL?

Na antiguidade, quando inexistiam rituais específicos, qualquer local que oferecesse alguma privacidade podia ser usado para constituir uma Loja, onde podiam ser desenhados símbolos maçônicos no piso, com carvão ou giz, do respectivo grau que a Oficina iria trabalhar, da mesma forma que faziam os Cristãos dos primeiros séculos, quando desenhavam a Cruz onde se reuniam. Estes locais podiam ser Galpões, Grutas, ou mesmo ao ar livre.

Os símbolos desenhados ou riscados no solo, era menos ou mais perfeito e dependia apenas da habilidade de quem os traçava, sintetizando nestes símbolos toda idéia que deles pudessem surgir em sua interpretação. Os principais símbolos desenhados estavam diretamente ligados a construção, à saber: O Compasso, Esquadro, Régua, Nível e Prumo. Estes símbolos eram traçados somente pelo Maçom que fosse designado para compor a Loja e caracterizava as principais tarefas dos operários e assim, surgiram com Símbolos característicos.

Em alguns Ritos, eram usados desenhos bordados em pano, que eram desenrolados no início dos trabalhos e recolhidos no

encerramento das sessões. Da mesma forma, os desenhos eram totalmente apagados, não deixando quaisquer vestígios que pudessem ser notados por quem estivesse de passagem por estes locais.

Mais tarde foram surgindo os símbolos reais, ou seja, quando os Maçons Operários passaram a deixar suas "ferramentas" no piso, deixando de haver a necessidade de traçarem os desenhos no piso. Nesta época, obviamente, não existia o Livro Sagrado ou Livro da Lei, pois os Livros eram manuscritos por não haver uma imprensa e estes livros estavam foram do alcance dos operários.

Em substituição, supostamente, deveria haver algum elemento que sintetizava a figura do Sagrado, sobre o qual eram prestados os juramentos. Este período da história da Maçonaria não está registrada, pois apenas a tradição transmitida oralmente é que nos dá certeza da existência destas Lojas primitivas.

Esta fase foi superada quando a partir do momento que foi definido que as reuniões passariam a ser realizadas nas tabernas, ou seja, devidamente "a coberto".

Autores da antiguidade, como Lionel Vibert, citado por Nicola Aslan em seu dicionário, referem à Loja como um alpendre coberto de palha, isto em 1321. Mais tarde, em 1277, Knoop e Jones publicaram que tinham sido construídas, para os trabalhos da edificação da abadia de Vale Royal, duas "Lojas" erigidas paras os operários, para que estes executassem seus "trabalhos" privativos.

A informação certa é que em 1772, a Grande Loja da Inglaterra, ordenou a construção do "Freemasons´s Hall", concluída em 1776, onde foi erigida a primeira Loja com Templo fixo.

Por sua vez, o Grande Oriente da França, no ano de 1788, proibia que Lojas Maçônicas se reunissem em tabernas.

De 1776 a 1820, nessas Lojas "a coberto", ainda era mantida a "tradição" de desenhar os símbolos característicos, da Maçonaria Operativa, no piso da Loja.

John Harris compôs o primeiro "Quadro" fixo o que veio substituir os desenhos que eram feitos no piso. Este quadro era simples, de pano e sem qualquer moldura, ele era "desenrolado" à frente do altar, depois da abertura do Livro da Lei.

Posteriormente este Quadro, passou a ter uma moldura e a ser chamado de "Painel" como é conhecido e adotado hoje por nossas Lojas Simbólicas, que de acordo com o Rito apresenta aspectos diferentes.

Nas Lojas Maçônicas, especialmente as Simbólicas, cada um dos três Graus possui um painel próprio.

O Painel da Loja de Aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito, comporta duas COLUNAS, encimadas por romãs, enquadrando um pórtico à qual conduzem três degraus e encimado pelo Delta Luminoso. Vê-se também três janelas, uma pedra bruta, uma pedra cúbica, a prancha de traçar, o maço e o cinzel, o esquadro e o compasso, o nível e o prumo, as COLUNAS J e B, o Sol, a Lua, as estrelas, uma corda de 7 nós e a orla dentada emoldurando o Painel do Grau com quatro borlas nas extremidades, que passarei a descrevê-los em seu significado.

AS ROMÃS

As romãs estão postas em cima dos capitéis das COLUNAS "J" e "B", sendo três em cada uma delas, apresentando um corte frontal

que revela seus grãos. Este fruto representa a Família Maçônica Universal, cujos membros estão ligados harmonicamente pelo espírito de união, inspirados na Ordem e na Fraternidade.

Os diversos autores dizem que “em todos os tempos, a romã foi um símbolo de fecundidade, de abundancia e de vida”; “os grãos de romã, reunidos em uma polpa transparente, simbolizam os Maçons unidos entre si por um ideal comum”.

O PÓRTICO E O DELTA LUMINOSO

Simbolicamente representa a porta de entrada para atingir a perfeição e o conhecimento da verdade. A entrada do Mundo Profano para o Mundo Maçônico, simbolizado pelo pórtico, tem a porta do Templo encimada pelo Delta Luminoso. Este triângulo, como polígono perfeito, resume o simbolismo maçônico, pois representa o Todo e abrange o Cosmos, tendo ao centro o misterioso “YOD”, o Incriado, simbolizando o olho e o centro e a parte vital do Todo. Este ponto é geométrico, astronômico, filosófico, esotérico, enfim, a “origem do tudo”.

Representando ainda que a Loja esta sob o olhar protetor do G.·.A.·.D.·.U.·.

Ao transpor o portal do Templo, que representa o Universo, o Aprendiz torna-se apto, pelo estudo, pelo trabalho e pela prática dos ensinamentos do grau a tornar-se um verdadeiro Maçom.

OS DEGRAUS

A passagem do Mundo Profano para o Mundo Maçônico não pode ser realizada diretamente e estes degraus representam simbolicamente as etapas a que se deve submeter o Iniciado, ou seja, os três degraus representam sucessivamente, o plano físico ou

material, plano intermediário, chamado de "astral", e por último o plano psíquico ou mental. Esses três "degraus" correspondem à divisão ternária do ser humano em Corpo, Alma e Espírito, sendo necessário que o Aprendiz busque a sua libertação das mazelas do Mundo Profano e desta forma consiga desbastar a pedra bruta e transformá-la em pedra polida, para sua ascensão moral e espiritual.

AS JANELAS

Três janelas estão representadas no Painel da Loja de Aprendiz, a primeira ao Oriente, a segunda ao Meio-Dia e a terceira ao Ocidente; nenhuma janela se abre para o Norte. Essas três janelas são cobertas por uma rede. Essa rede que protege as aberturas lembra que o trabalho dos obreiros é subtraído à curiosidade do profano, cujo olhar não pode penetrar no Templo, da mesma forma que o Maçom deve olhar a vã agitação da rua. Pois o seu redor tudo esta fechado, mas nem por isso, espiritualmente, ele deve determinar o movimento do mundo sensível encarado do ponto de vista em que se encontra.

Nos antigos rituais maçônicos fazem menção a três janelas no grau de Aprendiz. Tendo como base as três portas do Templo de Salomão **(Bíblia – I Livro dos Reis, VII, 4 e 5),** sabe-se portanto, que o Templo se abria para Leste e para Oeste, como na maioria das catedrais. Desse modo, o Templo era iluminado pelo Sol ao alvorecer.

A janela do Oriente traz a doçura da aurora, sua renovação de atividade; ao Meio-Dia, a força e o calor; a do Ocidente dá uma luz que, à medida que se torna mais fraca, convida ao repouso. O Norte, escuro, como não recebe nenhuma luz, não precisa de janela porque os trabalhos dos Maçons simbolicamente **começam ao Meio-Dia e**

terminam a Meia-Noite. Começam ao Meio-Dia, quando o Sol brilha com toda a sua força no Templo.

Os Aprendizes são colocados ao Norte porque têm necessidade de serem esclarecidos; eles recebem assim toda a luz da janela do Meio-Dia, Os companheiros, colocados ao Meio-Dia, precisam de menos luz e a sombra provocada pela parede do Templo ainda permite que sejam iluminados suficientemente, enquanto o Venerável e seus oficiais recebem, de frente, apenas a luz do crepúsculo. Em contrapartida, os Vigilantes são alertados desde a aurora pela luz que os atinge em cheio.

PEDRA BRUTA

A direita do Painel do Aprendiz figura a pedra bruta, que simboliza as imperfeições do espírito e do coração que o Maçom deve se esforçar para corrigir.

O Aprendiz, pela sua iniciação maçônica, que representa um novo nascimento, reencontra o estado da natureza; ele se liberta das mazelas do mundo profano e passa por um processo de purificação, onde reencontra a liberdade de pensamento.

Esta nova etapa em sua vida, tem como objetivo principal a sua transformação, e este se dá através do trabalho do desbaste de sua própria “pedra bruta”, com os instrumentos que lhe são fornecidos, visando tornar esta em justa e perfeita em todas as suas medidas e forma. Ela é vista como a “matéria-prima!” existente para a elaboração da “Obra”.

Simboliza a matéria apta a ser trabalhada; simboliza o “meio” para atingir o “fim” sagrado da transmutação do Ser.

PEDRA CÚBICA

A Pedra Cúbica, o hexaedro, é a obra-prima que o Aprendiz deve realizar. Materialmente, é difícil, com o Maço, o Cinzel e o Esquadro, realizar um Cubo perfeito que a primeira vista não parece tal.

A Pedra Cúbica do Painel do Aprendiz é encimada por uma pirâmide quadrangular e se chama "Pedra Angular Pontiaguda". Essa pedra, sobre o qual os Companheiros devem afiar seus instrumentos, simboliza o progresso que eles devem fazer na instituição e em seus relacionamentos com os Irmãos. Em sua interpretação moral, a Pedra Cúbica é também a pedra angular do templo imaterial construído à filosofia; é também o emblema da alma que aspira subir até a sua fonte. É terminado em pirâmide, símbolo do fogo, para que aí sejam inscritos os números sagrados. Para desbastá-la, é preciso fazer uso do compasso, do esquadro, do nível, do fio de prumo, instrumentos que representam para nosso espírito as ciências, cuja perfeição vem do Alto.

A PRANCHA DE TRAÇAR

A Prancha de Traçar é um retângulo sobre o qual são indicados os esquemas que constituem a chave do alfabeto maçônico. A Maçonaria, em seu simbolismo, chama o papel sobre o qual se escreve de "Prancha de Traçar" e substituir o verbo "escrever" pela expressão "traçar uma prancha".

A Prancha de Traçar está ligada ao Grau de Mestre Maçom, como a Pedra Cúbica ao Grau de Companheiro Maçom e a Pedra Bruta ao Grau de Aprendiz Maçom. Por que, é sobre a Prancha de Traçar que o Mestre estabelece seus planos; mas o Aprendiz e o Companheiro não devem ignorar seu uso e devem exercitar-se esboçando ai suas idéias. Esse é o motivo pelo qual esse símbolo já figura no Painel do Aprendiz.

MAÇO E CINZEL

Instrumentos do Aprendiz, são apresentados no Painel de forma unida, portanto essa associação indica a vontade e a inteligência, a força e o talento, a ciência e a arte, a força física e a força intelectual, quando aplicadas em doses certas, permitem que a Pedra Bruta se transforme em Pedra Polida.

O Maço simboliza a vontade do Aprendiz. Não é uma massa metálica, pesada e brutal, pois a vontade não deve ser nem obstinação, nem teimosia. Ela deve ser apenas firme e perseverante. Mas o homem não pode agir diretamente sobre a Matéria; o Cinzel servirá, então, de intermediário. Este deverá ser amolado freqüentemente, isto é, deverá rever continuamente os conhecimentos adquiridos. Não deixá-los embotar. O Maço age de forma descontínua. Isso mostra que o esforço não pode ser perseguido sem interrupção e, por outro lado, que uma pressão contínua sobre o Cinzel tirar-lhe-ia toda a sua precisão.

COMPASSO E ESQUADRO

Estas duas “ferramentas” unidas no Painel do Aprendiz, representam à justa medida, que deve presidir a todas as nossas ações, que não podem se afastar da Justiça e nem da retidão, que regem todos os atos dos Maçons. Representando ainda o signo mais conhecido, pelo qual se identifica a Maçonaria universalmente.

O Esquadro é usado pelo Aprendiz como seu único e verdadeiro signo, marcando-o a cada passo que dá no decorrer de sua marcha em direção ao Altar. Também na posição de Ordem do Grau de Aprendiz, está ostentando quatro Esquadros, que representam astronomicamente quatro cortes nos diâmetros do circulo zodiacal, dividindo em quatro partes que correspondem cada

uma delas à respectiva estação do ano de conformidade com a inclinação do Sol em sua carreira.

O Compasso é considerado um Símbolo da espiritualidade e do conhecimento humano. Sendo visto como Símbolo da espiritualidade, sua posição sobre o Livro da Lei varia conforme o Grau. No Grau de Aprendiz, ele está embaixo do Esquadro, indicando que existe, por enquanto, a predominância da Matéria sobre o Espírito. A abertura indica o nível de conhecimento humano, sendo esta limitada ao máximo de 90º, isto é, ¼ do conhecimento. A sua Simbologia ainda é muito mais variada, podendo ser entendido como símbolo da Justiça, com a qual devam ser medidos os atos humanos. Simboliza a exatidão da pesquisa e ainda pode ser visto como símbolo da imparcialidade e infalibilidade do Todo-Poderoso.

NÍVEL E PRUMO

O NÍVEL como instrumento simbólico da igualdade, tem uma tradição muito importante e uma força muito grande dentro da Simbologia Maçônica. Como parte do triangulo, um dos tripés que sustentam toda a estrutura filosófica de nossa Ordem, ele é o emblema de um dos maiores princípios da Maçonaria. Aquele que foi emprestado para a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aquele que considera todos os homens iguais, independentemente de crenças religiosas, credos políticos, raças ou condição social. É o NÍVEL que nos faz tratarmo-nos de Irmãos, e, em nossos Templos, sentarmos lado a lado, patrão e empregado, pai e filho, General e Tenente, rico e pobre, sem nenhuma pretensão ou distinção.

O PRUMO, conhecido como perpendicular no passado, é o símbolo da retidão, da Justiça e da Equidade. Também simboliza o

equilíbrio. Se o NIVEL simboliza a Igualdade entre os homens, o PRUMO significa que o Maçom deve possuir uma retidão de julgamento – seja essa ligação em grau de parentesco ou amizade.

A perpendicular é também o símbolo de profundidade e de conhecimento. Quando o Aprendiz completa o seu tempo e após ser examinado, se aprovado para Elevação de Grau, diz-se que está apto para "passar da Perpendicular ao Nível".

AS COLUNAS "B" e "J"

As COLUNAS B e J de nossa Loja representam as COLUNAS que ficavam no Átrio do Templo de Salomão e não pertencem à divisão clássica arquitetônica (disposição oficial do Grande Oriente do Brasil).

A COLUNA B ou "B.·.Z.·." isto é, - "na força", representa a generação; revela a estabilidade ponderada e deve ser branca.

As duas palavras reunidas significam, portanto: "Deus estabeleceu na força, solidamente, o templo e a religião de que ele é o centro".

A Bíblia nos diz, que as duas COLUNAS de bronze, foram erigidas à entrada do Templo de Salomão, uma à direita, sob o nome de J.·., e a outra à esquerda, sob o nome de B.·. . Jamais houve qualquer contestação sobre o sexo simbólico dessas duas COLUNAS, a primeira delas suficientemente caracterizada como masculina pelo Iod inicial que a designa comumente. Com efeito, essa letra hebraica corresponde à masculinidade por excelência. Beth, a segunda letra do alfabeto hebraico, por outro lado, é considerada como essencialmente feminina, porque seu nome quer dizer casa, habitação, de onde a idéia de receptáculo, de caverna, de útero, etc. A COLUNA J é, portanto, masculino-ativa, e a COLUNA B

feminino-passiva. O simbolismo das cores exige, conseqüentemente, que a primeira seja vermelha e a segunda branca ou negra.

A palavra J.·., em hebraico, escreve-se com as letras Iod, Caph, Iod, Nun. Para evitar erro na pronúncia, a palavra as vezes pode ser escrita com a Letra “K” substituindo o “QUE” .A palavra B.·. escreve-se com as letras Beth, Aïn (letra que não pode ser traduzida foneticamente senão por uma aspiração sonora, pelo espírito forte do grego), Zaïn. Muitas vezes escreve-se B.·. com “AZ” em lugar de B.·. com “OZ” ; no entanto, esta última ortografia está mais de acordo com o hebraico.

A Bíblia é formal: ela coloca J.·. à direita e B.·. à esquerda, o que está conforme com o simbolismo tradicional e universal.

O Rito Escocês coloca as duas COLUNAS desse modo, mas o Rito Francês inverteu as respectivas posições: ele coloca J.·. à esquerda e B.·. á direita, sendo que nada justifica essa mudança, nem mesmo o fato de essas COLUNAS terem sido transportadas do exterior para o interior do Templo.

Maçonicamente o Sol corresponde à COLUNA J e a Lua corresponde à COLUNA B e lhes são atribuídas as seguintes cores: Vermelho à COLUNA J, Branco ou Preto à COLUNA B, correspondendo assim ao Ativo e ao Passivo.

Se nos ativermos ao texto bíblico, as duas COLUNAS eram de bronze e ambas da cor natural desse metal. Para diferenciá-las, decidiu-se lhes adicionar as cores e tal decisão é arbitrária e discutível.

O lugar das COLUNAS varia de acordo com o lugar em que se coloca o observador: na frente ou atrás. Para a maioria dos símbolos, é preciso considerar o observador na sua frente.

É fácil notar que a cor branca corresponde perfeitamente à Sabedoria, à Graça e à Vitória; a cor vermelha, à Inteligência, ao Rigor e à Glória, enquanto que o azul está em harmonia com a Coroa, a Beleza, o Fundamento; o negro corresponde ao Reino.

Assim, portanto, ao lado direito (positivo) atribuímos a cor branca, ao lado esquerdo (passivo), a cor vermelha; no centro, a cor azul (neutra) e, na base, a cor negra (matéria).

Atribuindo o Branco à COLUNA da direita e, conseqüentemente, a J.·., respeitamos o símbolo solar, atribuído a essa COLUNA, já que a luz do Sol é branca.

As três cores: azul, branco e vermelho figura na bandeira francesa.

A COLUNA J devia, portanto, ser branca e a COLUNA B vermelha; o azul é a cor do Céu e do Templo, da Abóbada Estrelada. A Maçonaria dá precisamente a cor branca a seus mais altos graus; a cor vermelha a seus graus intermediários e a cor azul a seus primeiros graus, cujos participantes, antes de qualquer coisa, devem praticar a tolerância.

As duas COLUNAS, assinalam os limites do Mundo criado, os limites do mundo profano, de que a Vida e a Morte são a contradição extrema de um simbolismo que tende para um equilíbrio que jamais será conseguido. As forças construtivas não podem agir senão quando as forças destrutivas tiverem terminado sua tarefa. Essas forças opostas são “necessárias” uma à outra. Não se pode

conceber a COLUNA J sem a COLUNA B, o calor sem o frio, a luz sem as trevas, etc.

O SOL E A LUA

Representam o antagonismo da natureza – dia e noite, afirmação e negação, claro e escuro, presente na vida maçônica do Aprendiz, ensinando o equilíbrio pela consciência dos contrários.

O Sol é o vitalizador essencial, a fonte da luz e da vida, tanto dos animais como dos vegetais, nasce no Oriente, de onde vieram os ensinamentos da arte real.

A Lua, representa o amor, o princípio passivo e o feminino, simboliza a constância e a obediência, levanta-se quando o Sol se deita e reina sobre as estrelas, não com sua própria luz, mas refletindo a luz solar.

O Sol, ativo, fica à esquerda, e a Lua, passiva, fica à direita do Painel.

Na Loja os trabalhos são abertos simbolicamente ao Meio-Dia, quando o Sol esta em Zênite, e fechados à Meia-Noite, quando ele está no Nadir; nesse momento, supõe-se que a Lua esteja em seu pleno esplendor.

AS ESTRELAS

Simbolicamente representam a universalidade da Maçonaria, mas ressaltando na forma irregular em que são distribuídas, que os Maçons, espalhados por todos os continentes, devem, como

construtores sociais, distribuir a luz de seus conhecimentos àqueles que ainda estão cegos e privados do conhecimento da Verdade.

CORDA DE 7 NÓS

As cordas na Maçonaria possuem várias interpretações de acordo com o número de nós. Quando em número de sete, representam as artes liberais (as que um homem livre podia exercer sem decair de seus concidadãos, por oposição às artes "mecânicas" ou "manuais", destinadas aos escravos na antiguidade) a saber: Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

Seu entrelaçamento simboliza também o segredo que deve rodear nossos mistérios. Sua extensão circular e sem descontinuidade indica que o império da Maçonaria, ou o reino da Virtude, compreende o Universo no símbolo de cada uma de nossas Lojas.

ORLA DENTADA

Possui numerosas interpretações simbólicas, mostra-nos o princípio da atração universal, simbolizado no Amor. Representa, com seus múltiplos dentes, os planetas que gravitam em torno do Sol; os povos reunidos entorno de um chefe; os filhos reunidos em volta dos pais, enfim, os Maçons unidos e reunidos no seio da Loja, cujos ensinamentos e cuja Moral aprendem, para espalhá-los aos quatro ventos do Orbe Terrestre.

QUATRO BORLAS

Símbolo que também possui varias interpretações. Para a Escola Autêntica simbolizam a temperança, energia, prudência e justiça. Para a Escola Mística a fé, a esperança, a caridade e a

discrição. Para a Escola Oculta as borlas representam a terra, a água, o ar e o fogo.

Para estudarmos o Painel da Loja de Aprendiz, seus símbolos, seus ensinamentos e a diagramação do próprio Painel, que se traduz no sentido simbólico da distribuição destes Símbolos sobre o Painel, o Aprendiz deverá aprender a separar o sentido literal, figurativo e oculto de cada Símbolo, para poder entender e compreender a forma harmoniosa que estes símbolos foram dispostos no Painel.

O sentido literal é aquele que encontramos nas antigas escrituras da Maçonaria Operativa e que foram incorporados na Maçonaria Especulativa, apenas no sentido figurativo e simbólico de seus instrumentos que ornamentam a Loja.

O sentido figurado é este que foi estudado neste trabalho. Pois pude notar que encontramos variações nas versões destes painéis e diversas interpretações diferentes, de acordo com a Escola que este ou aquele autor esta ligado; o que nos leva à crer que podem haver diversas formas de interpretações, mais profundas ou mais superficiais, dependendo apenas do grau de conhecimento e aprofundamento no estudo que forem feitos para desvelar o significado destes símbolos.

O sentido oculto da disposição dos símbolos no Painel, leva o Aprendiz a entender melhor o sentido dos trabalhos do Rito e o desenvolvimento de sua própria espiritualidade.

AS COLUNAS B e J

..Depois levantou as colunas do pórtico do templo; e levantando a coluna direita, pôs-lhe o nome de Jaquim; e levantando a coluna esquerda pôs-lhe o nome de Boaz...”

I REIS 7 – 21

“...Fez também , diante da casa, duas colunas de trinta e cinco côvados de altura; e o capitel, que estava sobre cada uma, era de cinco côvados. Também fez cadeias no oráculo, e as pôs sobre as cabeças das colunas,; fez também cem romãs, as quais pôs entre as cadeias. E levantou as colunas diante do templo, uma à direita , e outra à esquerda; e chamou o nome da que estava à direita Jaquim, e o nome da que estava à esquerda Boaz...”

II CRÔNICAS 3 – 15 A 17

Visitas em Outras Lojas, percepções de mudanças não muito factíveis, mas bem perceptíveis nos modelos usuais de aplicação e textos dos Rituais, discussões saudáveis com demais IIr.'., Leitura de Livros dos mais variados autores, o compêndio sobre o Painel de Aprendiz, fez-me despertar interesses reais e absolutos na interpretação detalhada, histórica e filosófica do simbolismo que norteia as Colunas B e J. Procurei, em primeiro momento, buscar o entendimento bíblico de ambas as colunas, baseando-se nos próprios autores, cujos destacam em 100% sua origem e verdade na Construção do Templo de Salomão, e segundo estes mesmos autores, para estudarmos maçonicamente as Colunas B e J, o ponto de partida deve ser a Bíblia Sagrada, sem escopo religioso e sob o ponto de vista puramente filosófico, atentando ao fato que a maçonaria sendo uma comunhão e não uma seita ou religião, deve-se, pois, respeitar a crença de cada irmão acima de tudo.

Inicialmente, por estarem, os nomes destas colunas destacados claramente na Bíblia, podemos interpretar que seus nomes não são secretos, e ambas respectivamente são marcadas pelas inicias das Palavras Boaz (B) e Jaquim (J), porém, o segredo, não está nos nomes das colunas, mas no modo como estes são transmitidos.

Quanto a Interpretação maçônica das duas colunas, vários autores dos quais tive a oportunidade de apreciar suas obras, apresentam diversas conjeturas, e muitas delas baseadas em biblistas, protestantes e católicos. Seria muita pretensão querer saber ou sugerir o que realmente significavam as colunas B e J, das quais não restaram vestígios e atualmente tudo que se pode saber sobre elas, se resumem nas narrativas bíblicas.

À luz da comparação histórica e pesquisas em demais peças de arquitetura e livros de origens profanas sobre o assunto "Templo de Salomão ", as duas colunas, assim como outras se erguiam à entrada de qualquer Templo da antiguidade, fazendo parte do modelo de

arquitetura da época, e o fato de possuírem as características mencionadas na Bíblia e de não sustentarem vigas mestras assentadas diretamente sobre pilares ou colunas, levaram os diversos interpretes a várias hipóteses, considerando o próprio exemplo que, os egípcios usavam em sua arquitetura um par de obeliscos à entrada de seus templos. Esses Obeliscos gravados de hieróglifos eram verdadeiros monumentos evocativos, apesar de sua forma poliédrica e alongada como uma coluna.

Segundo pesquisas, é possível que as colunas B e J tivessem o caráter de monumentos como os obeliscos egípcios. Talvez fossem sagradas e destinadas a cerimônias especiais, mas, de qualquer modo nunca seria plausível impor suposições inadmissíveis de conotação subjetiva em uma escola de verdades como a maçonaria.

A Bíblia, dentro de uma conotação Histórica, nos Livros de II Reis, cap. 25, II Crônicas cap. 36 e Jeremias cap. 52, destacam as depredações que o Templo sofreu e aponta além da destruição o saque de utensílios de metais preciosos, e dentre eles as duas colunas de bronze, as quais teriam sido cortadas pelos invasores a comando do Rei da Babilônia Nabucodonosor.

Segundo, também, alguns autores e estudiosos históricos da Maçonaria , citando inclusive Mackey, o que se pode saber sobre as duas colunas é quase nada. O Fato de BOAZ ter sido um dos ascendentes de Davi e Salomão não autorizar asseverar uma homenagem ao antepassado da casta real, pois, Boaz era o marido de Rute. Quanto a Jaquim, tem-se opinado que seria um alto sacerdote, mas isso também não passa de outra conjetura. A mais coerente interpretação maçônica das duas colunas deriva mesmo da Bíblia, principalmente de versículos de Salomão, no seu discurso ao povo conforme, o fazemos destaque em **I REIS Cap. 8 V 13:**

“...Certamente te edifiquei uma casa para morada, assento para tua eterna habitação...”

Esse versículo é um dos lemas que constituem uma das

inspirações do “Landmark” maçônico das **“ COLUNAS SEMPRE ERGUIDAS”** .

O sentido filosófico deste inspirado Landmark, é reforçado não tão somente pelas interpretações Bíblicas, tal como fiz menção nos parágrafos anteriores deste compêndio, mas sim, às diversas interpretações que vários autores, vários Maçons em seus trabalhos pesquisados e vários IIr.’. sedentos pela busca da verdade e sem respeitar a regra pela qual o **maçom deve parar onde não pode mais explicar,** viram e sentiram nas Colunas B e J, inspirações sadias e virtuosas pela busca da verdade e a satisfação do saber.

Seguiremos com algumas interpretações, e podemos ter certeza, que destas destacadas, qualquer outro Ir.’. poderá ter a sua diferente de todas, e assim iremos reforçando cada vez mais nossas colunas, sempre mantendo-as erguidas pelos ideais de interpretação simbólica Livre. Percebemos também, nitidamente, que nossa Ordem se mantém em pé pelo honroso fato dos segredos de nossos Augustos Mistérios, serem interpretados de diversas maneiras, paulatinamente e de acordo ao grau do Ir.’. que se coloca sob aprendizado.

Assim, será com o simbolismo de nossa Ordem, quanto mais interpretações, mais motivos de estudos de novos, antigos e atuais Maçons serão despertados, levando-se em consideração que os antigos Pedreiros Livres da Idade Média, sempre teciam lendas sobre a Construção do Templo de Salomão, e que as duas Colunas vestibulares lhes serviam de símbolos, e também, com o advento da maçonaria especulativa, ora acrescida pelos Maçons Aceitos, aproveitou-se a figura do Templo de Salomão , bem como as Lendas da Construção e Destruição desta Obra, ordenando ensinamentos morais e filosóficos em torno de símbolos e alegorias hauridos da obra do Filho de Davi, o qual , vários elementos do Templo são ensinados desde o grau de aprendiz, e até mesmo, desde a iniciação, tendo como exemplo as mãos do neófito que são lavadas no “mar de bronze”.

1. Seguiremos com breves Resumos de algumas Interpretações e

Curiosidades Históricas de ambas as Colunas.

Sinalizaremos como **(I)**, o que entendemos como interpretações, e sinalizaremos com **(C)**, o que consideramos como curiosidade, pois desperta dúvidas a serem discutidas com pesquisas mais profundas, que talvez não seja alvo neste momento de escrever um compêndio ao nível de aprendiz.

1.1. (I) As Colunas B e J são conhecidas como Colunas Salômonicas e são colocadas no Átrio, do lado de fora do Templo, tal como sua arquitetura original e posicionamento do Pórtico de Entrada do Templo de Salomão, representando os Solstícios de Verão e de Inverno.

1.2. (C) Algumas Lojas, passaram as Colunas B e J para dentro do Templo, talvez por uma interpretação mais convincente que destoa da Grande Obra do Templo de Salomão, ou talvez por questões de adaptações de Lay-outs arquitetônicos de Templos que se aproveitaram de construções já prontas, resultando em pura e complexa adaptação. Não podemos dizer que colocando as Colunas para dentro do Templo, estaria totalmente errado, mas se nós maçons consideramos que nosso Templo é o Simbolismo puro do Templo de Salomão, essas colunas não devem ficar pelo Lado de Fora.

1.3. (C) Algumas Lojas que colocam as Colunas dentro do Templo, utilizam-na como colunas zodiacais, resultando que nas paredes do Lado Norte e Sul, passam a figurar apenas cinco colunas de cada lado, mantendo o total de doze, ficando a Coluna “B” representando o signo de Áries e a Coluna “J” o signo de Peixes, no entanto outras Lojas , mesmo localizadas na área interna, não as utilizam como colunas zodiacais.

1.4. (C) As Medidas das Colunas historicamente e na própria Bíblia possuem dimensões divergentes, pois no livro de Jeremias consta a altura das Colunas como sendo de dezoito côvados que somados aos cinco côvados dos capitéis, resulta no total de altura de

23 côvados. Essa divergência pode ser atribuída às diversas interpretações e traduções do Hebraico Bíblico em demais idiomas.

1.5. (I) No Templo de Salomão, as colunas nada sustentavam,

pois se situavam no lado de fora do Templo, sendo uma a direita e outra a esquerda, figurando portanto como ornamento. Seu propósito era o agradecimento ao Grande Arquiteto do Universo pela proteção dada ao povo de Israel em sua caminhada, simbolizando a coluna de nuvens que dava a direção aos israelitas durante o dia e a coluna de fogo que durante a noite os guiavam.

1.6. (C) A Coluna "J" representando a Coluna do fogo, deve ter sua pintura na cor vermelha ou avermelhada, que simboliza o ENXOFRE, representando também o sexo masculino, ativo. A Coluna "B" deve ter a cor branca, que simboliza o MERCÚRIO, a própria nuvem que dirigia os Israelitas, sendo um símbolo do sexo feminino, o passivo. Ambas as Colunas conotam, através desta interpretação ocultista que a Maçonaria seria um "Útero Social", destinada a fecundar e parir a Sociedade Perfeita. Para a primeira (J) , podemos também ter o simbolismo do Sol , da fumaça e do Homem, equilibrando-se com a segunda, que é o símbolo da pureza, fragilidade, beleza, da mulher, estabelecendo equilíbrio e harmonia suficiente para quebrar a ação dos contrários existentes em toda dualidade.

1.7. (C) Na Maçonaria Operativa, com a construção destas colunas, os operários guardavam as ferramentas que haviam sido usadas na construção, e isso, com muito amor e carinho,ficavam como relíquias ou mesmo um tesouro, uma espécie de troféus pela glória de ver terminado a grande obra do Templo.

1.8. (C) Na Maçonaria especulativa, que guarda com seriedade as tradições e os símbolos, alega que hoje essas Colunas, guardam em vez de ferramentas, os Princípios da Doutrina Iniciática, aos quais poucos tem acesso pelo seu desinteresse, devido a maioria descuidar de estudos tão importantes para a Cultura e coroar com êxito os

bens que a vida eterna proporciona.

1.9. (I) Ambas as colunas marcam no quadrilongo universal , respectivamente, os trópicos de Câncer e Capricórnio, não se esquecendo que um Vigilante marcará a passagem do Sol pelo zênite do meridiano, quando é meio dia, hora do início dos trabalhos. O Outro verifica o acaso do Sol.

1.10. (C) As Colunas B e J, eram de estilo babilônico, pois os artistas fenícios usavam de estilos mistos, podendo-se admitir, com reservas , que as duas colunas eram ornadas de motivos egípcios com papiros e lótus nos fustes, sendo portanto errada a afirmação que ambas colunas poderão ser dos estilos dórico, jônico ou coríntio, pois como exemplo, o estilo coríntio veio a completar-se na fase helenística da Grécia, isto é, na fase que iniciou com Alexandre Magno, ora período bem mais recente que a Construção do Templo de Salomão.

1.11. (C) Em diversos ritos ocupados na Ordem Maçônica, existem alteração na posição das Colunas B e J, o qual alguns determinam a inversão direta de ambas, sendo para direita a coluna "B" e para a esquerda a Coluna "J", do ponto de vista de quem entra no templo.

1.12. (C) Acredita-se também que as origens dessas Colunas, Pilares, nos pórticos dos templos sagrados, tenham sido relacionadas com a demarcação de um ponto fixo no chão, em lugar onde o observador astronômico se encontrasse, limitando o setor oriental do horizonte, formando o "Campo Helíaco" e a implantação de dois pilares, colunas para marcação dos limites do campo, afim de observar o nascimento do SOL na Coluna da Direita, e mais calor, dando seu termino na Coluna da esquerda, formando desta forma um observatório, onde podiam apreciar as milhares de estrelas entre

os dois pilares solsticitais, o que deu origem ao Zodíaco, com suas doze figuras referentes aos doze meses do ano.

1.13. (I) O simbolismo dos ornamentos das colunas reflete uma importância significativa no que tange as romãs, os lírios e os globos cujos símbolos podem estar por sobre os capitéis.

1.14. (I) As romãs, pela afinidade de suas sementes ou grãos, são colocadas em cada capitel das colunas em conjuntos de três, representando as Lojas e a união da Família Maçônica, como um exemplo de fraternidade que deve servir a toda humanidade. Cada romã representa a Loja e sua universalidade. As sementes representam os maçons, e sendo a casca da romã venenosa, essas se apresentam com cortes longitudinais, mostrando que o maçom continua em fraternidade mesmo sob a influência profana do mundo.

1.15. (I) Os ornamentos florais de ambas colunas são diversos, mas o que está certo é o conjunto de Lírios. Os Lírios sugerem diversas interpretações, revelando a pureza da alma, a sinceridade e a boa fé com que os maçons devem manisfestar-se seguindo a regra de abrir o coração, sem reserva mental. Revela ainda a inocência, equiparável à mente de uma criança.

1.16. (I) Os globos terrestres e celestes são criações puramente maçônicas, e conforme o Rito, a esfera terrestre deve ficar do lado dos aprendizes e a celeste do lado dos companheiros. A terra representa o Microcosmo e , esotericamente , o corpo humano. O aprendiz, ainda se encontra na fase circunstancial, material e limitada. Desenvolvendo-se ele passará ao universal, espiritual e poderá adquirir melhor noção do macrocosmo.

Poderíamos dar continuidade neste estudo, descrevendo mais

páginas sobre o assunto, que se apresenta muito rico em discussões, interpretações e dualidades, porém nosso intuito está simplesmente no entendimento histórico e objetado destas Colunas, que despertam tanta atenção, pesquisas e dúvidas perante aos estudiosos Maçons. Percebemos que muitas destas definições que pesquisamos, algumas surgiram há mais de 100 anos atrás, e até hoje não se tem como verdade absoluta, levantando muitos e muitos maçons à continuidade dos estudos pertinentes.

A Maçonaria, desde que saiu da época de Operativa e passou a ser um ciência especulativa, nunca mais foi estática, por isso cada vez mais, penetra nas raias da evolução da humanidade, sendo essencialmente dinâmica, sempre ativa a procura da verdade, que surge aos poucos, a proporção do aumento de conhecimentos, dependendo portanto dos esforços e preparo intelectual e espiritual dos maçons, buscando estudos e pesquisas em raízes mais profundas das historias dos povos e suas religiões de épocas mais longínquas.

Como conclusão, acredito que o maçom deve se preocupar muito mais com a essência das doutrinas da Sublime Instituição e não com o fato de os diferentes ritos e ou potências adotarem esta ou aquela prática, a começar da posição das colunas. Não se deve ignorar, porém, que o verdadeiro lugar das colunas “B” e “J” deve ser do lado de fora, ou pelo menos à entrada do Templo, ladeando a porta, ficando a Coluna”B” a esquerda e a “J” a direita de quem entra, pois muito embora o Templo Maçônico venha a ser uma síntese e não a cópia do Templo de Salomão, a regra bíblica deve ser inteiramente respeitada por sua originalidade.

O SALMO 133

"OH! QUÃO BOM E SUAVE É QUE OS IRMÃOS VIVAM EM UNIÃO.
É COMO O ÓLEO PRECIOSO SOBRE A CABEÇA. QUE DESCE SOBRE A BARBA, A BARBA DE AARÃO,E QUE DESCE À ORLA DOS SEUS VESTIDOS.

É COMO O ORVALHO DE HERMON QUE DESCE SOBRE SIAO; PORQUE ALI O SENHOR ORDENOU A BÊNÇAO E A VIDA PARA SEMPRE."

Para que pudesse analisar e interpretar o Salmo 133, denominado Salmo da Fraternidade ou da Concórdia, resolvi analisá-lo em todo o seu contexto, buscando inicialmente a descrição de dois personagens que diretamente e ou indiretamente estão intrínsecos ao versículo, ou seja, Aarão, citado nominalmente, e David, tido como autor do livro de Salmos. Da mesma forma, dois pontos geográficos também merecerão análise: os Montes Sião e Hermon, e por conseqüência iremos buscar dentro de minha ignorância ainda como aprendiz maçom, a relação existente entre os Landmarks e a obrigação da abertura de um Livro da Lei, que no meu caso foi a Bíblia, buscando também a interpretação subjetiva dos dizeres do salmo 133, ora alvo de estudo neste momento..

Desde o convite inicial para que fosse Iniciado Maçom e agora após a minha iniciação à Sublime Ordem, venho colhendo várias peças de arquitetura na Internet, lendo livros sobre o Grau de Aprendiz disponíveis no mercado, lendo a própria Bíblia, conversando com demais Iir.·. Maçons, que, com muito afinco, reuni informações, embora ainda incompletas sobre este Salmo Considero a princípio ter uma importância sem tamanho o estudo sobre este Salmo e também sobre a Bíblia, merecedores de uma pesquisa aprofundada e construtiva para o meu desenvolvimento como aprendiz maçom e colaborar com o conhecimento dos demais Ir.·. que compõem a nosso meio e porquê não dizer a própria Comunidade Maçônica, independente de Ritos, Potências ou Lojas.

Inicialmente, em uma ordem que considerei mais didática e organizada e utilizando os métodos de Criação de Mapas Mentais, iremos começar com o entendimento e relacionamento dos Landmarks com os Livros Sagrados de modo Geral:

LANDMARKS;

A palavra, cuja origem é inglesa, no seu sentido etimológico, pode ser entendida como “limites fronteiriços” (land = terra e mark = marca, limite) que delimitam um território e que, por isso não podem ser alterados ou removidos. Landmarks são as regras de conduta que existem desde tempos imemoriais , seja sob a forma de lei escrita ou não escrita , são co-essenciais à sociedade (maçônica), que são imutáveis, e que todo Maçom está obrigado a manter intactas, em virtude dos mais solenes e invioláveis compromissos.

Nos primórdios da nossa Ordem, não existiam normas e regras escritas diferentemente dos Templários, que as tinham escritas. Segundo uma de minhas leituras sobre o assunto **(Instituição de Regras, Leis, Constituições)** desde os tempos remotos de grandiosidade externada por grandes filósofos, exemplificam que um pensamento filosófico se forma oralmente, se consolidando e sendo transmitido por herança de mestres à discípulos, pois, sempre existiu quem ensinasse e quem ouvisse e aprendesse. Toda a tradição oral, no entanto, são sujeitas a alterações e interpretações e somente com princípios básicos é que essa filosofia passada e transmitida ao longo do tempo poderá subsistir e se manter. Hoje, no agora, tais veneráveis Landmarks da Franco Maçonaria Regular Universal surgiu e consolidou-se exatamente deste modo.

Curiosamente os Landmarks não foram escritos por nenhum legislador; não é menos verdade que, por mais que o historiador maçônico procure as suas origens, ele encontra textos relacionados à sua existência, e um deles é que desde a era operativa, os Olds Charges mencionam os principais deles: **crença em Deus, respeito à Lei Moral, Loja, segredo, masculinidade.**

Em1723. a Franco Maçonaria proclama nos Estatutos de Anderson que citam as General Regulations de Payne: “... Provided always that the Old Landmarks be carefully” (contanto que os antigos Landmarks sejam escrupulosamente preservados). Podemos concluir que os Landmarks são regras de conduta que existem a longo tempo

(sem podermos precisar quando), quer seja sob a forma de lei escrita ou não, são imutáveis e todo maçom é obrigado a mantê-los intactos. O grande escritor norte americano Albert G. Mackey compilou vinte e cinco Landmarks, tidos como aceitos e que as Grandes Lojas, os Grandes Orientes acolheram. No presente trabalho interessa-nos os dizeres do vigésimo primeiro, o qual transcrevemos a seguir:

“**É indispensável a existência no Altar, de um Livro da Lei, o Livro que conforme a crença, se supõe conter a verdade revelada pelo GADU. Não cuidando a maçonaria de intervir na peculiaridade da fé religiosa de seus membros. Exige, por isso, este Landmark que, um Livro da Lei seja parte indispensável dos utensílios de uma loja”.**

Podemos perguntar: Por que o Livro da lei?

Porque nele encontramos os preceitos religiosos. É a palavra escrita, é o “Verbo”, a representação simbólica da Sua Presença entre nós. A designação de Livro da Lei deve ser entendida como o “Livro da Lei Sagrada”, logo, ele pode mudar de acordo com a religião dos próprios obreiros, já que para ser maçom há a necessidade de se acreditar em um ente supremo, criador de todas as coisas. Definitivamente, o maçom não pode ser ateu.

O Livro da Lei pode ser:

a) Livro dos Mortos – para os egípcios.

b) A Bíblia para os Católicos, Protestantes, Espíritas, entre outras que baseiam os ensinamentos no Antigo e Velho Testamento..

c) Vedas – para os hindus

d) O Torah para os judeus

e) O Alcorão para os Muçulmanos

BÍBLIA;

Livro impresso por Gunttemberg, no século XV, e o mais vendido da história, a Bíblia reúne escrito fundamental para as três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Na verdade, a Bíblia é uma biblioteca de 73 livros escritos em momentos históricos diferentes. Até hoje, os arqueólogos não encontraram nada que pudesse comprovar a autoria de nenhum livro bíblico. Os textos mais antigos do Velho Testamento fazem parte dos Manuscritos do Mar Morto.São cópias integrais ou parciais de todos os livros do Antigo Testamento.

A datação mostrou que os textos mais antigos eram de 200 a C., cerca de mil anos mais recentes do que, segundo a Bíblia, alguns deles foram escritos. Em relação ao Novo Testamento, os escritos mais antigos são os papiros com trechos do livro do apóstolo João, de 130 d.C.

A discussão sobre a autoria dos textos é pesada. A Bíblia cita, por exemplo, Moisés como o escritor dos primeiros cinco livros, mas alguns estudiosos enxergam no estilo literário do Pentateuco , “cinco livros”, em grego , o que tornaria pouco provável que a tenha saído das mãos da mesma pessoa. A primeira compilação que se tem notícia da Bíblia que aparece na estante de fiéis do mundo inteiro foi feita por estudiosos gregos. Por volta de 200 d.C.,foram reunidos num só livro todos os textos sagrados, com o Antigo Testamento em hebraico e o Novo Testamento em grego. Pouco mais de 100 anos depois, o Concílio de Nicéia reconheceu e oficializou a coletânea como sendo a Bíblia Sagrada.

O Pentateuco é formado pelos primeiros cinco livros, que compõem o Torah do Judaísmo (a palavra significa “lei” em hebraico) Em grego, o conjunto destes livros recebeu o nome de Pentateuco (cinco livros). São considerados os textos históricos da Bíblia, porque pretendem contar o que ocorreu desde o inicio dos

tempos, inclusive a criação do homem que, segundos alguns teólogos, teria ocorrido em 5000 a C.

Os 27 livros do Novo Testamento abarcam um período bem menor: cerca de 70 anos, que vão do “O Velho Testamento”, aceito como sagrado por judeus, cristãos e muçulmanos, que é composto de 46 livros que pretendem resumir a história do povo hebreu desde o chamamento de Abraão por Deus, que teria ocorrido por volta de 1850 a C., até a conquista da Palestina pelos exércitos de Alexandre Magno, e as revoltas do povo judeu contra o domínio grego, por volta de 300 a C.

É preciso ter em mente que a formação da Bíblia foi lenta e muito complicada. É o resultado do trabalho de várias mãos que duraram séculos, onde a tradição oral era o forte.

ABERTURA DA BIBLIA – GRAU DE APRENDIZ – SALMO 133:

A abertura do Livro Sagrado marca o início real dos trabalhos numa Loja Maçônica, pois o ato, embora simples, porém solene, é de grande importância, pois simboliza a presença efetiva da palavra do Grande Arquiteto do Universo. Segundo Alguns artigos pesquisados, lemos que esta prática de se usar o Livro da Lei foi estabelecida em 1717, a partir da Grande Loja da Inglaterra, embora haja referência ao seu uso a partir de 1670. Segundo o Ir.·. Castelani (in memoriam), a leitura do Salmo 133 foi usada pela primeira vez, per- to da metade do século XVIII, por algumas Lojas do Yorkshire, na Inglaterra, quando ainda nem havia um rito plenamente organizado. Em pouco tempo, esse hábito foi abandonado e, já a partir da adoção do rito Inglês de Emulation, (que indevidamente fala se em "de York") abria-se a Bíblia em qualquer lugar, sem leitura de versículos. Todavia, esse hábito foi retomado por algumas Grandes Lojas norte-americanas, principalmente a de Nova York. Nos EUA, no simbolismo, só se pratica o rito de York, pois o REAA só é praticado nos Altos Graus. Da Grande Loja de Nova York, por cópia, o salmo foi introduzido no Brasil e em algumas outras Obediências da América do Sul, no REAA. Neste, na verdade, tradicionalmente se abre o Livro da Lei (Bíblia) em João e são lidos os versículos 1 a 5 do capítulo 1.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.

E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

Há variedades em termos da abertura da Bíblia e tem-se noticias que o Livro de Ruth IV é aberto em algumas Lojas também . Não prossegui os estudos mais a fundo sobre qual Livro e Versículo é aberto o Livro da Lei , pois o que sei é que em minha Loja e as demais que tive a oportunidade de visitar abre-se a Bíblia, no Livro dos Salmos e lê-se o de número 133, o qual, especificamente ressalta Concórdia.

O Salmo 133 é uma eloqüente descrição da beleza do amor fraternal, e por esta razão muito mais apropriado para ilustrar uma sociedade cuja existência depende daqueles nobres princípios.

É importante registrar que a leitura deste salmo já era adotada pelos antigos cavaleiros templários, nas suas iniciações, no ano de 1128, conforme nos demonstra os dizeres extraídos dos **Cânones do ritual de Recepção na Ordem do Templo** “... **Et lê frere chapelain dait lê saume dire que l’on dit, Ecce quam bonumet quam incubum, /habitare frates in unum...**” = (**E o I**.·. **capelão deve recitar o salmo que diz. Eis ,como é bom, como é bom, como é delicioso, /viverem os Iir**.·. **em boa união).**

Podemos entender o Livro de Salmos, como um Livro organizado, escrito e preparado realmente por alguém de interesses ligados à Liderança de Povos, Etnias, enfim, uma receita de governância espiritual e imposição de respeito e esperanças, tal como o próprio DAVID, pois a ele são atribuídas as composições.

Podemos dizer que DAVID não seja o autor de todos eles, pois alguns são atribuídos pelo próprio texto a Azaph, aos filhos de Core, e etc. , e outros são simplesmente anônimos. Os Salmos, após minuciosas pesquisas históricas levam a supor que as composições cubram um período de tempo de quase mil anos, com o seu ápice na época monárquico posterior a David, antes do exílio da Babilônia

(entre 800 a 600 a C), logo, podemos em uma breve análise, observar

que estudiosos e biblistas, se preocuparam em analisá-lo profundamente, resultando em uma classificação e denominação que destaco a seguir:

Dá-se o nome de Salmos (do hebraico = psalmus) aos cânticos religiosos e patrióticos dos israelitas. Segundo a Bíblia , com o movimento de fixação por escrito das tradições israelitas pelo profeta Ezequiel e pelos seus discípulos, e continuado após a restauração de Israel por várias gerações de escribas, foram-se formando diversas coleções dos Salmos. Algumas dessas coleções podem ser mais antigas e datarem do mesmo tempo de David ou mesmo de Isaías. Eram cânticos destinados aos serviços corais do Templo ou das Sinagogas e eram entoados sob o acompanhamento de um "saltério" (de = psalterium), que poderia ser talvez uma harpa, citara ou lira, como se lê em Salmos 108:1-2:

Preparado está o meu coração, ó Deus; cantarei e darei louvores até com a minha glória.

Despertai, saltério e harpa; eu mesmo despertarei ao romper da alva. "

O Livro dos Salmos fazem parte dos chamados livros didáticos do Antigo Testamento, e são compostos por 150 salmos e abrangem todo o campo das emoções, desde a alegria até ao ódio, do desespero até a esperança.

Podemos classificá-los em:

Laudatórios - louvam a Deus, à sua grandeza, magnificência e misericórdia.

Deprecatórios - onde o salmista expõe os males e queixas.

Gratulatórios - agradecimento de benefícios ou preces atendidas.

Penitenciais - pedem perdão de pecados pessoais ou do povo.

Históricos - versam sobre a história de Israel.
Messiânicos - referem-se ao futuro Messias.
Fraternidade - refere-se à concórdia entre os Iir.·.

DAVID;

A Bíblia define o rei David como o cantor dos cânticos de Israel, pela habilidade em tocar a citara, graças à qual entrou para a corte do rei Saul.

David ou Rei David era um excelente salmista e os historiadores não sabem precisar quantos salmos podem ser-lhe atribuídos: 73 são designados com a fórmula “Le David”, que pode significar, “de David” mas também pode significar “a respeito” de David.

Para se falar de Davi há necessidade de inseri-lo dentro do contexto histórico da época. As primeiras civilizações da história surgiram e se desenvolveram entre 2.800 e 400 a C. nas regiões ribeirinhas do Oriente Médio.

São as civilizações da antiguidade oriental, que viviam no contexto do modo de produção asiático e que se espalharam por cinco áreas interligadas geograficamente e culturalmente: a Mesopotâmia (atual Iraque), Egito, Fenícia (região do Líbano), Pérsia

(Irã) e Palestina. Por volta de 1050 a.C., dois séculos após o êxodo (fuga dos judeus do Egito para Palestina), os hebreus tiveram que lutar com persistência contra cananeus e filisteus. Josué, sucessor de Moises, agrupou os vários clãs em 12 tribos pelas terras conquistadas. A resistência de cananeus e filisteus tornava indispensável à unidade política das tribos e a fidelidade religiosa em um único Deus, Jeová, (“JAVÉ”, aquele que é).

Saul, o primeiro rei dos hebreus, foi sucedido por David, em 1006 a.C., que se destacou por derrotar o gigante Golias.Sob comando de David, os israelitas tomaram Jerusalém na luta contra os cananeus, transformando-a em sua capital. Outras vitórias contra filisteus, moabitas e arameus garantem a independência do Reino de Israel. David reforçou a tradição judaica a partir da união das doze tribos. Seu reinado, altamente próspero, durou 40 anos. De sua união com Betsabé nasceu Salomão que o sucedeu. David nasceu em Belém e é tido como antepassado de Jesus. David Levou para Jerusalém (Sião) a Arca da Aliança, nomeou os chefes dos sacerdotes e fez tudo para manter o seu culto.

AARÃO;

A genealogia de Aarão nos mostra que ele era bisneto de Levi, daí dizer-se que ele era da “Casa de Levi”. Era irmão mais velho de Moisés e filho primogênito de Amrao e Jacobed. Ajudou Moisés a libertar o povo hebreu do cativeiro egípcio. Foi seu intérprete junto ao faraó do Egito e os anciãos de Israel.

Foi o fundador do sacerdócio hebraico e por isso passou a ser o patriarca da classe sacerdotal. Seu nome significa “iluminado”, ”elevado”, ou “sublime.”

Após a libertação dos israelitas do jugo egípcio, (Ex.13,1-2) os primogênitos foram “eleitos” para o sacerdócio do Senhor, tornando-se uma instituição definitiva que vai ser ratificada com a construção do Templo. (Ex.28.1-43).

AS VESTES DE AARÃO;

Os sacerdotes, pela sua posição de interlocutores da palavra de Deus, deveriam se distinguir dos demais israelitas. Aliás, Aarão e seus irmãos já eram distinguidos, pois pertenciam à casa de Levi, a quem fora outorgado pelo Senhor a missão de daí saírem os seus Sacerdotes.

As vestes sacerdotais deveriam refletir a dignidade da função. Em Ex: 28-4., o Senhor disse a Moisés:

Estas pois são as vestes que farão: um peitoral, e um éfode, e um manto, e uma túnica bordada, uma mitra, e um cinto; farão, pois, santas vestes para Arão, teu irmão., e para seus filhos, para me administrarem o ofício sacerdotal.

Na seqüência dos versículos, até o número 29 temos todo o detalhamento destas vestes, não só de Aarão, mas também dos seus irmãos. Deve-se ressaltar que estas vestes deveriam ser usadas todas as vezes que chegassem perto do altar para servirem como sacerdotes, a fim de não incorrerem em falta e de não morrerem.

O ÓLEO DA UNÇÃO;

A Bíblia sempre fala do óleo da unção usado nas cerimônias de consagração dos sacerdotes. É o que encontramos em Ex:28.14 e 29

“... e os ungirás, investindo-os e consagrando-os para que me sirvam como sacerdotes.”. “ ...tomarás o óleo da unção e o ungirás derramando sobre sua cabeça.”

O Salmo 133, ora analisado, vê-se: “**... é como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce à orla dos seus vestidos”.**

Surge então a pergunta: Que óleo era este? Qual sua composição?. A própria Bíblia nos explica inclusive com a sua quantidade, em Ex: 30.22-33 :

Resumidamente a composição era de Bálsamo, Mirra , Cinamomo, Cana Aromática , Cássia, e Azeite de Oliva.

O MONTE HERMON;

Ao norte de Israel (Palestina) existe a cordilheira antilibana (de Antilíbano, uma das suas montanhas) em contraposição a Libana no território do Líbano.

Nesta cordilheira se encontra o Monte Líbano, famoso por seus cedros, nas suas encostas. Esta cadeia se desenvolve do nordeste ao sudeste por vários quilômetros e suas extensões e alturas são vistas a partir do Mar Mediterrâneo.

Dentro desta cordilheira, fazendo divisa entre Israel, Líbano e a Síria encontram-se o Monte Hermon com seus 2814 metros de altura e seu cume sempre nevado.

Hermon, para os Sidonianos (povo que habitava o vale do Sidon), era Sarion e para ao Amorreus (outro povo) era Sanir, significando sagrado. Por ser considerado sagrado, existiam em suas encostas e até no seu cume pequenos templos religiosos, cujas ruínas foram descobertas pelos arqueólogos.

O Monte Hermon, pelo seu fornecimento de madeira para a construção de navios, pelo seu caráter sagrado, pelo seu orvalho que descia sobre toda a Palestina irrigando suas terras, era, sem dúvida na antiguidade, a mais famosa e importante montanha da região.

Devido à altura, as correntes de ar procedentes da sua cordilheira levam a névoa para toda a região (inclusive Sião), condensando-se ali, sob a forma de orvalho. Por outro lado, o degelo da sua neve é a principal fonte alimentadora do rio Jordão e, por extensão, do lago da Galileia e de toda a região da Palestina.

SIÃO;

A Enciclopédia Delta Larousse define Sião, em árabe Djabal Sahyun, como uma das colinas sobre as quais Jerusalém foi construída. Geograficamente o monte Sião é uma elevação de cerca de 800 metros, entre os vales de Cedron e de Tyropocon a qual segundo a Bíblia, David tomou dos Jebuseus, mais ou menos em 1000 a.C.

Após a vitória passou a ser chamada de Cidade de David porque para ali David se mudou saindo da cidade de Hebron levando consigo a Arca da Aliança.

Sião ou Jerusalém, na Bíblia, é chamada por outros nomes, a saber: Sião, cidade de Judá, cidade Santa, cidade de Deus, cidade da

Justiça, cidade do Grande Rei, Aelia Capitolina (no tempo do Imperador Adriano) e El-Kuds (“a santa”) dado pelos árabes. Posteriormente quando a Arca foi transferida para o Templo que Salomão havia construído no Monte Moriá, o nome Sião compreendia também toda a cidade de Jerusalém.

OH QUÃO BOM E SUAVE É QUE OS IRMÃOS VIVAM EM UNIÃO;

Esta primeira frase, é o canto de David pela confraternização dos romeiros, que passam o dia reunido na grande esplanada do Templo. Gente de toda Israel, que mal se conhece, vinda de todas as regiões, ali se congregam como irmãos e irmãs, como membros de uma grande família, de uma mesma nação, que vive sob a alegria profunda de adorarem um só Deus, Javé = Jeová.

Transportando esta imagem para os dias de hoje, não é o que vemos nas nossas romarias nas cidades de Juazeiro do Norte, Congonhas, Belém do Pará?. A televisão nos mostra os muçulmanos fazendo a sua peregrinação anual às cidades de Meca, Medina. ou, os católicos nos santuários de Aparecida em São Paulo ou de Fátima em Portugal ou em Lourdes na França?. Ou a Festa da Páscoa, atualmente, na Terra Santa?. Este, é o traçado de um programa de convivência amena e construtiva, e se voltarmos no tempo, veremos que a palavra “IRMÃO.” se revela uma necessidade entre os homens, e o era mesmo. Com toques divinos, não com menor necessidade que temos dela hoje, basta encararmos o panorama humano dos nossos dias atormentados pelas divergências e alimentados pelo ódio mais profundo.

É COMO O ÓLEO PRECIOSO SOBRE A CABEÇA;

Os óleos vegetais são produtos de secreção das plantas, que se obtém das sementes ou frutos dos vegetais, são substâncias

gordurosas das quais muitas comíveis líquidas e de temperatura ordinária.

Note-se, que não se trata de nova tecnologia, o óleo citado acima; usado para unção sagrada, era uma das espécies, porém muito especial, o qual estamos falando do Azeite de Oliva em composição com demais especiarias.

QUE DESCE SOBRE A BARBA, A BARBA DE AARÃO,E QUE DESCE À ORLA DOS SEUS VESTIDOS;

Pêlos espalhados pelo rosto, adorna a face do homem desde os mais remotos tempos, a barba mereceu dos mais variados, novos semitas e não semitas da antigüidade, um trato especial, destinaram-lhe grandes cuidados. Não apenas um símbolo de masculinidade, era um símbolo de austeridade moral.

Os Israelitas a que pertencia Aarão, evidenciaram especial estima pela barba, a ela conferiam forte merecimento, apreciável atributo do varão, que externava pela sua aparência, sua própria dignidade. Os Israelitas pôr si mesmo, pelo que ela representava, raspá-la e eliminá-la do rosto, demonstrava sinal de dor profunda.

De especial significado litúrgico e ritualístico, eram as vestes daqueles que tinham pôr missão exercitar atos religiosos, como a unção, o sacrifício, o culto, e variava de conformidade com os diversos ofícios religiosos para invocação da divindade.

Havia especial referência pela cor branca nas vestes sacerdotais, nas representações egípcias contemporâneas ou posteriores ao médio império, os sacerdotes usavam um avental

grosseiro e curto, já o sacerdote leitor, usava uma faixa que lhe cobria o peito como distintivo de sua categoria, enquanto que o Sacerdote vinculado ao ritual de coroação, exibia uma pele de pantera.

No velho testamento presume-se o uso de um avental quadrado, quando se fala na proibição de aproximar-se do altar através das grades, talvez um precursor do avental maçônico.

Então o óleo sagrado era jorrado sob a cabeça da pessoa a ser ungida, descia pela barba e escorria à orla de suas vestes.

A cena apresentada pelo salmista na unção de AARÃO, encerra uma simbologia majestosa. A cabeça é o emblema, o centro vital da existência; a barba é o emblema da honra, pois na antiguidade, sempre expressou honradez e probidade, principalmente no Oriente, por razões das velhas tradições; as vestes são o emblema da honestidade e pudor e de especial significado litúrgico e ritualístico.

É COMO O ORVALHO DE HERMON QUE DESCE SOBRE SIAO;

O esplendor da natureza oferece a magia do orvalho, que desce das alturas para florir de viço as plantas, nada mais belo e nada mais sedutor do que o frescor das manhãs, ver como as folhas cobrem-se de uma colcha úmida, onde vão refletir os raios avermelhados do sol que traz luz. No capim, deposita-se o orvalho cama verde e amiga, em gotículas que, juntando-se umas às outras, vão nutrir a terra ávida de alimento, parecem espadas de aço ao calor do dia, nas pétalas florias, formando-se pérolas do líquido cristalino, espelho da vida que exulta ao redor.

PORQUE ALI O SENHOR ORDENOU A BÊNÇAO E A VIDA PARA SEMPRE."

David, ao conquistar a fortaleza de Sião, transportou para ali a Arca da aliança e construiu para ela um Tabernáculo. Com isso Sião tornou-se a "cidade do Senhor", local da Sua morada, local do seu repouso: "... este é o meu repouso para sempre; aqui habitarei, pois o desejei." (Salmo 132;)

"...Porque o SENHOR escolheu a Sião; desejou-a para a sua habitação, dizendo:

Este é o meu repouso para sempre; aqui habitarei, pois o desejei..."

ÁGAPE

Desde o meu ingresso dentro da Ordem, venho mui prazerosamente participando de reuniões familiares entre os Irmãos, seja aos fins de semana, ou ao término dos trabalhos de nossas Oficinas às segundas feiras.

A prática desta freqüente fraternidade na Sublime Ordem, levou-me a refletir junto à minha família, e também com alguns Irmãos, a importância destes encontros, o qual alguns com efeitos puramente festivos, outros com simples e importante efeito de carinho e união entre os irmãos, cunhadas, sobrinho(as), amigos, entre outros.

Em minhas leituras venho percebendo também, que vários autores da Literatura Maçônica, colocam em destaque as Reuniões Fraternais, ora sendo caracterizadas como Banquete, ora como Festas, ora como encontros da Família Maçônica, e etc..., porém, confesso que, despertando este assunto, com cunho mais voltado ao estado de comportamento do que propriamente uma atitude social, resolvi estudá-lo com mais profundidade, dentro dos limites que me são atribuídos neste momento, iniciando com pesquisas longínquas na historia da Humanidade e porque não dizer, na historia da Raça Mamífera.

Por mais antigo que seja o período da história pesquisado, verificamos que o ato de tomar as refeições sempre foi uma atividade social e comportamental, no sentido de ser realizada coletivamente. Nos sítios arqueológicos mais antigos sempre são encontrados sinais de restos de fogueiras e alimentos (conchas e ossos) em quantidade suficiente para demonstrar esta ação de grupo. Os sambaquis encontrados em vários lugares do Brasil são exemplos disto. Aliás, antes mesmo do domínio do fogo, sabe-se que a atividade extrativista era coletiva. Até mesmo, observando os nossos primos mais distantes, os gorilas e chimpanzés, notamos que também eles fazem suas refeições coletivas, sendo, segundo alguns estudiosos, fator de agregação do grupo. Em recente documentário no Animal Planet, apareceu

concretamente a situação em que um novo membro é aceito na comunidade de Gorilas a partir do momento em que é permitido, pelos demais, participar das atividades de alimentação.

Ao longo da história da humanidade as refeições coletivas sempre apareceram de diferentes formas e com diferentes nomes. Assim vamos encontrar os jantares, banquetes, piqueniques, saraus, festas, convescotes, ágapes. Nos momentos mais importantes da história tanto do ponto de vista político, como econômico e social, grandes e importantes decisões foram tomadas antes, durante ou depois de refeições. Qualquer que seja o livro, o filme ou documentário e até mesmo em notícias de jornais, verificamos a procedência desta afirmação. A refeição conjunta ajuda a quebrar os espíritos e a selar compromissos. Seria difícil deixarmos de lembrar de algum encontro entre estadistas em que não apareça um almoço ou jantar na reportagem. Uma outra curiosidade, podemos contar quantas cenas de refeições aparecem no filme “O Poderoso Chefão” , pois para manter a coesão de uma “famiglia” se deve, realmente, precisar de muitas e muitas refeições coletivas.

Fazendo um giro de 180º, lembramos o primeiro milagre de Cristo, aquele que o iniciou na sua vida pública: foi o milagre do Vinho, nas bodas de Canaã. Logo em seguida aparece a multiplicação dos peixes e pães. Mais do que o milagre, desejamos realçar a existência da refeição coletiva após a pregação do Sermão da Montanha. Por fim, suas últimas instruções aos apóstolos, só poderiam ter tomado lugar na “Última Ceia”.

Os maçons operativos costumavam realizar suas refeições nos próprios canteiros de obras, nos intervalos e após os trabalhos. Costume este, que percebemos em qualquer construção aqui em

nossas cidades. Esta, entretanto, não era uma característica apenas dos pedreiros. Em todas as profissões, do tropeiro ao pastor, do madeireiro ao construtor, dos monges aos soldados, as refeições coletivas existiam e existem e contribuem para agregar a coletividade.

Mas voltamos à maçonaria. Comer e beber juntos sempre foi importante para a maçonaria. Em várias pesquisas que realizei procurando imagens de nossa Ordem , em sites da web de vários idiomas, e colecionando um acervo interessante, tenho identificado que as decorações dos pratos, copos e outros utensílios utilizados nas refeições com símbolos maçônicos e brasões de Lojas demonstram a importância deste convívio para os Maçons. Chama à atenção a palavra convívio, que no sentido etimológico tem o mesmo significado de banquete, esta última, palavra de origem francesa, devido a utilização de pequenos bancos , banquets, banquetas nas refeições..

Bem, comecemos a alinhavar os pensamentos. Convívio vem de viver juntos, com fraternidade. Significa, também, a refeição realizada em ambiente fraternal. Por outro lado “banquete”, na sua origem, não possuía o significado pomposo que tem nos nossos dias. Poderíamos, então, até usar a expressão de “convívio ritualístico” para designar as refeições ritualísticas. O “Banquete Ritualístico” é uma das mais antigas e sólidas tradições maçônicas. Neste sentido, a Constituição de Anderson contém inúmeras referências e descrições sobre estas refeições.

Podemos esmiuçar melhor o sentido do Ágape, e para isso, podemos dissertar seu significado vocábulo, social e cristão.

Ágape

1. Refeição que os primitivos cristãos tomavam em comum.

2. P. ext. Banquete, almoço ou outra refeição de confraternização por motivos políticos, sociais, comerciais, etc.

3. Ét. V. caridade.

Caridade

[Do lat. caritate.]

No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus; ágape, amor - caridade.

Para a Maçonaria, a definição para **ágape** é: **"Banquete de Confraternização"** que os primeiros cristãos adotaram para comemorar a última ceia de Jesus Cristo com seus discípulos. Em certa época tal refeição era realizada diariamente e à noite. No ano de 397, a Igreja aboliu as ágapes sob a alegação de que os mesmos haviam se transformado em verdadeiros festins que fugiam aos princípios religiosos.

De acordo com alguns autores da literatura maçônica, o Ágape vem do grego agapê, amor. Nome que na Igreja primitiva era dado à refeição que os cristãos faziam em comum em comemoração da ceia de Jesus Cristo com seus discípulos, e na qual se davam mutuamente, o ósculo da Paz e da Fraternidade. No início, em Jerusalém, as ágapes se realizavam todas as noites, mas posteriormente, foram reservados para os domingos. A eles assistiam homens de todas as classes e cada um contribuía de acordo com seus meios, pagando os ricos a parte dos pobres. Paulo assinala e condena os abusos que cedo se introduziram nos ágapes, tendo sido os festins noturnos apaixonadamente atacados pelos pagãos, que os apresentavam como servindo de pretexto a infames libertinagens. O concílio de Cártago, em 397, aboliu tais banquetes em comum".

Seguindo as correntes de pensamentos maçônicos, este nome é muitas vezes utilizado para indicar o banquete ou refeição ritualística que, obrigatoriamente, se segue aos trabalhos da Loja. Simboliza a recreação em comum, merecida depois do trabalho, e é presidida pelo Venerável. No Brasil, o banquete é obrigatório apenas nas festas da Ordem, e particularmente depois de uma iniciação.

A palavra ágape, em português, é admitida em ambos os gêneros, masculino e feminino. Em grego também significando ternura contém noções de afeição, amor e devoção. O equivalente Latino de ágape é caridade. Dar o significado de "amor" para ágape, pode levar uma subjetividade de conteúdo. A oposição, em Grego, de ágape é Eros, que é o amor possessivo, enquanto ágape é o amor gentil, da bondade, da fraternidade. O sentido de Eros é próprio para o inflamado amor dos amantes. Com o transcorrer do tempo, o seu significado envolveu até paixão sexual, e se tornou uma metáfora do significado místico e do fervor espiritual. (...) Já Ágape é adequada para o amor fraterno, de irmãos, para um amor pacífico e ao próximo. Ágape é então dividir o alimento, do corpo, do coração e do espírito. E precisa ser realizado com prazer se é para ser compensador.

Vale lembrar que historicamente o Grau de Mestre surgiu bem depois dos dois graus básicos originados da Maçonaria Operativa, que são o de Aprendiz e Companheiro. Este último, Companheiro, corresponde ao termo Inglês Fellow-Craft, da antiga maçonaria operativa escocesa. Em um dos trabalhos pesquisados, ora traduzido ao português , um Irmão chamado L. Cousseau, descreveu em julho de 1961, sob o título "O Maravilhoso Ensino Maçônico", ao analisar o grau de Companheiro, define: "Insiste sobre a primazia do amor altruísta e o associa à forma de como o Companheiro se coloca à Ordem. A origem de seu nome, do Latim, vem de Compane, que

como a palavra sugere em seu sentido etimológico, são aqueles que dividem o pão. Os que sabem dividir o pão, lembrando o que foi dito no parágrafo anterior, sabem que o prazer e a felicidade são objetivos legítimos”.

Tem sido um discurso corrente, que venho analisando em minhas pesquisas atuais que algumas Lojas Maçônicas estão passando por momentos de desânimo, com quadros se afastando, rareando as novas iniciações e com baixa participação de Irmãos nos trabalhos realizados . A crise econômica, aumentando o risco de desemprego e de falência, tem exigido que os Irmãos se dediquem cada vez mais aos trabalhos profanos, o que talvez justifique em parte esta situação. Entretanto, devemos ter o senso crítico para diagnosticar se temos descuidado também do congraçamento entre Irmãos, que constrói relacionamentos e evita o aparecimento da discórdia. Precisamos dar mais atenção a esta parte de nosso ritual consuetudinário, realizando a ágape após a sessão obrigatoriamente e não deixando de realizar os banquetes ritualísticos da Ordem e de Iniciação dando continuidade as nossas Ágapes familiares, pois, é uma grande verdade que a Ágape atualmente tem um contexto mais social, onde a idéia primeira é que os **Irmãos vivam em união** para exercitarem o convívio fraternal e compartilhar, simbolicamente, a comida no espírito dos Antigos Ágapes. O princípio deverá ser o mesmo: a participação mais ou menos obrigatória de todos os Irmãos em torno do Venerável. Este Ágape não tem o mesmo sentido de um banquete ou de um jantar entre sócios de um clube, mas sim um sentimento de cumplicidade e de partilha dos mesmos costumes e da mesma história. Mesmo sendo uma reunião gastronômica informal, realmente é uma aliança, uma comunhão. Por esta razão não devem participar pessoas estranhas a Fraternidade, a não ser Cunhadas , Sobrinhas(os) e familiares mais afins.

De todo o compêndio, a minha conclusão se baseia que somente com a convivência entre os Irmãos , Cunhadas e Sobrinhos(as) é que poderemos nos conhecer com mais embasamento, e com força bater no peito para arvorar a legítima Fraternidade.

Como todo grupo que vive em comunhão, nós também temos uma equipe e um regente desta para comandá-la e prover os melhores resultados para este ato de fraternidade em questão que destacamos, e este é o Mestre de Banquetes, cujo cargo não existia na Maçonaria Operativa, foi criado na Maçonaria Especulativa, sendo o oitavo oficial da Loja. Suas funções são as mais agradáveis, cuidando dos preparativos dos banquetes, tomando todo o cuidado para que não falte nada e que tudo transcorra na melhor ordem possível, providenciando que seja do agrado geral (uma tarefa difícil).

Sua função, muito colabora para a confraternização dos Irmãos, promovendo eventos e tornando o ambiente agradável, bem como aproximando as famílias dos maçons, intensificando as amizades já existentes, fazendo fluírem outras novas.

A Jóia do Mestre de Banquetes ,é uma Taça, ou então um "Cornocópio" [**um corno mitológico atributo de abundância, que se representa cheio de flores e frutos. A fábula diz ter sido arrancado da cabeça de Aquelous, personagem que quando transformado em touro foi vencido por Hércules. A Cornucópia era atribuída às divindades benfazejas, bem como da Fortuna. Hoje é símbolo da agricultura e do comércio.]**, ambos símbolos representam saudações e alegrias.

O Mestre de Banquete, com essas promoções de eventos festivos, proporciona animação, alegria, momentos agradáveis, estreitamento de laços de amizades, num ambiente feliz e fraterno.

Realiza banquetes que os prepara com todo esmero, tomando todas as providências para o seu bom êxito. Enfim, é um dos grandes responsáveis pela a Harmonia Espiritual e Fraternal da Loja.

SÃO JOÃO “ NOSSO PADROEIRO”

No mês de Junho, mês considerado em nosso País, dentro de nossa Cultura, como um mês de comemorações e lembranças a três Santos: Santo Antonio o Santo Casamenteiro, São João, o Santo do Batismo, e São Pedro, o Santo dos Pescadores. Todos estes três Santos e suas crendices são destacadas por todo o Brasil e retratadas em Grandes Festas Populares conhecidas como Festas Juninas.

Muito embora estes Santos tenham devotos de grande parte da População, um deles é mais conhecido e mais significativo para as festas juninas em geral, o São João, e não é muito difícil de percebermos sua popularidade, dada as próprias brincadeiras de crianças, canções populares e nomes das festas, cujos possuem como tema central o famoso São João.

A tradição e festejos de São João, em diversas comunidades diferentes da Católica, entendem São João como uma referência a João Batista, aquele que batizou Jesus nas águas do Rio Jordão, quando este tinha 33 anos de idade. Tal como é a crendice voltada ao Batismo, que as comemorações em diversos pontos dos 05 continentes e não propriamente somente no Brasil , realizam o cerimonial da “Lavagem do Santo”, representando as águas do Batismo, e ainda alguns outros paises relacionam diretamente a divindade com a água e realizam-se diferentes formas de rituais e ou tradições.

A Data exata de comemoração de São João para as Culturas que usam o calendário gregoriano é 24 de junho, e já a mais de 180 anos reconhecemos também nesta data, como a Data Comemorativa da Maçonaria Operativa, a Data de nosso Padroeiro, a data da Saída do Solstício de Verão para entrada ao Solstício de Inverno.

É fato, que São João, este que é comemorado em 24 de junho, tido como o Padroeiro da Maçonaria, alvo de festas populares,

tradições e festejos da água, é invocado na abertura dos trabalhos em Oficina Maçônica, porém não constitui uma realidade, pois baseando-se em pesquisas e leituras , este santo não existiu dentro do Cristianismo, e que a primeira vista, temos a certeza que sim, dada sua invocação, mas o nosso Ritual não define qual São João estamos invocando.

O Fato que nos leva a pesquisas variadas é despertado ainda no reconhecimento de São João como padroeiro da Maçonaria em torno do mundo, porém somente invocado em Lojas do Brasil, e também de forma indeterminada, fazendo-se crer que este “João” no entanto poderá ser somente um personagem, não necessariamente um santo.

Em critérios de simbolismo , “João”, simbolizaria o SOL entrando no signo de Áries, como significado de “doce cordeiro”, a doçura dos raios do Sol. “João” seria, acompanhado de um cordeiro, como se vê na iconografia cristã, como símbolo da ressurreição da natureza.

Vários Autores, quando se referenciam em padroeiros da Maçonaria , destacam dois “Joãos” evangélicos, o Batista e o Evangelista. Estes dois padroeiros teriam, cada qual um período de ação a saber: De 28 de dezembro a 23 junho, o padroeiro seria “São João Evangelista”; De 24 de junho a 27 de Dezembro , seria “São João Batista”, eis que no dia 24 de junho inicia o solstício de inverno”, expressado por São João Batista e no dia 27 de dezembro, inicia o solstício de verão, expressando São João Evangelista, no entanto, ocorre que essas datas e os respectivas “Joãos” são aplicadas a nós Brasileiros, pois, no hemisfério norte , que abrange a Europa , os solstícios mudam de data , pois quando é verão para nós é inverno para o hemisfério norte, logo, por ocasião da abertura de

nossos trabalhos, nos dias 27 de dezembro e 24 de junho, o patrono muda.

Deste fato comentado, podemos mais uma vez determinar que historicamente os patronos de Cidades, Paises, Estados, comunidades e outro tipo de ordem comunitária se limitam à apenas 01 Santo ou Santa, e na Maçonaria, diretamente considera dois "Joãos" como seus padroeiros, porém para simplificar os Rituais, utilizamos apenas "São João".

Um dos fatos que se deve destacar é que as Lojas Maçônicas na Inglaterra não adotam nenhum dos "Joãos" que destacamos anteriormente, mas sim "São Jorge", que dentro da Igreja é um Mito, ou seja, uma lenda.

Uma observação que deve se destacar neste compêndio é que a Igreja santificou uma serie de "Joãos" que perfeitamente poderiam ser patronos para a Maçonaria, posto que , nosso "João", adquira feições mitológicas, e se considera uma lenda maçônica, faz-se necessário apresentar os nomes dos "Joãos" que a igreja conduziu aos seus altares, porque, sabendo-lhe os feitos, os martírios, poderemos encontrar liames ou raízes com nossa instituição.

Nossa Pesquisa para composição deste compêndio, encontrou trinta e três "Joãos" e contamos uma pequena biografia de cada qual, porém para não estender os trabalhos, estaremos relacionando-os por ordem de consagração, e fazer-se conhecê-los sem os destaques biográficos:

1 – São João Calibita
2 – São João Esmoler
3 – São João Crisostomo

4 – São João de Reomé

5 – São João de Alexandria
6 – São João Bosco
7 – São João do Egito
8 – São João Clímaco
9 – São João da Cisterna
10 – São João de Mata
11 – São João de Vandiéres
12 – São João da Cruz
13 – São João de Deus
14 – São João Damasceno
15 – São João de Beverley
16 – São João Silencioso
17 – São João Nepomuceno
18 – São João Batista de Rossi
19 – São João de Prado
20 – São João 1º
21 – São João de Sahagun
22 – São João de Matera

23 – São João 1º de Nápoles
24 – São João IV de Nápoles
25 – São João Fisher
26 – São João de Chinon
27 – São João Cassiano
28 – São João Colombini
29 – São João Batista Maria Vianney
30 – São João Berchmans
31 – São João o Anão
32 – São João Câncio
33 – São João Capistrano

Esses 33 “Joãos” tiveram o seu período áureo e depois passaram ao desuso, face ao estudo biográfico de cada qual, onde percebe-se nitidamente esse esquecimento. Porém, sendo a Europa um continente muito antigo e com construções que sobrevivem à séculos e porquê não dizer milenares, em várias igrejas e catedrais, sempre deverá haver a presença de lápides, túmulos , altares dedicados a esses Santos do passado.

A literatura deixada por eles , é conservada nas estantes de museus, bibliotecas de mosteiros, Universidades Religiosas, como um acervo literário da época. Os motivos que ocasionaram esse ostracismo, são óbvios, especialmente, pela evolução do pensamento humano.

Para nós neste hemisfério, esses Santos, pouco significam, e não tem fieis e devotos; os seus nomes são totalmente desconhecidos e somente em ocasiões como a que estamos estudando neste compêndio é que eles são lembrados.

Nosso estudo não estaria completo se não incursionássemos pelas vidas daqueles Santos, tidos como seguros patronos da Maçonaria: São João Batista e São João Evangelista, ambos possuem suas historia destacadas no Livro da Lei, a Bíblia, sendo São João Batista, aquele que Batizou o Messias nas águas do Rio Jordão e o São João Evangelista, aquele menino ainda novo, que fora arrebatado por Jesus como um Discípulo de seus ensinamentos.

Permitimo-nos complementar nesta análise, a viabilidade de uma outra interpretação quanto ao nome “João”. Trata-se da mitologia romana, que faz referência a JANO, uma divindade Romana.

Há certa dúvida quanto a sua origem; nascido em Citia, ou em Perrebos na Tessália, ou em Atenas como filho de Apolo e Creusa, filho de Ereteu.

Feito Homem, organizou uma frota de barcos e aportou na Itália, onde fez inúmeras conquistas chegando a construir uma cidade dando-lhe o nome de Janícula.

A Lenda diz que reinou no Lácio, onde Saturno expulso do Céu foi para lá refugiar-se, ingressando na Corte de Jano.

O Reinado de Jano foi pacifico e por esse Motivo é considerado o Deus da paz.

O Rei Numa construiu em seu Louvor um Templo aberto em tempo de Guerras e fechado em tempo de paz.

Jano tinha um duplo rosto, porque exerce o seu poder tanto no céu, no mar , como na terra.

Tem a idade do Mundo, tudo abrindo e fechando de acordo com sua vontade.

Sozinho governa o Universo. Preside as portas do Céu, e as guarda de acordo com as horas, observando o Oriente e o Ocidente.

É representado com uma chave em uma das mãos e uma vara na outra, para demonstrar que é guardião das portas e que preside os caminhos.

As portas se chamam JANUAE (Janeiro).

O Rei Numa, deu ao primeiro mês do ano, com o significado de "entrada" e "porta" e em homenagem a Jano, o nome de Janeiro.

Jano ou Janus, portanto significa "entrada", o que em Maçonaria é sintomático, pois nenhum trabalho se inicia sem que a "entrada" do Templo esteja "à coberto", isto é, sem que Jano esteja presente para essa precaução, ele como guardião das Portas do Céu.

Seria esse o Patrono da Maçonaria.??

Sem dúvida alguma, a invocação de um PATRONO que se denomina de, simplesmente João, ou Jano, ou Janus, Giovanni, John, Johan, ou nomes semelhantes de conformidade com o que se fala nos países do mundo, pouco significado tem: **ovalor da invocação reside no que representa a lenda de um protetor invisível, mais símbolo que realidade.**

O TRIÂNGULO

Seguindo a mesma linha de produção dos compêndios que venho mantendo, para este momento, me vejo inspirado em falar um pouco sobre a figura geométrica conhecida como TRIÂNGULO, cuja é destacada como a figura mais perfeita entre todas e resume todo o simbolismo maçônico, uma vez o encontramos dentro do Templo assumindo várias posições e compondo vários aspectos simbólicos, adornando jóias e servindo de destaque muito visível

para os olhos dos visitantes profanos, e porquê não aos nossos próprios olhos.

Figurativamente, o Triângulo é colocado em duas posições: uma, de forma transparente e contendo em seu centro a letra hebraica IOD; a segunda, sobre o trono do Venerável Mestre, tendo em seu centro, um olho.

Embora o meu desejo para este compêndio fosse de estudar todos os aspectos do Triângulo, prefiro me deter mais extensivamente no filosófico sentido do triângulo iluminado, o Delta Luminoso, colocado sobre o trono da Venerança, sem confundi-lo com o Delta Sagrado que é colocado à frente do dossel.

Para aquele que ler este compêndio, devemos abrir nossos pensamentos para compreendermos o Triângulo em suas multíplices formas, partindo do menor instante universal: **O PONTO.**

O Ponto é a menor porção de um corpo, ou seja, o que ocupa menor parte do espaço. **Ponto Matéria, Ponto Pensamento, Ponto Espírito, Ponto Símbolo.**

O espaço não é necessariamente um lugar determinado e prefixado, mormente que, o homem, ainda não pode afirmar categoricamente, não pode dizer a palavra final, sobre o que seja o espaço, porém , dentro da limitação de nosso entender, torna-se compreensível situarmos um ponto em determinado espaço, seja dentro de um sonho, ou na imaginação visual de quem , com os olhos fechados, situa em algum lugar um ponto.

Hoje, já não podemos sequer fornecer uma medida determinada de um ponto, porém filosoficamente, podemos entender o ponto

como um princípio, algo que pode representar o inicio de algo, parte deste, ou o fim deste.

Diziam os antigos matemáticos e geômetras que: “Um ponto era a extremidade de uma linha ou a interseção de duas linhas”, portanto, vamos partir do fim para esclarecermos o principio, o qual devemos entender que a linha nada mais é que a trajetória de um determinado ponto quando este se desloca no espaço, logo podemos também concluir que o Ponto origina a linha Reta, o Círculo e toda figura geométrica.

Compreende-se também com facilidade , o significado do Ponto como Centro. **O Centro do Universo; o Centro de Deus, o Centro de um pensamento, o Centro de um interesse qualquer,** tudo terá sempre um Ponto central, até o próprio assunto que explanamos neste compêndio, a própria questão, o problema, a imagem, o símbolo, possuem um centro.

Assim podemos também entender que um Ponto contém todo um Universo, não sendo ele, apenas um elemento, mas um **TODO** que pode subsistir por si só, e que ao mesmo tempo é um múltiplo.

O Ponto filosófico torna-se compreensível se o entendermos como a função de todos os pensamentos, onde não há mais lugar para nada, porque ele contém **TUDO.**

É evidente que qualquer estudo de cunho filosófico ou simbólico, tal como este compêndio, será o de “abrir” o “Ponto Filosófico”, extraindo dele todas as coisas, conhecimentos e o próprio entendimento de DEUS, O Grande Arquiteto do Universo.

O Ponto, é o próprio SER, a essência e a substância de todas as coisas, o início, o traçado e o fim da Linha reta de nossas ações.

Como vimos até aqui, descrevemos que a linha reta é produzida pelo ponto em movimento, logo, podemos deduzir que a linha reta é o produto de uma ação. Uma Linha Reta poderá possuir um principio e um fim, que são suas extremidades, mas também , uma de suas extremidades pode não ser o “final”, eis que, ela pode dirigir-se ao infinito.

Uma Linha Reta, pode não passar de uma seqüência de pontos e estes simbolizando a jornada através do Cosmos. Entre cada ponto, um espaço, demonstrando que a vida é formada de sucessivos momentos, que se repetem até o infinito.

Quando um ponto, faz surgir a linha reta, esta propriamente não tem uma direção definida, tanto poderá dirigir-se horizontalmente para o infinito como verticalmente, por que o infinito não possui hemisférios e pontos cardeais. Tudo seria desnecessário, mesmo a descrição geométrica de uma linha e de um ponto se não houvesse o interesse de aplicar as definições à vida humana e com mais propriedade, ao Maçom , Livre e de Bons Costumes, pois quando afirmamos que o maçom deve buscar na iniciação os elementos para que tenha e faça uma vida feliz, e o comparamos a todos os múltiplos símbolos maçônicos, temos em mente e isto é a nossa constante preocupação, de suprimirmos o maçom com os elementos necessários para que ele possa enfrentar as vicissitudes da vida e fazê-lo entender que sua vida é um constante aprendizado, não para que resulte em alguém mais ilustrado, mas para que possa realmente ser feliz.

Como um ponto em direção ao infinito, a vida tem necessidade de deixar atrás de si, alguma coisa de palpável, e nada mais que um “rastro” luminoso, uma reta a indicar que sobre ela, alguém construiu um vida feliz.

Se um ponto para criar uma linha reta necessita de uma série intermitente de movimentos, assim a vida tem necessidades desses mesmos movimentos.

A Linha Reta que a Maçonaria coloca a dispor do Homem, não produz artefato material algum, mas constrói a trajetória segura para um caminho triangulado de suas ações, quando falamos de triangulação, veremos sua derivação da palavra triângulo, que também deriva do latim "Triângulos", que é uma figura geométrica, formada por três linhas, chamada um delas de hipotenusa e as demais de catetos, as quais se unem mutuamente.

No que diz respeito à extensão e tamanho de seus lados, possui três variantes, ou seja, O Triângulo Eqüilátero, que possui 03 lados iguais, o Triângulo Isósceles que possui somente dois lados iguais, e o Triângulo escaleno que possue três lados desiguais.

Tomando-se em consideração a estrutura do triângulo e a forma de seus lados, divide-se em retilíneo, curvilíneo e mistilíneo. Quanto a sua forma, recebe as denominações de Triângulo Retângulo ou octogeno, quando um dos seus ângulos tiver forma reta. Triângulo obliquângulo, quando nenhum dos seus ângulos são retos. Triângulo acutângulo ou oxigeno, quando seus três ângulos forem agudos. Triângulo obtusângulo ou ambligônio, quando possuir um ângulo obtuso.

Triângulo plano, é aquele que tiver seus três lados sobre o mesmo plano.

Triângulo Esférico, quando for traçado sobre a superfície de uma esfera e especialmente o que se compõe de três arcos de Círculo Máximo.

Na Triangulação temos o Triângulo Quadrantal, ao esférico que possui por lados um ou mais quadrantes.

Na astronomia, surge o Triângulo Boreal, constelação que se encontra abaixo e um pouco ao sul de PERSEU.

Triângulo Astral, é a constelação celeste que se encontra nas proximidades do Pólo Sul.

Triângulo de Orchel, na ordem gramatical, que é o artifício empregado por ORCHEL, para explicar a correlação das vogais "A" , "I " e "U" e as demais "O" e "E", colocadas num triângulo em cujos vértices se colocam as 3 primeiras e as 02 últimas se intercalam ao correr dos lados do referido triângulo.

O Triângulo é uma figura matemática, composta de 03 lados e 03 ângulos, e pelo que diz respeito ao eqüilátero, é considerado como símbolo da perfeição geométrica, porque tanto suas linhas, como seus lados e seus ângulos são exatamente iguais e portanto, não há símbolo tão interessante em sua interpretação , nem que contenha mais variações em suas aplicações, ou mais maçonicamente que dito "Símbolo".

O Triângulo foi adotado por quase todas as associações místicas da antiguidade como símbolo da divindade, dando-lhe diversas interpretações, em forma de doutrina, mitos ou lendas. Não se trata, portanto de um símbolo exclusivamente maçônico.

Assim como na Geometria, o Triângulo Eqüilátero é a mais perfeita das figuras, na Maçonaria o Triângulo é o mais perfeito de seus emblemas, pois na representação do DELTA SAGRADO, há a presença do Grande Arquiteto do Universo.

O Triângulo é a primeira das superfícies geométricas, portanto, a base fundamental da medida, ou seja, a unidade trigonométrica, que se aplica a toda medida dos corpos e do espaço, fazendo com que a propriedade do triângulo seja aplicada a todas as ciências considerar como sendo de origem sagrada dentro dos conceitos religiosos.

O Triângulo representa a Natureza, mas uma natureza que reflete as suas próprias leis e as leis do Universo, fundindo-se do Criador, o Semelhante e o nosso EU. Universo aqui, no sentido mais amplo de UM em diversos, abrangendo todos os possíveis e prováveis universos existentes no Cosmos.

A fusão dos três lados do Triângulo Eqüilátero faz surgir uma superfície e será nessa superfície que iremos encontrar em uma só área o Criador, o Semelhante e o nosso EU.

Se o meu EU, é universal e contém o Criador e o meu próximo, EU estarei completo e em plena harmonia com as leis do Universo.

Os Componentes físicos do triângulo, podem ser estudados, pois, deles emanam conhecimentos, também de certa profundidade: em linhas gerais, o “Delta Luminoso”, compõe-se do Triângulo, de sua superfície , e do olho interno.

Destas três figuras, qual a mais importante , será muito difícil e ousado destacar, pois o valor está em seu conjunto, em seu todo conhecido, visível e invisível e desconhecido.

Percebo que em Maçonaria sempre há um aspecto que não se revela, seja por falta de conhecimento, seja por falta de oportunidade, ou por falta de pesquisas profundas para produção de peças, mas encontramos em alguns autores e pesquisas, assuntos

dirigidos para o estudo da superfície do Triângulo, o qual é comum citar que nada mais representa que a própria Loja constituída em seu aspecto físico, ausente o elemento humano. Indo um pouco mais a fundo, podemos dizer que todos nós, sempre nos encontramos em superfície, seja em que assunto for, maçônico ou profano. A superfície é o mundo, mas não o Universo. A superfície é o lugar comum, a inteligência estacionária, o viver vegetativo, sem preocupações com os males ou aflições do próximo, sem o interesse para o desconhecido; a apatia, o descaso, o egoísmo. Enfim, no sentido figurativo e pejorativo, o mundo material.

Mesmo em se tratando do Universo ou de Deus, não se poderá abstrair o mundo. A oposição sempre foi necessária e está presente em qualquer movimento de redenção. Sem a oposição e a luta, nada foi conquistado, assim, também o é na Maçonaria.

A superfície do triângulo é constituída de um determinado espaço que não está ocupado, mas que serve para situar o Olho Divino, e limitar as três linhas que formam a mais perfeita figura geométrica.

A Superfície não vislumbra a profundidade e nem as alturas, pois ela não possui verticalidade.

É a PLANÍCIE.

E será na planície que iremos buscar a nossa meta, enquanto o Espírito não nos proporcionar asas para o vôo iniciático.

O Maçom que se considerar feliz na superfície do conhecimento maçônico, sem aspirar grandiosidades, terá alcançado a lição da sabedoria. Seu mestre terá nele um excelente discípulo.

Enfim, o Maçom deverá estagiar em todas as três figuras geométrica citadas (Ponto – Linha – Triângulo) ao seu devido tempo, mas antes de estacionar no triângulo deverá ter compreendido as lições que as demais figuras oferecem.

A CULTURA DO SILÊNCIO E A ATITUDE DA DISCRIÇÃO

Sinto-me tocado neste momento de reflexão pelo assunto central deste compêndio: **O Segredo e a Discrição das Informações de nossa Ordem**, pois, em vias de meus estudos e pesquisas que venho realizando desde minha Iniciação na Maçonaria e me deparo com a facilidade com que as informações de nossa Ordem estão sendo defragadas, seja através de meios da Imprensa Escrita, ou através de meios digitais (no caso a Internet). Ao meu entender, isto está diretamente ligado à evolução progressista que a comunicação vem sofrendo ao passar dos anos, partindo do

princípio que hoje a tão almejada informação é muito rápida, rápida mesmo, pois tomando como exemplo , em 1865 , a notícia da Morte do Presidente Abraham Lincoln levou três semanas para chegar a Europa, e hoje, uma informação pode chegar ao outro lado mundo na mesma velocidade da bala que o matou.

Particularmente, acredito que a celeridade das veiculações atuais, tem sido importante para estreitarmos relacionamentos com outros Países, com Familiares, enfim, está trazendo o "mundo" mais perto de nossa Casa, porém, também acredito que algumas informações e situações estão perdendo sua beleza, seus propósitos, seus objetivos, suas tradições e causando a fragilidade daqueles ou daquilo que obtém e obtiveram da dificuldade e morosidade da comunicação a sua grande força.

Encontro-me neste momento, junto aos meus Livros que pesquiso, com uma Revista de Circulação Brasileira de aproximadamente 03 milhões de exemplares mensais chamada "Super Interessante", e cuja Edição (09/2005) está com a capa destacando a seguinte chamada: "**Os Segredos da Maçonaria –** Os Rituais, os personagens e os Mistérios da mais Influente sociedade secreta do mundo". Para mim não foi novidade este tipo de chamada, pois assuntos como os da nossa Ordem são muito comercializáveis, mas o que me "assustou" foi a facilidade como algumas informações estão circulando, seja via Imprensa Escrita como também a própria internet, ora fruto do progresso que vivemos.

Preocupado, talvez sem motivos aparentes, cheguei a conclusão que a disciplina do silêncio foi e é um dos ensinamentos fundamentais da Maçonaria, pois quem está falando, escrevendo e publicando muito, vem pensando pouco; mas não o falar, escrever e publicar com objetivos centrais de Estudo e Aperfeiçoamento, mas o falar, escrever e publicar com objetivo de oportunismo financeiro ou com sentimentos de conquistas.

A Maçonaria não enquanto escola de Filosofia e sim escola de Filosofar, quer que seus adeptos se tornem mais pensadores do que escritores e faladores.

A busca da verdade, tão almejada em nossa Ordem não se atinge com muitas palavras e discussões, mas sim com o estudo, a reflexão e a meditação silenciosa, seguindo o princípio que, apreender a calar é aprender a pensar e meditar.

Esta obrigação está em perfeito acordo com as palavras de Jesus: **“Não deis coisas sagradas aos cães ou pérolas aos porcos",** e de Buda: **"Não turbe o sábio a mente do homem de inteligência retardada"**; como também na máxima hermética: **"Os lábios da sabedoria estão mudos fora dos ouvidos da compreensão".**

O termo cão, nas palavras de Jesus, nada significa de injurioso, sendo uma palavra de uso no Oriente no sentido de profano ou "estranho"; e no que dizem respeito às pérolas, estas representam uma imagem muito expressiva dos fragmentos da sabedoria que o iniciado maçom deve reunir cuidadosamente, no místico silêncio da alma, em vez de "atirá-las" ao mundo das paixões, onde ninguém sem a devida sabedoria iria compreendê-las.

Por estas ou outras razões a disciplina do silêncio teve uma importância tão grande na escola pitagórica, onde a nenhum discípulo era permitido falar, sob nenhum pretexto antes que houvessem transcorrido os três anos de sua aprendizagem, período que corresponde exatamente ao do aprendizado simbólico maçônico.

Saber calar não é menos importante que saber falar, e esta última arte não é perfeitamente aprendida antes que tenhamos nos adestrado na primeira, retificando por meio do esquadro da reflexão todas nossas expressões verbais instintivas.

No silêncio das idéias há o amadurecimento e a claridade, fazendo com que a verdade apareça como a Verdadeira Palavra que é comunicada no segredo da alma de cada ser. A Arte do Silêncio é, pois, uma arte complexa, que não consiste unicamente em calar a palavra exterior, mas que também ocorra o silêncio interior do pensamento: **quando soubermos calar nossos pensamentos então a Verdade poderá intimamente revelar-se e manifestar-se em nossa consciência.**

Além do Silêncio, temos também como obrigação a promessa de "não escrever", gravar ou fazer qualquer sinal pelo qual possam conhecer-se tanto a Palavra Sagrada, como os meios de comunicação e reconhecimento entre os Maçons. Esta obrigação, em seu sentido exotérico, destina-se a proteger a unidade e inviolabilidade da Ordem, e, portanto, a continuidade da tradição que por meio dela se transmite simbolicamente.

Para poder realizar a disciplina do silêncio falado e escrito, temos igualmente de compreender o significado e o alcance do segredo maçônico. O maçom deve calar-se ante as mentalidades superficiais ou profanas sobre tudo aquilo que somente os que foram iniciados em sua compreensão podem entender e apreciar.

Por outro lado, os sinais e meios de reconhecimento, e tudo quanto se refere aos trabalhos maçônicos, devem conservar-se no mais absoluto segredo, posto que deste segredo depende a perfeita aplicação, utilidade e eficácia dos mesmos. São estes os meios exteriores ou materiais com os quais está formada e é soldada, fazendo-se efetiva a mística cadeia de solidariedade, que através da Maçonaria abraça toda a superfície da Terra.

Tomamos como exemplo a palavra sagrada, o qual se refere mais particularmente ao místico Verbo ou Ideal Divino que cada um recebe no íntimo de seu ser para expressá-lo numa atividade construtiva. Atividade esta que será o meio pelo qual exteriormente será reconhecido como Maçom por todos **"os bons e legítimos maçons"**. Esta palavra não deve dar-se a conhecer exteriormente a ninguém, pois, perderia sua eficácia, assim como a semente perde seu valor vital se for afastada da terra aonde deve germinar.

Nenhuma razão justificaria que o Maçom violasse o segredo ao qual se obrigou com solene juramento, sobre a forma de reconhecimento entre os Maçons e o caráter de seus simbólicos trabalhos, nem sequer quando lhe parecer útil para sua própria defesa ou para a defesa da Ordem.

Como os Iniciados antigos sempre fizeram os Maçons de hoje devem suportar estoicamente e deixar sem resposta as acusações e calúnias das quais forem objeto, esperando com tranqüila segurança que a verdade triunfe e se revele por si mesma, pela própria força inerente a ela, assim como inevitavelmente sempre ocorre.

O Iniciado Maçom deve, pois, renunciar sempre à sua própria defesa, quaisquer que possam ser as acusações e ofensas que lhe sejam dirigidas. Deve, além disso, estar disposto a sofrer, se necessário, uma condenação imerecida: **Sócrates e Jesus, entre**

outros, são dois exemplos luminosos, cujo martírio foi transmutado em apoteose. A Verdade que silenciosamente atesta sua conduta fará para si, sem dúvida, sua defesa segura e infalível.

No que diz respeito ao ritual maçônico, é certo que boa parte das formalidades em uso, na sociedade, não permaneceram inteiramente secretas. Mas, é igualmente certo que não podem ser de utilidade verdadeira senão para os Maçons, da mesma maneira que os instrumentos de determinada arte só servem para os obreiros conhecedores e capacitados nessa. A grande maioria das obras que tratam de Maçonaria sempre caem, direta ou indiretamente, nas mãos de Maçons, que, por outro lado, são os únicos capacitados para realmente entendê-las.

Assim, pois, é dever do maçom cuidar de que seja observado o segredo também, naquelas partes do ritual maçônico que possam ter chegado a conhecimento público, abstendo-se de igualmente negar como de confirmar a autenticidade das pretensas revelações encontradas nas obras que tratam de nossa Instituição e que muitas vezes revelam extrema ignorância além de superficialidade.

Quanto ao verdadeiro "segredo maçônico", a sua natureza esotérica coloca-o para sempre ao abrigo dos espíritos superficiais, tanto fora como dentro de nossa sociedade. Ainda que se possa falar deste segredo com toda clareza em obras similares à presente, quem as escreve bem sabe que sua compreensão e entendimento não podem ir mais além daquilo que lhe tenha sido destinado pela Hierarquia Oculta que governa a Ordem, pois os que lêem e entendem, são Maçons desejosos de conhecer o significado oculto do simbolismo de nossa Arte.

A discrição do Maçom que entende os segredos da Arte também deve ser exercida com os irmãos que não possuem ainda a

suficiente maturidade espiritual, que é condição necessária para que possam fazer uso proveitoso de suas palavras.

A verdade não serve e não pode ser recebida por aquele que não se encontre ainda em condições de entendê-la, ou prefira viver no erro, pois todo esforço que for feito para convencê-lo transmutar-se-á em vosso prejuízo pessoal. **Deixai, pois, em paz todos aqueles irmãos sinceros, e muitas vezes entusiastas, que entendam a Maçonaria à sua maneira, com espírito semi-profano, e que se esforçam em praticá-la com boa vontade, na medida de seu entendimento e de seus princípios religiosos e sociais, pois cada qual neste mundo procura uma filosofia para sobreviver aos arrastamentos do mau.**

O maçom que conhece a verdadeira palavra deve estar sempre disposto a dar a letra que lhe corresponde quantas vezes esta lhe for pedida. Mas deve esperar sempre que esta letra lhe tenha sido direta ou indiretamente pedida fazendo com que ela esteja em perfeita correspondência e harmonia com a letra encontrada que lhe é dirigida como pergunta. A cada um se responde quando se julga necessário, de acordo com as idéias que ele expressar: **Não se fazer compreender bem causa dano igualmente a quem fala e a quem escuta.**

Lembremos que as três obrigações de nosso Juramento, dizem respeito aos: **Segredos da Ordem, Não escrevermos, Falarmos ou fazermos qualquer menção em sinais sobre estes segredos e os Deveres de Solidariedade que unem todos os Maçons**, e aproveitando o ensejo desta pesquisa, destaco que devemos ajudar-nos e socorrermos-nos onde nossas forças o permitam, tanto moral como materialmente. Isto não quer dizer que devamos fazê-lo com prejuízo de outrem, amparando injustiças e ações desonestas, mas

que devemos cumprir para com nós mesmo o primeiro dever de humanidade, fazendo em todas as circunstâncias tudo o que o amor fraternal e nosso próprio senso do bem, nos sugerir, evitando tudo quanto possa prejudicar-nos direta ou indiretamente.

Caros IIr.·. Leitores , antes de faltarmos a estes juramentos, **preferimos ter a Garganta Cortada e a Língua arrancada pela raiz** , o que significa, perder o poder da palavra, cuja eficácia construtiva e regeneradora ,depende do segredo e da veneração com os quais se custodia em religioso silêncio exterior para que possa livremente manifestar-se em seu interior.

É o castigo simbólico que o indiscreto recebe, naturalmente, como conseqüência necessária de suas próprias ações quando faz uso indevido, egoísta ou volúvel, do que lhe tiver sido confiado. Comunicando aquilo que não deveria, perde ou retarda sua própria capacidade de expressá-lo, assim como a capacidade de alcançar uma justa e perfeita compreensão das coisas. O indiscreto e o infiel nunca podem estabelecer-se na Verdade, cuja se envolve em seus véus mais impenetráveis, e se afasta deles para sempre.

Assim, a língua acaba efetivamente arrancada de sua raiz, quiçá**, não pode ser outra coisa senão a própriaverdade.**

V.I.T.R.I.O.L

Agora, neste compêndio que estou produzindo em meu postulado de Aprendiz Maçom, e aniversário de 06 meses de Iniciação na Ordem, tenho indagado ao meu coração qual a real essência de estar na Instituição Maçônica.

Em primeiro lugar é necessário fazer um severo exame de consciência para verificar o que era antes de ser Iniciado e o que sou hoje. Este exame é marcado pelas palavras que coloco como título desta pesquisa: V.I.T.R.I.O.L, por que está diretamente ligada e relacionada com a Câmara de Reflexão, cuja não representa unicamente a preparação preliminar de um candidato para sua recepção na Ordem, mas é principalmente aquele ponto crítico, aquela crise interior, onde começa a paligenesia que conduz à verdadeira Iniciação, à realização progressiva, ao mesmo tempo

especulativa e operativa, de nosso ser e da Realidade Espiritual que nos anima.

Na ocasião, naturalmente, muita coisa passou despercebida para quem não pode manter intacta a atenção, por não saber por que o colocaram naquele lugar, por não saber o que iria me acontecer, por não saber o que me esperava. Tudo era dúvida, tudo era surpresa, vindas do desconhecido. São tantas as inscrições distribuídas por aquelas paredes negras, são tantos os objetos postos diante dos olhos temerosos, que uma confusão enorme se estabelece no espírito.

Ficaria muito difícil e incompleto falar somente do significado da palavra V.I.T.R.I.O.L, sem falar da experiência prática deste isolamento ocorrido naquela que podemos chamar de CAVERNA e em suas paredes negras , escrito em Letras Brancas a presente palavra (assim entendida naquele momento) , pois quando repousamos o olhar sobre elas não conseguimos atinar com o que significavam.Quais as razões delas ali estarem, se era impossível que se pudesse alcançar sua significação? Jamais passou pela minha mente que aquelas letras fossem as iniciais das palavras que compõem uma frase latina do mais alto significado filosófico. Coloquei-me neste momento a reflexionar sobre o assunto, a pesquisar sobre a situação, a buscar o entendimento espiritual e iniciático, no qual disserto a seguir.

A Câmara de Reflexão, com seu isolamento e com suas negras paredes, representa um período de obscuridade e de maturação silenciosa da alma, por meio de uma meditação e concentração em si mesma, que prepara o verdadeiro progresso efetivo e consciente que depois tornar-se-á manifesto à Luz do dia. Por esta razão, encontram-se nela os emblemas da morte e uma lâmpada sepulcral, e acham-se sobre suas paredes, inscrições destinadas a pôr à prova a

nossa firmeza de propósitos e a vontade de progredir que tem de ser selada num testamento.

Ao ingressar neste quarto **(símbolo evidente de um estado de consciência correspondente)**, o propenso iniciado tem de despojar-se dos metais que porta. Tem de voltar a seu estado de pureza original uma nudez adâmica, despojando-se voluntariamente de todas aquelas aquisições que foram úteis para chegar até o estado atual, mas que constituem outros tantos obstáculos para seu progresso interior.

Deve cessar de depositar sua confiança e cobiça nos valores puramente exteriores do mundo, para poder encontrar em si mesmo, realizar e tornar efetivos os verdadeiros valores, que são os **morais e espirituais**. Deve cessar de aceitar passivamente as falsas crenças e as opiniões exteriores, com o objetivo de abrir seu próprio caminho para a verdade.

Isto não significa absolutamente que há a despojação de tudo que pertence e adquiri como resultado de seus esforços e prêmio de seu trabalho, mas, unicamente, que deve deixar de dar a estas coisas a importância primária que pode torná-lo escravo ou servidor delas, e que deve pôr, sempre em primeiro lugar, sobre toda a consideração material ou utilitária, a fidelidade aos **Princípios e às razões espirituais**. Este despojo tem por objetivo conduzir-nos para sermos livres dos laços que de outra forma impediriam todo nosso progresso futuro. Trata-se, portanto, em essência, do despojo de todo apego às considerações e laços exteriores, com a finalidade de que possamos ligar-nos à nossa íntima Realidade Interior, e abrir-nos a mais livre, plena e perfeita expressão: **"LIVRE E DE BONS COSTUMES"**

Ser "livre e de bons costumes" é a condição preliminar que é pedida ao profano para poder admiti-lo em nossa Ordem, condição necessária tanto de todo progresso moral como espiritual, de toda evolução na senda da Verdadeira Luz, ou ainda, da Verdade e da Virtude.

Livre dos preconceitos e dos erros, dos vícios e das paixões que embrutecem o homem e fazem dele um escravo da fatalidade. De bons costumes por ter orientado sua vida para aquilo que é mais justo, mais elevado e perfeito.

Estas duas condições tornam latente em cada homem à qualidade do Maçom e a possibilidade de fazer-se ou "ser feito" como tal, enquanto em sua plenitude, o caracteriza essa mesma qualidade. Na medida de sua liberdade interior e da orientação ideal de sua vida, o homem é e "se faz" um verdadeiro Maçom, um obreiro da Inteligência Construtora do Universo.

O despojo dos metais é assim, o despojo voluntário da alma, de suas qualidades inferiores, de seus vícios e paixões, dos apegos materiais que turvam a pura luz do Espírito; o abandono das qualidades e aquisições que brilham com luz ilusória na inteligência e impedem a visão da Luz Maçônica, a realidade que sustenta o Universo e o constrói incessantemente.

O intelectual deve da mesma forma despojar-se de suas crenças e preconceitos, as crenças e prejulgados científicos e filosóficos tanto quanto as superstições e **preconceitos religiosos** e vulgares, para que diante de seus olhos possa abrir-se o Caminho da Luz e da Verdade, aonde prepara para assentar seus pés e seu ideal.

Como o Homem deve aprender a pensar por si mesmo, atingindo a certeza e o conhecimento direto da Verdade, de nada lhe

servem as crenças e prejulgados que constituem a moeda corrente do mundo, as aquisições materiais, como as quais nunca a Verdade pode ser paga ou comprada, e a qual o Maçom deve alcançar pelo seu esforço individual.

A Câmara de Reflexão, como o seu próprio nome indica, representa antes de tudo aquele estado de **isolamento do mundo exterior** para a concentração ou reflexão íntima, com a qual nasce o pensamento independente e é encontrada a Verdade. Aquele mundo interior para o qual devem dirigir-se nossos esforços e nossas análises para chegar, pela abstração, a conhecer o mundo transcendente da Realidade. É o "conhece-te a ti mesmo" do pórtico de Platão, e pedra filosofal dos conceitos de Santo Agostinho como único meio direto e individual para poder chegar a conhecer o Grande Mistério que nos circunda e envolve nosso próprio ser.

Isto e a cor negra do quarto, trazem-nos à mente a antiga fórmula alquímica e hermética do V.I.T.R.I.O.L, que resume os dizeres em Latim: **"Visita Interiora Terrae, Rectificando Invenies Occultum Lapidem"**, ou seja**, Visite o interior da Terra e retificando-se encontrarás a pedra oculta"**. Isto é: desça às profundezas da terra, sob a superfície da aparência exterior que esconde a realidade interior das coisas e a revela retificando teu ponto de vista e tua visão mental com o esquadro da razão e o discernimento espiritual, encontrarás aquela pedra filosofal que constitui o Segredo dos Sábios e a verdadeira Sabedoria.

A representação da Verdade final e fundamental por uma pedra, não demonstra nada de estranho se imaginarmos que deve constituir a base sobre a qual descansa o edifício de nossos conhecimentos, que se transformará no Templo de nossas aspirações, e o critério ou

medida sobre a qual e a cuja imagem, devem enquadrar-se ou retificar-se todos os nossos pensamentos.

O crânio e as imagens da morte que se encontram representadas nas paredes da câmara, além de indicar a morte simbólica que é pedida ao candidato para que complete seu novo nascimento, mostram os fragmentos esparsos e desunidos da realidade morta e dividida na aparência exterior, cuja Vida e Unidade ele deverá buscar e encontrar interiormente, reconhecendo-a sob a aparência, e dentro dela.

A Câmara de Reflexões constitui a prova da terra, a primeira das quatro provas simbólicas dos elementos ,e, através de sua analogia, conduz-nos aos Mistérios das Iniciações Antigas, fazendo destaque aos Elêusis, nos quais o iniciado era simbolizado pelo **grão de trigo** atirado e sepultado no solo, para que germinasse, abrisse, por seu próprio esforço, um caminho para a luz.

A semente, na qual se encontra em estado latente toda a planta, representa muito bem as possibilidades latentes do indivíduo que devem ser despertadas e manifestadas à luz do dia, no mundo dos efeitos, pois todo ser humano, é, efetivamente, um potencial espiritual ou divino, idêntico ao potencial latente da semente, que deve ser desenvolvido ou reduzido à sua mais plena e perfeita expressão, e este desenvolvimento é comparável, em todos os sentidos, ao desenvolvimento natural e progressivo de uma planta. Assim como a semente, para poder germinar e produzir a planta deve ser abandonada ao solo, onde morre como semente, e renasce com o poder germinador da futura planta que começa a crescer; Assim também, o homem, para manifestar as possibilidades espirituais que nele se encontram em estado latente, deve aprender a concentrar-se no silêncio de sua alma, no intimo de seu ser, na sua

pedra filosofal, isolando-se de todas as influências externas, morrendo para seus defeitos e imperfeições a fim de que o germe da Nova Vida possa crescer e manifestar-se.

Uma vez que o germe espiritual, a Divina semente de nosso ser, é imortal e incorruptível, esta morte como toda forma de morte, sob um ponto de vista mais profundo é simplesmente o despojo de uma forma imperfeita e a superação de um estado de imperfeição, que foram no passado um degrau indispensável ao nosso progresso, mas que a atualidade transformou-se numa limitação e ao mesmo tempo numa necessidade. Essa imperfeição ou limitação que deve ser superada, os estreitos limites em que se acha enclausurado nosso pensamento e nosso ser espiritual pelos erros e falsas crenças assimiladas na educação e na vida profana é o que simboliza a casca da semente, produzida por esta como proteção necessária em seu período de crescimento, e inteiramente análoga à casca mental de nosso próprio caráter e personalidade.

Essa semente, que deve morrer na terra para produzir a nova vida da planta, cuja perfeição encerra em estado potencial, morreu e efetivamente renasceu no **pão** que está sobre a mesa da Câmara de Reflexões. Este pão representa, além disso, a substância que constitui o meio pelo qual a vida se manifesta em todas as suas formas, a matéria prima continuamente ao mecanismo incessante da renovação orgânica, passando de um a outro estado, de uma a outra forma de existência.

Ao lado do pão, encontra-se um copo com água, ou seja aquele elemento úmido, outro aspecto da própria Substância Mãe que é fator e condição indispensável de crescimento, germinação, maturação, reprodução e regeneração. Como a Vênus Anadiômera, que se transforma em Vênus Genitrix; a Mãe Universal, também a

Vida da somente pode nascer do seio das águas, enquanto que a terra mitologicamente simbolizada por Géa e Deméter (às quais estavam consagradas os Mistérios de Elêusis) converte-se na nutris.

Estas duas formas complementares da Substância Una, atuam constantemente uma sobre a outra, como podemos observar em todos os processos biológicos; Em seu estado primitivo, o pão representa o carbono que sob a forma de ácido carbônico, é encontrado na atmosfera, e que a vida vegetal transforma nos hidrocarbonatos, substâncias básicas que constituem todas as partes da planta, das quais nascem posteriormente as proteínas. Todas estas produções necessitam como base o elemento úmido, que pode comparar-se à Matriz, o Templo e a Oficina de toda a atividade orgânica.

Finalmente, o pão e a água possuem moralmente fundamentos de sobriedade e sensibilidade indispensáveis para a vida do iniciado, e juntamente com o despojo dos metais, este demonstrando seu discernimento, que o faz buscar unicamente o essencial, os verdadeiros valores da existência, que só podem nos dar paz, felicidade e satisfação, fazendo-se fatores de nosso progresso interior em Sabedoria e Virtude , eliminando todas as superfluidades e complicações da vida profana, em cuja busca o homem ordinário perde suas melhores energias.

Uma vasilha de sal e uma de enxofre encontram-se também sobre a mesa, junto com o pão e a água. Ainda que o primeiro seja habitualmente conhecido como um condimento, sua associação simbólica com o segundo não deixa de parecer algo estranho e misterioso. O que significam pois, estes dois novos elementos, este novo casal hermético, que se une ao anterior?

Trata-se de um novo tema de meditação que é apresentado ao iniciado, sobre os meios e elementos com os quais deve se preparar para uma nova Vida, iluminada pela Verdade e concebida, ativa e fecunda com a prática da Virtude, a que se referem o **Enxofre e o Sal** em sua mais elevada acepção.

Como tal, indica o primeiro a Energia Ativa, que se torna a Força Universal, o princípio criador e a eletricidade vital que produzem e animam todo crescimento, expansão, independência e irradiação. Enquanto que o segundo é o princípio atrativo que constitui o magnetismo vital, a força conservadora e fecunda que inclina à estabilidade e produz toda maturação, a capacidade assimilativa que tende para a cristalização, o princípio da resistência e a reação centrípeta que se opõe à ação ativa da força centrífuga.

Assim, pois, da mesma maneira que no pão e na água vimos os dois aspectos da substância cósmica e vital, nestes dois novos elementos temos os dois aspectos ou polaridades da Energia Universal, dirigido o primeiro de dentro para fora, aparecendo exteriormente como direito (ou destro), e o segundo de fora para dentro, manifestando-se como esquerdo (ou sinistro). É o impulso ativo que produz toda mudança e variação, e engendra no homem o entusiasmo e o amor à atividade, o desejo e a paixão.

A tendência passiva para a inércia e a estabilidade é inimiga de mudanças e variações, produzindo em nosso caráter, firmeza e persistência, e com seu domínio da mente, a ignorância, a inconsciência e o sentido da materialidade, que nos prendem às necessidades e preocupações exteriores e aos instintos destinados à proteção da vida em suas primeiras etapas. O primeiro nos impele constantemente para cima e para frente, anima-nos e nos dá firmeza em todos nossos passos, dá-nos o ardor, a iniciativa, o espírito de

conquista, à vontade e a capacidade de satisfazer nossos desejos e conseguir o objetivo de nossas aspirações; mas, dá-nos também, a inquietude, a inconstância e o amor das mudanças e novidades, a impulsividade que nos inclina para ações inconsideradas, fazendo-nos recolher frutos maduros e perder os melhores e mais desejáveis resultados de nossos esforços.

O segundo é aquele que nos refreia e desalenta; Faz com que nos recolhamos em nós mesmos, dá-nos o temor e a reflexão, faz-nos abraçar e estabelecer igualmente o erro e a verdade, os hábitos viciosos e virtuosos, faz-nos fiéis e perseverantes, firmes em nossa vontade e tenazes em nossos esforços; Dá-nos a capacidade de atrair aquilo com o que estamos interiormente sintonizados por nossos desejos, pensamentos, convicções e aspirações. Dá-nos a desilusão e o discernimento, afasta-nos das mudanças e de toda ação irrefletida, mas também, de todo progresso, esforço e superação. São as duas colunas ou tendências que se achar constantemente ao nosso lado, em cada um de nossos passos sobre o caminho da existência, e nossa felicidade, paz e progresso efetivo baseiam-se em nossa capacidade de manter em cada momento um justo e perfeito equilíbrio entre estas tendências opostas, conservando-nos a igual distância de uma e de outra, sem considerar que nenhuma das duas adquira um predomínio indevido sobre nós, mas que trabalhem em perfeita harmonia, dando-nos, cada uma delas, suas melhores qualidades:

O ardor reflexivo e a paciência iluminada, o entusiasmo perseverante e a serenidade inalterável, o esforço vigilante e a firmeza incansável.

A ação e interação entre estas duas tendências opostas, são pois, destinada a produzir em nós, tirando o estado latente que se encontra dentro de nosso Germe Espiritual, o mercúrio vital ou

princípio da Inteligência e Sabedoria, que corresponde ao ritmo da natureza, produzido pela lei de Harmonia e Equilíbrio.

O pensamento em todos seus aspectos nasce, pois, naturalmente no indivíduo, da ação e relação entre suas tendências ativas e passivas, entre o amor e o ódio, a atração e a repulsão, a simpatia e a antipatia, o desejo e o temor. Cresce e adquire sempre maior força, independência e vigor quando lutam entre si o instinto e a razão, a vontade e a paixão, o entusiasmo e a desilusão. Eleva-se e floresce sempre mais livre, claro e luminoso, conforme aprende a seguir seus ideais e aspirações mais elevadas, e quando estas conseguem sobrepor-se à sua ignorância, erros e temores, assim como às demais tendências passionais e instintivas.

Em outros termos, o pensamento nasce, cresce, se eleva e sublima, conseguindo alcançar horizontes sempre mais altos, amplos e iluminados, conforme predomine na mente e em toda a personalidade o elemento, o princípio do equilíbrio e da harmonia, que produz a Música das Esferas e engendra toda a criação e concepção caracterizada por sua genialidade e formosura. Pois este mercúrio sublimado é o único que pode perceber a Verdadeira Luz, que se torna, com seu reflexo mental luz criadora, simbolizada pela Vênus Celestial, antiga divindade da Luz, e, portanto da beleza que a acompanha.

O fogo, aceso no homem, inicialmente pelos desejos e paixões, e depois pela vontade, o entusiasmo e suas mais nobres aspirações (que constituem o enxofre em seus diferentes aspectos), agindo sobre a substância dos instintos, temores e tendências conservadoras (o sal da reflexão), que constitui a matéria-prima de nosso caráter, faz fermentar, ferver e sublimar esta massa heterogênea no crisol da vida individual, produzindo finalmente esse mercúrio refinado, ou seja, a

Sabedoria, nascida da transmutação por meio da sublimação e refinamento da ignorância, do erro, do temor e da ilusão.

O novo nascimento, a paligenesia simbólica, a regeneração ideal que indica, em todos seus aspectos, a Câmara de Reflexões, tem finalmente o seu selo e concretiza-se por um testamento, que é fundamentalmente um atestado ou reconhecimento de seus "deveres", ou seja, de sua tríplice relação construtiva, com o princípio interior (individual e universal) da vida, consigo mesmo como expressão individual da Vida Una, e com seus semelhantes, como expressão exterior da própria Vida Cósmica.

Trata-se de um testamento iniciático bem diferente do testamento ordinário ou profano.

Enquanto este último é uma preparação para a morte, o primeiro é uma preparação para a vida, para a nova vida do Espírito para a qual deve renascer.

Morte e nascimento são na realidade, dois aspectos intimamente ligados e inseparáveis de toda mudança que se verifica na forma expressão, interior e exterior, da Vida Eterna do Ser. Na economia cósmica, e da mesma forma na vida individual, a morte, cessação ou destruição de um aspecto determinado da existência subjetiva e objetiva, é constantemente acompanhada de uma forma de nascimento, **“Não há construção sem Destruição”** Assim, pois, só em aparência os consideramos como aspectos opostos da Vida, ou como seu princípio e fim, enquanto indicar simplesmente, uma alteração ou transformação, e o meio no qual se efetua um progresso sempre necessário, ainda que a destruição da forma não seja sempre sua condição indispensável.

Como emblema da morte do homem profano, indispensável para o nascimento do iniciado, o testamento que faz é um testamento do qual ele mesmo será posteriormente chamado a converter-se em executor, um Programa de Vida que deverá realizar com uma compreensão mais iluminada de suas relações com todas as coisas.

A primeira relação ou "dever" do testamento é a do próprio indivíduo com o Princípio Universal da Vida, uma relação que tem de reconhecer-se e estabelecer-se interiormente, e não sobre a base das crenças ou prejuízos, sejam positivos ou negativos. Não existe distinção em seu credo religioso ou filosófico; Para a Maçonaria todas as "crenças" são equivalentes, como outras tantas máscaras da Verdade que se encontram atrás ou sob a superfície delas e somente à qual aspira a conduzir-nos. O que é de importância vital é nossa íntima e direta relação com o Princípio da Vida (qualquer que seja o nome que lhe dê externamente, e o conceito mental que cada um possa ter formado ou dele venha a formar, uma relação que é estabelecida na consciência, além do plano da inteligência ou mentalidade ordinária, sendo só diretamente nela onde pode manifestar-se aquela Luz "que ilumina a todo homem que vem a este mundo".)

Tendo-se reconhecido, no íntimo de seu próprio ser, naquela solidão da consciência que está simbolizada pela Câmara de Reflexões como uma manifestação ou expressão individual do Princípio Universal da Vida, o candidato é chamado a reconhecer o modo pelo qual sua vida exterior se encontra intimamente relacionada com o que ele mesmo é interiormente, e como a compreensão desta relação tem em si o poder de dominá-la e dirigi-la construtivamente.

O homem é, como manifestação concreta, o que ele mesmo se fez e faz constantemente, com seus pensamentos conscientes e subconscientes, sua maneira de ser e sua atividade. Seu primeiro dever para consigo mesmo é realizar-se e chegar sempre a ser a mais perfeita expressão do Princípio de Vida que nele busca. E encontra uma especial diferente e necessária manifestação, deduzindo ou fazendo aflorar à luz do dia, as possibilidades latentes do Espírito, aquela Perfeição que existe imanente, mas que só se manifesta no tempo e no espaço, na medida do íntimo reconhecimento individual.

Quanto aos deveres para com a humanidade, estes representam um sucessivo reconhecimento íntimo que é complemento necessário dos dois primeiros: tendo-se reconhecido como a manifestação individual do Princípio Único da Vida, e sabendo que ele é por fora o que realiza por dentro, deve acostumar-se a ver em todos os seres outras tantas manifestações do próprio Princípio. Deste reconhecimento, brota como conseqüência necessária o seu dever ou relação para com a humanidade, que não pode ser outra coisa que a própria fraternidade.

O Mundo Profano sempre fará com que nos afastemos de nossa pedra filosofal, pois este é o caminho fadado ao Homem em nosso mundo vulgar, cheio de expiações, o qual dia a dia nos estafamos em luta para combatê-las, e para voltarmos ao nosso intimo sempre será de grande valia, mesmo como já iniciados, passarmos algumas vezes pela Câmara da Reflexão, e no silêncio do ser, estabelecermos nova visita, nova procura, e encontrarmos a Pedra Filosofal que nos conduz a satisfação da felicidade, mormente aos nossos princípios de Homens Livres, de Bons Costumes, Progressistas e combatedores das Chagas Sociais.

Encerro este compêndio com os dizeres de Theobaldo Varoli Filho – “Curso de Maçonaria Simbólica” – 1º Tomo – Aprendiz.

“...Por outro lado, surpreendente é lembrar que mesmo neste Século XX, houve genocídio, guerras cruéis, perseguições raciais. Ainda a maioria do mundo é vitima da pobreza, da ignorância, da miséria, enfim. Tudo isso começa a ser demonstrado, com realismo, nas Iniciações Maçônicas. Os Maçons, em vez de perderem seu tempo com lamúrias , trabalham em um Laboratório chamado Loja e assim preparam a Construção do Templo Social da Humanidade. É a sociedade do futuro. É a mais avançada de todas as doutrinas e a mais realista de todas as ciências sociais, sem prejuízo de ser fraternal... “

LIBERDADE

Prosseguindo os estudos sobre a simbologia que envolve o 1º Grau, os ideais místicos , os augustos mistérios, e a missão institucional da Maçonaria Universal dentro da expressão do ideal que a anima, que é a prática do aperfeiçoamento moral , intelectual e espiritual da humanidade, tendo por fim supremo a LIBERDADE, a IGUALDADE e a FRATERNIDADE, encontrei-me meditando neste meu Tempo particular de Estudos sobre a tão formosa tríade que move nossos ideais.

Leituras e meditações a parte, meus humildes conhecimentos e minha característica crítica e filosófica me fez, com auxílio de vários

autores, em diversas obras estudadas e filosofadas com maior profundidade, relevar as questões que envolvem a **LIBERDADE**.

Em primeiro momento podemos concordar que não existe em nenhum canto deste imenso mundo que vivemos algum Homem que possa se vangloriar de desfrutar de liberdade absoluta, pois todos nós necessitamos uns dos outros, tanto os mais pobres e fracos quanto os mais ricos e fortes, ficando disponível a liberdade absoluta somente ao Homem eremita em um deserto, pois a partir do momento que haja dois Homens juntos, haverá direitos e deveres a respeitar, e nenhum deles terá a liberdade total e absoluta conforme descrevemos ainda neste parágrafo. Podemos definir também que a obrigação de respeitarmos os direitos de outros não quer dizer que estamos tirando do Homem o direito de ser senhor de si, pois este é um direito que a natureza lhe concedeu em toda sua beleza e perfeição.

Existem Homens de opiniões liberais, tiranizados que possuem somente a compreensão da Lei Natural de Liberdade, porém, contrabalançada pelo Orgulho e o Egoísmo, e quando esse princípio (Liberdade) não é uma comédia calculadamente representada, o homem tem a perfeita noção de como deverá agir, mas não o faz.

Podemos ainda nos perguntar por que existem alguns Homens que parecem ser destinados a serem propriedades de outros Homens, fato verdade nos confins de nosso Brasil, em outros Continentes e outros Países, o qual podemos concluir que sendo a escravidão um abuso da força, esta irá desaparecer por completo de acordo com o progresso, assim como todos os tipos de abusos pouco a pouco desaparecerão em nosso meio Social.

Algumas culturas tradicionais, alguns países, Tribos e Etnias têm por costume a escravidão e para estes parece ser um procedimento

perfeitamente natural, porém, devemos conceber enquanto pensadores que o mal sempre será o mal e todos os sofismos não farão com que uma má ação se torne boa, mas a responsabilidade do Mal é relativa aos meios de que se dispõe para compreendê-la. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado da violação da lei natural; mas nisso, como em todas as coisas, a culpa é relativa. A escravidão, tendo se firmado nos costumes dos povos, tornou possível ao homem aproveitar-se dela de boa fé, como de uma coisa que parecia natural.

A partir do momento que sua razão se mostrou ou se mostrar mais desenvolvida e, acima de tudo, esclarecida pelas Luzes da Sabedoria Cristã, demonstrando que o escravo é um ser igual perante DEUS, não haverá mais desculpas que justifique a escravidão, mesmo que fazendo parte de tradições.

Filosofamos ainda, sobre a desigualdade natural de aptidões que colocaram algumas raças humanas sob a dependência de outras mais inteligentes, porém a natureza moral, pura e bela como é, morosamente e dentro dos critérios de evolução das raças, isso permitiu para erguê-las e não para embrutecê-las ainda mais pela escravidão. Os Homens tem considerado durante muito tempo algumas raças humanas como animais de braços e mãos, e se julgaram no direito de vendê-los como animais de carga. Eles acreditaram e alguns acreditam possuírem sangue mais puro; São insensatos os que vêem apenas o Material. Nisso, podemos concluir que não é o sangue mais ou menos puro, mas o Espírito.

Alguns compêndios da história nitidamente destacam que existiram "escravisadores" que não deixavam faltar nada, fazendo até mesmo que os escravizados pensassem que a Liberdade os exporia a piores privações, porém, podemos compreender neste compêndio que na verdade esses cuidavam melhor de seus interesses, pois

colocavam os mesmos cuidados com seus bois, cavalos e criações para tirar mais proveito deles no mercado. Não são tão culpados quanto os que os maltratavam, mas dispõem deles como de uma mercadoria ao impedir o direito de serem livres.

Diante desta introdução podemos perceber que o Homem veio a evoluir durante sua História, tomando como base os dias de hoje neste século XXI, mormente, podemos conceber que na História existem destaques voltados também a Liberdade do Pensamento, da Consciência e o Livre – Arbítrio , pois é pelo pensamento que o Homem desfruta de uma liberdade sem limites, não há obstáculos, podendo-se deter o seu vôo mas não aniquilá-lo.

Dentro de nossa Ordem e em nossos Ideais, instruímos ao Iniciado Maçom, que a Liberdade estudada e colocada em prática não é, pois, precisamente, aquela que pode conceder ou limitar as leis da sociedade, e não deve particularmente confundir-se com a licença de entregar-se ao vício e à paixão, que sempre levam a desordem à vida, e nos fazem realmente escravos de nossas debilidades, hábitos e tendências negativas, e sobretudo de nossos erros.

A Liberdade, no sentido iniciático, é uma aquisição individual, interior, fundamentalmente independente da liberdade externa que pode ser outorgada pelas leis e as circunstâncias da vida. É a liberdade que se adquire buscando a Verdade e é forçando-se do erro e da ilusão, e dominando as tendências viciosas, hábitos negativos e paixões destrutivas.

É a liberdade que encontramos, e que sempre nos é dada conservar quando agimos de acordo com nossos princípios, ideais e convicções íntimas, buscando o que seja melhor em si e por si, buscando nosso guia inspirador nas aparências externas, modificando e regrando segundo estas, nossa linha de conduta e

nossas ações. É, em outras palavras, o que obtemos por intermédio do uso da Régua e do Prumo, seguindo o caminho direto do Progresso e do dever, conhecimentos que tais instrumentos simbólicos nos ensinam a debelar e nos libertar das ignorâncias.

A igualdade iniciática, do mesmo modo baseia-se na liberdade da consciência da identidade fundamental de todos os seres, de todas as manifestações do Espírito ou Suprema Realidade, por cima e por trás de todas as diferenças exteriores de direção e grau de desenvolvimento. Esta igualdade, que se realiza por meio do Esquadro e do Nível, é a que nos proporciona uma justa e reta norma de conduta com todos nossos semelhantes, e nos atribui, nos faz ocupar o lugar que nos pertence no edifício da sociedade, e em qualquer outro edifício particular ao qual sejamos chamados a trabalhar.

Interiormente a Consciência da Igualdade é a capacidade de nos sentirmos iguais em todas as circunstâncias e condições exteriores, e em todo posto ou lugar que possamos temporariamente ocupar; É a igualdade que devemos tratar de cultivar em nossos sentimentos para com os demais, independentemente de suas palavras e ações para conosco, e com igual serenidade nas condições favoráveis como nas adversas, na fortuna e na desgraça, no êxito e no fracasso, na perda e no ganho, ou seja, diante de todos os pares de opostos, os ladrilhos brancos e negros, o dualismo da existência sobre os que igualmente devemos progredir, apoiando nossos pés.

Quanto à fraternidade, cuja somente conquistada com o alicerce firme da Liberdade, deve considerar-se como a soma e o complemento da liberdade individual e da igualdade espiritual, das que constitui a adaptação prática, sendo como a base do triângulo formado por essas duas linhas divergentes. A Fraternidade é, pois, tolerância com relação à liberdade, e compreensão com relação à

igualdade, manifestada na desigualdade. E é, ademais, a relação que a Maçonaria estabelece entre seus membros, como núcleo e exemplo daquilo que deveria existir entre todos os homens.

Praticamente a Fraternidade pode, entretanto, estabelecer seus laços unicamente entre os que se sentem Irmãos, ou seja, efetivamente filhos de um mesmo Pai, o Princípio Universal da Vida ou Ser Supremo, e de uma mesma Mãe, a Natureza, que a todos igualmente deu origem, sustentando-nos e nos alimentando. Com esse reconhecimento a Fraternidade faz-se efetiva, e segundo se generalize, chegará a espalhar-se sobre toda a terra e todos serão, como deveria e como deve ser, a relação normal entre todos os homens e povos.

Todos os homens podem ser irmãos segundo conhecem e realizam no íntimo de seus corações a Verdade da Fraternidade; isto é, de sua relação comum com o Princípio da Vida, por um lado, e pelo outro com o meio que os hospeda. Cairão então, as barreiras ilusórias que atualmente dividem os homens, conforme cai a venda que cobre seus olhos, e a Maçonaria terá espargido efetivamente sua Luz sobre toda a terra.

Para esta conquista, devemos nos ater a identificação e correção das mazelas sociais que distinguem e blindam nossa visão e nosso ideal, mascarando a própria **Liberdade** que essencialmente pela Historia evolucionista já está conquistada ou em vias de ser consagrada, mas não podemos esquecer que a Fome, a Desnutrição, as Drogas, a falta de Educação digna, as Guerras, o domínio político, a corrupção, entre outras situações que degradam o ser humano, nada mais são que veículos **escravisadores modernos**.

Para derrubarmos esta Blindagem, devemos “ajudar” nosso semelhante utilizando de ações voltadas à Solidariedade, Fraternidade

e a Caridade, ora todas bem entendidas e dissertadas como destaco a seguir, segundo minhas conclusões:

A **Solidariedade** é o sentimento de união que nasce de um Ideal comum, de uma comunhão de aspirações, uma união consolidada no mundo espiritual, manifestada exteriormente em pensamentos, palavras e obras por meio dos quais se evidencia e se realiza em termos efetivos de vida.

Os que lutam por uma idéia particular são solidários em tudo o que se relaciona com aquela idéia. Os que principalmente por uma idéia particular, esforçam-se para obter o triunfo impessoal do Bem, da Verdade e da Virtude, conviriam que estivessem ainda mais irmanados entre si, uma vez que o triunfo das mais nobres aspirações humanas não pode ser conseguido senão com a cooperação e os esforços unidos de todos os que as compreendam.

A solidariedade dos maçons deve ser, pois solidariedade no Bem, na Verdade e na Virtude, solidariedade em tudo o que for Justo, Nobre, Digno e Elevado. Uma solidariedade pronta para expressar-se em qualquer momento com palavras e ações perfeitamente de acordo com estas aspirações que devem dirigir-nos e com as quais verdadeiramente se realiza o místico Reino dos Céus sobre a terra e se faz a Vontade de Deus, que é o Bem e seu triunfo, assim na terra como no céu.

Quando assim o fazem os verdadeiros maçons demonstram serem verdadeiros cristãos, entendendo e pondo em prática as palavras do sublime Mestre de Nazaré, palavras que interpretam e aplicam por meio do Compasso e do Esquadro, que são os instrumentos da inteligência com os quais conhecemos a Verdade e

estamos capacitados a aplicá-la construtivamente às necessidades da existência.

Fala-se muito de **fraternidade** entre os maçons, como entre os membros de outras sociedades que a sustentam entre seus objetivos; mas, se do campo da palavra e da pura teoria, dirigimos nosso olhar à prática da vida diária, vemos como a efetiva realização da fraternidade deixa muito a desejar, e esta é a causa da desilusão e perda total da confiança de muitos na veracidade deste ideal.

E, entretanto, nunca podemos esperar uma realização de fraternidade diferente do entendimento particular de cada um. Em outras palavras, não é suficiente ser chamado maçom ou ser membro de outra fraternidade para que os demais se sintam no direito de exigir uma manifestação de fraternidade em todos os campos da vida, conforme os seus ideais particulares.

O amor é dado, mas nunca pode ser exigido, e o mesmo deve ser dito da fraternidade, que não pode ser senão uma manifestação do amor. Nenhuma verdadeira e sincera manifestação de fraternidade pode obter-se a não ser quando verdadeiramente a sentimos e realizamos interiormente; Um maçom tornar-se-á verdadeiro maçom e irmão conforme sentir em si mesmo o Ideal Maçônico e possa se reconhecer como irmão dos demais.

Quando se progride no Caminho da Vida e se aproxima do reconhecimento da realidade do Princípio Único de tudo, sente-se então, interiormente e de uma forma sempre mais clara, sua íntima união e solidariedade com toda a manifestação da Vida, e desta íntima consciência e sentimento, uma verdadeira compreensão e realização da fraternidade será a conseqüência espontânea e natural.

Que cada um, pois se eleve, à sua maneira, e conforme lhe for possível, sobre seu egoísmo e sua ignorância, e que reconheça sua verdadeira natureza, manifestação do Princípio da Vida que vive em todos os seres, reconhecendo assim seus deveres, ou seja, sua relação com o próprio Princípio da Vida, consigo mesmo e com seus semelhantes. Este é o caminho por meio do qual a Maçonaria ensina a fraternidade e busca sua mais prática e efetiva realização.

Esta fraternidade será primeiramente entre irmãos, pois só os que a entendem e se reconhecem como irmãos podem realizá-la; mas, como o Amor não pode Ter nenhum limite verdadeiro, e não existe condição ou estado em que não possa manifestar-se, não há ser ou manifestação de Vida Universal quem não possa ou deva estender-se. Esta é a Fraternidade dos Iniciados e dos verdadeiros Mestres.

Busquemos, pois, o Princípio Supremo e básico de tudo, reconheçamos a Verdade da Unidade da Vida e da íntima indivisibilidade de todos os seres: na proporção em que efetivamente cheguemos a este conhecimento, chegaremos, também, a reconhecer e realizar a verdadeira Fraternidade Maçônica, e esta cessará de ser uma vã utopia e um ideal abstrato fora das possibilidades humanas. Assim se realiza o Grande Mandamento do qual nos falava Jesus, cuja segunda parte, "ama a teu próximo como a ti mesmo", é o corolário natural da primeira: “ama a Deus (o Princípio ou Realidade da Vida) com todas as tuas forças, com toda tua alma e com todos teus pensamentos”.

Fala-se também muito, na Maçonaria e em outras instituições filantrópicas, da **caridade e beneficência**, como deveres que os mais afortunados tem para com os "desafortunados e deserdados da sorte". Mas, dificilmente a caridade e beneficência chegam a ser

verdadeiramente caritativas e benéficas, porquanto procedem do erro, bem mais que da verdade, e assim contribuem muitas vezes a reforçar e tornar estático ou crônico o mal que querem eliminar, reforçando sua raiz.

Como ensinado por todos os sábios em todos os tempos, a raiz e a causa primeira de todos os males, deve ser procurada no erro ou na ignorância. E até que não se remedie este erro e esta ignorância, toda a forma de caridade não será mais que um paliativo, pois não elimina a raiz do mal, senão que muitas vezes a torna ainda mais forte e vital com a própria consciência do mal que estimula.

A verdadeira caridade deve ser secreta e espontânea e não deve envolver em si nenhuma forma de humilhação. Prever as necessidades de semelhante que se ache manifestamente em dificuldades é muito mais fraternal que esperar que este peça uma ajuda, pois com o pedido esta já está quase paga e nada se paga tão caro como quando se pede.

A mão que dá com verdadeiro espírito de fraternidade deve ser escondida, e "a esquerda não deve saber o que faz a direita". Ainda que a ajuda direta possa ser, em alguns casos, útil e necessária (sempre que for uma verdadeira manifestação espontânea de solidariedade e fraternidade) é muito melhor dirigir-se à raiz do mal, em vez de contentar-se com remediar temporariamente seus sintomas exteriores.

A pessoa que se acha em circunstâncias materiais difíceis tem antes de tudo, necessidade de ser ajudada espiritual e moralmente, com pensamentos positivos que reergam seu estado de ânimo abatido, e tenham para ela o efeito das palavras taumatúrgicas: **Levanta-se e anda!**

Ajudar um semelhante a caminhar sobre seus próprios pés é muito melhor que provê-lo de muletas. Facilitar um meio de ganhar por si mesmo aquilo de que necessita é muito mais fraternal, desejável e digno que facilitar-lhe uma ajuda que o ponha, como beneficiado, em condições de inferioridade.

Mas quando isto não for possível momentaneamente, compartilhar o que temos, com verdadeiro espírito de solidariedade fraternal, segundo o próprio ditado da consciência, deve ser considerado como um dever elementar, um privilégio e uma oportunidade para todo iniciado que verdadeiramente sinta em seu coração o laço de fraternidade, a mística cadeia de união que o une a todos os seres, e em particular aqueles com os quais tem uma mais profunda afinidade moral e espiritual.

As precedentes considerações não devem ser entendidas com meios para afastar alguém de seus deveres de solidariedade para com seus semelhantes em geral, e seus irmãos em particular, mas ao contrário, para que eles sejam mais bem atendidos e praticados, despojados de toda ostentação por parte de quem dá e de toda humilhação por parte de quem recebe, como convêm para uma verdadeira expressão do espírito maçônico, que não pode ser nunca isolamento negativo nem deprimente solicitude.

Elevar-se sobre os sentimentos e os conceitos profanos de caridade, para realizar a verdadeira fraternidade dos iniciados, na qual aquilo que é feito por um irmão possui o mesmo espírito como se fosse feito para si mesmo, sem que disso nasça nenhuma obrigação ou dever de mostrar-se reconhecido, **este tem de ser o ideal de todos os verdadeiros maçons.**

Encerro este compêndio, cujo assunto acredito não esteja totalmente esgotado, com os dizeres de um grande Homem, iniciado

em nossa Ordem ainda no que podemos considerar como fim de sua Vida, que dentro de sua sabedoria proferiu as seguintes palavras:

> "Não concordo com nenhuma de tuas palavras, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-las”.
>
> Voltaire

OS TRÊS PONTOS E OUTRAS TRINDADES

Inicialmente, pelo menos até este momento em meu postulado de Aprendiz Maçom, não fora aplicada nenhuma instrução direta quanto as questões que se formam por sobre os Três Pontos utilizados, principalmente ao final de nossas assinaturas enquanto Maçons, bem como na utilização de abreviaturas. Procuro entender que talvez não foi chegada a hora desta instrução, porém, dentro de minhas pesquisas constantes sobre o Simbolismo Maçônico e todo seus exoterismos e esoterismos, venho encontrando diversas interpretações, principalmente no que tange as Trindades Absolutas ,

Místicas, Herméticas, e Históricas que cercam o assunto epigrafado neste compêndio que passo a escrever...

Existe na Maçonaria uma linguagem especial apenas compreendida pelos Maçons, e que deve ser conservada assim. Este assunto, foi trazido numa emissão radiofônica da Grande Loja da França em 1937 e reproduzido em texto na Revista daquela Obediência no mesmo mês. Dele destacamos esta passagem:

"Há, no entanto, uma linguagem que os seus construtores desejaram tão universal e imutável quanto possível. Uma aproximação com canteiros de obras operativas atuais permitiu imaginar como os Mestres de Obra de outrora conseguiram fazer-se compreender por todos os seus colaboradores, fossem esses incultos, estrangeiros ou mudos."

Ora, nós nos consideramos como os mantedores da tradição desses Mestres de Obra. Isto foi durante muito tempo um jogo, igualmente inofensivo, em última análise, de espalhar pelo mundo e pela cidade o "segredo dos Maçons". A divulgação começou em 1937, por revelações de alcova, das quais são conhecidas uma dúzia de variantes. Os Maçons eram pessoas que se exprimiam por pontos, traços, números, palavras e sinais misteriosos. Como era divertido e inquietante! "... As suas assinaturas falavam também, como os seus adornos vestimentários e os termos cabalísticos que se cochichavam ao ouvido, e como os gestos que entre eles se faziam, esgueirando-se pelas paredes..."

A **língua** de todos os dias e de todas as igrejas empregam centenas de símbolos; nenhuma oferece um sistema tão coerente como o nosso e, ao mesmo tempo, tão simples e tão completo.

Quando, em 1773, os representantes das Lojas do Reino, reunidas em Assembléia denominada “Grande Loja Nacional de França”, decidiram “construir um edifício duradouro...” dirigiram a cada Oficina um longo “convite circular” no qual empregaram um vocabulário que permaneceu o nosso, a começar por uma invocação ao G.·.A.·.D.·.U.·., no qual já se sente um princípio de organização e construção.”

Esta invocação, a Grande Loja de França quis conservá-la. Da mesma forma que permaneceu fiel às alegorias astrais, aos símbolos operativos da régua, do nível, do esquadro, do prumo, do triângulo, da cadeia de união. Este patrimônio constitui para nós um todo e seria perigoso de se retirar ao edifício um dos elementos graças aos quais o conjunto permanece coerente.”

Em outras palavras, e sem que possa ser questão, um instante sequer, de dogmas impostos (mas aqueles que não tem a mínima noção de disciplina livremente consentida não podem, evidentemente, compreender), a Grande Loja conserva, para servir de quadro aos seus trabalhos, o vocabulário fundamental da Maçonaria de outrora. Não dizemos de um momento dado da história no decorrer do qual teriam, entre nós, à imagem de certos países, submetido à Ordem a uma religião ou a uma determinada ideologia, mas dos tempos em que os Maçons podiam construir o seu próprio templo com uma relativa liberdade.

É fundamental que a linguagem maçônica seja fielmente observada, principalmente em Loja, não só na palavra falada como na escrita. O tratamento maçônico érígido, observando-se o uso da segunda pessoa, quer do singular ou do plural. Basta observar como são redigidos os diversos Rituais maçônicos usados no trabalho de uma Oficina.

Deve ser dada atenção também a peculiar terminologia maçônica.

Não só em nossas manifestações verbais, mas notadamente nas escritas são usados termos apropriados, como, por exemplo, Balaústre invés de ata, Prancha no lugar de carta, Coluna Gravada como proposta ou carta depositada no Saco de Propostas e Informações da maioria dos ritos maçônicos. Quando tais documentos são lidos diz-se que são decifrados, quando são escritos dizem que são gravados. Um trabalho escrito e lido pelo seu autor, dizemos tratar-se de uma Peça de Arquitetura, o que já não acontece quando se faz uma apresentação apenas verbal.

A propósito, as principais palavras usadas na Maçonaria, como o nome dos instrumentos simbólicos ou ainda, palavras próprias da nossa Ordem, elas devem ser grafadas com a sua primeira letra maiúscula, embora estejam no meio de uma oração.

Outra prática usual nos escritos maçônicos é o uso de abreviaturas, que é uma forma pela qual os Maçons escrevem certas palavras, para torná-las ininteligíveis ao leitor profano. O seu emprego deve obedecer alguns critérios. Consiste em colocar a letra inicial de uma palavra grafada em letra maiúscula e seguida de três pontos em forma de triângulo com o vértice para cima. Quando uma única inicial se prestar a confusões, deve-se empregar mais letras, minúsculas ou mesmo maiúsculas, até a vogal seguinte que será substituída pelos três pontos e desprezadas as letras restantes. Se a palavra estiver no singular, usa-se apenas uma primeira letra inicial maiúscula, por exemplo, Ir.·. = Irmão. Se ela estiver no plural usa-se a primeira letra repetida duas vezes, por exemplo, IIr.·. = Irmãos.

As abreviaturas maçônicas datam do século XVIII, na Maçonaria francesa. Os ingleses não utilizam a abreviatura tri

pontuada, mas certos Rituais americanos abusam de tal forma desta semicriptografia, a ponto de se tornarem incompreensíveis. Certos Rituais no Brasil também adotaram essa prática, principalmente no Cobridor dos diversos Graus, quando é usada apenas letras minúscula, seguida dos três pontos, por exemplo no Grau de Aprendiz, MM.·.II.·.C.·.T.·.M.·.RR.·. Se o Aprendiz não estiver atento quando for dada a explicação do significado dessas abreviações, dificilmente conseguirá decifrá-las. Essa prática foi adotada para dificultar o entendimento não só pelos profanos como também dos Maçons de Graus inferiores ao do Ritual que as contém. O importante a salientar é que, ao contrário do que ocorre em registros no mundo profano, onde atas e documentos NÃO devem conter abreviaturas tri pontuadas, no mundo maçônico nenhuma publicação ou documento deve conter abreviações de palavras que não sejam com o uso dos três pontos.

Na correspondência maçônica somente são usadas abreviações profanas quando ela se destinar a alguém, pessoa ou entidade profana. No meio maçônico adota-se uma linguagem apropriada e as abreviações são feitas maçonicamente, por exemplo, Pod.·.Ir.·. e não Ilmo. Sr.

Maçonicamente também devem ser evitados tratamentos do mundo profano, como Dr. ou Sr., pois somos todos Irmãos.

Sabendo-se agora sobre a aplicação dos três pontos em nossas Pranchas, Atas e demais documentos ou literaturas, podemos agora nos aprofundar no estudo Místico dos três pontos maçônicos que constituem o mais simples e característico emblema do Ternário.

Escolhendo este símbolo juntamente com o esquadro e o compasso, como insígnia da Ordem, os seus fundadores deram prova de uma perspicácia e sabedoria que aqueles que conhecem, o

valor oculto das coisas nunca poderão negar-lhes. Estes três pontos sintetizam admiravelmente o Mistério da Unidade, da Dualidade e da Trindade, ou seja, do Mistério da Origem de todas as coisas e de todos os seres. Encontramos estes três pontos, harmonicamente juntos e diferenciados numa Unidade Oriental e numa Dualidade Ocidental, nas três Luzes do Altar, em torno do Livro da Lei que através dos séculos é portador da Eterna Verdade, e dos instrumentos que são necessários para compreendê-la e aplicá-la.

O ponto superior representa como é evidente, a Unidade Fundamental ou Primeiro Princípio Preantinômico, Originário e Imanente, do qual tudo teve origem. É o Absoluto, o Ain-Soph, cabalístico, que existe "em princípio", e no qual existem em princípio todas as coisas. Brahma, Vishnu e Shiva o Criador, o Conservador e o Destruidor do Universo; Osiris, Isis e Horus, ou seja o Pai, a Mãe e o Filho, formam Nele uma única pessoa e um só ser, uma única e indivisível Realidade. É SAT **"o que é"** o fundamental Princípio imanente e transcendente de toda existência, o Fulcro Central Imóvel que é Origem e Princípio da Criação.

Os dois pontos inferiores são igualmente, uma imagem da Dualidade; Os dois princípios que representam as duas colunas, de cuja união e de cujas múltiplas ações e reações, é produzida a multiplicidade fenomênica do Universo. Cada um deles é um diferente aspecto da Unidade Primordial Originária, que permanece indivisa e indivisível em sua dúplice aparente manifestação: Um existe enquanto existe o outro, e os dois resolvem-se no Princípio Fundamental do qual tiveram origem. Efetivamente, se aproximarmos os dois pontos inferiores, com movimento igual, ao ponto superior, aproximam-se também, um do outro, e quando se unem a este, unem-se também mutuamente.

Se traçarmos duas linhas entre o ponto superior e os dois pontos inferiores, obteremos o ângulo que expressa, com seus dois lados emanados de um único vértice, esta mesma dualidade dos dois Princípios, emanações ou aspectos de um só Princípio Originário.

E se traçarmos outra linha que una os dois pontos inferiores, obteremos o triângulo, cuja base, unindo os dois elementos, representa o terceiro, que reproduz em si, no mundo do relativo um novo aspecto contingente da Unidade Preantinômica Absoluta.

Assim os três pontos mostram isoladamente os três Princípios que constituem a Unidade Originária e a Dualidade da manifestação. A união dos três elementos primordiais , o enxofre, o sal e o mercúrio, o Pai, a Mãe e o Filho , que tornam fecunda e construtiva a atividade dos três princípios.

Enquanto o ponto superior corresponde ao Oriente e ao Mundo Absoluto da Realidade (e, na Loja, ao Delta, emblema da Unidade tri-unitária), os dois pontos inferiores correspondem ao Ocidente, ou seja, ao Mundo Relativo, que é o domínio da aparência, e na Loja às duas colunas emblemáticas da Dualidade:

O progresso maçônico acha-se também, aqui indicado sinteticamente, com o progresso da inteligência, que se ergue sobre o domínio da mente concreta (reino da dualidade e dos pares de opostos), estabelecendo-se no sentimento e na consciência da unidade fundamental de tudo e da identidade essencial de todos os seres, por meio das faculdades superiores da Inteligência, que se baseiam na unidade, da mesma maneira que a mente concreta baseia sua lógica e seus juízos no sentido da dualidade.

A forma correta de aplicação dos três pontos, é formando exatamente um Triângulo, cuja figura geométrica é a resultante da

união de três pontos por meio de três linhas retas, e mais particularmente o triângulo eqüilátero ou regular, cujos três lados e ângulos são iguais,

Já realizamos compêndios que abordam exploram o simbolismo do triângulo mesmo que em pequenas citações, mas vale aqui um estudo um pouco mais profundo, partindo do princípio da própria evolução dos estudos e interelacionamento dos diversos símbolos que compõem o Grau de Aprendiz, e por que não dizer a Ordem Maçônica e seu Misticismo, uma vez já havermos notado que este Símbolo sempre tem sido considerado como um símbolo de Perfeição, Harmonia e Sabedoria, e, portanto, do que é Celestial e Divino.

Um triângulo eqüilátero é, em essência, o Delta Luminoso que é encontrado no Oriente em todas as lojas Maçônicas. O olho que se acha em seu centro é o símbolo da consciência do ser que é o primeiro e fundamental atributo da realidade. Nada melhor que este símbolo para expressar a realidade e sua manifestação ternária nos três lados que o constituem e nada mais apropriado para colocar-se naquele simbólico Oriente, no qual unicamente a realidade pode ser encontrada.

Do triângulo, que forma o Delta propriamente dito, irradiam em seus três lados outros tantos grupos de raios que terminam numa coroa de nuvens.

Os raios simbolizam a força expansiva do ser, que de um ponto central infinitesimal estende e preenche o espaço infinito. As nuvens indicam a força centrípeta, produzida como refluxo natural da primeira como movimento de contração que engendra a condensação das forças irradiadas.

Do Princípio ou Unidade do Ser (representado pelo Delta) manifesta-se, pois, uma dupla corrente positiva e negativa, formada pelos dois Princípios, cuja atividade está relacionada e regulada pelo ritmo que os une, como intermediário equilibrante.

Outro triângulo que possui uma especial importância no simbolismo maçônico é o triângulo retângulo, representado pelo esquadro, instrumento de medida e retificação do mundo concreto ou da realidade visível. Enquanto o triângulo eqüilátero mostra principalmente, o esforço de nossa inteligência para relacionar-se com os princípios e o mundo das causas, o esquadro indica a inteligência racional que se limita ao estudo dos fenômenos e do Mundo dos Efeitos, representando a norma ou regra que deve guiar-nos para proceder retamente no estudo e na ação.

A importância do triângulo retângulo evidencia-se no famoso teorema de Pitágoras, cujo valor não se limita à geometria ordinária, sendo assim encontrado entre os símbolos maçônicos.

O estudo da trigonometria faz-nos ver a importância excepcional do triângulo em geral, em relação às demais figuras geométricas (todas podem reduzir-se ou decompor-se em triângulos), e a aplicação universal de suas propriedades. O próprio quadrilongo que constitui a Loja resolve-se diagonalmente em dois triângulos retângulos, e outro triângulo retângulo deveria resultar na união dos três lugares que correspondem às três luzes em sua justa e exata posição.

Não deve igualmente ser esquecida a propriedade característica dos triângulos, cujos três ângulos formam sempre dois ângulos retos, isto é, o ângulo cujos dois lados se expandem em linha reta, sendo assim, aquela figura geométrica a expressão ternária circunstanciada das infinitas possibilidades representadas no infinito.

Quatro triângulos unidos por seus três lados, de maneira que cada um deles esteja, por cada um de seus lados, em união com os três restantes, formam as quatro faces do tetraedro ou pirâmide triangular, o primeiro e fundamental entre os cinco sólidos regulares.

Quatro faces e quatro vértices respectivamente triangulares e triedros concorrem a formá-lo e mostram como o ternário se resolve e concretiza, dentro das três dimensões especiais num quaternário, originando aquela Tétrada "Manancial Perene da Natureza", da qual fala Pitágoras.

No tetraedro, os três princípios ou elementos (Enxofre, Sal e Mercúrio, ou Pai, Mãe e Filho), provenientes da Unidade Primordial (o vértice superior do tetraedro) e representados pelas três faces, unem-se intimamente entre si, formando um ângulo triedro, cuja delimitação no mundo da matéria dos três princípios.

Se nos posicionarmos ao lado deste último triângulo, e buscarmos nele o reflexo do Vértice Originário, a Unidade Mãe, que se encontra do outro lado, obteremos outra vez a imagem do Delta, sendo o ponto refletido pelo vértice o olho sagrado deste.

E se nos fixarmos nas quatro linhas que unem os quatro vértices no centro da figura, obteremos uma estrela de quatro pontas, uma dirigida para cima, para a origem, e as restantes para baixo, para a manifestação, outra imagem da relação do Princípio Único Original como ternário que o expressa no mundo sensível.

O estudo dos três pontos não estaria completo sem um exame das diferentes trindades e trilogias, de ordem filosófica, religiosa e moral, que se lhe relacionam.

Encontramos trindades e trilogias em todas as religiões e em todas as filosofias, em todos os povos: sob diferentes nomes encontra-se uma mesma realidade, igual reconhecimento diferentemente expressado. A trindade mais simples e fundamental do Pai, Mãe e Filho encontram-se na religião egípcia com os nomes de Osiris, Isis, e Horus, na bramânica como Nara, Nâri e Virâj, ou Shiva, Shakti e Bindu, na Caldaica como Anu, Nuah, e Bel e outras trindades equivalentes. No cristianismo, a Mãe desaparece teoricamente para dar lugar ao Espírito Santo, mas, praticamente se conserva no culto à **"Mãe de Deus"** (seja qual for a definição teológica particular deste culto), comparável com toda a adoração tributada a Isis no Egito e à que hoje se tributa à deusa Kali ou Shakti (o aspecto feminino ou poder de Shiva) na Índia.

Filosoficamente, o Enxofre, o Sal, e o Mercúrio, como Princípios constitutivos do Universo ou Forças Criadoras primordiais (análogas ao Pai-Mãe-Filho), encontram uma perfeita correspondência nos três gunas Rajas, Tamas e Sattva, ou seja, Atividade, Inércia e Ritmos correspondentes o primeiro à força centrífuga ou Princípio de Expansão, o segundo a força centrípeta ou Princípio de Contração, e o terceiro à força equilibrante ou Princípio do Ritmo ondulatório.

Brahma, Vishnu e Shiva, da trindade brahmânica, devem entender-se como correspondentes aos três gunas, sendo Vishnu, como conservador, o princípio equilibrante entre os dois opostos; Brahma como Criador, a força expansiva; e Shiva como Destruidor, a força de contração que retorna a si mesma.

Também na filosofia da Índia, encontramos a definição do Ser Supremo como Sat, Chit e Ananda, que no Ser Absoluto é "satisfação em si mesmo", converte-se na faculdade humana da

Vontade, que impulsiona o desejo em direção à sua satisfação. Estes três princípios correspondem também, aos três atributos divinos da Onipresença, Onisciência e Onipotência.

Outro gênero de trindade resulta da polaridade entre o céu e a Terra, ou seja entre o Superior e o Inferior, o Oriente e o Ocidente. Entre eles nasce a consciência individualizada, tipificada pelo Homem, que serve de intermediário entre os dois e mutuamente os relaciona. Origina-se assim a distinção entre os três mundos: o objetivo ou exterior, o subjetivo ou interior, o divino ou transcendente, e as três partes do homem Espírito, Alma e Corpo, sendo este último o ponto de contato entre o mundo exterior e o interior, e o primeiro entre o mundo manifestado e o transcendente.

No sistema maçônico a trindade está formada pelos três instrumentos de medida que correspondem às três Luzes: o Esquadro, o Nível ou horizontal e o Prumo ou perpendicular, que como vimos tem um valor análogo ao Tau e à cruz. O primeiro é o princípio ativo que nos impulsiona a progredir, segundo nossas aspirações verticais; o segundo é o princípio passivo de resistência e persistência que nos instala equilibradamente em nossas aspirações e as faz madurar e frutificar; e o terceiro é a norma ou regra que faz nossas ações coerentes com a Verdade e a Virtude.

Os três pilares simbólicos que sustentam a Loja, representados igualmente pelas três Luzes:

Sabedoria, Força e Beleza, constituem outra interessante trilogia. A Sabedoria, que corresponde ao Ven.·. Mestre, é a faculdade inventiva, ou seja a Inteligência Criadora, que concebe e manifesta interiormente o Plano do Grande Arquiteto; a Força que Corresponde ao Primeiro Vig.·. é a faculdade volitiva, que se esforça em realizar o que a primeira concebe; e a beleza, representada pelo

Segundo Vig.·., é a faculdade imaginativa, que adorna e aperfeiçoa a obra realizada pelas duas primeiras.

Também correspondem, respectivamente, a Sabedoria à mente superconsciente, a Força à mente consciente e a Beleza à mente subconsciente.

Podemos Prosseguir com algumas trindades mitológicas que estão intrínsicas ao nosso misticismo, tal como se segue:

Na mitologia helênica, como na oriental e na egípcia, as trindades possuem também, um papel de primeira importância.

Fundamental entre elas é a trindade cosmogônica, formada por Urano, símbolo do Ser que se manifesta como espaço, ou seja a "extensão" que torna objetiva sua Onipresença; Urano Engendra a Cronos ou Saturno, que representa o próprio Ser como mudança e movimento, dentro da eternidade, que em nós produz a idéia de tempo ou "sucessão", na qual todas as coisas são produzidas e desaparecem; Saturno engendra a Júpiter ou Zeus, que representa o Ser como vontade e energia, que parece dominar sobre os princípios que lhe deram produção.

Esta trindade é acompanhada pela outra, a feminina, constituída pelas qualidades destes três aspectos do Ser e da Realidade fundamental: Gea, a capacidade produtiva ou geométrica inerente ao espaço; Rea, o fluxo ou corrente do tempo; e Hera ou Juno, o poder que expressa a vontade criadora.

Outra trindade acha-se formada pelos três aspectos de Júpiter, dois dos quais estão representados por seus dois irmãos, que com ele compartilham a soberania universal; Netuno ou Zeus, marinho que domina sobre as águas; Plutão, o Júpiter subterrâneo que assenta

seus reinos nas profundezas das coisas, os dois companheiros do Senhor do Céu e da Terra , que estabeleceu seu império sobre o domínio das forças titânicas. Paralela a esta segunda trindade masculina é a que formam suas três qualidades: Juno, a Rainha das profundidades marinhas, onde se encerram as possibilidades latentes da vida, e Prosérpina, a deusa do mundo desconhecido que se encontra nas próprias entranhas do mundo visível.

Também, Hécate, como divindade da Luz que nos vem de longe, da Realidade Transcendente, é tríplice, sendo representada por três deusas: a primeira leva, em sua cabeça, uma meia lua, e uma tocha na mão, o símbolo da luz sensível do mundo físico; a segunda com gorro frígio e frente radiante, símbolo da luz intelectual, leva em suas mãos o cutelo da análise e da penetração, e a serpente da lógica que se insinua nas relações entre as coisas; e a terceira, cujos atributos são a corda e a chave, é o símbolo da luz transcendente que se descobre com a iniciação, e nos dá a chave do significado profundo ou razão mais verdadeira das coisas, assim como o "laço" que interiormente as une.

Uma trindade feminina, muito conhecida e familiar é a que formam as três Graças, ou seja os três aspectos da mesma Luz que se revela no ser e na vida do homem: Aglaya, a luzente, a luz espiritual que ilumina a inteligência, e nos dá essa felicidade e contentamento profundos, que tem o poder de irradiar-se fora de nós como uma benção, em nossos pensamentos, palavras e obras. A ela se deve a inspiração de toda obra de arte ou criação intelectual, que tem o poder de elevar o homem a um plano superior.

Eufrosina, o gozo da alma, ou seja, a luz que penetra em nosso coração e produz em nós toda forma de íntimo contentamento e

satisfação, a felicidade que reside dentro de nosso ser, independentemente das condições externas.

Tália, a florida, ou seja a felicidade exterior que se manifesta em todas as coisas formosas, e na mesma formosura da vida com seus bens, prazeres e coisas desejáveis.

Menos conhecida é a trindade das Horas, ou "tempos" que presidem a toda atividade, assim como às divisões do ano e do dia: o começo ou germinação, que preside à primavera; a continuação ou maturação de todo esforço, que preside ao verão; o término da obra, na qual se recolhem seus frutos, que preside o outono. Também representam a Causa, o Meio e o Efeito, os três períodos iniciáticos de preparação, iluminação e perfeição, as três divisões da vida diária no tempo dedicado ao descanso, ao trabalho e a recreação.

A Trindade das Horas leva-nos naturalmente à das Parcas ou Moiras, filhas da Noite, ou da contingência material: Clôto, a fiandeira, da qual se origina o fio da existência, representando tudo aquilo que se acha potencialmente na mesma, relacionando-nos com o lugar ou condição "de onde viemos"; Lachesis, por cujas mãos passa toda a trama do fio da vida, presidindo o desenvolvimento atual e causal dos acontecimentos, nos quais deve ser demonstrado "quem somos" e Atropos, em cujas mãos entrega-se tudo aquilo que já nos aconteceu e o resultado de nossas ações, como sementes do que nos espera, determinando "onde vamos". Esta última é a que deve cortar, com suas fatídicas tesouras, o fio da vida quando tiver chegado a sua maturação e as violações da Lei não permitem sua ulterior continuação.

As três Fúrias ou Eumênides são, pode-se dizer, a antítese das Graças, ou suas contrapartes negativas: Alecto, a que nunca descansa, produzindo o furor rahásico, a inquietude e a paixão

vingativa; Tisífone, o ódio cego ou tamásico, os erros e o remorso da alma que acompanhava o homicida; e Magara, o demônio da inveja sátvica, que ao governar o homem afasta-se constantemente da possessão e gozo de seus bens.

As três Graças ou Górgonas, Medusa, Steno e Eríagle, são emblemas das forças misteriosas que dormem em nosso ser subconsciente: nossas próprias tendências negativas, temores e ansiedades e ilusões, as que como Perseu temos de vencer não as escutando nem para elas olhando, cortando-lhes a terrífica cabeça com a espada da Sabedoria, para que de seu sangue surja Pegasso, o gênio alado do pensamento intuitivo, que nos conduza às regiões celestiais da pura Verdade.

Passando do domínio da mitologia ao da natureza, encontramos outra trindade nos três reinos, mineral, vegetal e animal, que representam três graus de evolução da forma, da vida e da consciência. Nos minerais, a forma geométrica acompanha-se da vida inorgânica e da consciência obscurecida numa comparativa inconsciência. Nos vegetais, a forma afasta-se dessa rigidez geométrica e faz-se plástica e responsiva, obedecendo à vida orgânica, que manifesta uma consciência ainda rudimentar. Nos animais finalmente, prevalece e surge em posição de domínio, o princípio da consciência, que se expressa como sensação, ação e reação, e a forma e a vida se adaptam a essa expressão.

Também podemos dizer, em relação às três gunas, ou qualidades universais da matéria, que nos minerais prevalece o princípio da inércia (Tamos ou Sal), que nos animais o princípio oposto da atividade (Rahas ou Enxofre), e nos vegetais o princípio rítmico do equilíbrio (Sattva ou Mercúrio). O primeiro tende à cristalização, o segundo ao movimento, e o terceiro a harmonia.

As três dimensões do espaço e os três aspectos do tempo constituem outros dois ternários por meio dos quais a Onipresença Eterna do Ser Absoluto se faz manifestar na relatividade do mundo como ritmo evolutivo.

A longitude, que é medida por meio da Régua, representa o caminho da vida e o progresso na direção que escolhemos; a largura, que se relaciona com a anterior por meio do Esquadro, corresponde à amplitude de nossa visão e à extensão de nossos esforços e atividades; a altura, a qual se alcança por meio do Compasso e do Prumo, determina-se individualmente conforme a profundidade das convicções e conhecimentos, e a elevação dos ideais.

O passado, que corresponde às bases do edifício da existência e às raízes do ser, possui importância para nós uma vez que enfrentamos o problema das origens, constituindo nossa herança espiritual e material; o presente é aquele que nos relaciona com nossos deveres e responsabilidades, assim como com a obra ou atividade que constitui nossa constante oportunidade atual; o futuro, meta de nossos esforços e aspirações, é aquele que nos relaciona com nosso Destino, dando-nos o poder de superar a fatalidade (que é a herança de nosso passado), conduzindo-nos a um fim sempre mais elevado que sempre retrocede e se aproxima.

Diante desta pesquisa, ainda com conotação característica de um Maçom que está iniciando na Ordem, podemos após a Leitura ter certeza que a cada **Três Pontos** que estamos colocando ao final de nossas Assinaturas, não simplesmente estamos nos reconhecendo como Maçons, mas sim, estamos colocando um símbolo que denota nossa Honra de pertencer à Ordem Maçônica, cuja nos eleva ao Ocidente e Oriente do Ser nos mais profundos conhecimentos dos Augustos Mistérios de nossa Vida, e que simplesmente colocar por

“colocar” os três pontos em nossas assinaturas como sinal de identificação não exemplificará o sentido real, e honroso da Ordem que deve aflorar de nosso íntimo emanando luz e liberdade aos corações daqueles que nos cercam.

AS COLUNAS ZODIACAIS

Seria praticamente impossível de montarmos neste momento um Mapa Mental ou linha de raciocínio sobre as Colunas Zodiacais, sem antes pesquisarmos e estudarmos as origens e histórias narradas e pesquisadas por diversos autores e pesquisadores sobre o escocecismo na Maçonaria, bem como explorarmos os motivos que levam a esta abundância de símbolos de origens astrológicas e zodiacais, o qual já ouvi até mesmo alguns Irmãos questionarem os

motivos deles estarem aí, visíveis, destacados, e decorando nossos Templos. Hoje os vejo até mesmo pouco explorados pelos postulados aos graus simbólicos, daí minha inspiração em desenvolver esta pesquisa e dissertar esta peça de arquitetura.

Dada à necessidade de organizarmos nossos pensamentos e pesquisas, vamos iniciar nosso estudo / trabalho detalhando um pouco das origens da ASTROLOGIA, do próprio ZODÍACO, da ASTRONOMIA, suas relações diretas entre eles e também sua aplicação simbólica na maçonaria.

Embora estudos sobre a Astrologia e a Astronomia sejam muito antigos, remontando à época dos Sumerianos, dos Maias, dos Incas, dos Essênios, dos Persas e demais povos da antiguidade, foi na idade média que cresceram em importância, depois de ter passado por um período obscuro, nos primeiros atos do cristianismo.

Obtém-se na História a indicação do Primeiro Livro astrológico moderno, que foi o "Tetrabiblios", atribuído ao astrônomo, matemático e geógrafo Cláudio Ptolomeu, nascido em Alexandria, o qual trabalhou entre 150 e 180 DC, estabelecendo os princípios da influência cósmica, que constituem a parte fundamental da moderna prática astrológica.

Na Europa, a tradição Clássica morreu com o próprio Ptolomeu, em 180 DC, enquanto que a própria astrologia também começava a declinar, principalmente porque nessa mesma época se perdeu a habilidade técnica para fazer observações e cálculos. Quando houve a desintegração do Império Romano do Ocidente, a astrologia desceu, temporariamente, à condição de deturpada superstição, sendo que o seu estado de decadência foi uma das razões que propiciou a Igreja, os ataques às suas práticas, embora existam muitas referências astrológicas no Novo Testamento (Os

Magos do Evangelho de São Lucas e muitas passagens do Apocalipse, por exemplo). A Igreja oriental, todavia conservou alguns conhecimentos da astrologia cientifica, enquanto que, na ocidental, o maior anatematizador da astrologia foi Santo Agostinho de Hipona. Entretanto, posteriormente, na própria Idade Média, os principais fundamentos da moderna astrologia seriam lançados por dois grandes teólogos da Igreja: Santo Alberto de Magno e São Tomás de Aquino.

No início da Idade Média, os teólogos enfrentavam o problema de classificar a astrologia como ciência legítima, ou como arte divinatória proibida, cabendo a Alberto de Magno separar a astrologia de suas associações pagãs, percebendo o seu valor teológico e afirmando que , embora as estrelas não pudessem influenciar a alma humana, elas, certamente poderiam influenciar o corpo e a vontade dos homens.

Já Tomás de Aquino, considerado um dos maiores teólogos cristãos, consolidou a obra de Alberto, tornando-a aceitável como assunto digno de estudo e afirmando que, na sua visão do universo, podia ser tomada como uma complementação da doutrina cristã; foi graças a essa maneira peculiar de encarar as coisas que nenhum astrólogo foi queimado nas fogueiras do “Santo Ofício”, tal como havia acontecido com Alquimistas, Templários, Rosacruzes, Maçons, entre outros.

A Astrologia ganhou então, respeitabilidade acadêmica, passando a fazer parte do currículo de diversas universidades européias, não experimentando, praticamente, nenhum declínio com o advento da Renascença.

Quando o Homem passou a observar o firmamento, ficou fascinado principalmente, com esses corpos moventes e, na medida

em que estes se deslocavam sobre o fundo estrelado, ele notava a sua trajetória, relacionando-a com seu próprio estado. Assim, desenvolveu-se, logo, um padrão de acontecimentos celestes que parecia ter paralelos diretos com os problemas da Terra. Vejamos: A relação entre o Sol e as Colheitas, A relação entre a Lua e as marés, Marte e sua relação com o belicismo, Vênus predispondo à harmonia e ao amor, entre outros.

Na realidade o homem antigo desconhecia, amplamente, a física do universo, pois o primeiro plano a respeito disso, considerava que a Terra ocupava o centro do universo, com o Sol, A Lua, Mercúrio, Marte , Vênus, Júpiter e Saturno movendo-se ao redor dela, cada um num círculo perfeito, dentro de uma esfera exterior sólida, à qual se fixavam nas estrelas. Está teoria perdurou até o século XVI, quando foi derrubada por Copérnico, uma vez horrorizando o mundo da época, ao sustentar que o centro de nosso sistema era ocupado pelo Sol e não pela Terra. Passaram-se os séculos e a Igreja só se rendeu à evidência em pleno século XIX.

A verdade ora sendo reconhecida pela retrograda igreja da época, após alguns anos de combate a essas teorias, não altera e nunca alterou o sentido filosófico da astrologia, pois para ela o que importa são as posições que os planetas parecem tomar no céu; Os Planetas agem sobre a vida terrestre a partir dessas posições e, nesse sentido, tais posições são tomadas como reais. Desta maneira, apenas astrologicamente, a esfera celeste mostra a Terra no centro dela e rodeada pela eclíptica, que é a órbita aparente do Sol; A faixa do Zodíaco, por outro lado, é puramente simbólica, mostrando as constelações celestes, cada signo Zodiacal ocupa um segmento fixo de 30º do círculo completo, ou seja, de 360º.

A Maioria dos Planetas do Sistema Solar possui órbitas que se colocam, praticamente, no mesmo plano da órbita da terra, com pequenas variações, exceção feita em relação a Plutão, cuja órbita tem uma inclinação de 17º em relação a Terra. Devido a esta coincidência em plano, os planetas movem-se numa faixa definida no céu, que cobre todo o caminho. Essa faixa é conhecida como Zodíaco e é centrada sobre a eclíptica (que pode ser considerada como órbita aparente do Sol, ou como a projeção da órbita terrestre na esfera celeste).

O Zodíaco é dividido então em 12 constelações, que são percorridas pelo Sol, uma vez por ano: Áries, Touro , Gêmeos , Câncer , Leão , Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes; e desse duodenário, podemos afirmar que representa a divisão mais antiga e mais natural do círculo, dada por dois diâmetros que se cortam em ângulos retos e por quatro arcos, do mesmo raio que o da circunferência, traçados tomando-se como centro os extremos da cruz.

Esta divisão é aplicada ao Céu, onde determina doze espaços iguais, que o Sol percorre, regularmente, em sua trajetória anual, aparente em torno da terra.

As constelações que coincidiram, outrora, com estes espaços, lhes deram seus nomes, tirados de animais ou de seres animados.

Assim formou-se o duodenário zodiacal, cujo simbolismo é de máxima importância, porque o ano se torna o protótipo de todos os ciclos, emblematizando tanto as fases da vida humana com as da Iniciação Maçônica..

Existe também estreita relação mística entre os signos e a renovação anual da Natureza, ou seja, eles representam as constantes

mortes e ressurreições da natureza, simbolizadas pelo imutável ciclo dos vegetais (Lenda do Deus Dumuzi, dos Sumerianos, e da Deusa Demeter, dos Gregos ou Ceres, dos Romanos) e pela fabulosa Fênix, ave que renasce das próprias cinzas. Há relação, também, evidentemente, com todos os mitos solares de todos os povos (Lenda de Osíris, dos Egípcios , Mitra, dos Persas entre outros).

Graças a essas relações, os signos zodiacais simbolizam no Rito Escocês, **TODO O CAMINHO MÍSTICO PERCORRIDO PELO INICIADO**, desde o seu ingresso na Ordem, como Aprendiz, até o cume de sua trajetória iniciática, no Grau de Mestre. As Colunas Zodiacais, encontradas nos Templos e que possuem, em seu topo, os pentaclos, simbolizam essa trajetória, pois nos mistérios de Ceres, o iniciado partilhava, de fato, dos destinos da semente confiada ao solo. Como esta, ele deveria sofrer a influência solar, para desenvolver-se e frutificar, depois do que tornava a passar por esse encadeamento de transformações de que resulta do ciclo da vida. Cada signo do Zodíaco tem, sob este ponto de vista, significação particular, que será compreendida depois de algumas indicações gerais sobre o simbolismo dos doze signos, dentro da Astronomia, Astrologia, Hermetismo, e a Numerologia que veremos em Quadros Metais a seguir, notando-se assim a estreita relação mística dos signos zodiacais com as constantes mortes e ressurreições da natureza.

Daremos Prosseguimento com o Estudo mais organizado e estruturado dos símbolos zodiacais.

I. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: ÁRIES – A história mitológica dessa constelação é a seguinte: Frixos, filho de Nepele falsamente acusado de violar a Biadice, foi condenado a morte, sendo, entretando , salvo por um carneiro dourado, em cujo dorso escapou: Alcançando a segurança, ele imolou o carneiro a Zeus, que colocou a imagem do animal no céu. Áries se relaciona com o fogo interior do homem, ou seja, a força que estimula o crescimento e o desenvolvimento.

ASTRO REGENTE: MARTE – É o planeta do Vigor, do positivismo e da vivacidade; por sua cor avermelhada, ele foi associado com o calor, o que não corresponde à realidade, pois ele é bastante frio e sua cor deve à oxidação. Marte Rege Áries e é exaltado em Capricórnio.

ELEMENTO HERMÉTICO: FOGO – Tratando-se de fogo construtivo interior, estimulando o crescimento e o desenvolvimento. Entorpecido no inverno, desperta na Primavera, fazendo germinar a semente e provocando a eclosão dos rebentos. Representa a Iniciativa individual que se desenvolve sob o impulso de uma influênica exterior, como a energia encerrada no germe entra em função sob a ação do SOL.

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar o fogo interior do Homem , a força que estimula o crescimento e o desenvolvimento, Áries simboliza o **fogo interno,o ardor incontido do candidato à procura da Iniciação Maçônica, ou seja, a procura da Luz.** É o passo inicial da renovação da natureza pelo fogo, que é o elemento de Áries.I.N.R.I (Igne Natura Renovatur Integra) “O Fogo Renova a Natureza Inteira.

JORNADA INICIÁTICA: O Ardor Iniciático conduzindo à procura da Iniciação

II. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: TOURO – Sua Origem mitológica é a seguinte: Taurus era o touro branco, que cortejou Europa, carregando-a no dorso; era , na verdade, Zeus disfarçado, que , quando reassumiu sua forma normal , colocou o touro no céu. É relacionado com a matéria na qual se efetua a fecundação, a elaboração interior

ASTRO REGENTE: VÊNUS – É associado com a harmonia e com o uníssono, qualidades pela sua constância física, já que Vênus tem, entre todos os planetas, a mais baixa excentricidade orbital. Vênus rege Touro e Libra e é exaltado em Peixes.

ELEMENTO HERMÉTICO: TERRA - A Matéria receptiva, na qual se efetua a fecundação. Elaboração Interior**.**

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar a Natureza, pronta para fecundação, simboliza que o **candidato, depois de ser convenientemente preparado, foi admitido às provas da iniciação.**

JORNADA INICIÁTICA: O recipiendário, judiciosamente preparado foi admitido às provas.

III. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: GÊMEOS – Não existe mito particular associado a Gêmeos; no Egito era conhecido como “As Duas Estrelas” e tomou o nome das estrelas Castor e Pólux, as mais brilhantes da constelação. Representa os filhos da Terra, fecundada pelo fogo, e o mercúrio dos alquimistas, representando com duas cabeças. É relacionado com a versatilidade, a engenhosidade e vitalidade criadora.

ASTRO REGENTE: MERCÚRIO – É o Planeta da mentalidade e da reação nervosa. Ele se encontra na região da coroa solar, onde a matéria é sujeita a freqüentes e irregulares flutuações, e, além disso, ele é o mais veloz dos planetas. Mercúrio rege Gêmeos E Virgem e é exaltado em Virgem

ELEMENTO HERMÉTICO: AR - Os Filhos da Terra fecundada pelo Fogo. O Duplo mercúrio dos Alquimistas, simbolizado por duas cabeças. Vitalidade construtiva. Sublimação da matéria na flor que murcha.

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar a terra já fecundada pelo fogo, a vitalidade criadora, simboliza **o recebimento da luz pelo candidato.**

JORNADA INICIÁTICA: O Neófito recebe a Luz.

IV. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: CÂNCER – Como caranguejo, Câncer é babilônio, em sua origem; todavia no Egito, a constelação era representada por duas tartarugas, ora conhecidas como Estrelas da Água, ora como Aliul, uma criatura aquática; assim, sua associação com a água é muito antiga, embora não haja uma história mitológica a seu respeito. Representa a explosão vegetal da terra fecundada e é relacionado com a tenacidade e cautela.

ASTRO REGENTE: LUA – Vindo logo após o Sol, em importância astrológica, ela é associada ao instinto, à reação e condições e à flutuação; sendo , como satélite da Terra, parte do sistema terrestre, ela age sobre os fluídos da Terra e diversas criaturas terrestres têm o seu comportamento rítmico controlado pela Lua. A Lua rege Câncer e é exaltada em Touro.

ELEMENTO HERMÉTICO: ÁGUA - A Seiva entumece as formas que atingem a plenitude. A Vegetação é luxuriante. É a estação das Folhas, das ervas, dos legumes, mas os cereais e os frutos estão ainda, verdes. Dias longos resplandecentes de Luz.

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar o renascimento da vegetação, a seiva estuante da vida, simboliza **a**

instrução do Iniciado e a absorção , por ele, dos conhecimentos iniciáticos da Maçonaria.

JORNADA INICIÁTICA: O Iniciando Instrui-se, assimilando os ensinamentos iniciáticos

V. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: LEÃO – O Leão representado nesta constelação é , tradicionalmente, o leão de Neméia, de pele a prova de ferro, bronze e pedra; Heracles o matou, perdendo um dedo entre seus dentes. Simboliza a ação do Fogo externo (em contraposição ao fogo interior de Áries), que amadurece os frutos; representa, também, o emprego da razão a serviço da crítica..

ASTRO REGENTE: SOL – É o corpo mais poderoso do Sistema, força essencial da vida e sem o qual ela não existiria. O Sol é ativo e relacionado, na astrologia, com energia, poder e auto – expressão, sendo que todos os tipos humanos são amplamente determinados por suas características solares. O Sol rege Leão e é exaltado em Áries.

ELEMENTO HERMÉTICO: FOGO – Terminada a ação construtora do ardor interior de Áries, o fogo exterior intervém para ressecar e matar toda a constituição aquosa, cozendo e amadurecendo o invólucro dos germes. A Razão implacável exerce sua crítica severa sobre todas as noções recebidas.

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar a ação do Fogo Externo (O Sol), que amadurece os frutos, e emprego da razão a serviço da crítica, simboliza o **juízo crítico e racional, que o iniciado faz de todos os conhecimentos que adquiriu, aprendendo, com método, a selecionar todas aquelas que lhe puderem ser úteis.**

JORNADA INICIÁTICA: O Iniciando julga, por si próprio e com severidade, as idéias que puderem seduzi-lo.

VI. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: VIRGEM – Sua história mitológica, de acordo com Hesíodo, é a seguinte: Virgem (Também chamada de Astreia) era filha de júpiter e Têmis, e era deusa da justiça; quando terminou a idade áurea e o homem desafiou a regência, ela, desgostosa, retornou ao céu. Simboliza a esposa virginal do Fogo; representa, também , a colheita dos frutos maduros e o traço fundamental é o espírito analítico.

ASTRO REGENTE: MERCÚRIO - É o Planeta da mentalidade e da reação nervosa. Ele se encontra na região da coroa solar, onde a matéria é sujeita a freqüentes e irregulares flutuações, e , além disso , ele é o mais veloz dos planetas. Mercúrio rege Gêmeos E Virgem e é exaltado em Virgem.

ELEMENTO HERMÉTICO: TERRA – A Substância fecundada, esposa virginal do Fogo fecundador, dá a Luz e recupera a virgindade. A colheita está madura; o calor é menos tórrido.

DOUTRINA INICIÁTICA: APRENDIZ – Por representar a colheita madura, simboliza **o aperfeiçoamento do Iniciado, ou seja, depois de ter julgado , racionalmente, os ensinamentos que recebeu, o iniciado já pode se dedicar ao desbastamento da pedra bruta, que o seu próprio aperfeiçoamento moral e espiritual.**

JORNADA INICIÁTICA: Tendo feito sua escolha, o Iniciando reúne os materiais de construção para desbastá-los e talhá-los, segundo o seu destino.

VII. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: LIBRA – Não existe mito antigo a respeito dessa constelação; todavia, ela era associada, na Babilônia, com o julgamento dos vivos e mortos, quando Zibanitu, a Balança, pesava as almas; No Egito, a colheita era pesada quando a Lua estava cheia em Libra. Simboliza o equilíbrio entre as forças construtivas e as destrutivas, representa, também, o fruto na plena maturidade.

ASTRO REGENTE: VÊNUS – É associado com a harmonia e com o uníssono, qualidades pela sua constância física, já que Vênus tem, entre todos os planetas, a mais baixa excentricidade orbital. Vênus rege Touro e Libra e é exaltado em Peixes.

ELEMENTO HERMÉTICO: AR – Equilíbrio das Forças construtoras e destrutivas. Maturidade; o fruto no máximo de seu sabor.

DOUTRINA INICIÁTICA: COMPANHEIRO – Por representar o equilíbrio entre as forças construtivas e destrutivas (a maturidade total do fruto, equilíbrio entre o viço e o apodrecimento), esse signo relaciona-se com a dualidade do grau de companheiro; simbolizando o **Companheiro, na plena maturidade de sua escalada, pronto a desenvolver todo o seu potencial de trabalho.**

JORNADA INICIÁTICA: O Companheiro em estado de desenvolver seu máximo de atividade utilmente empregada.

VIII. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: ESCORPIÃO – Por ordem de Juno, o escorpião ergueu-se da terra, para atacar Orion; levou também, os cavalos do Sol a disparar, ao serem conduzidos, certo dia, pelo menino Faetonte; Zeus (Júpiter) puniu-o duramente, atingindo-o com um raio. Simboliza a desagregação dos elementos da construção vital e a queda do Sol para outro hemisfério; representa também, emoções e sentimentos poderosos, rancor, obstinação.

ASTRO REGENTE: MARTE – É o planeta do Vigor, do positivismo e da vivacidade; por sua cor avermelhada, ele foi associado com o calor, o que não corresponde à realidade, pois ele é bastante frio e sua cor deve à oxidação. Marte Rege Áries e é exaltado em Capricórnio..

ELEMENTO HERMÉTICO: ÁGUA – A Massa aquosa fermenta. Os elementos de construção vital dissociam-se, atraídos por novas combinações. Desorganização revolucionária. O Sol precipita sua queda para outro hemisfério.DO MEIO-DIA À MEIA-NOITE

DOUTRINA INICIÁTICA: MESTRE – A perda da Luz do Sol, a morte da natureza, enfim, simboliza **a morte do artífice Hiram, assassinado pelos três maus Companheiros,** de acordo com a lenda de Mestre (decalcada na lenda da morte do Sol, ou Lenda de Osíris).

JORNADA INICIÁTICA: Conluio dos Maus Companheiros. Hiram é ferido de morte...

IX. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: SAGITÁRIO – Sagitário, com suas duas faces, animal e humana, era o centauro Quíron, que educou Jasão, Aquiles e Enéias; famoso como médico, profeta e estudioso, era filho de Filira e de Cronos (Também pai de Zeus); Cronos, surpreendido no ato gerador, transformou-se num garanhão e partiu a galope, abandonando Filira; esta, desgostosa com o filho metade homem e metade cavalo, transformou-se numa tília. Simboliza o espírito que se desprende do corpo e paira no ar, enquanto a natureza, pela desagregação dos elementos, morre, lentamente; representa, também, a mente aberta e o julgamento crítico.

ASTRO REGENTE: JÚPITER - Sendo o maior dos planetas, há um paralelo entre sua maciça natureza física e a sua proeminência astrológica, como força expansiva; ele é uma importante fonte de radiações (Principalmente de Rádio), cujos possíveis efeitos diretos são fundamentais para a astrologia. Júpiter rege Sagitário e é exaltado em Câncer.

ELEMENTO HERMÉTICO: FOGO – O Espírito animador destaca-se do cadáver e paira nas alturas. A natureza toma um aspecto desolador.

DOUTRINA INICIÁTICA: MESTRE – Por representar a natureza morta e o espírito animador que destaca do corpo, simboliza a **procura do corpo de Hiram assassinado e o lamento de todos os Obreiros pela perda do Mestre da Palavra.**

JORNADA INICIÁTICA: Os Obreiros abandonados, sem direção, lamentam-se e dispersam-se à procura do corpo do Mestre assassinado.

X. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: CAPRICÓRNIO - Suas associações Mitológicas são incertas, embora haja uma breve relevância a Pã, cuja mãe saiu correndo ao ver-lhe a feiúra, mas cujo sucesso com as ninfas era indiscutível. Simboliza a morte de toda natureza, a perseverança.

ASTRO REGENTE: SATURNO – Foi associado com a limitação, ou seja, como impulso para se manter dentro de certos limites, mesmo antes de os seus anéis terem sido descobertos por Galileu. Saturno rege Capricórnio e é exaltado em Libra.

ELEMENTO HERMÉTICO: TERRA – Nada mais vive; a substância terrestre está inerte, passiva, mas é ainda , fecundável.

DOUTRINA INICIÁTICA: MESTRE - Por representar a terra inerte mas fecundável, ou seja, a esperança de nova ressurreição, simboliza a **descoberta do local em que o Mestre Hiram foi sepultado pelos Três Companheiros que o assassinaram.**

JORNADA INICIÁTICA: Descobre-se o túmulo de Hiram

XI. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: AQUÁRIO - Não há mitos evidentes relativos a Aquário; o Deus Hapi, vertendo água de dois jarros, era um símbolo antigo do Rio Nilo, enquanto que o deus Sumerianos Ea, às vezes, era chamado “do deus com jatos de água”; o nome babilônio de Aquário, Gula, era , inicialmente, associado com a deusa do parto e da cura. Simboliza a reconstituição dos elementos construtivos, impregnando a terra com a seiva revitalizadora; representa, também, o sentido humanitário e prestativo.

ASTRO REGENTE: SATURNO - Foi associado com a limitação, ou seja, como impulso para se manter dentro de certos limites, mesmo antes de os seus anéis terem sido descobertos por Galileu. Saturno rege Capricórnio e é exaltado em Libra.

ELEMENTO HERMÉTICO: AR – Os elementos construtivos reconstituem-se na terra adormecida, mas em preparo de novos esforços geradores; ela satura-se de dinamismo vitalizante.

DOUTRINA INICIÁTICA: MESTRE – Por representar a reconstituição dos elementos construtivos, preparando uma nova geração da vida, na terra ainda inerte, simboliza **a cadeia que todos os Obreiros fazem no sentido de que o corpo de Hiram, retirado de seu túmulo, possa ressurgir ressuscitar num plano elevado.**

JORNADA INICIÁTICA: O cadáver de Hiram é desenterrado e forma-se a cadeia para ressuscitá-lo.

XII. PENTACLO:

NOME DO SIGNO: PEIXES – Apavorados com o Gigante Tifão, Vênus e Cupido, se atiraram no Rio Eufrates e se transformaram em peixes; Minerva, comemorando o fato, colocou os peixes no céu. Simboliza a ressurreição da terra vitalizada, com o novo advento da Luz; representa também, o desprendimento das coisas materiais.

ASTRO REGENTE: JÚPITER - Sendo o maior dos planetas, há um paralelo entre sua maciça natureza física e a sua proeminência astrológica, como força expansiva; ele é uma importante fonte de radiações (Principalmente de Rádio), cujos possíveis efeitos diretos são fundamentais para a astrologia. Júpiter rege Sagitário e é exaltado em Câncer.

ELEMENTO HERMÉTICO: ÁGUA – O Gelo quebra-se; a neve funde-se, impregnando o solo de fluidos próprios a serem vitalizados. Os dias dilatam-se rapidamente; o reino da Luz impera.

DOUTRINA INICIÁTICA: MESTRE - Por representar a total ressurreição da natureza, com a volta do reino da Luz, simboliza o **renascimento de Hiram Abi e o reencontro da Palavra Perdida;** na realidade, do ponto de vista místico, como na lenda de Osíris, esse renascimento não é , evidentemente, no plano material, mas sim no espiritual. É a volta do Sol e da vida prontos para mais um Ciclo.

JORNADA INICIÁTICA: Hiram é levantado, torna a si; a Palavra Perdida é encontrada.

AS TRÊS COLUNAS QUE SUSTENTAM A LOJA

Durante os demais trabalhos anteriores, já podemos concluir pelas modestas pesquisas que realizamos que o "**Triângulo tem Razão"**, e que sem o presente e o passado não há futuro. A vaidade humana costuma apresentar como novas as coisas que os antigos já sabiam ou já recomendavam. A Grécia realizou a síntese da sabedoria de toda a antiguidade, e em nossos Templos, além de outras influências da antiga civilização grega, encontramos os três grandes estilos arquitetônicos da antiguidade, já que a construção de Templos foi a mais alta expressão da arquitetura antiga,

desenvolvendo-se nela, formas e estilos que mostram, claramente, a essência da antiga arte de construir.

Antes de continuarmos com a História da Arquitetura que muito vem a complementar esta peça de arquitetura, vamos lembrar, de modo hermético e só inteligível aos maçons, uma passagem da iniciação, cuja está bem destacada simbolicamente no Painel do Grau de Aprendiz e nos Rituais, onde o iniciando, guiado por um Irmão, realiza longa viagem por outros pontos cardeais, onde bate em três portas, e, por seu intérprete pede acolhida. Essas três portas dão para os três enormes compartimentos, cada qual iluminado por uma janela. Nessa peregrinação, o iniciando busca a luz, a qual lhe é dada somente depois de completada as longas viagens. Verifica depois que três luzes, governam uma loja e Três grandes colunas sustentam o Templo; A Sabedoria, a Força e a Beleza, ou seja, a Onisciência, a Onipotência e a Onipresença do G.·.A.·.D.·.U.·., reafirmadas como princípios de Verdade, de Atividade e de Amor e Harmonia. Estas três colunas representam ao Ven.·. M.·. e aos 1ºe 2º Vig.·. que tem assento respectivamente no Oriente, no Ocidente, e no Meio dia, onde são manifestadas respectivamente aquelas três qualidades.

O Delta luminoso, com o Olho Divino no centro, brilha no Oriente por cima Trono de Salomão, assento do Ven.·. M.·. , símbolo do Primeiro Princípio, que é a Suprema Realidade, em seus dois lados, ou qualidades primordiais que a definem, expressas em síntese inimitável.

Nos dois lados do Delta, que representa a verdadeira luz (a luz da Realidade transcendente), aparecem o Sol e a Lua, os dois luminares visíveis, manifestação direta e refletida dessa luz invisível, que ilumina nossa Terra e que simbolicamente representam a Luz Intelectual e a Material.

Esse governo pousa sobre três colunas gregas; a coluna jônica, que é da sabedoria e do Ven.·. M.·.; a coluna Dórica, da Força, do 1º Vig.·. ; a coluna Coríntia, da Beleza, do 2º Vig.·.

Iremos, após este breve horizonte hermético, destacar a arquitetura histórica das três colunas, cujas merecem entendimento mais profundo para compor nossa linha de pensamento e interpretação:

A coluna do estilo Dórico (**COLUNA DÓRICA**), sem base, o aspecto da coluna dórica é o de uma estrutura simples, mas de forma bastante convincente. Considerando-se que a função principal de uma coluna é erguer-se para o alto, suportando um peso, a forma da coluna dórica confirma essa função arquitetônica, para cuja realização, todavia, colaboram alguns recursos sutis. Primeiro, temos o adelgaçamento do fuste, ou seja, a gradual redução de seu diâmetro, de baixo para cima (entasis), de maneira que , no topo, ela tenha redução de um quarto do diâmetro na parte superior. Em seguida, o canelado, que divide o corpo da coluna em sulcos, mediante profundas estrias verticais, separadas por agudas cristas. Finalmente, o capitel, concretizando, com bastante originalidade, a transição da força ascensional do fuste para o peso do entablamento.

Além das características de ausência de base, adelgaçamento do fuste, e canelado, nota-se, nessa coluna, que o extremos superior do fuste é estrangulado por uma série de cristas e caneluras horizontais, às quais se segue a parte inferior, mais larga, do capitel, chamada eqüino, pois os gregos a comparavam a um ouriço do mar em posição invertida. O eqüino representa a almofada elástica, com a qual o apoio, que é a coluna toda, está pronto para receber o peso do entablamento; este peso desce sob a forma de uma pedra quadrada, o ábaco, que assenta sobre a superfície esférica do eqüino.

O entablamento do edifício, nos quatro lados deste, é, uniformemente, constituído por três partes horizontais, que se sobrepõem a arquitrave, o friso de métopas e triglifos, e a cornija. Essas três partes, de certa maneira, repetem as três seções de toda a construção, com a arquitrave correspondendo ao pedestal, o friso, à coluna, e a cornija, ao entablamento.

Rematando a construção do Templo, vinha à cobertura, de telhas planas de mármores; entre a cobertura e a cornija, o Frontão, superfície triangular criada pelas duas águas do telhado, decorado com motivos mitológicos. Como remates do frontão, existiam os acrotérios, com forma de esfinges, grupos de figuras, ou um motivo de volutas.

A coluna do estilo jônico (**COLUNA JÔNICA**), diferencia-se do dórico, principalmente, por suas colunas, que apresentam um fuste mais alto e mais belo, onde existem caneluras cavadas profundamente, separadas por listeis planos, ao invés de arestas vivas. Além disso, a coluna jônica apresenta uma base circular, com bela estrutura , e um complicado capitel, cuja parte inferior, com um ornamento em óvulos, assenta sobre o fuste; à moldura de óvulos, seguem-se as volutas, que se estendem superficialmente, para a direita e para a esquerda, em almofada arqueada, que se enrola, com força elástica e tensa, em torno de um eixo.

As volutas estão na parte frontal e na posterior, o que cria aspectos diferentes nas laterais. Devido a esse fato de ter duas faces frontais e duas laterais, surge o problema do capitel angular, praticamente insolúvel, já que as duas volutas encontram-se formando saliência na diagonal.

Na coluna jônica, o capitel também termina numa pedra quadrada (Ábaco), sobre o qual se apóia a arquitrave, dividida em

três zonas horizontais, sucessivamente sobressalentes. A ordem jônica relaciona-se mais, com a ornamentação superficial do que com uma arquitetura organizada, como a dórica.

A coluna do estilo corintio (**COLUNA CORINTIA**), segue todas as demais características do jônico, com exceção do capitel, que tem uma rica decoração de folhas de acanto; o nome desse estilo deriva das tendas, segundo o qual o escultor Calímaco teria visto , em Corinto, sobre o túmulo de uma donzela , um cesto coberto por folhas de acanto, que cresciam em volta dele. (Século V A.C.)

No Artístico capitel corintio, encontra-se um núcleo central, em forma de cesto, em torno do qual estão dispostas folhas de acanto, que crescem a partir da base do capitel; nos cantos, em todas as faces, sobem gavinhas, ou volutas, em espiral, sendo oito, portanto, no total, que vão até a curva de coroamento, quando os seus enrolamentos sustentam a saliência do ábaco; do cesto saem outras gavinhas, que terminam em cálices de flores.

Vista e pesquisada a história arquitetônica de cada coluna, cada qual representa, como já visto em parágrafo anterior, uma das três luzes da Loja, cujas são o Ven.·. M.·. , o 1º Vig.·. e o 2º Vig.·., e respectivamente representam, a sabedoria, a força e beleza, ou seja; A sabedoria Jônica venceu a força espartana (dórica) e, quando ato e potência se equilibraram, surgiu a beleza, que se completou , mais tarde, e já na época helenística, ensejando a perfeição da coríntia e completando o ternário, o qual, por sua vez, viria a repercutir em toda história da humanidade.

É costume colocar estas colunas sobre o altar (mesa) das três luzes (Ven.·.l e .·VVig.·.), cada qual com sua coluna correspondente, ou fazendo-se valer toda a história da Grécia e toda a filosofia dos gregos, e lembrando essa verdade, algumas Lojas Maçônicas

ostentam, ao lado das três luzes, as estátuas de Minerva, Hércules e Vênus (ou Apolo), respectivamente.

Através desta rapida pesquisa e consciencioso estudo, podemos concluir que a Maçonaria é, pois, a síntese da evolução da humanidade, merecendo aprofundarmos cada vez mais no estudo de Antigas civilizações e sua relação direta com a Ordem nos dias de hoje e na sua constituição enquanto operativa e especulativa.

A CORDA DE 81 NÓS

Prosseguindo nossos estudos voltados ao simbolismo hermético, material e espiritual de nossa Ordem, nossos Templos e nossos Augustos Mistérios , buscando o consciente esclarecimento ao Maçom Iniciado e postulante no Grau de Aprendiz, não poderíamos deixar de explorar o entendimento pesquisado por vários autores sobre um ornamento bem claro e destacado nos Templos do Rito Escocês Antigo e Aceito , localizado no alto das paredes, junto e abaixo do teto e acima das Colunas Zodiacais; A Corda de 81 nós.

Antes porém vamos definir como é este ornamento confeccionado a partir de uma Corda, cuja pode ser simbolicamente esculpida, ou originalmente ornamentada.

O Objeto "Corda" é um elemento que pode ser composto pelos mais diferentes materiais e que tem a finalidade de prender, separar, demarcar ou unir. Sua resistência salvo casos especiais, está

diretamente ligada ao número de fios de que é composta, o próprio material de sua composição e de como é feito o seu entrelaçamento. Como curiosidade, dentro de nossas pesquisas, encontramos na antiga Grécia, os cabelos longos das mulheres que cortados eram usados para fazerem as cordas necessárias para utilização na defesa das cidades.

Encontramos também no Antigo Testamento, em Eclesiastes 4:12: **"Se alguém prevalecer contra um, dois lhe resistirão: o cordão de três dobras não se arrebenta com facilidade"**.

Os agrimensores egípcios usavam cordas com nós para delinearem os terrenos a serem edificados, sendo que os nós demarcavam pontos específicos das construções, onde deveriam ser necessárias aplicações de travas, colunas, encaixe, entre outros atributos necessários à Construção..

Na Idade Média, os construtores da Maçonaria Operativa usavam uma corda com alguns nós feitos a determinadas distâncias uns dos outros, amarrando esta corda entre dois pilares com distância estudada, deixando-a formar uma "barriga" em ângulo desejado. Feito isto, era colocada uma luz (velas) à distância e altura calculadas, ocasião em que a "barriga" mostrava no extremo oposto, através de sua sombra, as dimensões exatas da cúpula de que se desejava construir, mercê da figura invertida e aumentada nas proporções, o qual bem nos tempos remotos egípcios , temos como exemplo a história de Thales de Milleto, que instalado pelo Faraó a medir a altura de uma pirâmide sem uso de instrumentos ou tocar na construção, colocou uma vara fincada no chão, na vertical com 2 mts aflorando a terra. Quando o sol levou a sombra desta vara a ser projetada com um comprimento de exatamente 2 mts, ele viu que a

sombra da pirâmide projetada quando o sol estivesse naquele ponto, seria a altura da pirâmide.

Avançando mais no tempo, encontramos na Sociedade dos Construtores, que foi embrião da Maçonaria como conhecemos hoje, a herança da corda com nós, não necessariamente 81, mas 3, 5, 7 ou 12, que era desenhada no chão com giz ou carvão, fazendo então, alegoricamente parte de um Painel representativo dos instrumentos usados pelos Pedreiros Livres, o qual fazemos destaque à Peça de Arquitetura do "Painel do Grau de Aprendiz", onde destacamos as questões que envolvem a Corda de 7 nós destacadas neste painel.

Quando as Sociedades de Pedreiros foram dissolvidas com a criação de Escolas de Construtores, terminando assim, com os segredos das construções e suas técnicas, cujas nada era registrado, pois eram passadas de boca em boca, afloraram então os ensinamentos místicos e esotéricos que já vinham sendo estudados e praticados por Grupos Maçônicos que recebiam naquela época a influência de Rosacruzes, Hermetistas, Ocultistas, Alquimistas e outros grupos místicos, para livrarem-se das perseguições dos Reis e do Clero. Quando aceitos pela Maçonaria, embora não fossem pedreiros, passavam a gozar dos mesmos direitos, daí, então nasceu o título de Maçom (Pedreiro) Livre e Aceito, que hoje somos todos nós. É desta corda dos Maçons Livres e Aceitos, também conhecidos como Especulativos que vamos ocupar-nos na continuidade desta peça.

Uma das possíveis origens da corda de 81 nós, que encontramos em nossas pesquisas, é que por volta de agosto de 1773, por ocasião da palavra semestral que é dita somente em cadeia da união na casa "Folie-Titon" em Paris, tomava posse Louis Phillipe de Orleans,

como Grão-mestre da Ordem Maçônica, na França, e estavam presentes 81 irmãos em união fraterna, e a decoração da abóbada celeste apresentava 81 estrelas.

Antes de ser colocada nos tetos dos Templos Maçônicos, esta corda continuou sendo pintada provisoriamente no chão, representando uma época da Maçonaria Operativa, mas agora com finalidades morais e espirituais, variando seu número de nós de acordo com o grau que motivava a reunião.

Ao realizarmos nossas reuniões nas Oficinas, sempre tomamos cuidado para que não haja interrupção ou intromissão de quem seja alheio aos nossos augustos mistérios, para não atrapalhar o desenvolvimento da reunião. Isto se faz colocando o cobridor externo e o cobridor interno (este último em 100% das vezes, sendo primeiro uma questão de necessidade variável). Em suma, cercamos o local, estabelecendo o que podemos chamar de cordão de isolamento.

Tal ocorrência é comum em vários outros rituais das mais variadas religiões.

Nas reuniões maçônicas, cumprindo o ritual, é pedido ao Irmão Cobridor Interno para que verifique se o Templo está "a coberto" em sua parte externa, das indiscrições profanas, somente iniciando os trabalhos após sua confirmação. Neste enfoque e seguindo isto a protetora Corda Maçônica sai do chão e elevou-se aos tetos dos Templos, significando a elevação espiritual dos Irmãos, que deixaram de trabalhar no chão com o cimento e passaram a trabalhar no plano superior com o cimento místico que é a argamassa da Espiritualidade. Esta corda é que oferece-nos proteção através da irradiação de energias pela "Emanação Fluídica" que abriga e sustenta a "Egrégora" (corpo místico) formada durante os trabalhos

em Templo através da concentração mental dos Irmãos, evitando que ondas de energia negativa desçam sobre os presentes na reunião.

As borlas separadas na entrada do Templo funcionam como captores da energia pesada dos Irmãos que entram, devolvendo-lhes esta energia sob forma leve e sutil quando de sua saída. Ë como a camada de Ozônio impedindo a passagem dos raios ultravioleta, favorecendo apenas a penetração do fluído vital para energização dos nossos chakras que giram em velocidade incrível, com seus elétrons em torno do núcleo, como micro-universos, internos.

Alguns autores, afirmam que a abertura da corda, em torno da porta de entrada do Templo, com a formação das Borlas, simboliza o fato de que a Maçonaria está sempre aberta para colher novos membros, novos profanos que desejem receber a Luz Maçônica, porém entendemos que a realidade é que essa abertura significa que a Ordem Maçônica é dinâmica e progressista, portanto, sempre aberta às novas idéias, que possam contribuir para a evolução do homem e para o progresso racional da humanidade, já que não podem ser Maçom aqueles que rejeitam as idéias novas, em benefício de um conservadorismo rançoso, muitas vezes dogmático e , por isso mesmo, altamente deletério.

Encontramos ainda, na estrutura dos nós o símbolo do infinito e a perpetuação da espécie, simbolizando na penetração macho/fêmea, determinando que a obra da renovação é duradoura e infinita. Este é um dos motivos pelos quais os nós são chamados "Laços de Amor", por demonstrar a dinâmica Universal do Amor na continuidade da vida. Os átomos detêm todas as sabedorias do Mundo, porque ele gera e cria novas propostas para a evolução humana. A Corda de 81 nós representa a laçada como um "8" deitado, lembrando ao Maçom que é preciso tomar muito cuidado

para não puxá-la fortemente transformando-a em nó apertado e "cego", o que significaria a interrupção e o estrangulamento da fraternidade que deve existir entre os Irmãos.

A Corda deve conter os 81 nós, e devem ser eqüidistantes, algo que conforme pesquisas nem todos os Templos possuem, tirando todo o simbolismo. Isto posto, o número 81 segue os princípios místicos da Cabala, uma vez que 81 é o quadrado de 9 que por sua vez é o quadrado de 3, número perfeito, de valor místico bastante estudado em Escolas Esotéricas.

Nos Orientes, a corda é colocada de modo que ficam 40 nós à direita e outros 40 à esquerda, ficando um nó central sobre o dossel, representando o número UM, a unidade indivisível. O número 40 é apresentado inúmeras vezes no Antigo Testamento, em Gênesis 7:4; Êxodos 34:28; Mateus 4:2; Atos dos Apóstolos 1:3, etc. O nó central, por representar o Criador é sagrado.

Voltando ainda às laterais com 40 nós, lembramos que este número marca a realização de um ciclo que leva a mudanças radicais. A Quaresma dura 40 dias. Ainda hoje temos o hábito medicinal de colocar pessoas ou locais sob "quarentena" como se nela estivesse a purificação dos males antes existentes. Jesus levou 40 dias em jejum e tentações. Os Hebreus vagaram 40 anos no deserto e, daí por diante, teríamos diversos fatos relativos ao número 40, que simboliza a penitência.

A Cosmogonia dos Druidas, resumidas nas Tríades dos Bardos antigos, eram em número de 81 (as Tríades) e os três círculos fundamentais de que trata esta doutrina, tem como valor numérico o 9, o 27 e o 81 todos múltiplos de 3. Segundo o Escocês Trinitário, o 81 é o número misterioso de adoração dos anjos. Assim, os 81 nós que estão no teto, portanto, próximos do céu, tem ligação com os 81

anjos que visitam diariamente a Terra, como mostram as Clavículas de Salomão, e se baseiam nos 72 pontos existenciais (os 72 nomes de Deus), da Cabala Hebraica modificada. A cada 20 minutos, um anjo desce a Terra e dá sua mensagem aos homens. São 72 visitas no curso do dia, se levarmos em conta que a cada hora teremos 3 anjos, em 24 horas, teremos 72 horas. Agora, somando 72 anjos aos nove planetas que nos influenciam diariamente chegamos ao número 81. Sabemos que estes anjos podem nos ajudar se os chamarmos pelos nomes no espaço de tempo que nos visitam. E eles estão representados no teto do Templo, através dos 81 nós.

Na Igreja Católica, os 40 nós à direita representam os 40 dias que Jesus usou para preparar-se para a morte terrestre e os 40 dias que ficou entre nós após a ressurreição, preparando-se para a Eternidade. O nó central é a representação Dele entre seu passado e o seu futuro. Na Numerologia, os comportamentos humanos tem valores numéricos, de acordo com as letras de seus nomes. As letras são divididas em três grupos de 9 letras, cada letra com 3 chaves, a saber:

1-Valor numérico que lhe é próprio
2-Som que lhe é próprio
3-Figura que a caracteriza

Assim, como temos nove variações comportamentais segundo a Psicologia, teremos 81 variações de comportamento. Podemos então dizer em estudo livre, que esta corda mostra também os 81 comportamentos que uma pessoa pode ter em uma existência, sendo então a representação do indivíduo e suas mudanças de humor. No Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento é apresentada esta corda, mas sem delimitação do número de nós, já que é considerada

sem começo e nem fim, envolvendo o Planeta Terra. Ali ela chama-se Cadeia Áurea de Amor.

Quando fazemos uma Cadeia de União, estamos trabalhando para baixo através do fenômeno da atração magnética, a Energia Cósmica representada pela Corda de 81 nós. Quando vibramos, é feita a troca energética para a recarga de nossas baterias através da absorção fluídica da Egrégora que se desfaz. Assim, precisamos tomar muito cuidado com as emanações que liberamos através de nossa pouca concentração ou conversas em Templo, lembrando que somos todos potencialmente receptivos e passar a olhar de outro modo esta sentinela que nos protege do alto, que é a **CORDA DE 81 NÓS.**

O PAVIMENTO MOSAICO

Segundo pesquisas, a origem do Pavimento Mosaico é mesopotâmica, mais precisamente sumeriana. A Mesopotâmia, região da Ásia, situada entre os rios Eufrates e Tigre, abrigou ao lado do vale do rio Nilo, as mais antigas civilizações organizadas da Terra.

Assim, como todos os povos da antiguidade, sempre com base na cultura Sumeriana, ora de formação mística, religiosa e metafísica, e de certo, assim como a escrita, os antigos Sumerianos de certo tudo criaram; A administração e a Justiça, formas políticas de governo, instrumentos de troca e produção, formas de pensamentos religiosos, com base na astronomia e a astrologia, técnicas de construção, entre outras atividades, e a que merece mais destaque no contexto desta peça de arquitetura, foi o conceito de Religião.

A religião foi, todavia, o centro e o motor de toda a vida mesopotâmica, tornando-se a base de toda a religiosidade cósmica do mundo antigo e da mitologia greco-romana. Entre os símbolos religiosos dos sumerianos, encontrava-se um pavimento quadriculado, composto de quadrados brancos e negros intercalados, simbolizando os opostos, sendo como principal atributo a interpretação do dia e da noite, já que o culto era solar.

Conceitualmente a interpretação simbólica hoje apresentada para o Pavimento Mosaico, segundo pesquisas, é referenciada na atividade em duas correntes ou sentidos inversos de dois princípios, comparável ao fluxo e refluxo das marés, onde origina os pares de opostos que se observam onde quer que seja no mundo fenomênico ou exterior, como ocorre na experiência psicológica ou interior.

Assim, a Luz, emanação ativa e positiva, efeito do movimento centrífugo ou expansivo, opõe-se às trevas, que podem considerar-se como falta de luz ou luz negativa, efeito de um movimento centrípeto ou de absorção, do exterior ao interior. A primeira tem, pois, uma correspondência moral com a Sabedoria, o Amor e o Altruísmo, que é o desejo de dar; a segunda relaciona-se com a Ignorância, a Paixão e o Egoísmo, que é o desejo e a vontade de receber.

O mesmo pode ser dito do calor e do frio. O primeiro faz dilatar os corpos e os conduz a superar suas limitações moleculares, do estado, sólido ao líquido, e deste ao gasoso, e do gasoso ao estado radiante, libertando os átomos progressivamente de sua escravidão dentro das moléculas, assim como da lei da Gravidade. Enquanto o segundo, fazendo voltar ao estado líquido os gases e solidificando os líquidos, os sujeita sempre mais estreitamente a uma forma definida, limitando suas possibilidades de movimento.

No campo moral, o calor tem uma evidente analogia com o entusiasmo, ou chama interior que nos inflama para qualquer tentativa que seja expressão de nosso ser e de nossos íntimos desejos. Por seu lado, o frio está constituído pelas considerações materiais e o poder da ilusão que limitam, paralisam, escravizam e entorpecem nossos esforços.

O mesmo pode ser dito no plano físico, da eletricidade positiva e negativa, das ações e reações moleculares, das duas propriedades opostas da atividade e da inércia, da afinidade química que age em ambos os sentidos, e dos diferentes tropismos visíveis tanto no mundo orgânico como no inorgânico, e no mundo moral, dos diferentes impulsos que nos animam, de nossos pensamentos e inclinações positivas e negativas, e que nos fazem, respectivamente, ativos e passivos.

O Bem e o Mal, a Beleza e a Feiúra, a Vida e a Morte, a Fortuna e a Desgraça, a Verdade e o Erro, o Vício e a Virtude; eis aqui outros tantos pares de opostos que dominam no mundo relativo, sendo relativos do ponto de vista da consciência em que se consideram, existindo cada um deles unicamente em relação ao outro, e dissolvendo-se todos na diáfana perfeição do Absoluto.

Estes pares de opostos simbolizados pelos quadrados brancos e negros do **pavimento de mosaico** que parte das duas colunas representam eterno conflito, que parece constituir a mesma essência da vida.

Deuses brancos e deuses negros, ou anjos e demônios, existem praticamente em todas as religiões, símbolos evidentes do impulso evolutivo e progressista das aspirações superiores do homem e da inércia ou gravidade dos instintos e tendências inferiores. Assim pois, o Armagedon ou batalha celeste entre os espíritos da Luz e os

espíritos das trevas, ou seja entre as Forças Evolutivas e Libertadoras e as Forças Involutivas e Escravizadoras, é uma realidade psicológica universal de todos os tempos.

Mas não são menos certos que as duas forças opostas, os dois princípios que aparecem constantemente travando uma luta encarniçada, são dois diferentes aspectos ou manifestações de uma única e mesma Realidade, cujo reconhecimento faz-nos superar o ponto de vista da luta e do conflito, e situa-nos no ponto central da Harmonia que de tudo faz uma Coisa Única.

Não é uma realidade em si mesma, mas um aspecto ou contraparte negativa da manifestação positiva da única Realidade. O conflito entre o Bem e o Mal e o poder deste sobre nós cessam quando reconhecemos aquilo como sendo a única Realidade e o único Poder, e nisto vemos tão somente uma aparência ilusória desprovida de realidade e poder verdadeiros.

As Linhas longitudinais formam o caminho do iniciado, que não somente se recusa a repelir a moral comum, mas ainda e, sobretudo, procura elevar-se acima dela.

Essas Linhas longitudinais, estreitas, não aparecerem aos olhos profanos, que vêem apenas ladrilhos brancos e pretos, e passam despreocupados em cima de um e de outro, seguindo assim a via esotérica. O profano tem assim, na frente, por trás, à esquerda e à direita, uma cor oposta à dele. Marcam-se desta forma múltiplas oposições que se formam sob seus passos.

O Iniciado, pelo contrário, vai seguindo a via esotérica, enveredando pela trilha mais estreita, mais penosa, vai marchando ao longo das juntas longitudinais e passa entre brancos e pretos que não suscitam obstáculo algum ao seu andar. Basta considerar a estreitura

da trilha para compreender que tal caminho não pode ser a rota do profano

O Aprendiz Maçom, com seus três passos ao oriente, se distancia da porta que se encontra no Ocidente, onde estão situadas as duas colunas, B. e J., emblema dos dois princípios e dos pares de opostos que dominam o mundo visível. A atividade combinada destes dois princípios aparece manifestadamente no próprio **pavimento de mosaico** em ladrilhos brancos e negros, que se estendem desde a base das colunas em direção ao Oriente, igualmente em forma de quadrilongo, ocupando o centro do Templo.

O pavimento de mosaico é um belo emblema da multiplicidade engendrada pela dualidade, constituída pelos pares de opostos que se encontram constantemente um perto do outro; o dia e a noite, a obscuridade e a luz, o sonho e a vigília, a dor e o prazer, as honras e as calúnias, o êxito e a desilusão, a sorte e o azar, etc. Sobre estes opostos, que se encontram em todos os caminhos e em todas as etapas de nossa existência, o iniciado que tenha provado da Taça da Amargura deve marchar com ânimo sereno e igual, sem deixar-se exaltar pelas condições favoráveis nem reprimir-se pelas aparências desfavoráveis.

Por cima desta visão dualística da vida formada por pares de opostos, levanta-se a ara ou Altar (etimologicamente "altura" ou “elevação”), símbolo da elevação de nossos pensamentos, por meio do qual percebemos a realidade transcendente que se esconde sob a aparência contraditória, e atingimos o conhecimento da palavra, ou seja, da Verdade, que é o propósito intimamente benéfico de toda experiência, sempre compreendida como útil ao nosso progresso e benefício mais verdadeiro.

As três luzes que se encontram sobre o altar, formando um triângulo eqüilátero, representam a necessária relação, que deve existir em nossa inteligência, entre a dualidade ocidental (ou fenomênica) das colunas e a Unidade Oriental da Verdadeira Luz, por meio da qual se realiza o ternário da harmonia e do perfeito equilíbrio, sobre todos os extremos e as tendências dualistas.

Entre estas luzes tem seu lugar mais conveniente o livro sagrado, símbolo da Verdade que se encerra na tradição, uma vez que saibamos convenientemente interpretá-la por meio de nossas faculdades inteligentes, representadas pelo esquadro e o compasso que são colocados sobre esse livro para que possamos realmente compreendê-lo e medi-lo em toda a sua extensão.

O Simbolismo do Pavimento Mosaico nos denota a seguinte definição resumida:

“Qualquer Ação faz nascer uma reação, que vem logo estabelecer o equilíbrio momentaneamente rompido.”

O TEMPLO MAÇÔNICO

"Templo Maçônico é a atmosfera de amor, de verdade e de justiça formada pela união de corações ávidos das mesmas esperanças, sequiosos de idênticas aspirações porque sem esse isocronismo de ação, sem essa elevação, poderá haver, quando muito, grupos de homens, nunca, porém Maçonaria".

Rizzardo da Camino – Vade Vecum do Simbolismo Maçônico O

Templo é o lugar onde se desenvolvem os trabalhos Maçônicos e é reunida a Loja, manifestação do Logos ou Palavra que vive em cada um de seus membros e encontra em seu conjunto uma expressão harmônica e completa.

É, ao mesmo tempo, um lugar de trabalho e de adoração, uma vez que nunca cessa de construir-se enquanto for de real proveito a todos; e como esta construção simbólica necessita ser a expressão do Plano do G.A.D.U, no qual a atividade construtiva busca sua

inspiração, este esforço constante em direção à Verdade e à Virtude é a mais efetiva e verdadeira adoração.

Etimologicamente, a palavra templo relaciona-se com o sânscrito tamas, "escuridão", de onde vem também o latim tenebrae (por temebrae), "Trevas". Significa, portanto, lugar escuro, e, por conseguinte "oculto", aludindo ao antigo costume de construir os templos em grutas ou criptas subterrâneas, fora da luz exterior e ao amparo da indiscrição profana.

Isto informa-nos que todos os templos no princípio, foram antes de tudo, lugares de recolhimento e silêncio; e da mesma forma também o são os templos sucessivamente erigidos sob uma forma arquitetônica específica, mas sempre caracterizados interiormente por essa penumbra mais ou menos completa que favorece a concentração do pensamento e à sua elevação para o transcendente, em direção ao que há de menos conhecido e misterioso. Também este isolamento do mundo exterior é favorecido por uma atenção mais profunda sobre os ritos e cerimônias que nesses templos - sejam religiosos ou iniciáticos - tem se sempre desenvolvido.

O Templo maçônico possui aquilo que geograficamente chamamos de Latitude e Longitude, ora sendo classificadas como coordenadas geográficas destinadas à fixação exata de um ponto qualquer na superfície terrestre. Para essa fixação a superfície da Terra é considerada como rigorosamente esférica e recoberta por uma rede de círculos, em malhas trapezoidais esféricas, ora paralelas ao equador, ora perpendiculares, passando pelos dois pólos terrestres.

A Base das coordenadas geográficas é o equador terrestre, pois, a partir dele, contam-se as latitudes, em direção aos pólos, de acordo com unidades de arco, geralmente no sistema centesimal e através de

graus; os paralelos formados são, geometricamente, círculos menores que o equador, que é o círculo máximo e que passa pelo centro do globo terrestre.

O Círculo equatorial tem sua circunferência dividida em graus (unidades de arco); todos os demais círculos máximos, que forem perpendiculares a ele, passando por essas unidades de arco e pelos pólos, constituem os meridianos, dos quais o principal, o meridiano de zero grau,é, de acordo com a convenção assinada em Washington, em 1884, o que passa por Greenwich, nos arredores de Londres.

Paralelamente ao equador, na posição equivalente a 23º e 27’ (Vinte e três graus e Vinte e Sete Minutos) de latitude norte e sul, encontram-se respectivamente, os trópicos de Câncer e de Capricórnio. O de Câncer atravessa a América Central, o sul da Ásia e o norte da África, enquanto que o de Capricórnio passa pela Austrália, sul da África e parte central da América do Sul (Chile, Argentina , Paraguai e , no Brasil os Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul)

O Templo Maçônico que é a representação da Terra, também possui essas linhas. As duas Colunas do Pórtico marcam a passagem dos trópicos: a do Norte, à esquerda de quem entra (Coluna B), corresponde ao trópico de Câncer, enquanto que a do sul, à direita de quem entra (Coluna J), corresponde ao trópico de Capricórnio. É por isso, que, das doze colunas zodiacais existentes nos Templos, a coluna que tem o pentaclo do signo de Câncer deve estar obrigatoriamente, no Norte, enquanto que a coluna que tem o pentaclo do signo de Capricórnio deve estar obrigatoriamente ao Sul.

Como as colunas vestibulares marcam a passagem dos trópicos, é evidente que a linha do equador passará entre elas, exatamente no centro do espaço entre as duas, que seria então, a Latitude zero grau.

A linha do Equador vai, evidentemente, até ao Oriente, até ao Delta, já que os trópicos são laterais à mesa do Venerável e ao Delta.

Através desta explicação geográfica, podemos dizer que o Templo é um quadrilongo estendido do Oriente ao Ocidente, isto é, "em direção à Luz". Sua largura é do Norte ao Sul (desde a potencialidade latente à plenitude do manifestado), sua altura do Zênite ao Nadir e sua profundidade da superfície ao Centro da Terra. Isto quer dizer que praticamente não tem limites e compreende todo o Universo, no qual se esparge a atividade do Princípio Construtivo, que sempre atua na direção da Luz, como pode ser observado em toda a natureza.

Todos os templos antigos, qualquer que fosse o uso ao qual estivessem destinados, apresentavam esta característica comum de orientação, muitas vezes com maravilhosa exatidão. Ainda que a orientação mais freqüente seja aquela que exatamente é indicada pela própria palavra (em direção ao Oriente), alguns templos apresentam a direção oposta, estando a porta situada do lado do Oriente, para que os primeiros raios do Sol incidam em determinado ponto, que resplandece repentinamente na semi-escuridão do lugar. Em alguns casos, familiares aos arqueólogos, esta orientação na direção ao Sol é feita por intermédio de um corredor estreito, de forma que os raios luminosos por ele possam passar unicamente em certo dia ou época do ano (geralmente solstício e equinócio).

Outros templos estão orientados em direção a alguma estrela particular de primeira magnitude (como Sirius, Canopus, ou a Estrela Polar, em certos templos egípcios).

Quanto às três dimensões do Templo, podemos considerá-las até certo ponto equivalentes; tanto o Norte e o Zênite, como o Oriente, indicam o Mundo Divino dos Princípios ou domínio do

Transcendente; enquanto o Sul, o Nadir e o Ocidente representam de diferentes modos, o mundo manifestado ou fenomênico.

A diferença baseia-se principalmente em que a direção do Oriente ao Ocidente refere-se à Senda da vida ou Caminho do Progresso; a do Norte ao Sul, à Lei dos ciclos, que nos aproxima alternativamente do domínio das Causas e dos Efeitos; e a vertical, ao Pai e a Mãe, de quem somos igualmente filhos, ou seja, às duas gravitações, celestial e terrena, que respectivamente atraem nossa natureza espiritual e material.

A representação simbólica do Templo traduz claramente a idéia de universalidade da Loja, e da própria Maçonaria. Iniciaticamente quer dizer que o Maçom, filho da Terra ou microcosmo, saindo do círculo restrito ou circunstancial, que é o mundo profano, ingressou no ambiente em que se habilita a meditar no Cosmo ou Universo, para sentir antes de tudo a imensidão da obra do G.A.D.U.

Outras instruções Maçônicas Pesquisadas ensinam que essa configuração imaginária se refere ao Amor e à Caridade sem outros limites que não o da Prudência, bem como algumas citam que a doutrina da contemplação do Universo é sempre útil ao maçom, para que reconheça os dons limitados do Homem, na busca do transcendental e incognoscível.

Em ambas as lições acima, podemos ver que levam ao mesmo resultado, que é o homem reconhecer a própria insignificância e falibilidade, diante da grandeza e complexidade do Universo, não restringindo ao Maçom a constante investigação da verdade.

Também podemos dizer que os ensinamentos se baseiam a orientar o iniciado a não se tornar um homem exclusivamente circunstancial, como aqueles que vivem pensando e agindo de modo

simplesmente “terrestre”, materialista e convencional, imitando todos e escravizando-se a preconceitos. Procurando pelo menos, aproximar-se da verdade do Cosmo, o iniciado mais depressa chega a convencer-se de que a investigação da verdade não deve ter limites senão aqueles dirigidos pelo bom senso, pela Moral, e pela Razão. Não há de esquecer, porém, que a moral maçônica é dinâmica e não estática.

É a Moral em Movimento, da Evolução.

A ABÓBADA CELESTE

Cercados por horizontes edificados, dificilmente olhamos para o alto.

Esquecemos o firmamento!

Ninguém mais tem ócio para contemplar.

Olvidamos os mitos celestes de antanho, e o céu passou a texto e vivência da tecnologia.

A abóbada celeste, palco outrora dos deuses e dos heróis místicos, nada mais tem a dizer ao homem urbano, pois esse cedeu seu lugar aos especialistas.

Vênus? Três Marias? Sirius?. Poucos são aqueles que aprenderam a identificá-los, e sequer pensam em apontá-los aos filhos.

Hoje, conhecer os planetas e as constelações, seus mitos e estórias, é tão útil, ou inútil, quanto saber o que significaram na História. Assim pensa a maioria, seja ela profana ou maçônica, e poucos cultuam a celeste tradição de milênios...

Deploravelmente, isso levou as deformações na Abóbada Celeste escocesa. Segundo alguns autores maçônicos, resume-se a seguinte interpretação:

“Em alguns templos, as modificações foram tantas que o "painel celeste" desapareceu! E, absurdamente, o substituíram por um simulacro do céu astronômico - pretensiosamente atualizado, enxameado de vários pontos luminosos distribuídos a esmo. Assim, embora artisticamente embelezado e provido de recursos técnicos, como se fora um planetário, ele nada aponta e nada acrescenta à busca do Iniciado, a não ser mostrar seu faiscante mutismo.”

“Por outro lado, naquelas Lojas que conservaram os cânones celestes do Rito, a sóbria abóbada também está emudecendo - calada por falta de intérpretes!...”

Na verdade, aquém e além do Pórtico, a cobertura celeste está dissociada de nossa vivência, seja ela maçônica ou profana.

Segundo Carl Sagan, em "Cosmos", os homens são "filhos das estrelas". Infelizmente, não enxergamos isso no dossel estrelado. Os Augustos Mistérios que lá estão, jazem no dizer ritualístico, letra-morta, pois não se tenta decifrá-los nem busca-se suas mensagens , muito embora grande parte dos autores maçônicos sempre foram pródigos em discorrer e comentar nosso simbolismo, mas com certa reserva ao tema “Abóboda Celeste”, não descrevendo muitas palavras para descrevê-la.

O que geralmente se encontra, agora, em minha pesquisa do assunto posso confirmar, são interpretações e dissertações bastante similares ou então, totalmente controvertidas.

Para falar sobre a Abóboda Celeste dentro do contexto desta peça, começo por considerar que tudo que existe dentro de um Templo Maçônico tem um significado. Nada que está ali é supérfluo ou

colocado ao acaso.

Tudo existe para nos fazer refletir sobre nosso objetivo maior que é a perfeição e sobre nossos compromissos e deveres para conosco, para com nossa família, para com nossa pátria, sociedade e para com a humanidade.

Como tal, o teto de um Templo Maçônico representa um céu azul, semeado de estrelas e planetas, representando o firmamento natural.

O Templo Maçônico, assim como as Igrejas Medievais, tem sua origem no antigo Egito. É uma replica do Templo de Salomão ou Templo de Jerusalém. O teto do Templo Maçônico, assim como das Igrejas Medievais, tem uma decoração estelar, hábito originário do antigo Egito, onde o exemplo mais belo e flagrante pode ser notado no magnífico Templo de Luxor.

Sobre o Manto azul, imaterial acima de nossas cabeças no Templo, encontram-se dispostos astros e planetas, semeado de estrelas e nuvens, na qual circulam o Sol, a Lua e inúmeros outros astros, que se conservam em equilíbrio pela atração de uns sobre os outros e se o Templo representa o Universo, o pavimento é a Terra e o teto é o Céu.

Em arquitetura, uma abóbada é uma construção em arco, feitas de pedras ou tijolos, que são colocados em cunha para se auto-sustentar, ficando uma estrutura suspensa que resulta em uma solução acústica e também estética. Esta solução foi muito usada nas catedrais de estilo gótico.

Entre tantas especulações existentes na história da Maçonaria, atribui-se a Elias Ashmole a criação da Abóbada Celeste que adorna o teto dos Templos maçônicos, e que de 5.000 astros conhecidos na época (1648 DC) haveria escolhido 36 para formar parte dela e que seriam os regentes de Luzes, Oficiais e graus maçônicos.

Dos 36 astros, Marte, por razões até certo ponto lógicas foi deixado no Átrio já que ele representa a guerra, a violência, não podendo, obviamente, ocupar um lugar dentro do Templo maçônico.

Para melhor entendimento simbólico, a seguir estarão descritos os 36 corpos celestes, o cargo ou grau que representam e uma breve descrição dos motivos pelo qual foram considerados dentro da simbologia maçônica. Só cabe dizer, que estes corpos foram considerados conforme o conhecimento astronômico existente 3 séculos atrás. Os aparelhos daquela época eram precários e somente permitiam ver os 3 maiores dos famosos anéis de Saturno e as Plêiades que são nebulosas com infinidades de estrelas, das quais o homem antigo conhecia só sete. Uma explicação especial merece a **Stella Pitagoris**, regente do Segundo Vigilante. Conforme Pitágoras, quando são discutidas coisas divinas, o que realmente acontece dentro de uma Loja maçônica, deve existir um facho que ilumine o Templo. Como o Sol era a luz mais intensa do Universo conhecido foi reservada para o Venerável Mestre, simbolizando a sabedoria de Deus vinda desde o Oriente, não sendo conhecido outra estrela que emitisse tanta luz. Hoje se sabe que existem muitas outras estrelas mais brilhantes e maiores que o nosso Sol, por exemplo **Arcturus, Antares e Formauhalt**. Por isso, foi criada uma estrela virtual que recebeu o nome de **Stella Pitagoris.**

CARGOS / GRAU	ASTRO	ORDEM	DESCRIÇÃO
Venerável Mestre	Sol	1	Estrela anã amarela, 4,5 bilhões de anos de idade. Está na metade da

			sua vida e no final irá se converter numa **super-nova**; magnitude absoluta M=4.8 que indica um brilho fraco; temperatura superficial de 5.700º K; diâmetro = 1.392.00 km; emite luz e calor produto de reações termonucleares provocadas pela reação do 91.2% de H2 que se funde para formar He; 4 átomos de H2 são transformados em 01 de He**. O Sol é a luz maior do sistema solar e da Loja. Sua luz é símbolo de Sabedoria.**
1º Vigilante	Lua	2	Satélite natural da Terra; reflete a luz do Sol. Diâmetro médio de 3476 km; distância média da Terra 380.000 km Sua volta em torno da Terra demora 27,322 dias terrestres exatamente o mesmo tempo de seu giro em torno de si mesma. Por isso sempre vemos a mesma face desde a Terra. **Simboliza a luz que é**

			recebida do VM e que é retransmitida pelo 1º Vig para as colunas.
2º Vigilante	Stella Pitagoris	3	Estrela virtual de 5 pontas; **é o facho de luz que ilumina o Templo quando se discutem coisas divinas.**
Orador	Arcturus	4	Estrela gigante laranja da Constelação de Boótis (Boieiro). Diâmetro 22 vezes maior que o Sol; está a 36,7 anos-luz da Terra; Magnitude aparente -0,05 (83 vezes mais luminosa que o Sol); em latim significa "guarda da Ursa maior" e em grego "guardião de animais"**. O Orador é o Oficial que cuida na Loja do cumprimento das leis.**
Secretário	Spica	5	Nome tradicional da estrela Alfa da Virgem. Magnitude visual 1,2 situada a 220 anos-luz da Terra; em latim significa "a espiga"; romanos e gregos usavam, para escrever,

			caules ocos de vegetal conhecidos como "specula"
Tesoureiro	Aldebarã	6	Estrela gigante vermelha da Constelação de Touro. Diâmetro 36 vezes maior que o Sol; Magnitude aparente 0,87; temperatura na superfície 3000º K; situada a 65,1 anos-luz da Terra; seu nome em árabe significa "adepto ou secuaz ou seguidor" porque, aparentemente, segue as Plêiades e as Hades da mesma Constelação.
Chanceler	Formalhaut	7	Estrela de magnitude visual aparente 1,17 e absoluta +2,0 Luminosidade 13 vezes maior que o Sol; cor branca; situada a 25,1 anos-luz da Terra; muito utilizada pelos navegantes e hoje pelos cosmonautas; temperatura superficial 9000º K; origina do árabe "Fam-al-Hout-al-Ganoubi" que significa "boca do

			peixe do Sul” porque pertence a Constelação de Peixe Austral.
Mestre Cerimônias	Regulus	8	Estrela branco-azulada de 1a magnitude, a mais brilhante da Constelação de Leão situada a 68 anos-luz da Terra; diâmetro 3.5 vezes maior que o Sol; luminosidade é 130 vezes maior que o Sol; seu nome foi dado por Copérnico e significa “regente”
Guarda do Templo	Antares	9	Estrela supergigante vermelha, Constelação de Escorpião, diâmetro 300 vezes maior que o Sol; temperatura superficial 3500º K; situada a 604 anos-luz da Terra; seu nome significa “o rival de Marte”
Cobridor	Marte	10	Marte é um dos 9 planetas mais conhecidos do Sistema Solar ocupando a 4a órbita em torno do Sol; está situado a 80 milhões de kms da Terra; tem 2 satélites

			naturais conhecidos; confundido visualmente com Antares devido a sua semelhança de cor; na mitologia é o Deus da guerra e por tanto **foi colocado fora do Templo.**
1o Diácono	Mercúrio	11	É o planeta que orbita mais perto e mais rápido do Sol; sua volta demora 88 dias; é o menor dos 9 planetas conhecidos, com 4880 km de diâmetro e seu giro em torno de seu eixo demora 58 dias; na mitologia é o mensageiro dos Deuses
2o Diácono	Vênus	12	Planeta que fica em 2o lugar mais perto do Sol; sua revolução demora 243 dias; conhecido como Estrela Dalva, Estrela matutina, Estrela Vespertina, Estrela do Pastor, etc; confundido como estrela por causa de seu brilho devido a sua atmosfera; surge sempre perto da Lua
Past Masters	Júpiter	13	O maior dos planetas

			conhecidos do Sistema Solar; diâmetro de 143000 km e massa 318 vezes maior que a Terra; sua volta em torno do Sol demora 11 anos; nome deriva do sânscrito Dyn (Deus) e Pater (Pai); temperatura na superfície de 130º K; possui 22 satélites conhecidos. Na mitologia, reunia em si todos os atributos divinos
Cadeia de União	Saturno	14	O 2º maior planeta conhecido do Sistema Solar com um diâmetro médio de 120000 km, situado a 01 bilhão de km do Sol. Sua volta em torno do Sol demora 30 anos mas sua rotação é muito rápida com 10h e 14min; **Rege a Cadeia de União**.
Aprendizes Companheiros Mestres			Na época que a Abóbada Celeste foi criada, dos milhares de anéis que Saturno tem só eram conhecidos 3 anéis de Saturno que representam A**prendizes,**

			Companheiros/Mestres
Cargos sefiróticos			..São 9 satélites naturais (hoje são conhecidos 18) que representam os 9 cargos sefiróticos : Venerável Mestre, Orador, Secretário, Tesoureiro, Chanceler, 1º e 2º Vigilantes, Mestre de Cerimônias e Guarda do Templo
Aprendizes	Orion	15, 16, 17	Constelação equatorial, a mais brilhante no Verão; consta de um retângulo formado por 4 estrelas e uma linha de 3 estrelas (as 3 Marias), formação associada ao avental do Ap. Na tradição árabe, Orion era a "ovelha do cinto branco"; **as 3 estrelas regem os Aprendizes.**
Companheiros	Hiades	18, 19, 20, 21 e 22	Cúmulo aberto de 140 estrelas aproximadamente, na Constelação de Touro;

			antigamente só eram visíveis 3 delas.
Mestres	Plêiades	23, 24, 25, 26, 27, 28 e 29	Aglomerado aberto na Constelação de Touro, com uma quantidade infinita de estrelas, das quais, na época da criação da Abóbada, somente 7 eram vistas a olho nu; situado a 350 anos-luz da Terra; são conhecidas como as "Sete Irmãs"
Mestres Instalados	Ursa Maior	30, 31, 32,33, 34, 35 e 36	Constelação circumpolar norte. Considerada a constelação mais antiga conhecida do homem. A simbologia maçônica escolheu as 7 estrelas mais significativas; os nomes das 2 maiores, Alkaid e Benetmash, formam parte da frase árabe "Quaid al banat ad Nash" que significa "a chefe das filhas do ataúde

ATENÇÃO

O número de ordem é arbitrário e foi usado unicamente para contar os 36 astros que formam parte da Abóbada Celeste (incluindo Marte que fica fora do Templo)

Cargos Sefiróticos refere-se à Árvore da Vida (da Cabala) assimilando a localização dos cargos em Loja com As Esferas (ou sefiras)

Continuando com nossas pesquisas, e se baseando no ritual de Aprendiz Maçom do Grande Oriente do Brasil, poderemos inclinar nossas cabeças ao alto do templo e identificarmos um a uma os Astros e Estrelas com sua localização, sabendo-se a seguir:

No Ocidente , próximo ao lado norte, na altura da mesa do 1º Vigilante, encontramos a Lua, satélite natural da terra, a Diana dos poetas romanos, símbolo do repouso, do descanso, da reflexão, da imaginação, elementos necessários a um novo recomeço da Luz, da Vida, da Continuidade do Aprendizado, do crescimento, da caminhada.

Entre o Sol e a Lua, uma estrela de 5 pontas fica localizada sobre o Altar do 2º Vigilante. As Estrelas de 5 pontas simbolizam, esotericamente, as qualidades espirituais ou materiais do homem, dependendo da posição em que é representada, com a ponta para cima ou com a ponta para baixo.

Ao Centro do nosso Templo, no Ocidente, no local onde fica o Painel do Grau, encontramos 3 estrelas da Constelação de Orion, facilmente localizada por suas 3 Marias. É a Constelação mais brilhante no Céu de Verão. Mais Adiante, veremos de seu simbolismo um Templo Maçônico.

Voltando ao Oriente, encontraremos à frente do Sol, mais para

o Lado Norte, Mercúrio, planeta mais próximo do Sol, em torno do qual gira. É o menor planeta do Sistema Solar.

Ainda no Oriente, mais do Lado Sul, temos o Planeta Júpiter, maior planeta do sistema solar, designativo romano dos deuses.

A Frente do Sol, entre o Norte e o Sul, a estrela Spica, estrela Alfa da Constelação da Virgem.

Mais a Frente, em direção ao Ocidente, e bem próximo ao Norte, surge a estrela Arcturus, estrela gigante, avermelhada., o qual seu nome significa "Guarda da Ursa Maior " em Latim, o qual bem próximo ao Norte, mas já para o Ocidente, temos a referida Ursa Maior, constelação boreal que junto com a Ursa Menor constituía o que os antigos chamavam de carro de Davi. Na Antiguidade servia de orientação aos Navegantes, pois sua posição indica o hemisfério norte.

A Nordeste encontramos as Plêiades, Híades, e Aldebaran, todas da Constelação de Touro.

Voltando ao Ocidente, próximo à Lua, temos Vênus, planeta do nosso Sistema Solar e um dos mais Brilhantes.

Quase que na mesma linha e mais ao Sul ainda, Antares, cujo nome significa “Rival de Marte”.

Mais a Frente de Antares, Saturno, com seus anéis e satélites, o qual para alguns autores , ela aparece sobre a mesa do Chanceler.

Entre a Lua e Vênus, em direção ao Oriente, aparece Régulus. Há 4000 ano o Verão iniciava com a chegada do Sol em Régulus.

Próximo ao Sul , temos finalmente Formalhaut, estrela de cor branca e com luminosidade 13 vezes maior que o Sol. Antigamente servia de orientação aos Navegantes, hoje é usada como ponto de referência para os astronautas.

Um Céu Estrelado, símbolo da imensidão do Universo, da grandiosidade da obra do G.A.D.U e da universalidade de nossa Ordem, transmite , ao contemplá-lo, quietude, paz, serenidade de espírito e nos conduz e impele à meditação e à reflexão, necessárias ao melhor entendimento e à incorporação dos ensinamentos e das virtudes, indicando o rumo de nossa caminhada, em nosso trabalho de desbastar a pedra bruta.

AS TRÊS VIAGENS

De certo, não poderia deixar de explanar em minhas peças de arquiteturas o significado profundo e muito importante dentro de nossa Ordem, que emana das três viagens que quando iniciamos nos colocarmos a arriscar-se realizarmos, e agora depois de vários trabalhos e pesquisas, vejo-me em condições de dissertar e interpretar cada elemento simbólico que envolve cada viagem...

A primeira viagem apresenta-se cheia de dificuldades, de ardis e perigos, e completa-se em meio aos ruídos mais fortes e variados, que representam o desencadeamento das tempestades e dos ventos, símbolos das falsas crenças, opiniões e correntes contrárias do mundo, como as que temos que enfrentar. É a prova do ar das antigas iniciações, como é demonstrado pela purificação pelo ar que coroa esta viagem.

A direção desta viagem, como das sucessivas, é aquela que é indicada silenciosamente pelo guia invisível que o conduz, e que ele tem de seguir com docilidade e confiança. Essa docilidade é a que o faz receptivo e o coloca em condições de aprender. No que diz respeito ao guia, representa, como já dissemos, o sentido íntimo, do justo, do bom e do verdadeiro, pois é o guia invisível e silencioso de todo homem, o único que pode realmente conduzir-nos pelo caminho do progresso.

Essa direção é de Ocidente a Oriente pelo lado do Norte, onde aqui abrangemos uma das fases mais profundas e instrutivas do segredo maçônico: da mística doutrina que se esconde e se revela em seu simbolismo.

O Ocidente é o lado ou aspecto do mundo onde o Sol se põe, isto é, onde a luz que o ilumina declina, se oculta e se torna invisível ainda que faça entrever sua presença, no último resplandecer do ocaso, antes de deixar o mundo submergido nas escuras trevas da noite. É portanto, uma imagem muito expressiva do mundo sensível, da realidade visível que constitui o aspecto material, fenômeno ou objetivo do Universo, no qual a verdadeira luz que o ilumina, a Essência ou Realidade invisível que o suporta, ocultou-se na aparência, sob o velame comparativamente ilusório de sua realidade exterior.

O Real não é o que aparece, senão o que se esconde e revela atrás da aparência. Reconhecer essa Realidade constitui a substância de toda a iniciação, que consiste essencialmente em ingressar em sua percepção intuitiva, em adquirir consciência da mesma com um progressivo e sempre mais perfeito discernimento entre o que é e o que parece. É a Doutrina Iniciática de todos os tempos:

"A Realidade se oculta na aparência, na qual se acha como Isis, velada e revelada, desvelando-se unicamente para o iniciado que tenha chegado individualmente, por seus próprios esforços, ao estado de consciência em que se torna manifestada sua natureza essencial."

Quanto à Essência ou Realidade íntima, Imanente e Transcendente, é a que se acha representada simbolicamente pelo lado oposto, o Oriente, o aspecto do mundo de onde nos vem, nasce e emana a Luz. Onde a realidade aparece e brilha por seu próprio resplendor, esclarecendo e fazendo fugir as trevas da noite,

Partindo do Ocidente, ou do conhecimento objetivo da realidade exterior, o homem encaminha-se pela fria escuridão do Setentrião - a razão pura - em busca daquela realidade que constitui a essência mais permanente e profunda do Universo, e que não pode ser encontrada senão caminhando para o Oriente, dos efeitos às Causas, desde os fenômenos aos números, Leis e Princípios que os regem.

Esta busca numa obscuridade inicial, que irá depois se esclarecendo conforme avança no caminho, está representada pela região fria e tenebrosa do Norte, que deve ser atravessada com passo firme e perseverante, sem deixar que ela assuste ou desvie pelas dificuldades e obstáculos que se encontram no caminho que conduz "da Ilusão" à Realidade".

No curso desta primeira viagem, não pode o iniciado deter-se no Oriente pois deve retornar imediatamente ao Ocidente, passando, desta vez, pelo caminho mais luminoso e agradável do Meio-dia. Isto quer dizer que uma vez atingida a primeira percepção, ocorrido o primeiro vislumbre da Realidade profunda das coisas, não deve o candidato nela deter-se, mas deve prosseguir seu caminho, voltando

outra vez ao Ocidente da aparência sensível, mas com a consciência iluminada pelo reflexo desta aquisição, estado que simboliza o Meio-dia.

Ou seja, uma vez atingido o conhecimento rudimentar das causas que regem os efeitos do mundo visível, e das Leis e Princípios que governam o mundo, deve completar o esforço indutivo, que o fez chegar a este conhecimento, com um análogo esforço dedutivo, no qual encontra a oportunidade e lhe é imposta à necessidade de uma aplicação fecunda e construtiva dos conhecimentos adquiridos.

Como a dedução não é geralmente mais difícil que a indução, o caminho de regresso não está menos semeado de obstáculos e dificuldades. Entretanto, a certeza já adquirida em sua passagem pelo Oriente, permite-lhe enfrentar com mais serenidade as crenças, opiniões e preconceitos do mundo, que já não tem poder para fazê-lo desviar-se do seu caminho. Esta é a purificação pelo ar que deve sofrer ao chegar ao término desta primeira viagem, próximo ao altar do 2° Vigilante.

Também simboliza esta viagem às provas da vida que temos de enfrentar constantemente em seus primeiros esforços desde o material até o Ideal, dominando seus instintos, paixões e desejos, assim como as circunstâncias contrárias que o confrontam, por meio do discernimento da realidade profunda da vida e do íntimo propósito de todas suas experiências, buscando a Verdade e servindo-se da mesma como remédio para todos seus males, conforme ensina Pitágoras em seus Versos Áureos:

“Mas existe uma estirpe divina entre os mortais,
Da qual se chegares a ser partícipe,

Conhecerás as coisas que te ensino,
E servindo-lhe delas como remédio,
Do muitos males, farás livre tua alma!"

A segunda viagem diferencia-se da primeira por sua maior facilidade:

“Desapareceram os obstáculos, e os ruídos violentos deixaram seu lugar ao tinido argênteo das espadas que os presentes fazem entrechocar.”

Esta maior facilidade é conseqüência direta dos esforços feitos na primeira viagem. Na medida em que aprendemos a superar os obstáculos que se encontram em nosso caminho, estes progressivamente desaparecem, pois já não tem razão de existir, uma vez desenvolvida em nós a capacidade de superá-los, com as qualidades que nos faltavam.

O choque das espadas é o emblema das lutas que travam ao redor do candidato, assim como da luta individual que ele deve empreender com suas próprias paixões, pensamentos, hábitos e tendências negativas:

“Todo pensamento deve ser retificado, todo erro resolvido e convertido em Verdade. Indica sobretudo a negação do erro (ainda que tenha a força da aparente evidência exterior), na luz da Superior Realidade, da qual tem-se percebido os primeiros vislumbres.”

A segunda viagem pretende relacionar-se com esta hora de incessante transmutação, com esta progressiva catarse da palavra inferior, que requer uma constante atenção e vigilância, que representa simbolicamente a prova da água, isto é, aquela espécie de

batismo filosófico que consiste em limpar ou libertar a alma de seus erros, vícios e imperfeições que constituem a raiz ou causa interior de todo mal ou dificuldade exterior.

A primeira viagem representa os primeiros esforços na busca da luz ou da Verdade, os Primeiros passos desde as sobras da Ilusão em direção à Realidade íntima e profunda que é a Essência, a Substância e a Base imanente de tudo. Também representa, em seu regresso, o esforço individual que cada um deve fazer para caminhar e processar sua vida em harmonia com seus Ideais e com suas aspirações mais elevadas, deixando de seguir passivamente a rotina de seus hábitos, instintos e tendências negativas.

Como complemento destes primeiros esforços, a segunda viagem indica a perseverança nesta obra metódica de purificação da alma, que a fará digna de receber ou abrir-se às suas mais elevadas possibilidades, o batismo da água, ou seja a negação do negativo (sendo a água o elemento negativo por excelência) que deve preceder ao batismo do fogo, ou do espírito, ou seja à afirmação do positivo que levará consigo um perfeito estabelecimento da Verdade.

A purificação pela água, com a qual é concluída esta segunda viagem é essencialmente uma purificação da imaginação e da mente, de seus erros e de seus defeitos, constituindo uma fase importante daquela Grande Obra de redenção e regeneração individual que a iniciação maçônica nos mostra com seu particular simbolismo.

Representando a segunda viagem principalmente a virtude negativa, que consiste em purificar a alma de suas paixões, erros e defeitos, mais do que um objetivo para cada um, constitui a necessária preparação para a etapa sucessiva que nos indica a terceira viagem.

Esta se completa com uma facilidade ainda maior que as precedentes, tendo desaparecido por completo os obstáculos e ruídos. Somente são ouvidos os acordes de uma música cadenciada e profunda que parece sair do próprio silêncio.

Tendo o iniciado dominado e purificado a parte negativa de sua natureza, que é a causa dos ruídos e das dificuldades externas, é natural que estas tenham completamente desaparecido.

Agora deve familiarizar-se com a energia positiva do fogo, isto é, com o Potencial Infinito do Espírito que se encontra em si mesmo, cuja mais perfeita manifestação se tornou possível pela precedente purificação.

Esta descida do espírito, que constitui a prova e a purificação pelo fogo, elimina, por meio de uma plena consciência da Verdade, todo resíduo de impureza, todo traço dos erros e ilusões que precedentemente dominaram a alma. Quando a Luz da Verdade aparece em toda sua plenitude, toda treva, todo erro, toda dúvida e imperfeição, automaticamente desaparecem.

O iniciado prepara-se e aprende, por intermédio desta terceira viagem, a caminhar no fogo, isto é, no mais profundo e sutil elemento das coisas, do qual todas nascem e no qual se dissolvem, onde cessa, por exemplo, o poder da ilusão e a Realidade manifestar-se como realmente é.

Esse mesmo fogo representa, por um lado, a essência espiritual ou Princípio Universal do Ser, com a qual estabelece contato através do discernimento da Verdade, e por outro lado, também representa a energia primordial, que constitui o Poder da Suprema Essência. Esta Divina Energia acha-se representada, no simbolismo helênico, por Prosérpina, a Rainha da Hades, filha de Démeter , a qualidade

produtora da Essência Primordial que se encontra nos "infernos", ou seja, mas profundezas místicas das coisas.

Tendo realizado nas profundezas de seu próprio ser, este íntimo contato com a essência fundamental que é ao mesmo tempo Verdade, Poder e Virtude, o iniciado anda agora com passo firme e seguro, sem que nada tenha o poder de modificar sua atitude ou fazê-lo desviar-se. Esta serenidade imperturbável, que tem em si mesma sua razão de ser e sua raiz, e na qual a alma descansa para sempre ao abrigo de todas as influências, tempestades e lutas exteriores, permanecendo absolutamente firme em seus esforços e em seus propósitos, torna patente que a prova simbolizada pela terceira viagem foi superada.

O iniciado leva agora, aceso dentro de si mesmo, algo que é como uma chama que nunca se apaga:

“O entusiasmo veemente e persistente que brota da própria raiz do ser e é a base de toda a realização exterior.”

Com esse fogo, cuja essência é Amor infinito, livre de todo desejo, impulso ou motivo pessoal, tem o iniciado o poder de executar em torno dele os milagres e as coisas mais inesperadas, sendo, como Fé Iluminada e sincera, uma Força Ilimitada por ter franqueado e possuir o poder de superar os limites da Ilusão.

A CADEIA DE UNIÃO

Eis que decido neste momento realizar, ou melhor, concretizar nesta Peça de Arquitetura as minhas interpretações, sentimentos e entendimentos sobre o assunto “CADEIA DE UNIÃO” , mesmo que já tenha participado até o momento somente de uma formação, ainda que para a transferência da Palavra Semestral, pude identificar e conhecer um pouco mais diante das pesquisas que realizo junto aos Livros Maçônicos de diversos autores, bem como buscando na ciência e na história o sentido material e espiritual de tal ação litúrgica de nosso Ritual.

Podemos neste momento, logo de início interpretar que a ação principal da Cadeia de União está voltada a “ajuda” moral e espiritual que podemos realizar para um de nossos irmãos, ou até mesmo àqueles o qual elevarmos e direcionarmos nosso pensamento.

Ainda que a ajuda direta possa ser, em alguns casos, útil e necessária (sempre que for uma verdadeira manifestação espontânea de solidariedade e fraternidade) é muito melhor irigirse à raiz do mal,

em vez de contentar-se com remediar temporariamente seus sintomas exteriores.

A pessoa que se acha em circunstâncias materiais difíceis tem antes de tudo, necessidade de ser ajudada espiritual e moralmente, com pensamentos positivos que reergam seu estado de ânimo abatido, e tenham para ela o efeito das palavras taumatúrgicas: Levanta-se e anda!

Ajudar um irmão a caminhar sobre seus próprios pés é muito melhor que provê-lo de muletas. Facilitar um meio de ganhar por si mesmo aquilo de que necessita é muito mais fraternal, desejável e digno que facilitar-lhe uma ajuda que o ponha, como beneficiado, em condições de inferioridade.

Mas quando isto não for possível momentaneamente, compartilhar o que temos, com verdadeiro espírito de solidariedade fraternal, segundo o próprio ditado da consciência, deve ser considerado como um dever elementar, um privilégio e uma oportunidade para todo maçom que verdadeiramente sinta em seu coração o laço de fraternidade, a mística cadeia de união que o une a todos os seres, e em particular aqueles com os quais tem uma mais profunda afinidade moral e espiritual.

As precedentes considerações não devem ser entendidas com meios para afastar alguém de seus deveres de solidariedade para com seus semelhantes em geral, e seus irmãos em particular, mas ao contrário, para que eles sejam melhor atendidos e praticados, despojados de toda ostentação por parte de quem dá e de toda humilhação por parte de quem recebe, como convêm para uma verdadeira expressão do espírito maçônico, que não pode ser nunca isolamento negativo nem deprimente solicitude.

Elevar-se sobre os sentimentos e os conceitos profanos de caridade, para realizar a verdadeira fraternidade dos maçons, na qual aquilo que é feito por um irmão possui o mesmo espírito como se fosse feito para si mesmo, sem que disso nasça nenhuma obrigação ou dever de mostrar-se reconhecido, este tem de ser o ideal de todos os verdadeiros maçons.

O tema da **"Cadeia de União"** aborda todos os modos de ajudas, solidariedade e fraternidade, muito embora, apesar da sua aparente simplicidade, encarna uma das figuras mais complexas do Ritual Maçônico, no sentido em que implica "entrelaçamentos secretos" que ultrapassam largamente a simples idéia de União no sentido simbólico. Do mesmo modo que, no plano físico, ao pretender estudar a qualidade de uma corrente metálica, o engenheiro terá que se preocupar com o número dos seus anéis, o seu encadeamento, o metal que os compõe, a sua secção e curvatura, para se entrar no sentido profundo da nossa "Cadeia de União", é necessária uma apropriação dos seus componentes, para os integrar numa síntese simbólica irrefutável.

Geralmente, após o encerramento dos trabalhos, ainda em Templo, forma-se a Cadeia de União; forma-se, isto é , compõe-se colocando todos os presentes em círculo, sendo que os oficiais defronte aos locais que ocupavam, o Venerável mestre voltado com as costas para o Oriente e o Mestre de Cerimônias, no lado oposto, dando as costas à Porta de Entrada.

A formação será em círculo, procurando-se, quando possível, colocar o Altar no centro, como Ponto Central da Loja.

Cada Loja caracteriza a sua Cadeia de União, observadas, porém certas regras gerais; assim, formado o Círculo, os Irmãos que são seus Elos, permanecem eretos com os braços caídos.

O Venerável Mestre comanda que os pés se unam; cada um, une os calcanhares e abre os pés em esquadria, tocando as pontas dos pés dos Irmãos que estão ao Lado.

Forma-se assim, um círculo unindo os Elos, dando uma base sólida posta no pavimento; é o contato com a meteria; o Venerável observa se todos se posicionam corretamente.

Assim as extremidades, então, unem-se; a posição obriga o aperto das mãos, bem como o aperto do plexo solar, controlando assim a respiração.

Depois de observado que os braços estão hamoniosamente cruzados, o Venerável concita os Irmãos a que respirem uniformemente, com rápido exercício de inspiração e expiração; quando a respiração for uniforme, o ar dentro do círculo, ou seja o PRANA contido pelas paredes redondas formadas pelos Elos, circula nos pulmões de todos, numa troca constante de energias.

Os Elos estarão, então, unidos pelos pés, pelos braços e mãos e pela respiração.

Falta ainda a União das Mentes.

O Venerável Mestre avisa que circulará a Palavra Semestral transmitida de ouvido a ouvido, sussurrando-a partindo da direita e da esquerda até chegar correta ao Mestre de Cerimônias que com o aceno dirá que chegou Justa e Perfeita.

Essa Palavra une as mentes e assim, todo o organismo humano ficará unido; todo Elo se unirá aos demais Elos; haverá um só pensamento; uma só mecânica.

O campo de energia que se forma oriundo da Cadeia, alcança a

todos os Maçons; a palavra é composta de sons e esses, como sabido, extravasam o recinto da Loja em ondas, alcançam todos aqueles que comungam a mesma Doutrina Maçônica.

Sabemos que pelo fenômeno do fuso horário, em cada fração de minutos uma loja, ao menos, reúne-se na Terra; assim, a Cadeia de União formada, todos os Maçons são alcançados e a “Corrente”, gigantesca, portanto, é permanente; todos os Maçons estarão protegidos e serão alcançados pelas vibrações emanadas dessas Cadeias espargidas por toda parte.

É freqüente e apropriado , que o Venerável peça aos Elos um pensamento positivo em favor de determinado Irmão que se encontra em dificuldades, em especial, de enfermidade.

Toda Cadeia, emite a vibração necessária para o restabelecimento do Elo necessitado, alcançando não só o destinatário, mas toda Fraternidade Universal.

Na continuidade da Peça , iremos aprofundar em 02 principais elementos:

a) O círculo que forma a Cadeia.
b) A polaridade, posta em evidência pelo cruzamento dos braços.

Mas antes de mais nada convém rememorar o fato de que o rito da "Cadeia de União" é a dinamização, a tomada de ação do princípio sugerido pela corda que serpenteia nos 3 lados da Loja, ligando a coluna J à coluna B, sem contudo as unir. Torna-se, assim, indispensável compreender, à partida, a mensagem muda dessa corda de nós abertos, nas suas relações com o conceito arcaico de "laço", de serpente protetora, do nó cerrado que se torna laço e enfim das suas borlas terminais, teremos assim sondado em profundidade o valor e a força de um "rito constrangedor, que envolve o indivíduo e a coletividade". Desta forma, se a simbólica da corda se assemelha ao da serpente que, fechada sobre si própria, com a cauda na boca, trans mite a Luz e encarna o Sol; de corpo esticado e cabeça pendente, toma o papel do cetro mágico egípcio, arquétipo da iniciação libertadora - patente na simbólica da serpente do Éden. Os nós laços indicam um sentido evolutivo: a divindade ligante é vencida pelo Conhecimento; a coação dogmática não consegue já fechar a sua rede.

Mas o iniciado, promovido ao posto de herói, se for bom entendedor da Arte, aceitará e submeter-se-à voluntariamente às regras tradicionais da Ordem a que, de livre vontade, pediu adesão. Ele possui a liberdade do Maçom livre, numa Loja livre, mas conhece o relativismo da Liberdade. Sentirá honra em fazer respeitar os princípios adotados pela maioria, e também em os fazer cumprir, junto dos seus pares. O laço do Amor é a imagem da Solidariedade. Esta imagem é espantosamente explicitada pelo nó Isíaco, análogo à "lemniscata" do primeiro arcano do Tarô, signo expressivo do movimento contínuo, dos "circulus vitae", da interação constante das radiações, do movimento perpétuo, tanto da matéria como das galáxias.

A Matemática adotou-o como signo do infinito. Na boa tradição do Rito Escocês, simbolizando em parte a separação do neófito relativamente à sua Mãe, em cujo útero se encontrou, previamente, em reflexão, e de onde saiu com uma corda ao pescoço - vestígios do seu cordão umbilical agora quebrado - o neófito é colocado no centro da Cadeia de União, que forma um círculo à sua volta - verdadei-

ra Cadeia de defesa - porque de cada vez que, na magia e nas artes, se encontra uma corda em torno de qualquer coisa, há uma intenção de defesa da coisa circunscrita e de a separar de todas as influencias exteriores (e não deriva a palavra Templo do verbo grego "separar").

É a razão pela qual o rito da "Cadeia de União" consiste na formação de um anel completo, enquanto que a sua homóloga - a corda denteada que contorna parcialmente o Templo - não constitui um círculo fechado, quedando-se, de um lado, na coluna B, e do outro, na coluna J. De fato, as colunas não precisam de estar ligadas por uma corda para fechar o círculo. O círculo é o Universo, o Infinito, como a Loja se estende a todas as direções, do Nascente ao Poente, do Norte ao Sul, do Zênite ao Nadir. No seu trabalho sobre o Deus ligante e a simbólica dos nós, Mircea Eliade diz-nos que "o cosmos é em si mesmo concebido como um tecido, como uma enorme rede". É também significante a utilização de nós, cordéis e anéis nos rituais nupciais. De entre os símbolos mais expressivos que se nos oferecem à meditação, figura o "Ouroboros", a serpente que, ao morder a cauda, forma um círculo.

Ora a serpente leva-nos imediatamente a pensar na da Gênese, Shaton, que tentou Eva, sugerindo-lhe que comesse o fruto proibido. O primeiro casal vivia no Jardim do Éden, alimentando-se de frutos que cresciam espontaneamente. Neste casal não havia desejo. Foi portanto a serpente que o despertou, e com ele o Amor. A serpente foi o primeiro Iniciador e não o vil tentador astuto e desonesto que a exegese religiosa nos apresenta, maldito pelo Criador. Deveria assim ser glorificada pela Humanidade. A tentação de Eva não se deve à sua maior fragilidade, mas, sobretudo à sua grande sensibilidade e receptividade, à sua imaginação intuitiva. Adão, cujo nome significa "terra ou barro vermelho", era um sujeito mais racional, mais "pesado", mais tímido, talvez. É porque a nossa "mãe" - Eva - escutou a serpente, que a Humanidade entrou na via do Conhecimento, encetou o seu processo de emancipação, de evolução. Nos templos gregos via-se frequentemente a figuração do Ouroboros. Simbolizava a vida em geral, no que ela tem de indestrutível e de eterno, pelo seu

eterno recomeço. Nas procissões dos Mistérios de Eleusis, as cesteiras ligavam romãs (símbolo da solidariedade e da fraternidade), espigas de trigo (mito gregário da regeneração) e uma serpente, imagem da vida regenerada.

No Templo, como referido, a corda denteada contorna apenas em três lados o painel de Loja. Esta deve, de fato, manter-se em contato com o mundo exterior: não se abrem 3 janelas da câmara de Comp.'.- Mas no quarto lado, o do Ocidente, nenhum ser, nenhum espírito se pode introduzir, porque a energia contida entre as duas colunas de polaridade contrária forma uma barreira intransponível para os não iniciados. Estes encontrariam aí, de qualquer modo, sob os seus passos, o pavimento mosaico, em que inadvertidamente tropeçariam. A "Cadeia de União" é um magnetismo dinâmico que se vai desenvolver, pelo fato de se constituir de seres vivos. Nas sessões brancas (adoção, reconhecimento conjugal, etc.), a cadeia forma-se segundo uma roda infantil, de mãos dadas, em que toda a idéia metafísica e esotérica é excluída: trata-se apenas de um testemunho de amizade e de união. Mas na cadeia do ritual, em que os braços cruzados ligam a mão direita com a mão esquerda, desenvolve-se uma força magnética. Em 1932 , Jacqueline Chantereine e o Dr. Camille Savoire, detectaram no interior e em torno do organismo humano, movimentos turbilhônicos e ondulatórios. Estes últimos são produzidos, para além de causas patológicas, por energias radiantes provenientes de tudo o que nos envolve: ação cósmica, por um lado, essencialmente proveniente da energia solar, à qual se junta a da Lua e dos restantes astros. A resultante destas ações energéticas traduz-se sob a forma de um turbilhão que penetra pelo lobo anterior da hipófise, para terminar no dedo grande do pé direito.

Uma outra fonte, não menos importante, é a força energética, dita "telúrica", que se manifesta sob a forma de uma corrente inversa da precedente, e, portanto ascendente, penetrando pelo dedo pequeno do pé esquerdo, para se escapar pelo topo do crânio, contornando a precedente para formar uma figura semelhante ao "Caduceu" (o Caduceu é uma vara de louro de oliveira, com duas serpentes enrola-

das em sentido inverso, que era atributo de Mercúrio, e símbolo da polaridade e da paz). Estas duas serpentes entrelaçadas, transformam-se nos "laços de Amor" da corda denteada. Daqui a analogia com a Cadeia de União, em que o braço direito, positivo, passa por cima do esquerdo, negativo, para contatar com a mão esquerda do vizinho, formando uma cadeia de "pilhas em tensão", em que se reúne o eletrodo positivo de cada um dos elementos ao eletrodo negativo do seguinte, por forma a que a força eletromotriz resultante seja "n" vezes superior à de um só elemento. Isto não é uma imagem, é uma realidade, que desenvolverá ao máximo a agregação das forças psíquicas da Loja, dirigidas para um mesmo objetivo.

Individualmente somos fracos, isolados e falíveis. Quando o Venerável Mestre., antes do encerramento dos trabalhos, evoca a união de todos os Maçons, quando as nossas mãos (nuas, sem luvas, para que a corrente circule) se juntam numa verdadeira Cadeia de União, parece que um sopro mágico se introduz no Templo. Logo que a Cadeia se forma, o movimento ascendente e descendente dos braços, três vezes repetido, lembra simbolicamente o ondular da serpente cósmica, de que a Cadeia é uma imagem energética. A quebra da Cadeia deverá ser lenta e suave, para que a força de cada um se estabilize no seu circuito fechado. A Cadeia de União é, assim, a simbólica solar posta em ação, na sua expressão mítica. Precedida por uma pequena invocação, proferida pelo Venerável Mestre, no sentido das preocupações e aspirações gerais e particulares da Loja, da Obediência e da Humanidade, a Cadeia de União é o corolário obrigatório das sessões de trabalho em Loja.

A título de nos aprofundarmos no exoterismo e esoterismo que norteia a Cadeia de União , completando esta Peça de Arquitetura, darei enfoque inicialmente em alguns tópicos abordados em Leituras e Pesquisas realizadas, bem como o transcorrer da Peça até aqui:

A Cadeia de União teria sua origem na Maçonaria Operativa, onde os profissionais da construção, os canteiros que eram, pedreiros talhadores de pedra, usavam uma corrente de ferro para delimitar

a área de construção.

Eles fincavam em torno destas construções estacas de madeira, as quais eram inseridas em cada elo da corrente.

Na entrada desta área, era deixada uma abertura através de dois postes de madeira. A área delimitada geralmente tinha a forma retangular.

Esta prática foi introduzida na Maçonaria única e exclusivamente para a transmissão da Palavra Semestral.

Entretanto, os introdutores deste procedimento maçônico não poderiam imaginar que hoje, em pleno século XXI, a Cadeia de União, através dos enxertos ritualísticos, criasse novos usos.

Interessante notar que a criação transcendeu aos criadores. As atuais finalidades da Cadeia de União são, além da transmissão da Palavra Semestral, orações em corrente para Irmãos ou parentes enfermos, em favor das almas de Irmãos falecidos, ou quando dois Irmãos estão em desavença, e também usadas em Sessões fúnebres.

Parece que uma das finalidades atuais da Cadeia de União sobrepuja às demais. Não nos importa se ela, do ponto de vista de raízes da Maçonaria, seja apenas um enxerto a mais. Afinal, o Rito Escocês Antigo e Aceito, em especial aqui no Brasil, é o maior depositário de enxertos, invenções e compilações que se conhece no mundo da Maçonaria.

Vamos conceituar o ponto de vista e relacioná-lo com o que ainda chamamos de paranormalidade, pois acreditamos que dentro em breve será considerado como absolutamente normal.

Os Irmãos, quando vão para as Sessões semanais de suas Lojas, durante as horas que precedem o início das mesmas, já terão a mente aberta e preparada e estarão firmes com o propósito de assistir as re-

feridas Sessões. Entram em Loja, a qual é aberta dentro de um ritmo determinado pelo ritual, iluminação pouco intensa, e é invocado o nome de Deus. Se o condutor dos trabalhos o fizer de maneira bastante ordenada, com boa dicção, e os Irmãos estiverem entre si em boa harmonia, não resta a menor dúvida que cada Irmão entrará em um relaxamento e muitos, em ondas alpha. Cada um tornar-se-á uma pilha psíquica que se carregará de uma energia mais ou menos uniforme. Dentro de uma hora de Sessão, as mentes dos Irmãos deverão estar vibrando num mesmo cumprimento de ondas e todos voltados para uma mesma finalidade, com a mesma identidade de pensamento, mesmo que haja alguma opinião em contrário. Afinal, a Maçonaria adota a Dialética, que é a arte de dizer e contraditar para se chegar a uma verdade. E esta forma democrática que cada Irmão tem para expressar a sua maneira independe de pensar, não influi na vibração de uma Sessão maçônica.

As ondas Alpha emitidas pelo cérebro foram descobertas pelo médico alemão Hans Berger, em 1924, quando ele estudava o fenômeno da telepatia em um paciente paranormal, vibrando o cérebro neste comprimento de onda em 7 a 12 hertz por segundo.

Nesta situação, o indivíduo estará bastante relaxado, porém bastante lúcido, alerta, predominando o pensamento lógico e intelectual, quando haverá urna série de condições mentais que o colocam num estado de consciência bastante elevado, ou seja, o ideal para se produzirem fenômenos parapsicológicos.

Se no final da Sessão for realizada uma Cadeia de União, a qual é executada formando-se um círculo fechado, formar-se-á uma bateria. Adiantaríamos ainda mais, uma verdadeira usina ou central de energia psíquica, muito poderosa.

Esta energia poderá, tal qual o jato de água saído de urna torneira, ser regulada e direcionada para um determinado fim.

Ressaltamos que, pelo conhecimento que ternos dos resultados

da ação desta força, ela poderá agir mental ou fisicamente.

Se ela pode incidir sobre um enfermo, é óbvio que tendo o comando mental dos Irmãos que a estão emitindo, ela poderá ser usada também em um leque de opções bastante abrangente. Digamos que uma delas seria em prol da paz mundial, por exemplo.

Imaginem, sabendo-se que só no Brasil temos cerca de 5.000 Lojas maçônicas. Se cada Loja executar este procedimento ritualístico, no final de cada Sessão, com uma finalidade nobre, temos a absoluta certeza de que alguma coisa boa, em algum lugar, irá ocorrer.

Um estranho fenômeno ocorre todos os anos numa cidade da França, onde os praticantes da Meditação Transcendental se reúnem anualmente. Lá, são recebidos como sinal de bom agouro, porque todos os anos, durante estas reuniões, a criminalidade diminui, as pessoas ficam mais calmas e alegres e sempre algo de bom acontece.

Em Florianópolis aconteceu um fato digno de ser mencionado e que foi relatado por Irmãos daquela cidade. Um Irmão politraumatizado por um acidente automobilístico, na UTI, em coma profundo assistido por médicos maçons, a partir da hora em que lhe canalizaram os efeitos mentais de uma Cadeia de União, começou a recobrar os sentidos e acabou ficando curado. Simples coincidência? Atualmente freqüenta sua Loja normalmente.

Encaixaria nesta situação uma das máximas dos ocultistas: “o visível é a manifestação do invisível”. Temos Irmãos e Autores de Livros Maçônicos por este Brasil a fora que aceitam esta afirmação com muita convicção. Entretanto, a corrente dos maçons ditos “autênticos”, que melhor deveriam ser chamados de documentais, se opõem em idéias à corrente dos “místicos”, não aceitando estes conceitos.

Podemos entender que no caso do Irmão em coma, seu cérebro estava em nível mental chamado Delta. Do ponto de vista elétrico,

pode-se chegar de duas maneiras a este comprimento de onda: através do coma profundo, ou então através de exercícios mentais especiais, de maneira lúcida, isto é, sem perder os sentidos. Em ambos os casos, desaparecem os bloqueios entre consciente e inconsciente. No estado em que se encontrava o referido Irmão, foi até mais fácil seu cérebro receber as emanações oriundas das concentrações cerebrais dos Irmãos, justamente pela ausência destas barreiras.

Este mesmo procedimento tem sido usado pelas chamadas correntes de orações, que as denominações cristãos muito têm favorecido tantos enfermos.

Então poder-se-ia perguntar se quem participa de uma Cadeia de União com esta finalidade estaria praticando procedimentos religiosos dentro de nossos Templos? Ledo engano. As religiões que assim procedem estão apenas se utilizando de um processo mental já conhecido há milhares de anos, ou seja, da energia psíquica que lhe dão os mais variados nomes e as mais diferentes explicações. No entanto, sabemos que a mente humana é uma fonte infinita de energia cósmica e esta independe das religiões.

Alguns autores e irmãos , de algumas denominações cristãs evangélicas, por uma questão de princípios religiosos, se recusam a participar da Cadeia de União, alegando que a mesma não poderá ser usada como se estivessem os Irmãos orando, já que as orações para este fim somente poderão ser proferidas dentro de seus templos. Questão de ponto de vista e de fé. Não entraremos em debate quando existir fé na polêmica, porque respeitamos a maneira de pensar de todos os nossos Irmãos.

Parece que os Irmãos, de um modo geral, gostam de participar de uma Cadeia de União em favor de algum enfermo, mas quando se trata de comentar seus efeitos, seus resultados, eles emudecem. Preferem não comentar. Apenas alguns ousam.

Em todo o nossa Peça de Arquitetura, fiz questão de

evidenciar uma energia que todos nós temos, sem a necessidade de sermos paranormais e que, quando somada à dos demais Irmãos, ela se toma muito poderosa e que esta bateria psíquica não é apanágio das religiões. Trata-se apenas de um dom que o Grande Arquiteto do Universo deu a cada ser humano. Resta somente sabermos usá-la sempre para o bem.

O NÚMERO 3

Antes de analisarmos o número TRÊS, alvo deste compêndio, com relação direta aos estudos dos mistérios de nossa Ordem, faz-se necessário realizarmos um estudo abrangendo as origens do conceito numeral e seus símbolos correspondentes, pois a noção de número e suas extraordinárias generalizações estão intimamente ligadas à história da humanidade. A própria vida humana está impregnada de matemática; Grande parte das comparações que o homem formula, assim como gestos e atitudes cotidianas, aludem conscientemente ou não a juízos aritméticos e propriedades geométricas. Sem esquecer que a ciência, a indústria e o comércio nos colocam em permanente contato com o amplo mundo da matemática, bem como exótericamente os números se apresentam com relações diretas às ações e decisões do Homem para com seu presente, passado e futuro, aplicando-se em fatores Cabalísticos, Herméticos, Filosóficos e Religiosos.

Em todas as épocas da evolução humana, mesmo nas mais atrasadas, encontra-se no homem o sentido do número. Esta faculdade lhe permite reconhecer que algo muda em uma pequena coleção (por exemplo, seus filhos, ou suas ovelhas) quando, sem seu conhecimento direto, um objeto tenha sido retirado ou acrescentado.

O sentido do número, em sua significação primitiva e no seu papel intuitivo, não se confunde com a capacidade de contar, que exige um fenômeno mental mais complicado. Se contar é um atributo exclusivamente humano, algumas espécies de animais parecem possuir um sentido rudimentar do número. Assim opinam, pelo menos, observadores competentes dos costumes dos animais. Muitos pássaros

têm o sentido do número. Se um ninho contém quatro ovos, pode-se tirar um sem que nada ocorra, mas o pássaro provavelmente abandonará o ninho se faltarem dois ovos. De alguma forma inexplicável, ele pode distinguir dois de três e mais nada.

Ainda dentro de uma estória antiga colhemos o seguinte; Um senhor feudal estava decidido a matar um corvo que tinha feito ninho na torre de seu castelo. Repetidas vezes tentou surpreender o pássaro, mas em vão; Quando o homem se aproximava, o corvo voava de seu ninho, colocava-se vigilante no alto de uma árvore próxima, e só voltava à torre quando já vazia. Um dia, o senhor recorreu a um truque; Dois homens entraram na torre, um ficou lá dentro e o outro saiu e se foi. O pássaro não se deixou enganar e, para voltar, esperou que o segundo homem tivesse saído. O estratagema foi repetido nos dias seguintes com dois, três e quatro homens, sempre sem êxito. Finalmente, cinco homens entraram na torre e depois saíram quatro, um atrás do outro, enquanto o quinto aprontava a armadilha à espera do corvo. Então o pássaro perdeu a conta e a vida.

As espécies zoológicas com sentido do número são muito poucas. A percepção de quantidade numérica nos animais é de tão limitado alcance que se pode desprezá-la. Contudo, também no homem isso é verdade. Na prática, quando o homem civilizado precisa distinguir um número ao qual não está habituado, usa conscientemente ou não para ajudar seu sentido do número artifícios tais como a comparação, o agrupamento ou a ação de contar. Essa última, especialmente, se tornou parte tão integrante de nossa estrutura mental que os testes sobre nossa percepção numérica direta resultaram decepcionantes. Essas provas concluem que o sentido visual direto do número possuído pelo homem civilizado raras vezes ultrapassa o número quatro, e que o sentido tátil é ainda mais limitado.

Os estudos sobre os povos primitivos fornecem uma notável comprovação desses resultados. Os selvagens que não alcançaram ainda o grau de evolução suficiente para contar com os dedos estão quase completamente desprovidos de toda noção de número. Os ha-

bitantes da selva da África do Sul não possuem outras palavras numéricas além de um, dois e muitos, e ainda essas palavras estão des vinculadas que se pode duvidar que os indígenas lhes atribuam um sentido bem claro.

Realmente não há razões para crer que nossos remotos antepassados estivessem mais bem equipados, já que todas as linguagens européias apresentam traços destas antigas limitações. A palavra inglesa “thrice”, do mesmo modo que a palavra latina “ter”, possui dois sentidos: **"três vezes" e "muito**". Há evidente conexão entre as palavras latinas “tres” (três) e “trans” (mais além). O mesmo acontece no francês: “trois” (três) e “très” (muito).

Como nasceu o conceito de número? Da experiência? Ou, ao contrário, a experiência serviu simplesmente para tornar explícito o que já existia em estado latente na mente do homem primitivo? Eis aqui um tema apaixonante para discussão filosófica.

Julgando o desenvolvimento dos nossos ancestrais pelo estado mental das tribos selvagens atuais, é impossível deixar de concluir que sua iniciação matemática foi extremamente modesta. Um sentido rudimentar de número, de alcance não maior que o de certos pássaros, foi o núcleo do qual nasceu nossa concepção de número. Reduzido à percepção direta do número, o homem não teria avançado mais que o **corvo assassinado pelo senhor feudal**. Todavia, através de uma série de circunstâncias, o homem aprendeu a completar sua percepção limitada de número com um artifício que estava destinado a exercer influência extraordinária em sua vida futura. Esse artifício é a operação de contar, e é a ele que devemos o progresso da humanidade.

Apesar disso, ainda que pareça estranho, é possível chegar a uma idéia clara e lógica de número sem recorrer à contagem. Entrando numa sala de cinema, temos diante de nós dois conjuntos; O das poltronas da sala e o dos espectadores. Sem contar, podemos assegurar se esses dois conjuntos têm ou não igual número de elementos e,

se não têm, qual é o de menor número. Com efeito, se cada assento está ocupado e ninguém está de pé, sabemos sem contar que os dois conjuntos têm igual número. Se todas as cadeiras estão ocupadas e há gente de pé na sala, sabemos sem contar que há mais pessoas que poltronas.

Esse conhecimento é possível graças a um procedimento que domina toda a matemática, e que recebeu o nome de correspondência biunívoca. Esta consiste em atribuir a cada objeto de um conjunto um objeto de outro, e continuar assim até que um ou ambos os conjuntos se esgotem.

A técnica de contagem, em muitos povos primitivos, se reduz precisamente a tais associações de idéias. Eles registram o número de suas ovelhas ou de seus soldados por meio de incisões feitas num pedaço de madeira ou por meio de pedras empilhadas. Temos uma prova desse procedimento na origem da palavra "cálculo", da palavra latina “calculus”, que significa pedra.

A correspondência biunívoca resume-se numa operação de "fazer corresponder". Pode-se dizer que a contagem se realiza fazendo corresponder a cada objeto da coleção (conjunto), um número que pertence à sucessão natural: 1,2,3...

A gente aponta para um objeto e diz: **um**; aponta para outro e diz: **dois**; e assim sucessivamente até esgotar os objetos da coleção; se o último número pronunciado for oito, dizemos que a coleção tem oito objetos e é um conjunto finito. Mas o homem de hoje, mesmo com conhecimento precário de matemática, começaria a sucessão numérica não pelo um mas por zero, e escreveria 0,1,2,3,4...

A criação de um símbolo para representar o "nada" constitui um dos atos mais audaciosos da história do pensamento. Essa criação é relativamente recente (talvez pelos primeiros séculos da era cristã) e foi devida às exigências da numeração escrita. O zero não só permite escrever mais simplesmente os números, como também efetuar as

operações. Imaginemos fazer uma divisão ou multiplicação em números romanos, e no entanto, antes ainda dos romanos, tinha flores cido a civilização grega, onde viveram alguns dos maiores matemáticos de todos os tempos; E nossa numeração é muito posterior a todos eles.

Pareceria à primeira vista que o processo de correspondência biunívoca só pode fornecer um meio de relacionar, por comparação, dois conjuntos distintos (como o das ovelhas do rebanho e o das pedras empilhadas), sendo incapaz de criar o número no sentido absoluto da palavra. Contudo, a transição do relativo ao absoluto não é difícil.

Criando conjuntos modelos, tomados do mundo que nos rodeia, e fazendo cada um deles caracterizar um agrupamento possível, a avaliação de um dado conjunto fica reduzida à seleção, entre os conjuntos modelos, daquele que possa ser posto em correspondência biunívoca com o conjunto dado.

Começou assim: As asas de um pássaro podiam simbolizar o número dois, as folhas de um trevo o número três, as patas do cavalo o número quatro, os dedos da mão o número cinco. Evidências de que essa poderia ser a origem dos números se encontram em vários idiomas primitivos.

É claro que uma vez criado e adotado, o número se desliga do objeto que o representava originalmente, a conexão entre os dois é esquecida e o número passa por sua vez a ser um modelo ou um símbolo. À medida que o homem foi aprendendo a servir-se cada vez mais da linguagem, o som das palavras que exprimiam os primeiros números foi substituindo as imagens para as quais foi criado. Assim os modelos concretos iniciais tomaram a forma abstrata dos nomes dos números. É impossível saber a idade dessa linguagem numérica falada, mas sem dúvida ela precedeu de vários milhões de anos a aparição da escrita.

Todos os vestígios da significação inicial das palavras que desig-

nam os números foram perdidos, com a possível exceção de cinco (que em várias línguas queria dizer mão, ou mão estendida). A explicação para isso é que, enquanto os nomes dos números se mantive- ram invariáveis desde os dias de sua criação, revelando notável esta- bilidade e semelhança em todos os grupos lingüísticos, os nomes dos objetos concretos que lhes deram nascimento sofreram uma meta- morfose completa.

Não poderíamos deixar de falar de números neste preâmbulo do assunto central deste compêndio, sem falarmos dos aspectos da Doutrina Pitagórica, cuja se relaciona mais diretamente aos Estudos de nossa Ordem e sua relação com os números.

Pitágoras viveu em Crotona por cerca de trinta anos. Em vinte anos lá ele já havia adquirido um prestígio tão grande que muitos o divinizavam e o seu prestígio estendia-se a muitas outras cidades e estados.

Aquele que procurava Pitágoras para ser discípulo não era de imediato admitido, mas também não era desencorajado. Depois de contatos repetidos o noviço entrava no interior da morada do mestre e solenemente era no número dos seus discípulos admitido (Algo aqui se assemelha ao nosso processo de sindicância ou estou erra- do?). Surgiram então duas expressões "esotérico" (de dentro) para os admitidos e exotérico (de fora) para os não admitidos.

A primeira revelação dos ensinamentos pitagóricos consistia em uma exposição completa e racional da doutrina oculta, desde o início até o término da evolução universal, incluindo e sentido à finalidade suprema da psique. O discípulo era iniciado na ciência dos números. No Egito a ciência dos números era conhecida e ensinada nas Esco- las de Mistérios, assim como era ensinada aos iniciados nos Templos da Ásia, sob nomes diferentes.

Os algarismos, as letras, as figuras geométricas, as figurações hu- manas, tinham o valor dos sinais da álgebra, mas também um sentido

oculto que só era entendível pelos iniciados. Os Mestres só revelavam aos adeptos certos símbolos, e especialmente o que significavam, depois de juramentos de silêncio que eram cobrados à risca. (Acredito, algo se assemelha aos segredos de nossos Augustos Mis- térios).

Sobre a ciência dos números , Pitágoras escreveu um livro intitulado " Hieros Logos" (A Palavra Sagrada). Esse livro foi perdido, mas muito do que nele estava escrito foi fornecido parcialmente pelos pitagóricos, entres estes Filolaus, Arquitask, Hiérocles, nos diálogos de Platão, nos tratados de Aristóteles, de Porfirio e de Jamblico. Nos trabalhos desses filósofos está contida a maior parte daquilo que Pitágoras legou à humanidade.

Pitágoras chamava seus discípulos de matemáticos, porque seus conhecimentos superiores começavam pela doutrina dos números. Era uma matemática sagrada, mais transcendente, mais viva, do que a matemática profana reconhecida dos sábios e filósofos de então. Na matemática sagrada um número não se reduzia a quantidade abstrata. Era uma virtude intrínseca e ativa do UNO SUPREMO, de Deus, fonte da harmonia universal. Assim, a ciência dos números eram forças vivas, faculdades Divinas em ação no mundo, no homem, no macrocosmo, e no microcosmos. Através dos números Pitágoras elaborava uma teologia racional. Dizia Pitágoras: **Pelos números Deus se mostra e mostra o encadeamento das ciências da natureza.**

Pitágoras denominava UNO o primeiro composto de harmonia, o Fogo Gerador, que atravessa tudo, o Espírito que se move por si mesmo, o Indivisível, o Grande Não Manifesto, cujo pensamento criador está manifestado nos mundos efêmeros, o Único, o Eterno, o imutável, oculto sob as coisas múltiplas que passam e que mudam.

Disse o discípulo Filolaus, referindo-se aos ensinamentos de Pitágoras a respeito do Uno:

"A essência nela mesma foge à percepção do homem. Este somente conhece as coisas deste mundo, onde o finito combina-se com o infinito. E como pode ele conhecê-las? Há entre ele e as coisas uma harmonia, uma relação, um Principio comum. Esse princípio lhe é dado pelo Uno, juntamente com a sua essência e a sua inteligibilidade. É a medida comum entre o objeto e o sujeito, a razão das coisas, mediante a qual a alma participa da razão ultima das coisas: O UM. Mas como se aproximar do Ser inapreensível? Alguém já viu o senhor do tempo, a alma dos sois, a fonte das inteligências? Não? Somente confundindo-se com ele é que se penetra em sua essência. É semelhante a um fogo invisível, no centro do universo, como uma chama ágil a circular em todos os mundos e movendo a circunferência".

Mostrava o Mestre aos discípulos que a posse da verdade levava anos, não era conquistado num só dia como muitos pretensos discípulos pretendiam. Temos visto discípulos que quando não conseguem saciar a sua curiosidade de imediato logo se afastam, partem em busca de conhecimentos fáceis, acessíveis, mas que em grande parte são falsos.

Em seus ensinamentos Pitágoras dizia:

"A obra da iniciação está na aproximação do grande Ser, assemelhando-se a ele, tornando-se tão perfeito quanto possível, dominando as coisas pela inteligência, tornando-se ativo como Ele e não passivo como elas. Vosso próprio ser, vossa alma não é um microcosmos, um pequeno universo? Mas ela está cheia de tempestades, de discórdias. Assim, pela iniciação trata de realizar a unidade na harmonia dentro de vós. Então Deus descerá em vossa consciência, e participareis do seu poder, fareis da vossa vontade de ferro a pedra do lar, o altar de Hestia, o trono de Júpiter!"

Assim Pitágoras mostrava o quanto é importante uma sincera iniciação, não uma iniciação simbólica, até mesmo teatral como hoje se pratica em algumas doutrinas, mas uma iniciação sincera visando a

renovação da natureza individual.

Eis o primeiro dos princípios ensinados por Pitágoras:

"Deus, a substância indivisível, tem por número a Unidade que contém o infinito, e por nome o de Pai, Criador, ou Eterno Masculino, e por signo o Fogo vivo, símbolo do Espírito, essência do Todo"...

Segundo ensinava Pitágoras:

"As faculdades divinas no iniciado manifestam-se como um ponto, que evolui como um lótus, ou uma rosa que se desdobra em mil pétalas. A partir de um ponto as coisas desabrocham no universo".

Pitágoras mostrava que tudo pode ser expresso por números, até mesmo a natureza íntima das coisas, a Essência Divina. Dizia que a Mônada age como a Díade Criadora, que Deus quando se manifesta é duplo, essência indivisível e substancia divisível, princípio masculino, ativo animador, e principio feminino, passivo, matéria plástica animada. A Díade representa, portanto a União do Eterno Masculino e do Eterno Feminino em Deus.
Devemos entender a Mônada como sendo Deus, o UM inconscientizável, a Origem Primeira de tudo dentro da Criação, a Essência de Deus e a Díade, a Mônada polarizada, ou seja, o desdobramento do UM em DOIS e conscientizável como **TRÊS**.

Em decorrência do exposto torna-se evidente que a imagem perfeita de DEUS não é só o homem, mas o homem e a mulher, do que resulta a invencível atração recíproca de um pelo outro, fonte causa de amor, a busca do Eterno-Masculino e do Eterno Feminino , unificação das polaridades em UM único ser. Assim são bem significativas as palavras do Mestre nos Números:

"Honra a Mulher, que nos faz compreender a grande Mulher, a

Natureza. Que ela seja a sua imagem santificada, que ela nos auxilie a subir os degraus de escada que vai até a grande Alma do Mundo, qu concebe, conserva e renova, até a divina Cibele, que conduz as almas em seu manto luminoso".

Homem, mulher, aspectos polarizados do "Um", atingível apenas pela reversão da polaridade. Sendo assim o homem só chega a Deus pela mulher e esta pelo homem. Opostos de uma mesma natureza, amor, tendência à volta à Unidade.

Se na criação o "Um" se desdobrou em "Dois" na UNIFICAÇÃO este tem que voltar a ser "Um". Se o homem é um dos pólos e a mulher o outro, pela união das duas polaridades é que se recompõe a unidade. Não é aglutinando num mesmo pólo que se chega à polaridade única. É a reversão da polaridade que se chega à origem. Na realidade, no Uno as duas polaridades têm que desaparecer. Tomemos como exemplo o comprimento de algo. Partindo de algo com um metro de comprimento e se formos aumentando, adicionando a um dos extremos, os pólos vão se afastando entre si.

Não existe forma alguma que possa fazer o tamanho voltar à medida inicial adicionando-se, acrescentando a um dos extremos. Por mais que se junte, que se some a um dos extremos o que se consegue não é a unificação, a junção dos dois em um só e sim o afastamento, o alongamento do bipólo. A fusão dos pólos ocorre não pela adição, mas pela subtração. Só existe uma maneira de regresso ao tamanho original que é exatamente pela aproximação dos dois extremos, o que permite a reversão à origem.

Por mais que se adicione em uma das polaridades jamais se chega ao Um, jamais acrescentando tamanho a algo se chega ao Um.

Conhecer o mistérios dos números é conhecer os próprios mistérios da natureza. A natureza se manifesta por leis e as leis são estabelecidas de uma forma que podem ser expressas pelos números.

Os números segundo diversos sistemas místicos como veremos na continuidade deste compêndio, e até mesmo os ensinamentos de Salomão, estão baseados em números e figuras geométricas. As doutrinas autênticas, mesmo que não mencionem os números diretamente, podem ainda os seus ensinamentos serem facilmente relacionados com os números.

Há doutrinas antigas como Cabala, e outras mais recentes como a nossa Ordem, que usam os números como base de ensinamentos, mesmo que algumas não os mencionem diretamente. Até mesmo no catolicismo vamos encontrar menção aos números quando fala da Santíssima Trindade dizendo que existem três naturezas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo, e que os três se constituem apenas um, três naturezas em uma só. Isto é exatamente o que disse Pitágoras e o que dizem ainda muitas outras doutrinas.

O UM representa Deus em si, a Causa Primária, na qual todas as coisas, todos as idéias e todos os opostos se reconciliam. Como sendo um ponto de confluência, o UM é representado pelo ponto, o centro de tudo.

No DOIS está a dualidade, a bipolaridade de criação, o afastamento da perfeição.

Segundo Pitágoras, no Um, que é Deus, extinguem-se todas as polaridades. Segundo afirmava, o número UM assim como todos os números impares são masculinos, ao passo que Dois e todos os pares são femininos.

No TRÊS, ora alvo deste ensaio, é o Deus imanente, com princípio, meio e fim e no plano humano representa o casamento Pai , Mãe e Filho.

Pelo conhecimento dos números podemos sentir como o universo está organizado, se pode partir do material e chegar ao espiritual; Do limitado, chegar ao absoluto. Pelas asas dos números a com-

preensão viaja rumo ao infinito; Parte do relativo, e direciona-se ao infinito; Parte do inferior, e rumo em direção ao Superior; Do descontinuo para o continuo**.**

De uma maneira sucinta, pelo que temos mostrado, os três primeiros números dizem respeito à gênese do universo, à formação e a criação.

O "QUATRO" desde os tempos mais remotos, reforçado pela escola pitagórica, sempre foi relacionado com o que é material com a matéria propriamente dita, e com fenômenos que interferem com a matéria. Quando se refere ao homem significa o mortal que vive na terra, come, ama, e dorme, e não à uma entidade espiritual. O homem no sentido espiritual não está relacionado com o quatro. Seja qual for a sua forma, o número quatro relaciona-se com o plano material ou terrestre em oposição ao número três, que se refere ao que é divino ou espiritual. Quatro é duas vezes dois, portanto uma intensificação do número dois, da separação, da descontinuidade. Intensificação das qualidades separativas do DOIS, portanto a matéria bruta.

No quatro cada elemento faz parte de um dos pares de opostos. Assim qualquer um pode eliminar o outro. A água pode eliminar o fogo, o ar volátil pode levar a terra que é fixa.

Platão dizia que o número TRÊS diz respeito à idéia enquanto que o número quatro está ligado à realização da idéia.

Se analisarmos a Gênese Bíblica veremos que os três primeiros dias são dedicados a ordenação dos campos de potencialidade em que pode se apresentar a vida. As formas de vida, porém, só são concretizadas no quarto dia e nos seguintes. No primeiro dia fez à luz, nos seguintes a separação dos opostos. A luz é separada das trevas (polarização). O céu separado da terra e a terra separada do mar e assim sucessivamente. No equilíbrio da criação, luz e trevas encontram-se absorvidas uma pela outra assim como a atividade pelo repouso, o som pelo silêncio. O quatro é a estruturação das coisas ao nível do mundo denso incluindo as pessoas; O Cinco, a maneira e

meios como a criação interage com o Criador, como o quatro percebe e interação com o UM, DOIS e TRÊS.

É o número que rege todos os processos biológicos; O Seis como o ser criado pode se transformar (número da transformação), por isso todos os ensinamentos que visam a transformação dos seres, do caráter, baseiam-se no número seis. O sete diz respeito à natureza vibratória do universo, a base física da natureza que do mundo material quer do energético. O oito e a continuação do sete, pois diz respeito às oitavas vibratórias. O nove diz da interação de todos esses elementos estruturando a base daquilo que chamamos vida manifesta.

Iremos agora buscar aprofundamento sobre os conhecimentos místicos básicos do simbolismo dos números. Focalizaremos alguns conhecimentos já ensinados pelas ciências herméticas, além de outros ainda não divulgados, gerando mais um ensaio que muito irá colaborar para o entendimento do Número Três.

Iniciaremos pelos três primeiros números conforme são estudados pelos místicos. Procuraremos discutí-los usando alguns exemplos de caráter prático, fugindo tanto quanto possível daquela linguagem velada que normalmente é usado na divulgação de conhecimentos esotéricos, para que certas dúvidas e erros possam ser eliminados da compreensão do grau de aprendiz.

Á luz de várias pesquisas percebi que a grande maioria dos aprendizes de nossa Ordem têm dúvidas quanto ao significado esotérico dos números, e o que é pior, muitos têm idéias errôneas a respeito deles ou simplesmente não entendem o real significado dos três primeiros números.

As idéias deformadas derivam, segundo o meu entender, da leitura de muitos livros que mais confundem as pessoas do que ensinam as verdades do misticismo, por isto não é sem razão que as or-

dens autênticas recomendam muito cuidado quanto àquilo que é oferecido em forma de livros aparentemente sérios.

Minha intenção, mesmo que ainda como postulante é tentar com base em Leituras, Estudos e Pesquisas Profundas, dar respostas às indagações que têm sido feitas sobre os princípios ensinados pelas Ordens Iniciáticas usando uma linguagem clara e fácil, bem como concentrando em apenas 01 Compêndio, para que a matéria seja acessível ao buscador, de forma que ele possa ter alguma compreensão metafísica inerentes à natureza das coisas.

Da maneira como o assunto atualmente vem sendo exposto em alguns livros, o postulante certamente nada consegue entender, acaba perdendo o seu precioso tempo, ou pior ainda fica sujeito a confundir verdades com superstições como conseqüência de ensinamentos deformados de numerologia.

Procurarei, segundo pesquisas, usar uma forma de linguagem simples, usar exemplos fáceis e claros, pois na natureza a verdade jamais é complexa. Onde houver complexidade indubitavelmente há erros. As leis naturais são fundamentalmente simples e isto se comprova à medida que elas são devidamente estudadas.

No passado um tanto remoto, os algarismos, assim como as letras, traziam um duplo sentido. Um sentido exotérico, comum, o que todos entendiam profano, técnico, e concomitantemente um sentido essencialmente esotérico, isto é, um sentido oculto acessível só aos membros das sociedades iniciáticas. Em outras palavras, os algarismos tinham um sentido profano usado como meio de contagem, e um sentido iniciático indicativo de mensagens veladas.

Neste compêndio, ora fruto de várias pesquisas, o intento é fazer alguns comentários preliminares sobre o significado oculto dos números tentando retirar parte do véu de mistérios que envolvem o sentido esotérico do 1, 2 e 3, sem nos aprofundarmos, para que nessa leitura não fazermos revelações não liberadas às pessoas não ini-

ciadas.

Esotericamente se diz que o UM não é por si mesmo manifesto e por isto ele não tem existência real para a nossa consciência.

Quem observar um pássaro pousado sobre um cabo elétrico facilmente nota que nunca acontece uma eletrocussão. Não acontece porque a ave não está ligada a terra, ou a um outro fio com diferença de potencial. Quando o pássaro está pousado em apenas um dos fios nada acontece com ele porque a eletricidade está para ele em fase que podemos chamar "fase um". Somente quando uma outra situação se estabelece que no caso é a presença de um segundo fio por onde também escoe corrente elétrica com um diferente nível é que acontece algo, isto é, a eletricidade se torna manifesta e passa a existir realmente para a ave. Não sendo assim ela não sofre a mínima ação de qualquer coisa que exista ou que ocorra no fio em que está pousada.

Alguém que esteja sem contato com um segundo cabo ou com o solo não tem condições de saber diretamente se este está ou não está eletrificado. É absolutamente impossível sabê-lo, pois, naquela situação o fio é simplesmente um arame.

Nota-se o seguinte; Mesmo que a ave nada sinta, ou que uma pessoa nada sinta, mesmo assim não há garantia de que um determinado fio esteja sem corrente. Absolutamente, o que ocorre é que apenas não há manifestação da corrente por falta de meios para evidenciá-la. Pode acontecer que, entre o fio e o solo, ou que, entre um fio e outro haja diferença de potencial, haja diferença de voltagem, então quando um contato for estabelecido com aquele segundo elemento, é que surgirá o "choque elétrico", a descarga elétrica se tornará real. Enquanto não houver o segundo elemento nada se saberá a respeito da presença ou não da corrente. Corrente elétrica em UM só fio, mesmo que em elevadíssimo nível de intensidade, não acende uma lâmpada, não faz girar um motor e nem gerar qualquer tipo de trabalho. Para que ela faça tais coisas é necessária a presença de um SEGUNDO fio. Por esse exemplo podemos dizer que a corrente

elétrica está para o pássaro numa primeira condição, numa condição UM.

No fio existe algo, que a pessoa não se dá conta. Tomando-se UM só fio indiscutivelmente nele poderá "existir eletricidade", contudo esta estará manifesta, razão pela qual não é possível se ter percepção direta dela.

Se numa sala escura colocarmos qualquer objeto negro, evidentemente este não será visível. Ele se comporta como se não existisse, embora esteja lá. Porém se clarearmos o objeto negro então ele se tornará visível.

Na primeira situação ele está na fase UM em relação à consciência, e quando clareamos criamos uma condição oposta, isto é, introduzimos o elemento DOIS que permite que o objeto (elemento UM) se torne visível. A recíproca é verdadeira, se clarearmos a sala o objeto aparecerá e passará a existir para a consciência objetiva.

Para que algo seja conscientizado, visível será necessária uma segunda condição, ou seja, uma fase dois. Vamos chamar dois aquela condição que surge para complementar a manifestação da fase UM. No exemplo dado a fase DOIS é o solo ou o segundo fio com diferença de potencial. O pássaro só será eletrocutado com o surgimento de uma segunda condição, se tocar um outro fio.

Agora vale notar que a fase DOIS complementa a fase UM, mas não é de natureza diferente. A fase DOIS sempre é de idêntica natureza da fase UM. Só se tem idéia daquilo que se chama "grande" porque existe o seu oposto, o "pequeno”; o escuro só é percebido porque existe o seu oposto, o claro; o bom, porque existe o ruim; o bonito, porque existe o feio; o rico porque existe o pobre, e assim por diante.

Como se pode perceber, o DOIS é o contraste do UM. Sem o DOIS o UM pode existir, mas não pode ser conscientizado, não pode se manifestar objetivamente por falta de um contraste. O UM

existe sem se manifestar, sem que se tenha consciência da sua existência até que surge a fase DOIS, que é o seu oposto. O DOIS por si só também não se manifesta, pois é equivalente ao DOIS. É necessário salientar que a fase DOIS é oposta à fase UM, mas ambos nunca são de naturezas diferentes. São idênticas em natureza, mas situados em extremos opostos. O UM e o DOIS constituem apenas pólos opostos de uma mesma coisa.

Vemos também que o UM e o DOIS se completam e se comportam como pólos opostos de uma mesma coisa e disto à aplicação da Lei da Polaridade presente em todo o Universo Criado.

Para que a temperatura seja notada é preciso que existam pelo menos duas graduações de calor. Para que o dia seja notado é necessária uma situação oposta ao dia , que é a noite fase DOIS, e então a pessoa se dá conta daquilo e assim surge a necessidade de uma denominação para as duas situações opostas. Mas, dia e noite, em essência, é uma mesma coisa. Noite é a ausência do dia e vice-versa. Isto é sempre válido, para que algo exista no atendimento da nossa consciência objetiva a obrigatoriedade de um contraste entre duas ou mais situações. Há necessidade de duas condições que se oponham para que algo tenha existência real para a nossa consciência objetiva. A mente objetiva é analógica, isto é, só percebe por analogia, por comparação entre dois valores. A pessoa só se dá conta da existência da luz porque existe a treva como seu oposto, e vice-versa. Treva e luz é uma mesma coisa porem em polaridades opostas.

Qualquer coisa sem o seu oposto é como se não tivesse existência para nós. Assim são todas as coisas existentes no Universo.

Vimos que ao surgir a fase DOIS a pessoa se dá conta da existência da fase UM, isto é, o UM se torna manifesto quando surge o DOIS e imediatamente surge sempre um elemento TRÊS; uma terceira condição.

O pássaro está pousado em UM fio e nada acontece a ele, mas

quando surge o contato com o segundo fio , imediatamente surge a terceira condição que é a corrente elétrica capaz de provocar uma eletrocussão. Na comparação entre a condição que se chama "bem" e aquela que se chama "mal" surge a terceira condição que é a idéia de bondade, e assim por diante.

Sempre que se estabelecem duas polaridades em alguma coisa haverá simultaneamente uma terceira condição representada, no mínimo, pela conscientização do evento.

Foi exatamente dessa interação entre TRÊS condições, valores interligados, que a nossa Ordem e outras Doutrinas Místicas, tiraram o **SIMBOLISMO DO TRIÂNGULO**. Geralmente para essas doutrinas o triângulo é sagrado porque representa graficamente a TRINDADE de todos os eventos, pois tudo o que existe pode ser estudado por um desdobramento de triângulos, ou seja, pela interação os TRÊS primeiros números esotéricos.

O número TRÊS simboliza a manifestação perfeita de algo, por ser a condição necessária para que a conscientização se apresente.

Mesmo as coisas abstratas e as percepções abstratas são também trinas em manifestação. Exemplo: Grandeza é uma idéia abstrata, ela nada mais é do que a resultante de duas condições também abstratas que são a idéia do grande e a idéia do pequeno. Beleza é a conscientização de duas situações abstratas opostas; Feio e bonito. Assim, se pode afirmar que toda idéia abstrata também é suscetível de ser desdobrada em dois componentes. Se este desdobramento não for possível, certamente estaremos diante de uma idéia composta por várias trindades passíveis de sucessivos desdobramentos.

Também no campo da conscientização de coisas concretas a Lei do Triângulo é soberana. Quando algo não for susceptível de ser desdobrado em dois componentes certamente ele é complexo e precisa sofrer vários desdobramentos secundários.

Tomemos como exemplo as cores. Aparentemente elas são inúmeras, mas após vários desdobramentos restará só três delas: Verme

lho, Amarelo e Azul. Qualquer nuance de cor existente, essencialmente é o resultando de uma combinação em partes variáveis dessas três cores fundamentais e primárias.

No Universo, com relação àquela condição objetiva que denominamos "tempo" há três situações a serem consideradas: PASSADO, PRESENTE, FUTURO. É pela comparação dos dois pólos passado e futuro que vamos encontrar o presente. O presente é uma idéia metafísica de concepção difícil. O que é o presente? Onde termina o passado e começa o futuro para que se possa situar o presente? Por menor que seja o intervalo de tempo considerado sempre é possível que aquilo seja o passado. O "agora" somente existe em função das limitações sensoriais. O presente é apenas a conscientização das duas situações, passado e futuro. Por outro lado podemos dizer que praticamente o futuro não existe porque sempre que atingimos um momento que antes considerávamos futuro ele se torna presente. No sentido relativo, o passado é UM, futuro é DOIS e o presente é TRÊS. Como no sentido absoluto só existe o PRESENTE, logo só existe o TRÊS, mas como ele está só, então só existe o UM.

Tudo aquilo que existe é constituído de três partes, duas das quais constituem um bipólo.

Existimos em um Universo, talvez de várias dimensões, mas para a nossa consciência objetiva ele se manifesta por três delas. Nossa consciência necessita apenas de três dimensões, por isto somos seres de um mundo tridimensional. Esta é a razão pela qual tudo que basicamente existe para nossa consciência é trina em essência, num mundo de mais dimensões a regra é outra conforme o seu número básico.

O Triângulo é a representação gráfica deste princípio fundamen-

tal da constituição das coisas susceptíveis de conscientização. Somente aquilo capaz de ser representado graficamente por um triângulo pode ter existência real para a nossa consciência porque somos adaptados a um Universo de três dimensões.

Uma vez pesquisado e estudado os três primeiros números divinos, iremos agora dissertar sobre aquele que mais desperta nossa intenção nestes ensaios, ou seja, vamos continuar nossas pesquisas no Sagrado e Divino número TRÊS.

Já referimos que é necessário para a existência de algo conscientizável, além das duas polaridades representadas pelos números "um" e "dois", uma terceira condição, uma forma de consciência para assinalar a sua existência, podendo ser reapresentada numericamente pelo três.

Quando um fenômeno é evidenciado, necessariamente houve uma terceira condição, houve algo que se deu conta disto, do contrário não se saberia da sua existência.

Algumas coisas em nosso dia a dia se manifestam segundo a lei da polaridade, e se não houver alguma expressão da consciência para registrá-las? Aquelas coisas podem ser consideradas como manifestações completas? Em outras palavras, mesmo existindo algo, mas sem que haja alguém para tomar ciência disto é o mesmo que a fase um. Até mesmo o bipólo um e dois só se torna manifesto quando há alguma expressão da consciência para registrá-lo. Existiria beleza, mesmo existindo os dois extremos bonitos e feios, se não existisse concomitantemente alguém para ter idéia disso? Existiria idéia de grandeza, embora existindo o grande e o pequeno, se não houvesse alguém para se dar conta disto? O quente e o frio, se não houvesse alguma forma consciente para tomar ciência disto? Um tiro existiria como tal sem um ouvido para detectá-lo? Haveria sim a explosão, mas estamos indagando é que se existiria o efeito sonoro. Todas essas indagações têm respostas negativas, obviamente. Assim temos duas situações a serem consideradas:

“Mesmo havendo consciência, algo só se manifesta pela lei da polaridade (pelo um e pelo dois) Não se manifesta quando somente um dos pólos existe (o que equivale a não existir).

“Havendo os pólos, um e dois, mas não havendo consciência, o três, para registrar o evento ele passa como se inexistisse.

O TRÊS É O NÚMERO SIMBÓLICO DAS MANIFESTAÇÕES PERFEITAS.

Algo só é plenamente manifesto quando se apresenta como um, dois e três. Os dois pólos simbolizados pelo um e pelo dois, e a conscientização do evento pelo três.

O simbolismo do três é tão alto, tão transcendente, que aquele que sentí-lo em toda sua plenitude, aquele que penetrar em seu mistério, será um iluminado, um liberto e terá respondido a multimilenar indagação: Quem somos?, para que estamos aqui?, por que viemos?, por que sofremos?, e para onde vamos?.

Todas as coisas que existem constituem o universo completo. Então, vamos considerá-lo com todas as suas transformações e ocorrências. Já sabemos que tudo no universo é resultante da ação e reação, a polaridade ocasionando as vibrações cósmicas constitutivas da existência, detectáveis pelo bipólo universal expresso numericamente pelo um e pelo dois. Mas o um e o dois só se tornam uma manifestação perfeita quando está presente o três, normalmente considerado como a consciência que identifica o evento, ou o "olho" que o detecta. Sem consciência as fases um e dois existem como atualidade, mas não como realidade. Em outras palavras: Existem, mas não se manifestam.

O Universo seria uma realidade se não houvesse uma parcela da consciência em todas as coisas para evidenciá-lo? Se não houvesse a consciência também não haveria manifestação perfeita e tudo se passaria como se nada existisse. Suponhamos que haja um outro universo idêntico a este algures no cosmos e que dele não tenhamos ciência. Ele existe para nós? Poderá existir para as consciências que nele se situem, mas não para as demais que o ignoram. Mas, se não houver alguma forma consciente nele? Se assim for ele, não existe para nós e não existe para ninguém, portanto ,é como se fosse inexistente de uma forma absoluta.

Nos seres vivos e, talvez, também nos inanimados sempre existe uma parcela de consciência que é parte da Consciência Cósmica. Ou melhor, todas as frações de consciência juntas são parte da Consciência Cósmica; Assim como todas as coisas do universo juntas perfazem o próprio universo. Por essa razão tudo aquilo que tiver alguma parcela de consciência tem conseqüentemente algo de divino, pois é através da consciência de todas as coisas que se manifesta a Consciência Cósmica. Como dizia o Mestre Jesus: **"VÓS SOIS DEUS".** Neste sentido, como parcela da Consciência Cósmica, o homem é uma criatura divina e perfeita. Toda imperfeição reside na personalidade humana a partir da mente envolvida, no EGO e nunca no EU Cósmico e eterno expresso como Consciência.

Mas como justificar as imperfeições dos seres humanos? Ocorre que a consciência manifesta no indivíduo torna-se dominante no plano material da vida, onde as injunções da matéria, do corpo, determinam as atitudes errôneas permissíveis pelo livre arbítrio. O ser em sua missão no mundo da matéria densa tem que tomar decisões objetivas por isto ele é dotado de duas formas de expressão da consciência. Uma é a consciência clara, pura, perfeita que aflora

como intuição e outra é a exteriorização através da razão, sujeito às emoções. Uma flui pela coluna de Hochma da árvore da Vida, pela coluna da misericórdia, perfeita e intuitiva. A outra se manifesta pela coluna da esquerda, pela coluna de Binah, pela coluna do rigor, do intelecto cerebral. Como o ser tem que se desenvolver num mundo material denso e grosseiro naturalmente nele há o predomínio do lado mais grosseiro da "Árvore da Vida".

Se o homem não houvesse esquecido de sua missão cósmica, certamente nele existiria equilíbrio entre as duas formas de manifestação da consciência. Esse equilíbrio deixou de existir pela "queda". A QUEDA do homem implicou num mascaramento da mais importante parcela da sua consciência, e a partir disso ele passou a se deixar guiar fundamentalmente por uma parcela incompleta, falha, e cheia de paixões predominante na coluna do rigor.

Se não existisse o universo, expressão das fases um e dois, certamente a consciência não seria a fase TRÊS e sim a fase UM. Em essência, e em consciência anímica somos uma dessas unidades. É através de nós que a Consciência Cósmica se torna plenamente manifesta. Os seres são tentáculos da Consciência Cósmica. Isto é exatamente o que somos em essência.

Viemos da Consciência Cósmica e para ela por certo voltaremos, pois tudo no Universo está preso à Tríade Imutável: Criação , Conservação e Destruição. Tudo nasce, vive, e morre, exceto o ABSOLUTO. Há um fluir eterno através da existência das coisas. O Supremo Ser sempre está criando a Si mesmo, como dizem os livros sagrados da Antigüidade. Tudo aquilo que foi criado retorna algum dia para aquilo que lhe deu origem.

Se existissem todas as coisas do Universo sem que existissem formas de consciência para registrá-las, tudo seria como se nada existisse realmente. De igual modo, se existisse uma consciência, mesmo Cósmica, mas se não existissem coisas para serem conscientizadas, elas seriam estáticas e imanifestas. Deus teria existência se não houvesse a consciência das coisas para torná-Lo manifesto? Existiria apenas como aquele tipo de universo que exemplificamos nos trechos acima, de uma forma absolutamente imanifesta.

Se meditarmos sobre aquilo que está explícito neste ensaio, poderemos compreender os maiores enigmas da existência. Surge a explicação para o verdadeiro sentido da existência e assim compreenderemos razão pela qual chamamos: **O DIVINO TRÊS**.

Até este momento o compêndio abordou apenas a TRINDADE METAFÍSICA, porém vale salientar que mesmo no plano material nós vivemos mergulhados nas situações trinas, pois tudo o que se manifesta é trino. Quando algo não parece ser trino por certo se trata de alguma coisa complexa, composta e que pode ser desdobrado em elementos trinos mais simples.

Continuaremos a estudar algumas peculiaridades do número TRÊS;

Até o próprio Deus é obediente ao número. Evidentemente o Poder Superior é onipotente portanto independe de número, mas para que fosse possível Deus independer das leis do numero, o Poder Superior em Sua onipotência teria que criar um outro modelo de universo, um outro modelo de criação deveria se fazer presente e não este.

Se não existisse o número por certo seria outro o modelo do Universo.

Número é ordem e limitação, é o que torna o Universo possível tal como ele é. Se não fossem os números o universo seria caótico, não haveria a ordenação perfeita que se apresenta em todo o Universo.

Muitos já ouviram falar em número **PI (3,1415927) .** É o irracional mais famoso da história, com o qual se representa a razão constante entre o perímetro de qualquer circunferência e o seu diâmetro. Não devemos confundir com o número **Phi (1,618)**

O número Phi (letra grega que se pronuncia “fi”) apesar de não ser tão conhecido, tem um significado muito interessante e bem próximo aos enigmas que constituem nosso Universo, o próprio Homem, e a manifestação divina do Ser Supremo que é DEUS, o Grande Arquiteto do Universo.

Durante anos o homem procurou a beleza perfeita, a proporção ideal. Os gregos criaram então o retângulo de ouro. Era um retângulo, do qual havia proporções do lado maior dividido pelo lado menor e a partir dessa proporção tudo era construído. Assim eles fizeram o Pathernon à proporção do retângulo que forma a face central e lateral. A profundidade dividia pelo comprimento ou altura, tudo seguia uma proporção ideal de 1,618.

Os Egípcios fizeram o mesmo com as pirâmides cada pedra era 1,618 menor do que a pedra de baixo e a de baixo era 1,618 maior que a de cima, que era 1,618 maior que a da terceira fileira e assim por diante.

Durante milênios, a arquitetura clássica grega prevaleceu. O retângulo de ouro era padrão mas depois de muito tempo, veio a construção gótica, com formas arredondadas que não utilizavam o retângulo de ouro grego. Mas no século XIII, Leonardo Fibonacci um matemático que estudava o crescimento das populações de coelhos criou aquela que é provavelmente a mais famosa seqüência matemática a **Série de Fibonacci**.

A partir de 2 coelhos, Fibonacci foi contando como eles se aumentavam a partir da reprodução de várias gerações e chegou numa seqüência onde um número é igual a soma dos dois números anteriores

1 1 2 3 5 8 13 21 34 55 89...

2+1=3

3+2=5

5+3=8

8+5=13

13+8=21

21+13=34

E assim por diante.

Chegamos então à 1ª "coincidência"; Proporção de crescimento média da série é... 1,618. Os números variam, um pouco acima às

vezes, um pouco abaixo, mas a média é 1,618, exatamente a proporção das pirâmides do Egito e do retângulo de ouro dos gregos.

Logo, essa descoberta de Fibonacci abriu uma nova idéia de tal proporção que os cientistas começaram a estudar a natureza em termos matemáticos e começaram a descobrir coisas fantásticas.

A proporção de abelhas fêmeas em comparação com abelhas machos em uma colméia é de 1,618;

A proporção que aumenta o tamanho das espirais de um caracol é de 1,618.

A proporção em que aumenta o diâmetro das espirais sementes de um girassol é de 1,618.

A proporção em que se diminuem as folhas de uma arvore à medida que subimos de altura é de 1,618;

E não só na Terra se encontra tal proporção. Nas galáxias as estrelas se distribuem em torno de um astro principal numa espiral obedecendo à proporção de 1,618 também.

Por isso, o número Phi ficou conhecido como **A DIVINA PROPORÇÃO** porque, os historiadores descrevem que foi a beleza perfeita que Deus teria escolhido para fazer o mundo.

Por volta do início do século XVI com a vinda do Renascentismo à cultura clássica voltou à moda. Michelangelo e principalmente Leonardo da Vinci, grandes amantes da cultura pagã, colocaram esta proporção natural em suas obras. Mas da Vinci foi

ainda mais longe; Ele como cientista, pegava cadáveres para medir a proporção do seu corpo e descobriu que nenhuma outra coisa obedece tanto a DIVINA PROPORÇÃO do que o corpo humano, obra prima de Deus.

Por exemplo:

a) Meça sua altura e depois divida pela altura do seu umbigo até o chão; o resultado é 1,618.

b) Meça seu braço inteiro e depois divida pelo tamanho do seu cotovelo até o dedo; o resultado é 1,618.

c) Meça seus dedos, ele inteiro dividido pela dobra central até a ponta ou da dobra central até a ponta dividido pela segunda dobra. O resultado é 1,618.

d) Meça sua perna inteira e divida pelo tamanho do seu joelho até o chão. O resultado é 1,618.

e) A altura do seu crânio dividido pelo tamanho da sua mandíbula até o alto da cabeça. O resultado é 1,618.

f) Da sua cintura até a cabeça e depois só o tórax. O resultado é 1,618.

Devemos considerar erros de medida da régua ou fita métrica que não são objetos acurados de medição.

Tudo, cada osso do corpo humano é regido pela Divina Proporção.

Seria Deus, usando seu conceito maior de beleza em sua maior criação feita a sua imagem e semelhança?

Coelhos, abelhas, caramujos, constelações, girassóis, arvores, artes e o homem; Coisas teoricamente diferentes, todas ligadas numa proporção em comum.

Então até hoje essa é considerada a mais perfeita das proporções. Meça seu cartão de crédito, largura / altura, seu livro, seu jornal, uma foto revelada.

Encontramos ainda o número Phi nas famosas sinfonias como a 9ª de Bethoven e em outras diversas obras.

Então, isso tudo seria uma coincidência?...ou seria o conceito de Unidade com todas as coisas sendo cada vez mais esclarecido para nós?

O homem tem ciência de algumas coisas da terra, mas a sabedoria é dom de Deus. No livro de Jó, Cap.28, Bíblia Sagrada, está escrito:

"Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar da inteligência? O homem não lhe conhece o valor; não se acha na terra dos viventes."

"Donde pois vem a sabedoria e onde está o lugar da inteligência?"

"Mas disse ao homem: Eis que o temor do Senhor é a sabedoria e apartar-se do mal é a inteligência."

A natureza se move por números, e compreender os números é viver em harmonia com a natureza, daí porque Pitágoras procurava

compreender a natureza dos números, e investigar sua operação no universo, tanto nos vastos movimentos ordenados dos céus, como nas disposições da terra e nas medidas esotéricas do Homem e todo ser vivo.

A manifestação dos números tem muitas peculiaridades. Em sentido prático a conscientização numérica começa com o TRÊS, mas mesmo assim este número ainda não pode representar um sólido, ou seja, algo que tenha uma forma de existência como coisa.

O triângulo é uma figura que só existe no plano e como o universo não é plano, conseqüentemente o triângulo é apenas uma idéia de algo conscientizável, porém que inexiste estruturalmente.

A projeção do três no mundo tridimensional tem que se projetar como uma pirâmide de base triangular. Na realidade a representação plana do três é o triângulo, portanto algo que só pode existir no plano e não no espaço.

O triângulo é por definição uma figura plana. Embora represente o três ela tem apenas duas dimensões, pelo que não existe como algo tridimensional, ou seja, como uma coisa qualquer que possa ser contada unitariamente. Por isso podemos entender que o três (triângulo) não é uma manifestação objetiva no universo.

A primeira manifestação concreta que surge a partir do três é a pirâmide de base triangular e neste caso não mais é três e sim quatro (A pirâmide de base triangular tem 4 faces, três laterais mais a base).

O Três para que se torne concreto tem que se transformar em pirâmide e neste caso deixa de ser três para ser quatro. Assim temos que, muitas vezes as três dimensões confluem em um só ponto em ângulo formando um cubo, neste caso o três se projeta na criação

como seis, como sólido cúbico, que também pode ser representado por um hexagrama.

No universo a criação determinou que tudo quanto exista tem que ter massa, volume e divisibilidade (poder ser contado). Volume exige três dimensões, portanto algo só pode existir na natureza se pelo menos tiver um mínimo de três dimensões (comprimento, largura e altura).

No inespacial é três (três dimensões) mas que no mundo objetivo gera algo concreto, neste caso algo espacial. Assim podemos dizer que o três é um número de nível inespacial cuja correspondência no nível espacial se faz ou como quatro, ou como seis (Quatro como pirâmide e seis como cubo).

Quando falamos de inespacial não estamos nos referindo ao NADA, estamos nos referindo a algo que não ocupa espaço, mas que existe dentro da criação. Nem tudo o que existe no universo requer espaço. Por exemplo, os sentimentos, os elementos da lógica, razão, intelecto, existem e atuam no universo, mas não ocupam espaço e nem dependem de tempo cronológico. Também o um, dois e três, assim como suas representações geométricas, o ponto, a linha e o triângulo.

Tudo aquilo que se manifestar no universo que fugir aos limites de espaço e tempo são manifestações diretas do Poder Superior e não coisas criadas. As coisas criadas resultam da vibração e dos demais princípios herméticos. O PODER SUPERIOR existe no Universo e fora dele, existe no NADA e no UNIVERSO, por isso há um imenso número de condições que existem no universo, mas que são inerentes diretamente ao PODER SUPERIOR. O Um , dois e três preenchem essa condição.

Existem miríades de coisas que só existem no universo, tratam-se das coisas criadas e estas depende de espaço e tempo ao mesmo tempo em que podem ser contadas. São limitadas, fracionárias por isso podem ser contadas.

Agora podemos dizer que aqueles estados evidenciáveis na natureza e que preenchem a condição de onipresença, aspectos que chamamos " FACES DO PODER SUPERIOR ", como os sentimentos (Amor, Paz, Querer, Consciência, etc.) por exemplo, não têm limites. Por isso podemos dizer que o amor é infinito, que o querer também é infinito. Como não são coisas criadas não existe forma alguma por meio da qual possam ser medidos ou contados.

Continuamos a examinar melhor o triângulo. Na realidade não existe forma alguma de se construir um triângulo a nível estrutural. São apenas três linhas unindo pontos, três semi-retas, e como linha não tem espessura, torna-se assim impossível construir a partir delas algo concreto. Um ponto é dimensional (não estamos falando de ponto desenho e sim ponto no sentido matemático, ponto teórico). O ponto não tem dimensão alguma é abstrato. A semi-reta une pontos, portanto une coisas abstratas, adimensionais. Une algo que não tem dimensão objetiva alguma (Teoricamente tem dimensão mas não no sentido objetivo). A semi-reta conseqüentemente também é conceitual, não existe objetivamente. Uma semi-reta riscada em uma superfície na realidade não é uma imagem unidimensional, e sim tridimensional porque o próprio risco constitutivo é tridimensional, tem comprimento, largura e altura (espessura), a própria tinta ou seja lá o que for que a constitui tem volume. Para ser verdadeiramente uma semi-reta deveria ter apenas comprimento, mas não é possível isto ser expresso mecanicamente.

Se uma semi-reta não pode existir no plano material, por sua vez o triângulo, que é uma figura construída por coisas adimensionais, também não pode sê-lo. Alguém pode indagar sobre um triângulo construído com uma barra de metal, por exemplo?. Um triângulo construído por uma barra de metal na realidade não é triângulo, pois tem espessura, neste caso são três medidas e mais uma, a espessura. Na realidade quatro valores: Largura, comprimento, altura e mais espessura. Na realidade o triângulo existe apenas a nível abstrato e não a nível estrutural.

O mesmo podemos dizer do três, ele só existe a nível abstrato; Ele é conscientizável mas não como uma expressão objetiva. A conscientização do três é essencialmente baseada em uma condição mental. O três quando se torna manifesto no mundo material de alguma forma se transforma em quatro ou em seis.

Os três primeiros números são idéias abstratas, não pertencem ao mundo objetivo, ao mundo denso. Os três primeiros números formam uma trindade, ou seja, é o três em um formando uma trindade. Por isso na numerologia mística consideram a existência de sete números básicos, o três representativo um, dois e três de natureza abstrata e seis de natureza concreta. Sete são os números básicos possíveis, por isso só existem sete notas musicais. Não existe a oitava e a nona nota na escala, porque oito e nove não existem realmente, existem sim como desdobramentos de outros. (um se desdobra em dois e três). É uma peculiaridade do três, ele de certa forma existe, mas não de uma outra, pois é ao mesmo tempo dois e um.

Muitos se indagam o porquê das vibrações se distribuírem em 7 níveis, e não oitavas. Isto é tão somente uma decorrência de só existirem 7 números, pois se só existem sete números como poderia

existir um oitavo nível vibratório. Quando uma contagem chega ao sete, o oitavo já é o primeiro, o início de uma outra contagem, e assim por diante.

Faço lembrar na continuidade desta pesquisa / estudo que não se trata de um “estudo” de Numerologia, entretanto onde há números, a Numerologia estará presente.

De acordo com as teorias de Pitágoras, o **UM** não é um número. Número dá a idéia de quantidade, de plural. O **UM** é a Unidade, a Mônada, o Uno, a Causa Primeira, o Princípio Criador dos números e de tudo que existe. Ilimitado, não se confunde com coisa alguma, pois encerra todas as coisas. Está associado a **Deus**, afirmação, inteligência, integridade/integralidade. O Absoluto, Aquele de Quem nada se sabe, a não ser que existe.

Ainda de acordo com as teorias de Pitágoras, o **DOIS** também não é um número. O DOIS é o reflexo da Divindade; É a Natureza como reflexo de Deus. A exteriorização (UM) faz aparecer a polaridade (DOIS). É a fonte de toda a multiplicidade e de toda a diversidade; O período de gestação de que tudo necessita para tomar forma; Recolhe, harmoniza e assimila. Consciência e equilíbrio de forças opostas, porém cooperativas, solidárias e associadas. É a primeira manifestação do princípio ativo no plano dos fenômenos da Vida Universal e da Ordem Cósmica.

O DOIS é a diferenciação, o antagonismo, a polaridade e a dialética; Os opostos, aparentemente incompatíveis e irredutíveis, porém complementares; É o equilíbrio dos extremos, estabilidade, união.

O TRÊS é o primeiro número. O UM, atuando sobre o DOIS, gera o TRÊS, como o Pai, atuando sobre a Mãe, gera o Filho. É o

primeiro número que pode ser representado por uma superfície limitada: o triângulo eqüilátero, com três lados iguais, formando, entre si, três ângulos iguais. O TRÊS representa a manifestação da Divindade, com seus três aspectos. É a Santíssima Trindade dos cristãos, com suas três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Teosofia nomeia esses aspectos como Poder e Vontade (1º Aspecto), Amor e Sabedoria (2º Aspecto) e Inteligência Ativa e Criadora (3º Aspecto).

Esse terceiro Aspecto, que é o primeiro a se manifestar, é recebido como LUZ, emanada "**do ponto de Luz na Mente de Deus**". A Luz é o assunto que provocará a continuação deste compêndio que fala sobre o Número TRÊS e seus antecessores que a ele resultam.

No Tarô, o Arcano maior de n.º TRÊS é a Natureza, a Natividade e é, vulgarmente, chamado de "a Imperatriz" e significa a Magia. Os Arcanos menores, de qualquer naipe, estão associados à Binah, a terceira "sephira" da Cabala, que se refere à Razão, a Inteligência, a Luz.

Será interessante contar uma pequena história, de cunho didático, para a reflexão dos Irmãos leitores.

Vamos falar de Paganini. Ele foi um dos maiores violinistas de todos os tempos. Era tão genial que, em torno de sua figura, criaram-se muitas lendas que o apontavam como bruxo, ligado às forças do mal. Contam que, certa vez, estava dando um recital em Paris, quando aconteceu um fato extraordinário: Teatro lotado; No meio do concerto, um estalido assustou o maestro, os músicos da orquestra e a platéia: Uma das cordas do violino tinha-se rompido. Paganini continuou tocando, como se nada tivesse acontecido, utilizando, agora, somente três cordas. Logo, um novo estalido fez

parar a orquestra e assustou a platéia: Nova corda arrebentada. Paganini continuou, agora em duas cordas. Pela terceira vez, repetiu-se o incidente e Paganini terminou o seu concerto tocando na última corda restante. Houve quem dissesse que Paganini teria, propositadamente, armado o episódio, para mostrar o seu virtuosismo e a sua técnica magistral.

Não vou sugerir nenhuma interpretação. Cada um deve refletir e chegar à sua própria conclusão.

Finalmente, vamos ao tema principal deste parágrafo destinado à Numerologia.

O Sol aporta, a todo o seu Sistema, através da Luz, todas as energias divinas que lhe dão Vida. Podemos, então, dizer que Luz é Vida, Luz é Espírito, Luz é Deus.

A Luz do Sol (cerca de 300.000 Km/s) leva 8 minutos e 18 segundos para chegar à Terra.

O nosso planeta é envolvido por uma camada de ar, chamada atmosfera. O ar contém oxigênio, que é fundamental para a vida. Os seres vivos respiram o ar, absorvem oxigênio e exalam gás carbônico (CO^2).

É aí que o Reino Vegetal exerce a sua primordial função de renovar o oxigênio do ar. Isso se dá da seguinte maneira: Os vegetais verdes possuem uma substância chamada clorofila que, em presença da Luz, absorvem gás carbônico e exalam oxigênio. Como é feito isso?

O gás carbônico absorvido, em presença da água (H_2O), combina-se com o hidrogênio e libera o oxigênio. Essa combinação com o hidrogênio (e outras substâncias extraídas do solo) produz os carboidratos, base da alimentação dos próprios vegetais, dos animais e dos humanos.

Portanto, a produção de alimentos só é possível em presença da Luz, o que nos leva a concluir que NÓS NOS ALIMENTAMOS DE LUZ.

Falando em Numerologia, podemos dizer que é a ciência que estuda os números e as vibrações numéricas de forma a interpretar suas influências na vida de um indivíduo.

A numerologia foi idealizada a partir de um conjunto de técnicas criadas por Pitágoras em 600 a.C. e sua técnica principal é a confecção de um mapa contendo características exclusivas do indivíduo chamado Mapa Numerológico Natal que é elaborado a partir da data de nascimento e o nome de nascimento.

Na numerologia abordam-se aspectos particulares do indivíduo, o nome a ser utilizado nos cálculos é o nome de registro e a data de nascimento completa. O nome, através da tabela Pitagórica, é transformado em números, o resultado desta transformação em vibrações numéricas mostra detalhes sobre a personalidade do indivíduo e a data viria a mostrar os relacionamentos de uma vida, com a família, com o sucesso, espiritualidade, profissionalismo e diversos outros fatores não menos importantes.

O Mapa Numerológico Natal é nada mais do que todos estes cálculos agrupados de forma a causar entendimento do mais leigos no assunto. Neste mapa, estuda-se e entendem-se os momentos de transformações e mudanças que caracterizam o processo evolutivo

de um indivíduo, seguindo, o principio básico da Numerologia que é revelar ao ser humano as influências que sofre dos números nas mais diversas áreas de sua vida, orientando-o de forma apurada nas soluções previstas e causando assim uma forma de vida mais equilibrada.

A numerologia pode orientar em relacionamentos afetivos, decisões empresariais e até na busca de elevação espiritual. Grandes empresas contratam profissionais em numerologia para participar diretamente na tomada de decisões importantes da mesma forma que contratam profissionais em Feng Shui para organizar seus ambientes e Astrólogos para indicar os trânsitos planetários mais indicados para diversas situações.

Na confecção do mapa numerológico, transformamos o nome em vibrações numéricas usadas na interpretação da Personalidade, são elas as Motivações e o Eu Íntimo.

A Motivação origina-se da palavra motivar, que significa impulso, razão de motivo. Assim a Motivação representa QUEMÉ O INDIVÍDUO, detalhes íntimos de sua personalidade.

O Eu Íntimo representa os sonhos do indivíduo, seus desejos, fantasias e principalmente, suas metas pessoais.

Pelo estudo da data de nascimento vamos mais a fundo em nosso mapa numerológico, inclusive o mais importante de um mapa que é o Caminho do Destino.

O Caminho do Destino relata os fatos que temos que enfrentar na vida; É o destino, caminho, percurso ou jornada rumo a evolução. O Caminho do destino é imutável, intransferível; Tudo que é estudado com a ajuda do Mapa Numerológico não pode ser mudado,

mais se for conhecido e o indivíduo estiver preparado acima de tudo emocionalmente para o fato será encarado de forma positiva. É importante conhecer este aspecto para que tenhamos consciência de evoluir e abrandar as dificuldades.

As somas básicas de um Mapa Numerológico são:
Motivação = Soma das Vogais do Nome (MO)
Eu Íntimo = Soma das Consoantes do Nome (EU)
Caminho do Destino = Soma da data de Nascimento (CD)

Diariamente percebemos em nós determinadas carências ou aptidões sobre um determinado obstáculo em nossa vida. A Numerologia observa através da análise da vibração dos nossos hábitos, atitudes e comportamentos, lembrando que as vibrações numéricas existem tanto na polaridade positiva quanto negativa. Todo ser humano é abastecido diariamente pela vibração cósmica, somente de energias positivas. Ao utilizar estas energias positivas encontramos em nossas vidas conquistas, equilíbrio e satisfação, por outro lado se abdicarmos desta influência positiva e nos voltarmos à polaridade negativa teremos períodos consideráveis de desequilíbrios, perdas e sofrimentos.

Acredita-se também que a vibração que vivemos no passado foi incorporada em nossa vida atual de acordo com a nossa utilização. Se utilizarmos a vibração positiva teremos facilidade em viver vibrações atuais e futuras, se usarmos a vibração negativa teremos diversos desequilíbrios atuais e futuros, importante é saber que nesta visão a prática espiritual fortaleceria o autoconhecimento e alteraria estas circunstâncias.

Saibamos de início, que estamos lidando com vibrações invisíveis. Assim como as emissões de ondas do rádio, TV e telefone celular. A gente não as vê mas ouve vozes, vê imagens e se comunica. Por isso podemos ter em mente que a Numerologia nos dará informações, conhecimentos e, principalmente, revelações de caráter sensitivo. Ou nós se convençamos, pela observação dos fatos e acontecimentos, que ela existe, ou melhor seria se dedicarmos ao estudo da informática, que exigirá somente o conhecimento racional dos números.

Como já estudado em parágrafos anteriores, os números são compostos por duas polaridades, a positiva e a negativa. Quando o ser humano desenvolve as polaridades positivas adquire conquistas, equilíbrio e satisfação. Quando decide pelo livre arbítrio desenvolver as polaridades negativas terá como conseqüências dor, perdas, sofrimentos e desequilíbrios.

Os números originalmente são compostos apenas pela polaridade positiva. Como surge então a polaridade negativa? A Numerologia Pitagórica explica que quando o ser humano, sem autoconhecimento, utiliza excessivamente a polaridade positiva desenvolve automaticamente a polaridade negativa. E, se na polaridade negativa temos dor, perdas, desequilíbrios e sofrimentos, somos nós, os humanos, que criamos esses aspectos em nossas vidas.

Para entender melhor estas questões, pegamos como exemplo o número UM; Que de muitas características que possui, uma das mais importantes é a independência. A pessoa que possui o UM sente uma necessidade muito intensa de ser independente. E vai lutando no decorrer de sua vida para adquirir essa independência. Quando resolve dedicar-se excessivamente a conquista da independência,

torna-se tão independente, mas tão independente que acaba por ficar na solidão. A independência é a polaridade positiva do UM e a solidão a polaridade negativa.

Prosseguiremos com pequenos resumos sobre as vibrações numéricas completando este ensaio sobre a Numerologia.

1 - Significa liderança e ambição. Também é o número que traz coragem, independência, atividades mentais e físicas, individualidade e realizações. O número 1 é visto como o número para principiantes.

2 - Pessoas que tiram esse número provavelmente seguem outras pessoas do que lideram. É o número da sensitividade, grande intuição e trazem equilíbrio em situações. São ótimos parceiros no amor.

3 - Na espiritualidade, o número três é visto como o poder da unidade entre a mente, corpo e espírito. O número três é adaptável, alegre, sociável, ótimos comunicadores, gostam de manter a harmonia e o equilíbrio em suas vidas.

4 - É o número da terra e representa estabilidade e fidelidade. Simboliza as quatro estações do ano, os elementos e as pontas dos compassos. Também são pessoas honestas e capazes.

5 - É o número das sensações e dos sentidos. Representa a liberdade e o espírito de aventura. São animadores de festas, otimistas e adoram viagens.

6 - São pessoas intelectuais, imaginativas e sempre estão procurando ser perfeccionistas. São atenciosos com a família, nas relações amorosas e adoram ter responsabilidade.

7 - O número sete é visto como um número de grande espiritualidade. Representa os sete dias da semana e as sete cores do arco-íris. São sábios, pensam profundamente nas coisas e se interessam muito por assuntos místicos.

8 - É um número prático e pertencem as pessoas sucedidas e organizadoras que se dão bem em negócios. São pessoas que trabalham duro em ambos os aspectos: material e espiritual.

9 - São pessoas que se preocupam com outras pessoas e seus direitos. Possuem muitos talentos, fazem de tudo para alcançar seus objetivos, mas nunca tiram vantagem de seu sucesso.

11 - É um número espiritual e de intuição. São pessoas que trazem alegria para as pessoas e inspiração. Geralmente são pessoas que tem os pés no chão e algumas vezes podem ser inconvenientes.

Vamos prosseguir com mais um ensaio sob o Número TRÊS, (A Tríade) que já podemos neste momento entender o quão importante será a exploração completa dos assuntos que norteiam este compêndio:

O Número TRÊS não deriva seu princípio de si próprio e nem mesmo tem um princípio" (Os Números). As observações a respeito deste número são dispersas e obscuras, incluindo referências vagas a uma lei temporal da trindade, da qual a lei temporal da dualidade depende completamente.

Na ordem divina, TRÊS é a Santíssima Trindade, como QUATRO é o ato de sua explosão e o 7, o produto universal e a imensidão infinita que resultará das maravilhas desta explosão.

O número três nos é revelado só através dos 12 unificados, como o 4 é por nós conhecido apenas pela sua explosão ou

multiplicação por 4, que nos dá 16, e como 7, que é a soma deste 16 (1+6 = 7), descreve a nossa supremacia temporal (3) e espiritual (4), ou a imensidão de nosso destino, como humanos. O número três atua na direção das formas nas esferas celeste e terrestre; isto é, sendo ternário, em todos os corpos, o número dos princípios espirituais. Todos os nomes e símbolos que recaírem neste número pertencem às formas, ou devem ter algum efeito sobre as formas" (Os Números). Acima do celeste, foi o pensamento da Divindade que concebeu o projeto de produzir este mundo, e assim o fez de forma ternária, porque esta era a lei das formas, inata ao pensamento divino.

Os pensamentos de Deus são seres. A ação harmoniosa e unânime na Divina Trindade é representada pelos três padres quando eles conduzem juntos a Missa.

O Três é, também, o número das essências ou elementos dos quais os corpos são universalmente compostos. Por este número, a lei que dirige a formação dos elementos é expressa e os elementos são resumidos a três, por Saint-Martin, baseado no fato de que há apenas três dimensões, três divisões possíveis de qualquer coisa sensória, três figuras geométricas originais, três faculdades inatas em qualquer ser, três mundos temporais, três níveis na Maçonaria, e como esta lei da tríade demonstra a si mesmo universalmente, de forma tão clara, é razoável supor que o três também está no número dos elementos que são a base de qualquer corpo.

Se o número três é imposto a tudo que é criado, é porque ele imperava em suas origens. Se tivessem havido quatro, ao invés de três elementos, eles teriam sido indestrutíveis e o mundo eterno. Sendo três, eles são esvaziados da existência permanente, porque eles

não têm unidade, como fica claro para aqueles que conhecem as verdadeiras leis dos números.

A razão, qualquer que seja ela, parece conflitar com outra afirmação de que pode haver três em um, numa Trindade Divina, mas não um em três, porque aquilo que é um em três deve estar sujeito no fim, a morte. O três não é só o número da essência e da lei que dirige todos os elementos, mas também, as suas incorporações. Ele é, finalmente, um número mercurial terrestre que representa a parte sólida dos corpos, em correspondência simbólica com a alma (sêxtuplo) dos animais, do qual é o primeiro produto e o de todos os princípios intermediários de todas as classes.

Outro ensaio importante à estudarmos é a questão da **"Equação Espiritual",** o qual , logicamente o número TRÊS está presente:

3 + 4 = 7.

Estranho começar dizendo esta curiosidade, mas no decorrer deste ensaio o Irmão Leitor entenderá.

"Os banheiros europeus são codificados geometricamente. Triângulo para cavalheiros e círculo para damas".

Qual poderia ser origem desses símbolos crípticos? Bem, talvez eles representam pura simplificação gráfica de atributos geométricos de traços secundários do nosso gênero.

Mas talvez deva ser considerada uma possibilidade mais atraente: Os símbolos podem representar dois números: Número três evocado pelo triângulo e número quatro pelo círculo (na simbólica da maioria de civilizações o círculo representa número quatro). E neste

modo introduzimos um arquétipo arcaico que pode ser resumido na mais antiga equação espiritual: **3+4=7**. A origem desse misticismo é desconhecida, mas certamente é de muito longa data. É uma espécie de $E=mc^2$ do mundo arcaico.

Antropólogos afirmam que o homem da Europa paleolítica já conhecia o simbolismo desses números, o princípio três para masculino e quatro para feminino. As associações simbólicas claramente reaparecem na Europa medieval. Na alquimia, que tem várias fontes, perfeição está simbolizada pela junção de um quadrado e um triângulo e isso fica refletido na arte do período.

Existem dúvidas sobre o uso em ciências esotéricas de simbólicos valores numéricos dados àquelas formas geométricas: A união de 3 e 4 está associada com sete planetas astrológicos (planos espirituais de existência). Note também o Rebis ("coisa-dupla") , o hermafrodito alquímico , a união perfeita de opostos. (Rebis teria possuído conhecimentos além dos do reino mundano.) Portanto a fórmula 3 + 4 = 7 constitui o central elemento estrutural no conteúdo de proto-ovo cósmico, destacando o seu significado primordial.

Também a hermenêutica medieval considerava o número 7 como cindido em **espiritual** três e **material** quatro. Isto foi a base da sua distinção nas artes liberais, o famoso trivium e quadrivium de universidades medievais.

Dogons (África) que vivem na região central do Rio Niger atribuem ao sete uma importância especial no seu sistema metafísico. É bem notável que de novo o simbolismo desse número é baseado na equação 3+4=7: Do mesmo modo como na antiga Europa os Dogons associam o número três com o homem e o número quatro com a mulher; assim o número sete simboliza a perfeição. É marcante a conformidade com o simbolismo alquímico. Os Dogons aplicam esse simbolismo em costumes cotidianos: Os vestidos de mulheres

são feitos de quatro tiras de tecido e as calças de homens são feitas de três conjuntos de três tiras.

Vários outros povos africanos consideram 7 o símbolo de perfeição refletida pela união de elementos masculino e feminino, 3 e 4. Kolokoma Ijo, o povo da delta do Rio Niger, associa os números ímpares e especialmente 3 com um homem e os pares, especialmente quatro, com uma mulher.

Essa extensão de 3 e 4 para números ímpares e pares é especialmente interessante pois os pitagóricos consideraram os números ímpares masculinos e os pares femininos. Mesmo que viveram há mais de 2 milênios, não eram os primeiros que alegaram isso. Em sumério, a língua da civilização que inventou a escrita por volta de 3000 AC - a palavra para 1 (gesh) significava originalmente homem, masculino, pênis , e 2 (min) significava mulher.

Pitágoras não atribuiu qualquer maior significado ao número sete nem à equação 3+4=7. Apesar disso, por coincidência, números três e quatro desempenham um papel no famoso teorema pitagórico sobre triângulos retângulos. O caso mais destacado, com os menores possíveis inteiros, surge para os catetos 3 e 4:

$$\mathbf{3^2 + 4^2 = 5^2}$$

Esse caso especial podia ter sido um dos segredos da maçonaria egípcia, segredo importado por Pitágoras em pessoa, através de suas viagens ao Oriente. Uma cadeia com três segmentos de comprimentos 3,4 e 5 unidades era provavelmente usada no esboço de ângulos retos em construções de grande porte, inclusive pirâmides. Teria sido o número sete uma simbolização críptica deste velho segredo egípcio? “Sete’’ seria então uma codificação da básica regra geométrica, uma dádiva de Deus, que prova que existe uma ordem segreda em coisas mundanas”.

Uma base parecida para inferir a importância do número sete encontra-se do outro lado do Atlântico . Os Maias acreditavam que o

céu tem sete camadas. Também o sete arquetípico deles cindia em 3 e 4 mas a associação estava invertida: 3 é associado com mulher e 4 com homem. A sua conjunção, 7, está capaz de produzir , portanto, possui o dom da vida. A associação inversa pode ser achada dos dois lados do Atlântico. O povo africano Akan associa 3 com a Mãe Rainha e 4 com o Rei.

Um outro arquétipo que vem na mente é o padrão de “labirinto". Não deve ser confundido com o labirinto do Minotauro pois é impossível perder-se nele: Seus caminhos circulares conduzem através de sete voltas a direita exatamente ao centro. Mesmo sendo em geral associado com gregos antigos, o arquétipo é muito mais velho e de curiosa e ampla difusão , a cópia clássica vem de uma tábua de barro de Pylos (2000 AC), mas pode ser achado em rochas da Espanha (~4000 AC) e suas cópias estão sucessivamente reconstruídas de pedras nas costas da Escandinávia desde os tempos remotos. Parece então que são os restos de uma perdida civilização megalítica que nasceu no Norte da Europa e achou o seu fim com a chegada dos povos indo-europeus. (Mas acredita-se que o padrão foi conhecido pelos Navaho pré-colombianos.) Qual é o sentido deste símbolo? Ele pode representar um mapa que no reino espiritual separa o sacro do profano. Sete voltas representando o processo de iniciações ou o estudo da vida , quebra-se em 3+4 voltas a esquerda, direita. (Bem semelhante à quebra de faculdades em trivium e quadrivium em escolas medievais).

Os grandes conceitos do passado mesmo morrendo não costumam desaparecer sem traço. É mais comum que se esquece o seu sentido e a sua imagem está minguando até que se torne um ícone sem expressão. Aqueles símbolos triviais, meio impertinentes e afastados da espiritualidade, usados em banheiros, têm conotações surpreendentemente antigas que remontam aos milhares de anos. É uma mensagem mística corrompida, perdida há muito tempo.

Vamos prosseguindo com mais alguns ensaios sobre o significado místico dos números, segundo pesquisas cada qual

poderemos relacioná-los diretamente aos nossos Augustos Mistérios ou símbolos de nossa Ordem:

Um - representa a unidade, o poder criador, independência, liberdade. Corresponde à letra A.

Dois - é o desdobramento da unidade. Um é ativo, dois é passivo. Um é o ser, dois é o reflexo, a dualidade. UM é Deus, dois é a Natureza. Letra B.

Três - é o resultado do encontro das duas polaridades anteriores, do masculino e do feminino. É a manifestação, a Trindade, a forma, o Absoluto. Letra G.

Quatro - a estabilidade, a matéria, o equilíbrio. Letra D.

Cinco - o quinto elemento, o Espírito, a Estrela de Cinco Pontas, o homem, a cabeça e quatro membros, atração. Letra H.

Seis – Harmonia, estrela de Davi, o Selo de Salomão, dois triângulos entrelaçados, o equilíbrio entre a matéria e o espírito; estética e sensibilidade.

Sete - 1+6: a unidade em equilíbrio; 2+5: a ciência desenvolvendo a inteligência; 3+4: a forma em harmonia. Sete representa o poder criador, o número esotérico por excelência, o número da perfeição, o número sagrado,o coroamento de um ciclo.

Oito - o dobro de quatro,reforço, estabilidade, matéria.

Nove - três vezes o número três, energia, expansão, criação, poder.

Dez - a eternidade, a Divindade, o retorno ao Um.

Onze - é o Um repetido. Dez mais Um: número mágico de muita força, controle. Número que, mal utilizado, pode ser negativo.

Doze - harmonia perfeita; doze meses do ano; doze signos do Zodíaco; doze filhos de Jacó; doze discípulos de Jesus e de Krishna.

Continuando as séries de ensaios, podemos dizer e constatar que é notório nas Escrituras sagradas um simbolismo numérico. Com relação ao número três, este se mostra sob diversos aspectos, a começar por Deus Trino até culminar nos três dias em que Cristo esteve sepultado, porém, na vida de um dos Apóstolos de Jesus, no caso Pedro, esta relação mostra-se por algumas maneiras em função da sua personalidade que vacilava entre a resolução obstinada e a momentânea covardia.

Pedro: que quer dizer rocha, (conforme Enciclopédia Delta Larousse), o equivalente em aramaico é Cefas. Cristo dá o nome, Pedro ou Cefas, a Simão para designar firmeza, (João Cap. 1 Vers. 42). Quando Pedro mostrava fraco ou vacilante, Jesus dirigia-se a ele pelo nome original, Simão, antes do nome que significa Rocha, (Lucas Cap 22 Vers. 31).

Citaremos abaixo alguns exemplos e suas respectivas referências de fatos da sua vida particular e do comentário citado:

Pedro participava de uma sociedade de pescaria, cujo número de sócios em três, sendo eles, Pedro, Tiago e João (Lucas Cap.5 Vers. 9-10).

Pedro participou do primeiro grupo de discípulos a ser chamado por Jesus, sendo o grupo em número de três, Pedro, Tiago e João (Lucas Cap. 5 Vers. 10-11).

Por três ocasiões Pedro assiste a Jesus.

Assiste quando Jesus ressuscita a filha de Jairo (Lucas Cap 8. Vers. 51). Este grupo é formado por três discípulos.

Assiste a transfiguração (Mateus Cap 17. Vers. 1). Seis dias depois, toma Jesus consigo a Pedro e os irmãos Tiago e João e os leva ao monte em particular. Este versículo ou esta passagem nos fala da transfiguração, Jesus tomou a Pedro e a mais dois apóstolos e os levou consigo ao monte. Aqui vemos a relação do número três quanto ao versículo 4, que propôs a Jesus que se ele quisesse, Pedro ergueria ali três tendas, uma para Jesus, outra para Moisés, ainda outra para Elias.

Assiste a Jesus no Getsêmani (Mateus Cap.26. Vers. 36), novamente três discípulos e Pedro é um deles.

Pedro negou a Jesus por três vezes (Mateus Cap.26. Vers. 75).

Por três vezes Jesus se dirige a Pedro para interrogá-lo:

a) Quando confessa que Cristo é o Senhor (Mateus Cap.16. Vers. 16)

b) Quando interroga sobre o tributo (Mateus Cap.17. Vers. 27)

c) Quando Jesus interroga se verdadeiramente o ama. Esta pergunta foi feita por três vezes (João Cap. 21. Vers. 15).

Pedro é repreendido por Jesus três vezes:

a) Quando Jesus cita à respeito da sua crucificação e Pedro quer impedí-lo, Jesus o repreende: "Arreda-te satanás" (Mateus Cap.16. Vers. 22)

b) Quando da lavagem dos pés dos discípulos. Pedro não quer deixar e Jesus lhe diz: "Se eu não lavar, não tens parte comigo" (João Cap.13. Vers. 8)

c) Quando corta a orelha de Malco, Jesus lhe diz: "Não beberei eu do cálice que o Pai me deu?" (João Cap.18. Vers. 10-11).

Jesus aparece junto ao mar de Tiberíades à três discípulos sendo Pedro um deles (João Cap 21. Vers. 2)

Pedro prega no dia de pentecoste e quase três mil almas se convertem (Atos Cap. 2. Vers. 41).

Após uma visão dada por Jesus, Pedro ouve uma voz que por três vezes lhe diz que não deveria fazer imundo o que Deus purificou (Atos Cap.10. Vers. 11-16).

Pedro menciona o nome de três patriarcas: Abraão, Isaque e Jacó (Atos Cap. 3. Vers. 13).

Na epístola escrita por Pedro, ele cita por três vezes a frase: "Sede sóbrios e vigilantes" (1 Pedro Cap1. Vers. 13; 4-7; 5-8)

Três milagres na vida de Pedro nos primeiros dias da sua pregação:

a) Cura de um coxo (Atos Cap. 3. Vers. 8)

b) Revelação da mentira de Ananias e Safira (Atos Cap. 5. Vers. 3)

c) Libertação milagrosa da prisão (Atos Cap. 5. Vers.17).

Foi na hora nona (três da tarde) que Pedro e João subiam ao templo para oração.

Em comum com os primeiros discípulos de Jesus, Pedro recebeu três chamadas distintas de seu Mestre:

a) Primeiro para ser discípulo (João Cap 1. Vers. 40).

b) Segundo para acompanhá-Lo em Sua missão (Mateus Cap. 4. Vers.19).

c) Terceiro para ser apóstolo (Mateus Cap 10. Vers. 2).

O número três não era um símbolo, servia para dar ênfase, repetindo a expressão três vezes, como se vê em (Isaias Cap.6 Vers. 3, Jeremias Cap.7 Vers. 4) e enfim muitas partes da Bíblia.

Em continuidade ao ensaio sobre as questões que envolvem o número três nas sagradas escrituras, encontramos mais relações diretas do respectivo número com a vida de Jesus, pois percebemos que o TRÊS teve uma participação, digamos um tanto curiosa, para não dizer misteriosa.

Já praticamos em parágrafos acima ensaios sobre a numerologia, porém vamos entender um pouco mais desta ciência para continuarmos nossos estudos e ensaios perante a Bíblia Sagrada:

Tradicionalmente são analisados como signos-sinais os números: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Os demais números devem ser simplificados até obtermos um único algarismo.

Vejamos os exemplos:

Nº 52 = 5+2, portanto temos aqui 7 (sete)
Nº 23 = 2+3 , número para analise é 5 (cinco)
Nº 55 = 5+5 que é = 10, e 10 = 1+0 = 1 (um)

Nº 2356 = 2+3+5+6 =16 = 1+6 = 7 (sete)

Praticamente, todos os números podem ser simplificados, com exceção dos números 11, 22, 33, que são considerados especiais ou sagrados, portanto não devem ser simplificados.

Entendido como a numerologia trata os números, voltamos a enigmática história de Jesus contada pelo número TRÊS.

TRÊS foram os Reis Magos que levaram presentes quando Jesus era um recém-nascido. Jesus tinha 12 anos (1+2=TRÊS) quando debateu com os mestres do Templo, demonstrando pela primeira vez sua sabedoria e sua predestinação. Passou 18 anos se preparando para sua missão, dos 12 anos (1+2=TRÊS) até os 30 anos (3+0 = TRÊS) Foi batizado e começou a pregar com 30 anos, (3+0 = TRÊS), Teve 12 discípulos (1+2= TRÊS) e foi traído pelo apóstolo Judas por 30 moedas (3+0=TRÊS) . Revelou que Pedro o negaria TRÊS vezes. Jesus foi crucificado entre dois bandidos, eram TRÊS no Calvário, TRÊS cruzes. Foi pregado na Cruz na TERCEIRA hora, morreu com 33 anos (TRÊS, TRÊS). TRÊS mulheres foram cuidar de seu corpo; Maria Madalena, Salomé e Maria mãe de Thiago (a outra Maria), ressuscitou no TERCEIRO dia ...

Entre outras menções do número TRÊS em sua história, o que torna isto mais interessante para numerologia é o significado do número TRÊS, que está relacionado diretamente a TRINDADE, a concepção do próprio Deus cristão; Ação Divina de Jesus, Deus Pai, e o Espírito Santo.

Existe também , segundo pesquisas, uma relação da história de Jesus com o número TRÊS no Tarô.

No Tarô o TRÊS é representado por uma "Imperatriz". Em certas cartas como em Wirth, há um misto de anjo e rainha, com uma

lua crescente. Nas cartas de Pitois, estas características insinuam para muitos tarólogos uma associação com a Rainha dos Anjos, Maria, mãe de Jesus. A forte relação da carta TRÊS com a Maria, pode ser melhor percebida no baralho de RoPhis.

A carta TRÊS de Wirth, representa Maria mãe de Jesus, a Rainha dos Anjos. A carta 12 (1+2= TRÊS) pode representar Jesus, assim como Judas Iscariotes com suas 30 moedas (3+0=TRÊS). Em seguida temos a carta do "Enforcado", a Carta do sacrifício, número 12 = 1+2 = TRÊS, Tão associada a Jesus Cristo, por muitos pesquisadores. Outros tarólogos acreditam que a carta do enforcado representa a morte de Judas Iscariotes, juntamente com as 30 moedas (3+0=TRÊS)

Temos também a Carta 21, "O Mundo" (2+1=TRÊS), que é uma representação mais fiel de Maria mãe de Jesus. Tanto assim que nas Cartas de Mônica Bonfiglio, o Mundo é representante com a própria imagem de Nossa Senhora, cercada por anjos, sobre o planeta Terra a uma lua crescente. Evidentemente, não se pode negar a importância de Maria na Vida de Jesus.

Percebe-se nitidamente que para muitos pode até ser uma coincidência, mas para numerólogos, tarólogos o número três está intimamente ligado com a vida de Jesus.

Continuando o ensaio, realizamos pesquisas minuciosas na Bíblia, tentando contar quantos números “TRÊS” estão sendo citados, gerando um resultado muito criterioso e crítico, pois dentro todos os versículos da Bíblia **(Bíblia Sagrada Gratuita - João Ferreira de Almeida - Corrigida e Revisada © 2003 Eliseu F. A. Jr.)**, encontramos exatamente 361 vezes o número TRÊS, sendo distribuído para indicação de quantidade de Animais, Dias, Anos, Homens, Flores, Plantas, entre outros. Parece neste momento um assunto inútil , porém podemos entender que dentro deste compêndio, ora , abordando mistérios sobre o Número Três, algum vazio iria restar se não realizássemos esta pesquisa, o qual poderá sim haver alterações , visto a grande quantidade de traduções que temos

em diversos idiomas, porém, vale salientar que a exatidão da Quantidade de Vezes que o Número Três é citado não vem ao caso, mas sim a sua magia, seu encantamento e grande curiosidade que trás aos pesquisadores maçônicos, resultando forçosamente um estudo mais aprofundado das Palavras da Bíblia e proporcionando alta espiritualidade.

Um excelente exercício espiritual.

Vale mencionar neste ESTUDO um texto extraído do Livro “ DO PULPITO, À PALAVRA DE DEUS”, do Pastor Daniel S. Aciol.

Os números não são simples dígitos que servem para demonstrar quantidades, tamanhos, velocidades, distâncias, etc. Cada um dos nove números naturais possui uma qualidade de energia própria, e através desta, influencia o desenvolvimento da personalidade humana, a constituição e evolução da natureza.

Os números geram ciclos. Todas as coisas começam no número 1, seguem na seqüência dos números naturais, indo até o 9, e então retornam novamente ao 1, e assim sucessivamente. Em função disso, a natureza também é cíclica, por exemplo, o Sol gira em torno da Via Láctea, a Terra gira em torno do Sol, e a Lua em torno da Terra, formando ciclos contínuos.

O número 2 possui como qualidade fundamental a Dualidade. É ela que determina e justifica a dupla formação de todas as coisas e até dos próprios números, explicando a divisão destes em ímpares e pares.

Toda energia é polarizada, sendo que a polarização é uma propriedade que caracteriza o sentido da passagem da corrente elétrica pelo terminal de um circuito elétrico. Na corrente elétrica, o pólo positivo é por onde os elétrons seguem até uma fonte de consumo, e o pólo negativo por onde eles retornam. Analogicamente à corrente elétrica, os números têm polaridade de emissão e recepção. Devido à

qualidade de Início do número 1, e comparando-a com o sentido de emissão da corrente elétrica, podemos concluir que ele é positivo. Sendo o número 1 ímpar, deduzimos que todos os números ímpares são positivos e, conseqüentemente, todos os pares negativos. Da mesma forma os números negativos são femininos, pois a mulher é receptiva, e os números positivos são masculinos, uma vez que é o homem quem expele os espermatozóides.

Todos os números possuem seus opostos e seus consortes. Os números opostos são aqueles que a soma entre eles resulta dez: 1+9 = 10 (início - fim); 2+8 = 10 (mente consciente - mente inconsciente); 3+7 = 10 (ação - inatividade); 4+6 = 10 (real - irreal). É interessante observar que o número 5 não possui oposto, até porque ele está no centro, é o eixo da escala, e por isso é o número do Equilíbrio. Entretanto, o número 5 precisa se realizar, pois tudo na vida visa à realização. Como nenhum número pode se deslocar, ele necessita do número 4 para se completar e alcançar a realização plena que é qualidade do número 9. Surgiu daí o sentido de consorte ou cara-metade. Os números consortes, ou cara-metade são aqueles que a soma entre eles resulta 9: 1+ 8 = 9; 2+7 = 9; 3+6 = 9; 4+5 = 9. O número 9 não possui cara-metade porque só somando com ele mesmo para obter um resultado 9. O número 9 somado a qualquer outro número, se anula, dando por resultado o próprio número adicionado, por exemplo: 9 + 1 = 10 = 1 +0 = 1; 9 + 2 = 11 = 1 + 1 = 2; 9 + 3 = 12 = 1 + 2 = 3, etc. Devido a esta condição de se anular para ceder o lugar a outro número, o 9 assume a qualidade de Bondade.

Todos os números possuem um lado bom e um lado mau, devido à Lei da Dualidade (qualidade inerente ao número 2). O lado bom está relacionado com as características básicas do número, e o lado mau com os opostos destas. A falta de um número no nome também evidencia características negativas do número faltante

Em vias da conclusão da pesquisa, vale resumir neste momento o significado fundamental de cada um dos nove primeiros números,

que completam o ciclo de uma grande obra Divina de alta Espiritualidade, tal qual já comentamos nos temas e ensaios apresentados neste compêndio:

NÚMERO UM

Qualidades fundamentais: UNIDADE, INDIVIDUALIDADE, INÍCIO, INICIATIVA, FORÇA.

O número UM é o representante da UNIDADE.

Ele simboliza a INDIVIDUALIDADE de cada ser, fato este hoje comprovado cientificamente pelos estudos do DNA: Nunca existiu, não existe e nem existirá um ser exatamente igual ao outro.

O UM significa o princípio de todas as coisas, e devido à característica de ciclicidade dos números, é o INÍCIO.

Pela qualidade de início, o número UM gera a característica que denominamos de INICIATIVA, que é a capacidade de criar, empreender, iniciar projetos, inovar. Devido a isso, ele desenvolve também a característica de liderança.

A Física diz que todo corpo para iniciar um movimento, é necessário que sobre ele se aplique uma força. O número UM é, portanto, a FORÇA que impulsiona, que favorece este movimento.

O número UM é ímpar e por isso deveria ser masculino, mas como ele é o representante da INDIVIDUALIDADE de cada ser, tanto pode ser masculino como feminino. Para efeito de energia, sua carga é positiva.

A partir das qualidades principais (unidade, individualidade, início, iniciativa, força) são geradas outras: partida estréia, abertura, lançamento, inauguração, introdução, origem, singularidade, originalidade, autoria, nascimento, liderança, influência, pioneirismo, independência, solidão, privacidade, etc, e tudo o que for sinônimo ou semelhante na língua portuguesa.

QUALIDADES NEGATIVAS: Falta de identidade, inércia, indefinição.

NÚMERO DOIS

Qualidades fundamentais: DUALIDADE, ATRAÇÃO, FEMININO.

Qualidades Subseqüentes: CONSCIÊNCIA, SENSIBILIDADE, AFETIVIDADE.

A DUALIDADE é o reconhecimento de que tudo que existe no mundo tem um oposto, por exemplo: positivo/negativo, matéria/anti-matéria, partículas elementares/anti-partículas, certo/errado, bem/mal, masculino/feminino, noite/dia, etc. Pode-se afirmar, portanto, que tudo é dual, possui dois aspectos.

Para melhor entendimento da qualidade de ATRAÇÃO do número 2, vamos utilizar um exemplo dado anteriormente: se na corrente elétrica o pólo negativo é o do retorno, o da atração, sendo o número 2 par e, portanto, negativo, analogicamente, podemos deduzir que aí reside a explicação para a qualidade de atração deste número.

O número DOIS é o primeiro número par na seqüência dos números naturais, é negativo e possui a qualidade de atração já mencionada. É esta atração que, com certeza, gera a qualidade de FEMININO deste número, uma vez que é a mulher que atrai, recebe o espermatozóide.

O número DOIS representa a CONSCIÊNCIA que a pessoa tem sobre si, é a qualidade de reconhecer a sua identidade.

A SENSIBILIDADE do número 2 pode ser explicada, sob dois aspectos: uma é a sensibilidade que aciona o emocional, e a outra é a sensibilidade que gera mediunidade e demais faculdades sensitivas.

A AFETIVIDADE o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflete sempre a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. A Afetividade é quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos, a depressão e a euforia.

QUALIDADES NEGATIVAS: repulsão, falta de consciência exata de si, insensibilidade, falta de afetividade.

NÚMERO TRÊS

Qualidades fundamentais: AÇÃO, FERTILIDADE, MASCULINO.

AÇÃO é o resultado de uma força que gera um movimento, uma atividade, um acontecimento. É um modo de atuar, é tudo que se faz. A natureza nos dá um bom exemplo desta força através da

velocidade da luz: 300.000 Km/seg (300.000 = 3). A formação de todo embrião começa pela célula, que é composta de três partes (membrana, citoplasma e núcleo) e que se multiplica, se movimenta, age para a formação de outras, resultando nos tecidos e órgãos do corpo.

A FERTILIDADE é a qualidade do que é fértil, fecundidade, abundância. Isso está relacionado ao número três porque é conseqüência de uma ação, do movimento do espermatozóide ao encontro do óvulo.

O número TRÊS, na seqüência dos números naturais, é o primeiro genuinamente ímpar, positivo, então MASCULINO.

QUALIDADES NEGATIVAS: Inatividade, infertilidade.

NÚMERO QUATRO

Qualidades fundamentais: NATUREZA, MATERIAL, CORPO, CONCRETO, LÓGICA, REALIDADE, CORRETO, ESTABILIDADE, ESTAGNAÇÃO.

Qualidades Subseqüentes: INSTINTOS, SAÚDE, RAZÃO, JUSTIÇA, FINANÇA.

NATUREZA é o conjunto de leis que presidem à existência das coisas e à sucessão dos seres, força ativa que estabelece e conserva a ordem natural da existência de todas as coisas criadas no universo.

MATERIAL é tudo que tem massa e ocupa um lugar no espaço, isto é, tem volume.

CORPO é qualquer porção de matéria.

CONCRETO é a determinação da composição de uma substância ou material. É algo resistente, rígido.

LÓGICA é tudo que é coerente e racional.

REALIDADE é o que existe de fato, real, verdadeiro, efetivo, tudo o que pertence à natureza.

CORRETO é o certo, o justo, o íntegro, o honesto.

ESTABILIDADE é uma qualidade de estável, firmeza, segurança, solidez, não sofrer alterações.

ESTAGNAÇÃO é o estado do que se acha estagnado, que não se altera, está paralisado ou inerte.

Subseqüente à qualidade Natureza vêm os INSTINTOS, que é o conjunto de atos, nos humanos e nos animais, que visam determinado fim. Nós humanos possuímos, basicamente, dois instintos elementares: o alimentar e o sexual.

Subseqüente à qualidade Corpo vem a SAÚDE que é o estado do que é são, do que tem as funções orgânicas regulares, do que tem vigor.

Subseqüente à qualidade Lógica vem a RAZÃO que é uma faculdade espiritual própria do homem, por meio da qual ele pode conhecer, julgar, estabelecer comparações, discorrer, ter bom senso.

Subseqüente a qualidade de Correto vem a JUSTIÇA que é o justo, o exato, o certo, o direito, o preciso.

Subseqüente à qualidade Material vem a FINANÇA que representa o dinheiro necessário à aquisição dos bens materiais.

O quadrado é um dos símbolos do número QUATRO. Situamo-nos no tempo (as quatro estações e as quatro fases da lua) e no espaço (os quatro pontos cardeais). O espaço-tempo é quadridimencional. A Mecânica Quântica explica que as partículas portadoras de força são QUATRO e interagem entre si: a primeira é a Força da Gravidade; a segunda é Força Eletromagnética; a terceira é a chamada Força Nuclear Fraca, responsável pela Radioatividade; a quarta é a Força Nuclear Forte, que mantém as partículas reunidas no núcleo de um átomo, portanto na NATUREZA existem apenas QUATRO forças.

QUALIDADES NEGATIVAS: Irreal, ilógico, doença, anormalidade, irracional, injustiça.

NÚMERO CINCO

Qualidades fundamentais: SENTIDOS, EVOLUÇÃO, FLEXIBILIDADE, EQUILÍBRIO.

Qualidades Subseqüentes: APRENDIZADO, COMUNICAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, MUDANÇA, LOCOMOÇÃO, ADAPTAÇÃO.

SENTIDOS são as faculdades graças as quais os homens e animais recebem a impressão dos objetos exteriores. Nós possuímos cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato.

A EVOLUÇÃO é o progresso paulatino e contínuo a partir de um estado inferior simples para um superior, mais complexo, ou melhor. É a transformação lenta e sucessiva de um estado natural.

FLEXIBILIDADE é a qualidade de adequar ao meio ambiente, harmonizar, ajustar às transformações, amoldar a novas situações.

EQUILÍBRIO é a qualidade de contrabalançar, compensar, proporcionar. O cinco é o número do Equilíbrio justamente por estar no centro da linha numérica; ele é o eixo eqüidistante dos nove números naturais.

APRENDIZADO é uma das qualidades subseqüentes dos Sentidos, pois é através deles que aprendemos, isto é, adquirimos conhecimentos, ficamos sabendo das coisas, obtemos experiência e tiramos proveito de tudo na vida.

COMUNICAÇÃO é também uma qualidade subseqüente dos Sentidos. Comunicar é estabelecer relações com o meio através de fala, gesto, escrita, etc. É transmitir idéias, sentimentos, dizer o que é preciso, propagar tudo que é necessário à convivência.

ALIMENTAÇÃO é uma qualidade subseqüente da Evolução. É nos alimentos que retiramos as substâncias e nutrientes necessários à sobrevivência, o sustento, o abastecimento de todo o corpo; são eles que conservam e mantém viva a nossa espécie.

MUDANÇA é também uma qualidade subseqüente da Evolução. Mudar significa trocar objetos de lugar, modificar os ambientes, variar, viajar, tornar a aparência pessoal diferente.

LOCOMOÇÃO é o ato de deslocar-se de um local a outro, andar, caminhar.

ADAPTAÇÃO é uma qualidade subseqüente da Flexibilidade. Adaptar é adequar ao meio ambiente, ajustar, amoldar, acomodar.

QUALIDADES NEGATIVAS: Involução, inflexibilidade, desequilíbrio, dificuldade de aprendizagem, dificuldade de comunicação, imobilidade, inadaptação.

NÚMERO SEIS

Qualidades fundamentais: MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO, DESEJO, PERFEIÇÃO.

Qualidades subseqüentes: FANTASIA, CRIATIVIDADE, SEXO, BELEZA, HARMONIA, AMIZADE.

O número SEIS é referente ao Intelecto que é a faculdade de compreender, a inteligência, o entendimento.

A MEMÓRIA está ligada ao intelecto e é a faculdade que possibilita reter o conhecimento adquirido, conservar a lembrança do passado, recordar fatos, quer sejam recentes ou remotos.

IMAGINAÇÃO é a faculdade de criar pelo pensamento, inventar imagens pelo intelecto, idear o ilusório, o fantástico.

DESEJO é a capacidade do intelecto para querer alguma coisa, uma vontade de possuir ou realizar algo; é uma força em potencial construtora de imagens mentais que podem se tornar reais ou não, dependendo da intensidade do desejo.

PERFEIÇÃO é qualidade do que é correto, puro, acabado, completo, sem defeito. A definição de perfeição vem da própria matemática: o número SEIS é o número da Perfeição, pois, dos números naturais ele é o único número perfeito, ou seja, se iguala com a soma de suas partes: 6/2 = 3; 6/3 = 2; 6/6 = 1, somando 3 + 2 + 1 = 6.

FANTASIA é uma obra da Imaginação, por isso ela é uma qualidade subseqüente a esta. Fantasia é a capacidade de pensar, idealizar, criar no imaginário uma situação e acreditar que possa se tornar real, verdadeira.

CRIATIVIDADE é também uma qualidade subseqüente da Imaginação. Ela é a capacidade inata de produzir coisas novas, inventar, transformar de forma peculiar, dar um toque pessoal à obra. É desestruturar a realidade e reestruturá-la de outras maneiras.

SEXO é uma qualidade subseqüente do Desejo. Sexo por desejo é uma necessidade de satisfação física, expansão da libido, a busca do prazer pelo prazer, a manifestação e liberação de vontades sexuais.

BELEZA é subseqüente à Perfeição. É a qualidade daquilo que é belo, que é agradável aos olhos, que ornamenta o ambiente, que causa observação pela formosura. O conceito de beleza é subjetivo, ou seja, cada pessoa tem um senso.

HARMONIA é subseqüente à Perfeição. A Palavra é de origem grega, querendo significar ajustamento ou ordem de elementos, encaixe, articulação, proporção. Dentro da teoria musical, é uma sucessão de sons agradáveis ao ouvido e a arte de formar os acordes. A Harmonia está diretamente ligada à matemática por dividir e dispor ordenadamente as partes de um todo.

A AMIZADE é uma qualidade subseqüente da Harmonia. Amizade é estima, consideração, simpatia, afeto, concórdia, dedicação, afeição, tudo o que leva à uma pacífica e harmônica convivência.

QUALIDADES NEGATIVAS: Falta de memória, falta de imaginação, falta de desejo, imperfeição, racionalismo, falta de criatividade, frigidez, desarmonia, inimizade.

NÚMERO SETE

Qualidades fundamentais: LIMITE, ULTRAPASSAR LIMITES, CONTROLE.

Qualidades subseqüentes: ALCANCE, REGRA, LEI, INATIVIDADE, BLOQUEIO.

LIMITE é a propriedade de demarcação de extremos, de restringir espaço ou tempo, determinar fronteiras, estipular metas, grandeza constante da qual outra pode aproximar-se indefinidamente sem nunca atingi-la.

ULTRAPASSAR LIMITES é romper barreiras, ir além do estabelecido, ultrapassar fronteiras, atingir o máximo possível, exceder os limites, bater recordes.

CONTROLE é a qualidade de ter algo sob domínio, é o ato de verificar, conferir, inspecionar, administrar, fiscalizar.

ALCANCE é uma qualidade subseqüente de Limite, pois é justamente o espaço entre os extremos, as fronteiras, as metas.

REGRA é uma qualidade subseqüente ao Controle. Regra é regulamento, aquilo que se deve seguir, é um princípio, uma norma, uma prescrição, um preceito.

LEI é uma qualidade subseqüente do Controle. Lei é um preceito ou norma de direito moral, uma imposição social, é uma obrigação de caráter imperativo, imposta ao homem, que governa a

sua ação e que implica obediência e sanção quando da sua transgressão, é o conjunto das regras jurídicas estabelecidas pelo Poder Legislativo ou por uma autoridade legítima.

INATIVIDADE é uma qualidade subseqüente do Controle. Inatividade é um estado de inércia, uma falta de movimento ou exercício, uma não ação.

BLOQUEIO é também uma qualidade subseqüente do Controle. O bloqueio é aquilo que impede, que restringe, que cerca um movimento, que fornece obstáculos, que não deixa seguir um curso estabelecido.

As leis da natureza também são impostas e controladas pelo número Sete. Por exemplo: a refração da luz, através de um prisma, gera sete cores; a semana tem sete dias, baseado no movimento da lua que altera fases de sete em sete dias; as notas musicais são sete; os elementos químicos possuem, no máximo, sete níveis de energia, etc.

As alterações sofridas pelos seres vivos são regidas também pelo intervalo de SETE em SETE, ou seja, sete em sete horas, sete em sete dias, sete em sete semanas, sete em sete meses, sete em sete anos.

QUALIDADES NEGATIVAS: Ilimitado, descontrole, indisciplina, infrações, desrespeitos, inatividade, impontualidade.

NÚMERO OITO

Qualidades fundamentais: Inconsciente, Poder, Destino e Satisfação.

INCONSCIENTE, dentro da teoria Semmyniana, é todo procedimento ou ação que acontece independente do esforço ou da

vontade consciente, é o que não se controla racionalmente, é um conteúdo ausente do comando consciente. O inconsciente é o processador que executa o “Programa de Personalidade e Vida” instalado no cérebro de cada pessoa.

PODER é a faculdade que o cérebro tem de transformar o material, capaz de curar as alterações de saúde, regenerar células e tecidos ou produzir doenças. Esta faculdade já foi testada e discutida anteriormente por Pavlov e Skinner, quando se falou de condicionamento operante e comportamento condicionado, bem como foi comprovada através de experiências com “placebos”, dentro da medicina, onde o poder mental foi notoriamente confirmado.

DESTINO é um fim pré-determinado que orienta as ações e os acontecimentos na vida dos homens, é a direção, o rumo ainda desconhecido de propósitos e atos, é o que reserva o futuro.

SATISFAÇÃO é a qualidade de satisfazer, corresponder ao que se deseja, chegar ao objetivo, é um sentimento de aprovação, um estado de alegria pessoal.

QUALIDADES NEGATIVAS: Desorientação, insatisfação.

NÚMERO NOVE

Qualidades fundamentais: O Fim, Acabamento, Realização, Bondade, Talento.

O FIM é o término do ciclo total. Significa a morte para os seres vivos.

ACABAMENTO é a qualidade de arrematar, concluir, juntar as partes em um todo, finalizar.

REALIZAÇÃO é a qualidade de encontrar satisfação em alguma coisa executada, é a sensação de plenitude, de se ter atingido tudo que o que foi almejado.

BONDADE é a qualidade do número nove porque ele se anula perante todos os outros números naturais. Qualquer número somado ao 9 sempre irá resultar o outro, por exemplo, 3+9 = 12 = 1+2 = 3. A bondade é benevolência, capacidade de doação, caridade, filantropia.

TALENTO é dom, aptidão natural, geneticamente transmissível. É a qualidade de executar com criatividade e concluir plenamente uma obra, usando habilidades natas.

QUALIDADES NEGATIVAS: Dificuldade de conclusão e de realização, desumanidade, submissão.

Enfim, caros Irmãos, são por demais conhecidos os conceitos convencionais, místicos, religiosos, matemáticos, e divinos sobre a interpretação do número TRÊS, e em uma tentativa de resumir o que já foi dito, vamos relembrar suscintamente a influência do número TRÊS nas ciências, na natureza, nas religiões e finalmente na própria Maçonaria.

Principiaremos em dizer que o número TRÊS adquire seu aspecto divino quando forma o DELTA SAGRADO.

Em português, evidentemente, tem sua origem no Latim Trinium, número impar surgido na reunião do binário com a unidade.

No princípio quando o Homem iniciou a tentativa de definir filosoficamente, emprestava ao número “TRÊS” certa virtude secreta, plena de Mistérios. Como a ciência ainda engatinhava, a

filosofia avançava e, assim, o número "TRÊS" passava a ser o primeiro número impar, de harmoniosa perfeição tanto no Oriente como no Ocidente, mesmo quando potificado por Vergílio; "OMNE TRINIUM PERFECTUM"

Fica então estabelecido que a filosofia oculta, ou metafísica conta com "TRÊS" mundo; O elemental, o celestial e o intelectual.

No Universo, existem a matéria, o espaço e o movimento.
Todo corpo físico e espiritual possui princípio, meio e fim.
O tempo se compõe de presente, passado e futuro.
O Homem está dotado de "TRÊS" potências intelectuais; Memória, entendimento e vontade.

A Criatura humana possui; Corpo, alma e espírito.

A Natureza na concepção divina possui atributos da eternidade, do infinito e do Poder Supremo.

A Física considera "TRÊS" elementos; Terra, água e fogo.
Os corpos físicos distinguem-se por sua forma, densidade e cor.
A Luz apresenta "TRÊS" cores primárias; Amarela, vermelha e azul.

A Geometria possui as medidas; Ponto, linha e superfície.

A Trigonometria, ou ciência do triângulo, estabelece que toda superfície pode ser reduzida a triângulos que se compõe de "TRÊS" ângulos que por sua vez são retos, agudos ou obtusos.

Existem “TRÊS” classes de triângulos; Retilíneo, curvilíneo e mistilíneo.

Outras “TRÊS” classes de triângulos; Retângulo, Isóscele e escaleno.

“TRÊS” classes de figuras; Triângulo, quadrado e círculo.
“TRÊS” corpos com arestas; Cubo, prisma e pirâmide.
A Mecânica demonstra que a forma é produto da massa, multiplicada pelo espaço e dividida pelo tempo.

A alavanca precisa de apoio, resistência e potência.

A física observa “TRÊS” estados nos corpos; Sólido, Líquido, e gasoso.

A Natureza, segundo a classificação dos naturalistas possui “TRÊS” reinos; Animal, vegetal e mineral.

As ordens primitivas de arquitetura são; Dórica, jônica, e coríntia.

Cada coluna possui; Base, fuste e capitel.

A música distingue “TRÊS”sons; Agudo, médio e grave.
Maçonicamente apenas dentro do grau de Aprendiz destacamos:
Sobre “TRÊS” colunas descansa o Templo Maçônico; Sabedoria, força e beleza.

“TRÊS” palavras formam a divisa da Maçonaria; Liberdade, igualdade e fraternidade.

A Maçonaria Simbólica possui “TRÊS” graus; Aprendiz, companheiro e mestre.

“TRÊS” membros devem proceder a sindicância.

O candidato deve possuir “TRÊS” qualidades; Força, beleza e candura.

“TRÊS” perguntas devem ser feitas no testamento; Que deveres tem o homem para com Deus; Que deveres tem o homem para com seus semelhantes e que deveres tem o homem para consigo mesmo.

Os princípios devem ser sentidos, a verdade amada e os deveres serem cumpridos.

“TRÊS” golpes são dados a porta do Templo.

O Maçom ao entrar no Templo faz três saudações. Dá “TRÊS” passos em direção ao Oriente.

A Idade simbólica do Aprendiz é “TRÊS” anos.

As saudações epistolares são “TRÊS”; Saúde, Força e União.
“TRÊS” são as luzes da Loja.
“TRÊS” são as jóias moveis.

“TRÊS” são as Luzes da Maçonaria.

COROLÁRIO DA HERMENÊUTICA ALEGÓRICA DO APRENDIZ MAÇOM

Estamos convivendo com as transformações mais inusitadas da historia da humanidade. Nenhuma outra época apresentou tantas mudanças ao mesmo tempo. Hoje viver é um desafio muito maior que dos séculos passados.

Os Séculos XVI – XVII – XVIII e XIX começaram e terminaram com as mesmas condições tecnológicas. Quem viveu nos lombos dos burros , nas carruagens desconheceu como seria os últimos dias do século 20, e nem imaginou o começo de século 21. Na verdade há certa angustia certa insegurança, e diante destes fatos o que devemos fazer para viver bem nestes dias de hoje? , como encontrar motivação para viver e vencer?, o que pensam antropólogos, filósofos sobre o assunto?.

Para enfrentar este mundo novo temos que compreender o que temos e o que podemos usar para vencer.

O que diferencia o Ser Humano de outros animais?
São basicamente 02 coisas:
A Inteligência e a Vontade.

Nós, em nossa sociedade contemporânea consideramos por demais a Inteligência. Nós queremos ser inteligentes, ter filhos inteligentes, casar com mulheres inteligentes, ter funcionários inteligentes. Nós achamos que a inteligência é a salvação de tudo. Nós achamos que a inteligência é a coisa mais importante que uma pessoa possa ter.

Mas na verdade, já diziam grandes filósofos gregos:

A Inteligência é um farol que ilumina o caminho, mas não nos faz andar.

A Inteligência não tira ninguém do “buraco” sozinho.

Todos nós conhecemos em nossos almoços de domingo com nossas famílias, as nossas conversas nos cafezinhos do trabalho, em nossa Ordem no momento do ágape fraternal após as sessões, pessoas inteligentíssimas, parentes inteligentíssimos, irmãos com grau de conhecimento grandioso, enfim, pessoas que nós julgamos mais inteligentes que nós próprios, e que vivem sempre em dragas, dificuldades , com problemas “gigantes” que não conseguem contornar por si próprio, e que na verdade sempre lutam para corrigir a situação, mas mesmo assim não saem do “buraco”.

Será que lhes faltam inteligência?

Como diziam os gregos; A Inteligência não nos faz caminhar...

A Inteligência, muito racional, me dá habilidade e capacidade de distinguir e discernir.

Distinguir o que quero do que não quero para discernir o que vou fazer ou o que não vou fazer. Mas na verdade a inteligência não é segundo filósofos e antropólogos contemporâneos a maior qualidade do ser humano, ou seja, o seu melhor atributo .O maior atributo que é o da Liberdade não pertence à inteligência sozinha, ela tem que ser acrescida da vontade.

Infelizmente, nós somos fracos em vontade, a nossa sociedade ocidental contemporânea não desenvolveu mecanismos culturais suficientes de educação da vontade.

Quantos começam a escrever um livro e desistem no meio do caminho?. Quantos começam a iniciar um regime e desistem no meio da dieta?. Enfim, quantos tentam escapar de seus vícios, tal como o cigarro e não conseguem deixar de fumar?.

A Inteligência diz: -Pare de fumar. A situação financeira diz: Pare de fumar: O Ministério da Saúde adverte que fumar faz mal a saúde, e nós não deixamos de fumar.

Não é porque a nossa inteligência não nos instrui, mas na verdade é que nós não queremos.

Existem pessoas que se não realizarem dietas ou regimes urgentes poderão sofrer com grandes problemas de saúde, e mesmo assim não seguem as orientações médicas e continuam comendo tanto quanto antes.

Não é a inteligência que nos diz: "- Não Faça". A nossa vontade que é fraca.

Quantos ganham um livro de presente, qualquer livro, e quando decidem em lê-lo começam a se certificar da quantidade de páginas, do tamanho da letra, se tem ou não figuras, enfim, começa a ler o livro e já avançando algumas páginas, de repente começa a perceber que o assunto que está lendo é algo que já havia lido em páginas passadas do mesmo livro , e volta lá no início Este intervalo que a pessoa não se lembra de nada, mesmo lendo, é o que os filósofos apontam como "Morte Filosófica" . A pessoa estava "morta", pois sua inteligência estava em um lugar (Lendo o Livro) e sua vontade estava em outro lugar; A pessoa não queria ler este livro.

Por isso hoje é muito mais importante querer. Nós precisamos voltar a querer. Nós precisamos descobrir aquele Homem morto, abúlico, sem vontade, aquele que já desistiu, aquele que não acredita mais, aquele que é fraco, é frágil. Temos que trazer essa pessoa de dentro de nós de novo. Refazer essa pessoa, acordar e chacoalhar essa pessoa, e fazer com que essa pessoa volte a querer, volte a ser **Livre**.

A Liberdade é muito mais um atributo da vontade, do que da inteligência.

O Ser humano é o único animal capaz de fazer greve de fome. Podemos nos perguntar quantas vezes vemos nossos cachorros, pássaros, gatos ou outro animal fazendo greve de fome?, Porém por outro lado, quanto lideres já vimos no decorrer da historia que já fizeram greve de fome em holocausto a vitimas, ou ideais. Esses sim estão exercendo o atributo da vontade, da liberdade, pois se sua causa não for atendida, ele morre, mas não come.

Isto é a vontade, é a verdadeira Liberdade, é o querer .. e é isto que nós precisamos. Redescobrir dentro de nós o querer!!

Podemos concluir até este momento que temos dois conceitos básicos a ser explorado:

1. O Ser Humano é inteligente e é livre pela vontade.

2. O homem é muito mais vontade do que inteligência.

Já destacamos até agora que somos inteligentes e livres somente pela vontade, porém, existe outra pergunta que grandes filósofos se fazem:

Quando sou livre e quando sou inteligente?
Ninguém é absolutamente livre.
Talvez quiséssemos fazer outra coisa além do que estamos fazendo agora.

Aquilo que eu fiz, aquilo que eu falei, aquilo que nós fizemos, aquilo que nós vivemos, há um minuto atrás, ou há meia hora atrás,

ou há dois anos atrás, não nos pertence mais, eu não sou livre e nem inteligente no passado, pois não temos poder e não temos domínio. O Passado pertence a uma ciência chamada historia.

Alguns filósofos dizem que nós passamos 70% do tempo, vivendo o passado. Com sentimentos de culpa. Vivendo e pensando em coisas que nós deveríamos ter feito, coisas que nós deveríamos ter deixado de fazer, coisas que nós não deveríamos ter feito.

Da mesma forma é o futuro, da mesma forma é daqui um minuto, não me pertence ainda. Eu não sou livre e nem inteligente daqui a um minuto. Se tenho algo planejado para fazer, é claro que minha inteligência me diz e minha vontade deve segui - lá que eu deva planejar , pois no exemplo de uma viagem de férias, ninguém deixaria de se planejar, mas isso não quer dizer que devemos somente viver planejando. O futuro não me pertence, pertence à Ciência da Prospecção.

De nada adianta antecipar a tensão pelas coisas que somente irei fazer no futuro, e esses mesmos filósofos dizem que vivemos 25% de nosso tempo vivendo o futuro, com sentimentos de ansiedade e devaneios.

Ansiosos e cultivando o pessimismo, com devaneios, e sonhando acordado.

Nem devaneio e nem ansiedade resolvem os nossos problemas, pois eu não existo no futuro.

Disso, temos outras perguntas?

. Quando é que eu existo?. Quando é que eu sou?. Quando é que na verdade eu posso dominar o meu dia, a minha vida?.

Única e exclusivamente no momento presente.
Muitos no dia a dia dizem:

Não tenho tempo.
Se eu pudesse...?
É tão difícil...
Tenho Medo...

Talvez em alguns anos...
Não me permito...
Se eu soubesse... Como teria sido bom...
Nunca tive tempo...
Será que dão conta do que estamos fazendo?

Quem nos garante que as oportunidades que deixamos passar hoje não serão nossas últimas? Que estaremos aqui amanhã para lamentar-se do que não realizamos.

As mudanças que não tivemos coragem para enfrentar...

O ontem já se foi definitivamente. Nem nossas lágrimas, nem nossos sorrisos jamais voltarão.

O amanhã é uma aventura que se sabe jamais alcançaremos.

Temos que aceitar essa realidade; O tempo, nosso tempo , o único que nos pertence é o agora.

Agora para amar e para perdoar.
Agora para corrigir e para crescer.
Agora para trabalhar e para compreender.
Agora para concluir, para realizar, e para viver.
Não podemos nos prender ao passado, ele já se foi. Não existe mais. Ficou para trás com todas as alegrias e tristezas, sucessos e fracassos, erros e acertos. Tal como foi já não se pode mais mudar.

Esqueçamos as mágoas do passado.

Conservamos em nossa mente as recordações que nos animam a prosseguir.

E quem nos disse que haverá o amanhã?

Ele representa apenas a esperança que alimenta nossos sonhos.

Temos que vivê-lo como de fato é, uma expectativa. Uma motivação de nossa existência

Mas é o nosso hoje, o nosso agora a única realidade. O presente maravilhoso que Deus nos deu para que desenvolvamos todo nosso potencial.

Não podemos desperdiçá-lo, não percamos nosso tempo.
Ele é o bem mais precioso e certo que já possuímos.

Vivamos intensamente como se cada dia fosse o último. Com valor, com arrojo, com decisão, com alegria. Aceitando o bem junto com o mal. O Fracasso com os êxitos. Os risos com as lágrimas.

Tudo que faça parte deste maravilhoso presente chamado vida.

Não nos prendamos a posses, à matéria perecível,

Dediquemos-nos ao saber, e, sobretudo em realizar. Isso é o que permanece , o que nos faz crescer. Nos faz ser.

Não passemos por este mundo sem tê-lo tornado um pouco melhor do que o encontramos.

Que seja este nosso compromisso com DEUS.

E quando vai começar?.

Ontem? Já se foi.

Amanhã?

Ainda não chegou.

Nosso tempo, o único que nos pertence é agora.

Nós somente vivemos aqui e agora. Nós não vivemos no passado. Nós não vivemos no futuro, nós vivemos o agora, no único momento real da existência, no único momento em que as coisas realmente ocorrem e realmente existem.

A conta agora é simples, infelizmente passamos somente 5% do tempo vivendo o presente.

É por isso que às vezes temos essa sensação de não realizarmos as coisas. A sensação do vazio, pois nós passamos pela vida e não vivemos.

Portanto, isto é fato, nós temos que aplicar toda nossa inteligência e vontade naquilo que estamos fazendo no momento presente.

Tudo que estudamos, que fomos educados, somente tem sentido aqui no agora, pois a vida se consome e existe somente por aquilo que está sendo feito no momento.

Por isso que ninguém tem o direito de ser medíocre, ninguém tem o direito de desprezar ninguém, ninguém tem o direito de pensar que tem o rei na barriga, enfim, ninguém tem o direito de sequer pensar que é mais que os outros e principalmente ninguém tem o direito de se economizar.

.Podemos nos perguntar: O que é Viver então?.

Viver é concentrar a Inteligência e a Vontade no momento presente, pois somente sou livre e inteligente no momento presente.

Nós temos que fazer as coisas que gostamos.

Nós temos que fazer as coisas com vontade, com desejo e com inteligência.

Nós temos também que admitir que nossa vida fica na convergência do passado que já foi, e do futuro , cujo é uma grande interrogação.

Podemos usar neste momento o exemplo do relógio de pêndulo.

Muita gente imagina que o pêndulo vai e volta, mas o pêndulo do relógio nunca voltou, ele somente foi. Cada vez que ele vai é um novo tempo que não será mais o mesmo, e para ficar neurótico é somente olhar para o relógio e dizer "– Olha... estou morrendo". Morrendo mesmo, pois é o futuro que está chegando, e nosso destino é justamente esse, e tenha certeza que é certo. Ou você vive aquele momento, aquele badalar do relógio, ou você se debruça com inteligência e vontade naquilo, ou você morreu!

Para que serve a inteligência então?

Já escrevemos em parágrafos acima que a inteligência nos serve para discernir e distinguir. Discernir e distinguir o que?.

A nossa inteligência somente serve para distinguir o essencial, o importante e o acidental.

O que é essencial?

O essencial é aquilo que devemos fazer imediatamente já, aquilo que mais me levará aos meus objetivos. Objetivos da Vida, objetivos do momento.

O que é importante?

É aquilo que eu devo fazer só depois que eu tiver feito àquilo que é essencial.

O que é acidental?

É aquilo que eu devo fazer só depois que tiver feito àquilo que é essencial e importante.

É a inteligência que nos coloca na ordem correta.

Em síntese, nós sabemos o que devemos fazer, a Inteligência nos diz, porém o que as vezes nos falta é vontade, é querer.

Por isso, é preciso fazer o essencial e querer o essencial.

Daremos continuidade, escrevendo um pouco sobre a convicção e a sensibilidade, pois ninguém no mundo é uma linha reta, ninguém no mundo é todo dia igual, ninguém no mundo acorda e se deita na mesma maneira, todos nós temos essencialmente tal como ondas de rádios o que chamamos de “linha da sensibilidade”.

É claro que não podemos viver dominados pela linha da sensibilidade, uma hora podemos estar eufóricos, outra hora deprimidos e assim por diante. Essas são aquelas pessoas horríveis, pessoas dominadas pela “linha da sensibilidade”.

Podemos concluir que não podemos ser nem uma linha reta e nem sermos dominados pela linha da sensibilidade.

O caminho conhecido como correto é termos uma linha de convicção que equilibre a nossa linha de sensibilidade, o que irá fazer com que quando estejamos eufóricos, nós consigamos descer a realidade e caminhar, e quando estivermos deprimidos nós consigamos subir a realidade e caminhar, isto é o equilíbrio. Há muita gente que é rígida demais ou sensível demais. Isto não é possível.

O que é viver então.?

Viver é concentrar toda a minha inteligência e toda a minha vontade dirigida ao essencial no momento presente.

Viver não é difícil nem fácil, não é bom nem ruim, é fazer do momento presente o único momento. Isso nada mais é que “viver”.

Se meu momento presente é planejar o amanhã, eu tenho que concentrar em preparar o amanhã, e planejá-lo. Precisamos nos concentrar naquilo que fazemos agora.

O equilíbrio entre a convicção, e a sensibilidade, é que vai me fazer, novamente ajudado pela inteligência, a descobrir o essencial, e fazer o essencial.

Muitos dizem também que Viver é trabalhar.

Pode ser estranho, mas está certo, Viver é trabalhar mesmo.
Alguém pode lhe perguntar: Por que você trabalha?
Por acaso perguntamos ao Sol por que sai a cada manhã para nos dar luz e calor?

Perguntamos aos Planetas por que giram em torno de suas órbitas?

Perguntamos as estrelas por que brilham com luz própria?
Perguntamos à abelha por que forma sua colméia?
Perguntamos à aranha por que tece a sua teia?
Perguntamos à uma arvore porquê floresce?
Perguntamos à uma criança porquê ama sua mãe?
Perguntamos ao Homem porque busca uma companheira?
E ainda continuamos a perguntar por que trabalhamos.
Muito bem, podemos continuar:

Porque o trabalho enaltece e dignifica o ser Humano, nós trabalhamos.

Porque ao trabalhar desenvolvemos todas as nossas habilidades e nosso potencial, nós trabalhamos.

Porque ao trabalhar nos sentimos como um dos seres humanos que antes de nós fizeram este mundo um pouco melhor, nós trabalhamos.

Porque compreendemos que somente através do trabalho se alcança a liberdade de decidir nossa vida, nós trabalhamos.

Porque aprendemos que o ser humano que não luta para alcançar suas metas ao final da vida sente frustração e amargura, nós trabalhamos.

Porque sabemos que a melhor herança que podemos deixar aos nossos filhos são nossos exemplos, nós trabalhamos.

Porque Deus nos tem dado tanto que para agradecê-lo, nós trabalhamos.

Porque o desejo de crescer e superar é inato ao Ser Humano, nós trabalhamos.

Porque o ócio deixa na vida um grande vazio, nós trabalhamos.
E o que oferecemos ao nosso trabalho?
De nossa infância trazemos a alegria e o frescor.

De nossa adolescência, o entusiasmo, o amor e a verdade.
De nossa maturidade , o conhecimento e a experiência.

Tudo isso, mesclado com nossa alma, é o que entregamos ao nosso trabalho.

Todos nós temos um dia de 24 horas, e nenhum “alcoólatra, do trabalho” tem um dia de 30 horas, essas 24 horas são dividas em três grandes blocos de oito horas, ou seja, oito horas de repouso, oito horas de trabalho, e oito horas que não são nem de repouso e nem de trabalho, são destinadas a outras atividades.

Nas oito horas de repouso eu não tenho domínio sobre elas, não somos livres e nem inteligentes enquanto dormirmos. Nas outras oito horas de atividades são muitas as variáveis que interferem nela, é um pouco de manhã, um pouco a noite, no almoço, no jantar, enfim, posso gostar e não gostar destes momentos.

Com isso concluímos que nós somente temos concentração firme nas oito horas de trabalho.

No trabalho é que vivemos, é que nos concentramos. No trabalho é onde somos Homens, somos gente.

Será que o mundo é pragmático? Não, nós somos realmente isso, nós somos aquilo que fazemos. Viver é trabalhar, é no trabalho que nos realizamos enquanto ser humanos.

O Ser humano somente é feliz quando ele responde no âmago de sua personalidade a pergunta de ser alguém no mundo, de olhar para o espelho e ter orgulho da imagem em que vê, olhar, para os filhos e ter orgulho de saber que os filhos tem orgulho do pai que tem.

Podemos reforçar um pouco mais, falando da credibilidade, pois o que mais falta no mundo é credibilidade.

Credibilidade vem da palavra crédito, e crédito é quando tenho que receber alguma coisa de alguém, e somente vou receber se dei antes alguma coisa para este alguém, ou se , em alguma circunstância social fez com que essa pessoa devesse alguma coisa a mim, ele na verdade é o devedor e eu sou o credor. Quem vive devedor, vive em debilidade, vive uma vida débil. Quem vive em crédito tem credibilidade. O segredo de viver é aumentar a nossa credibilidade, nós temos que aumentar a cada dia a nossa credibilidade, fazendo mais do que os outros esperam que façamos,

Isto é pragmático, é social. As relações sociais são relações de troca, pois preferimos viver crivelmente com credibilidade e não debilmente com debilidade. Para viver com credibilidade, temos que surpreender o outro, fazer mais do que o outro espera que façamos por ele, e ele vai lhe ficar devendo, ele será o devedor. Nunca se pilhem em debilidade, pois ai alguém será o seu credor e você estará devendo para alguém.,

Não devemos fazer igual ao outro, isso é empate, devemos ir além.

Viver é recomeçar a cada dia.

Para atendermos a todos estes ensaios, citados até agora, temos que fazer uso e fruto de nossos instrumentos mentais.

Nós não temos instrumentos mentais a toa, a imaginação é fundamental, fazer quadros mentais positivos diariamente, a todo hora, a todo o momento, fazer auto repetição positiva para desenvolvermos quadros mentais pela imaginação positiva e reforçá-los com a repetição.

Uma grande obra é sempre aos olhos do mundo uma imprudência.

O mundo precisa de pessoas menos prudentes, precisa de pessoas mais imprudentes. Pessoas que sejam capazes de fazer, o que as outras pessoas não têm coragem de fazer.

Mais vale se sujar um pouco andando do que morrer sentado.

Tem muita gente hoje que quer viver limpinho, acrilicamente, não se sujando, fica em cima do muro. Ninguém mais vive, é preciso descer do muro, é preciso encontrar a briga, é preciso optar, é preciso fazer. Sejamos entusiastas.

O Entusiasmo é diferente do Otimismo, o otimismo espera, o otimista torce para que de certo. O entusiasmado é aquele que acredita em si,

Temos que acreditar em nossa capacidade de vencer.

É preciso querer. É preciso que sejamos nós mesmos.

Cabe neste momento, como desfecho deste compêndio a fábula da “ÁRVORE”.

Era uma vez em algum lugar, que poderia ser qualquer lugar. Em um tempo que poderia ser qualquer tempo. Um formoso Jardim.

Com macieiras, laranjeiras, pereiras, e belíssimas roseiras.

Todos felizes e satisfeitos.

Tudo era alegria no Jardim, exceto por uma árvore profundamente triste.

Esta arvore tinha um grande problema, não sabia quem era.

Dia a pós dia a macieira lhe dizia:

- O que te falta é concentração, Se tentar poderá ter saborosas maçãs. Veja como é fácil...

- Não lhe dê ouvidos, dizia a roseira.

- É mais fácil florescer rosas. Veja as minhas...

E a árvore escutava, escutava, e não conseguia...

Sentia-se frustrada e triste.

Um dia chegou ao Jardim uma coruja. “A mais sábia das aves, que ao ver a tristeza da árvore lhe disse”:

- Não se preocupe seu problema não é tão grave. É o mesmo de muitos seres da face da terra.

- E lhe darei a solução.

- Não dedique a sua vida a ser o que os demais querem que seja.

- Seja você mesma.

- Conheça a si própria.

- Ouça a tua voz interior.

E dito isso, a coruja desapareceu.

A arvore colocou-se a pensar e de imediato compreendeu.

Fechou os ouvidos e abriu seu coração, e escutou sua voz interior que lhe dizia:

- Você jamais terá maçã, porque você não é uma macieira.

- Nem florescerá a cada primavera porque não é uma roseira.

- Você é um jacarandá,

- E teu destino é crescer, grande e majestoso,

- Dar abrigo as aves, sombra aos viajantes, beleza à paisagem.

- Você tem um destino, cumpra-o

E a arvore pela primeira vez se sentiu feliz.

E se dispôs a ser ela mesma. A ser tudo que estava destinada a ser.

E imediatamente ocupou seu espaço e foi admirada e respeitada por todos.

E assim o Jardim foi completamente feliz.
Caros Irmãos,
Como conclusão desta peça, cá entre nós pergunto:
Quantos são jacarandás que não se permitem crescer?
Quantos que são roseiras, que por medo das ameaças somente dão espinhos?

Quantos são laranjeiras que não podem florescer?

Na vida todos temos um destino a cumprir

Um destino traçado no momento mágico de nossa criação.

Ser ou não ser. Conceito tão válido hoje como há muitos séculos.

Não importa se é Homem, mulher, criança, brancos, negros, tudo isso são simplesmente acidentes biológicos.

O importante é ser você mesmo. Cumprir com tudo que está destinado a fazer.

Pergunto agora:

Ao final de nossa vida quando se encontrarmos com o Criador, e Ele nos perguntar o que fizemos com os talentos que recebemos?

O que responderemos?
Eu os guardei senhor?
Ou talvez envergonhado: Os ignorei, sinto muito?
Quantos de nós poderemos dizer:
Senhor os talentos que me destes eu os multipliquei. Cresci, ocupei meu espaço, fui eu mesmo.

Não permita que nada, nem ninguém, inclusive nós mesmos, impeçamos que se descubra toda maravilhosa essência de nosso ser.

Lembremos sempre da alegoria do Maço e do Cinzel em ação na Pedra Bruta, pois esse é o simbolismo máximo que

temos que nortear nossas vidas enquanto Maçons e Seres Humanos.

... nos encontramos no Grau de Companheiro. T.·. F.·. A.·.

BIBLIOGRAFIA

Os paralelismos, as conclusões existentes e alguns trechos nesta obra são frutos de pesquisas, estudos, observações , leituras e uma pequena parte com opiniões conclusivas do autor; os textos descritivos, a formatação de cada compêndio que compõem a obra, obviamente, foram hauridos em diversas fontes bibliográficas. São incontáveis as obras que tratam especificamente de cada um dos assuntos abordados neste livro; e todas elas poderão fornecer maiores subsídios específicos.

Em nenhum momento o autor buscou escrever coisas novas, nem mesmo buscou esgotar cada assunto, e nem mesmo plagiar qualquer dos autores pesquisados, mas simplesmente compilar em um único volume alguns assuntos pesquisados pertinentes ao primeiro grau da Maçonaria Simbólica, com tendências ao Rito Escocês Antigo e Aceito, rito este o qual o autor fora iniciado nos Augustos Mistérios da Arte Real.

1. **A TROLHA, REVISTA** – Edições 228 – 229 – 230 – 231 – Editora A Trolha – 2005/2006.

2. **ADOUM, JORGE** – Grau de Aprendiz e Seus Mistérios – Editora Pensamento – 2002.

3. **ANDRADE, ATHOS VIEIRA DE** – O Evangelho e a Maçonaria, uma parceria que deu certo no Brasil – Gráfica Lithera Maciel – 2004.

4. **ASLAN, NICOLA** – Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia – Editora Arte Nova –1994.

5. **BÍBLIA SAGRADA** – Edição Pastoral **-** Editora Paulus – 1990

6. **BÍBLIA SAGRADA GRATUITA -** João Ferreira de Almeida **-** Corrigida e Revisada © 2003 Eliseu F. A. Jr.

7. **BROTHERS, JOYCE DRA** – Como conseguir tudo o que você quer da vida – Editora Record – 1980

8. **CAMINO, RIZZARDO DA** – Lendas Maçônicas – Editora Autora.

9. **CAMINO, RIZZARDO DA** – Breviário Maçônico – Editora Madras – 1997.

10. **CAMINO, RIZZARDO DA** – O Delta Luminoso – 4ª Edição – Gráfica e Editora Aurora.

11. **CAMINO, RIZZARDO DA** – Rito Escocês Antigo e Aceito- Graus 1 ao 33 – Editora Madras – 2004

12. **CAMPOS, TITO ALVES DE** – Instrucional Maçônico – Grau de Aprendiz – GOB – 1996.

13. **CARVALHO, ASSIS** – Símbolos Maçônicos e suas Origens – Editora A Trolha – 1997.

14. **CASTELANNI, JOSÉ** – As Origens Históricas da Mística

Maçônica – Editora Landmark – 2003.

15. **CASTELANNI, JOSÉ** – O Rito Escocês Antigo e Aceito – Editora A Trolha – 1996.

16. **CASTELLANI, JOSÉ** – Cartilha do Aprendiz – Editora A Trolha – 4ª Edição – 2004.

17. **CASTELLANI, JOSÉ** – Consultoria Maçônico X – Editora A Trolha – 2006.

18. **CASTELLANI, JOSÉ** – História do Grande Oriente do Brasil – Gráfica e Editora do GOB – 1993.

19. **CLARET MARTIN EDITORA** – Ética à Nicomaco – Editora Martin Claret – 2001

20. **CLARET, MARTIN EDITORA** – Apologia de Sócrates – Editora Martin Claret – 2001.

21. **CLARET, MARTIN EDITORA** – Assim falou Zaratustra – Editora Martin Claret – 2001.

22. **CLARET, MARTIN EDITORA** – Crítica da Razão Pura – Editora Martin Claret – 2001.

23. **CLARET, MARTIN EDITORA** – Discurso do Método / Regra para direção do espírito – Editora Martin Claret – 2001.

24. **CLARET, MARTIN EDITORA** – Política (Aristóteles) – Editora Martin laret – 2001

25. **CULTURA, NOVA** – Galileu – Vida e Obra – O Ensaiador – Editora Nova Cultural – 2004.

26. **CULTURA, NOVA** – Maquiavel – Vida e Obra – O Príncipe – Editora Nova Cultural – 2004.

27. **CULTURA, NOVA** – Platão – A República – Editora Nova Cultural – 2004.

28. **CULTURA, NOVA** – Platão – Vida e Obra – Diálogos – Editora Nova Cultural – 2004.

29. **CULTURAL, NOVA** – Descartes – Vida e Obra – As paixões da alma – Editora Nova Cultural – 2004.

30. **DELANNE, GABRIEL** – A Reencarnação – Editora da Federação Espírita Brasileira – 1937.

31. **DELTA LAROUSSE, GRANDE ENCICLOPÉDIA** – Editora Delta S/A – 1970.

32. **EGITO, JOSÉ LAÉRCIO DO –** O Simbolismo dos Números – Textos disponíveis em Web Sites inerentes ao assunto.

33. **FABRE D'OLIVET, ANTONIE** – A Verdadeira Maçonaria e a Celeste Cultura – Editora Madras – 2004.

34. **F. SOUZA, UBYRAJARA DE –** Baphomet e o Mito do Bode na Maçonaria – Editora A Trolha - 2005

35. **FILHO, LUIZ ALMEIDA MARINS –** Motivado para Vencer II - Comit

36. **FILHO, THEOBALDO VAROLI** – Curso de Maçonaria Simbólica 1º Tomo – Editora A Gazeta Maçônica.

37. **GARTEN, JUAN** – Os Templários – 2ª Edição – Editora Traço – 1987.

38. **GUIMARÃES, DANGLER TRAVASSOS** – Maçonaria à Luz do Evangelho – Editora Excelsior – 1989.

39. **HILL, NAPOLEON** – A Lei do Triunfo – Livraria José Olympio Editora S/A – 1999.

40. **HUXLEY, ALDOUS LEONARD** – Admirável Mundo Novo – Editora Globo – 1979.

41. **KARDEC, ALLAN** – O Livro dos Espíritos – Editora Petit – 1999.

42. **MELHORAMENTOS** – Minidicionário da língua portuguesa – Editora Melhoramento – 1992

43. **NETO, ELIAS MANSUR** – O que você precisa Saber sobre Maçonaria – Editora Universos dos Livros – 2005.

44. **RITUAL DO 1º GRAU** – Aprendiz – Grande Oriente do Brasil – 2001

45. **RODRIGUES, RAIMUNDO** – Tempo de Salomão: As Origens Históricas do Templo Maçônico e outros temas interessantes – Editora A Trolha – 2005.

46. **ROSENHAIM, OSNI LIMA** – Para aprendiz saber; companheiros e mestres recordarem – Editora Cidadela – 2005.

47. **SANTOS, RODRIGO CONSTANTINO** – Prisioneiros da Liberdade – Editora Soler – 2004.

48. **SARTI, VALESKA PEREZA** – Psicografia do Espírito

Públio – A busca do Deus – Editora Lúmen – 2004.

49. **SCHLOSSER, JOSÉ** – A Imortalidade da Alma – Editora A Trolha – 2001

50. **SCHNOEBELEN, WILLIAM** – Maçonaria – do outro lado da luz – Editora Luz e Vida – 1997.

51. **SCHULER SOBRINHO, OCTACÍLIO** – Psicanálise na Maçonaria – Editora A Trolha – 2005.

52. **SHINYASHIKI, ROBERTO** – O Poder da Solução – Editora Gente – 2003.

53. **SISSA, GIULIA** – Os deuses gregos – Editora Companhia das Letras – 1990.

54. **VIVA, REVISTA HISTÓRIA** – Ano II Edição 24 – Editora Duetto – 2005.

55. **POR VOLTA DE 150 TRABALHOS DISPONÍVEIS NA WEB ATRAVÉS DE SITES CORELATOS AO ASSUNTO.**

56. **ALGUNS WEBSITES QUE CONSIDEREI PRINCIPAIS NESTAS PESQUISAS.**

Website: **www.salmo133.org.br**
Website: **www.pedreiroslivres.com.br**
Website: **www.maconaria.org.br**
Website: **www.abran.com.br**
Website: **www.samauma.com.br**

Website: **www.recantodasletras.com.br**
Website: **www.fremasons-fremasonry.com**
Website: **www.sca.org.br**
Website: **www.calendariodapaz.com.br**
Website: **www.maconaria.net**

●

● ●